



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA (FAPSI)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)**  
**Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN)**

**PARATLETAS LESIONADOS EM ACIDENTES DE TRÂNSITO E**  
**CORPOREIDADE: SIGNIFICADOS DA VIVÊNCIA SOB A ÓTICA DA**  
**FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY**

**MAURO BATISTA NEGREIROS**

**MANAUS – AM**  
**2022**

**MAURO BATISTA NEGREIROS**

**PARATLETAS LESIONADOS EM ACIDENTES DE TRÂNSITO E  
CORPOREIDADE: SIGNIFICADOS DA VIVÊNCIA SOB A ÓTICA DA  
FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicológicos e de Saúde.

**ORIENTADOR: PROF. DR. EWERTON HELDER BENTES DE CASTRO**

**MANAUS – AM  
2022**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

N385p Negreiros, Mauro Batista  
Paratletas lesionados em acidentes de trânsito e corporeidade :  
significados da vivência sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-  
Ponty / Mauro Batista Negreiros . 2022  
326 f.: 31 cm.

Orientador: Ewerton Helder Bentes de Castro  
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicológicos e  
Saúde) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Acidente de trânsito. 2. paratletas. 3. corporeidade. 4.  
fenomenologia. I. Castro, Ewerton Helder Bentes de. II.  
Universidade Federal do Amazonas III. Título

**PARACER FINAL**  
**MAURO BATISTA NEGREIROS**

**PARATLETAS LESIONADOS EM ACIDENTES DE TRÂNSITO E**  
**CORPOREIDADE: SIGNIFICADOS DA VIVÊNCIA SOB A ÓTICA DA**  
**FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicológicos e de Saúde.

Parecer: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Ewerton Hélder Bentes de Castro  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselle Cristina Resende  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. João Otacílio Libardoni dos Santos  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

## DEDICATÓRIA

A Marlene Barker Costa (*in memoriam*) e a Alfredo da Rocha Costa (*in memoriam*),  
meus melhores professores na arte de amar incondicionalmente.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar a Deus, na constata presença do Sagrado Coração de seu Filho Jesus, escudo protetor ao longo da minha jornada nessa vida.

À minha mãe, Maria do Perpétuo Socorro Batista Negreiros, que pelo dom da vida me gerou e me acolheu em seu ventre, verdadeira fortaleza, aonde confio todas as minhas forças para sempre alçar voos mais altos.

Ao meu pai, Raimundo Mauro Braga Negreiros, a quem eu devoto gratidão por todas as oportunidades para ter chegado até o fim desse ciclo da minha educação.

À minha irmã, Aline Batista Negreiros, que desde meus quatro anos de idade, divide comigo a existência de um lar, de uma família, dos pais, da vida e me presenteou com meu amigo Theo Negreiros Marinho.

À minha adorável esposa, Ponyelen Morais Negreiros, sempre ao meu lado nos momentos em que sua capacidade de cultivar a paciência foi fundamental para nos manter unidos.

Ao Professor Doutor Ewerton Helder Bentes de Castro, meu perseverante orientador, inspirou-me a percorrer, com paciência e liberdade, o desafiador caminho da Fenomenologia, acreditando, principalmente, nas possibilidades que eu poderia desenvolver.

Aos Professores do Programa da Pós-Graduação em Psicologia, principalmente nas pessoas da Profa. Dra. Gisele Cristina e do Prof. Dr. Ronaldo Souza, os quais, de forma irrestrita, prestaram todo o apoio necessário que esta pesquisa tomasse vida.

Aos paratletas participantes desta pesquisa, que me receberam em seus lares de braços e mentes abertas para comigo compartilhar de suas essências.

Aos meus amigos, Henrique Brasil, Daniel Campos e Maycon Ernesto, os Gladiadores, pelo apoio, pela confiança, acima de tudo pela amizade.

A minha sobrinha Mylena Morais pelo amor incondicional, que desperta em mim e que me faz seguir em frente desejando sempre ser alguém melhor e assim sempre ser exemplo.

A todos, que direta ou indiretamente, possibilitaram que eu chegasse até aqui!

*Vou mostrando como sou  
E vou sendo como posso  
Jogando meu corpo no mundo  
Andando por todos os cantos  
E pela lei natural dos encontros  
Eu deixo e recebo um tanto  
E passo aos olhos nus  
Ou vestidos de lunetas  
Passado, presente  
Participo sendo o mistério do planeta*

**Moraes Moreira / Luis Galvão / Paulinho Boca de Cantor**

## RESUMO

A contemporaneidade tem sido marcada por uma plêiade de acontecimentos que, quase sempre desnorteiam, provocam uma série de situações que, grosso modo, dada sua abrupticidade, ferem, marcam, lesionam, incapacitam. Os acidentes de trânsito provocam todos esses aspectos. Contudo, pessoas há que, mesmo diante de sua condição fisiológica, buscam superar o revés ocorrido através do desporto, são os Paratletas. A produção científica tem sido reduzida nesse contexto, desse modo, os questionamentos vêm no sentido de apropriarmos-nos do olhar que essas pessoas lançam para sua vivência cotidiana. O objetivo deste trabalho é compreender os significados de corporeidade para Paratletas lesionados em acidentes de trânsito sob a ótica da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. Neste intento, entrevistamos paratletas praticantes das modalidades de basquetebol na cadeira de rodas e voleibol sentado e a partir do método fenomenológico-psicológico de pesquisa qualitativa em psicologia, buscamos compreender o discurso desse outro. Para tanto, recorreremos à entrevista fenomenológica, áudio gravada e que partiu de uma questão norteadora e que possivelmente apresentou desdobramentos. As entrevistas foram transcritas na íntegra, identificadas as Unidades de Significado e elaboração das Categorias Temáticas, as quais motivaram a produção de quatro artigos, sendo o **primeiro artigo, intitulado** Trajetórias de vida: a historicidade dos paratletas a partir de acidente de trânsito até o ingresso no paradesporto, o segundo artigo, que recebeu o título O Mundo Vivido – o palco da motricidade das pessoas com deficiência em dissonância com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015, o terceiro artigo denominado Intercorporeidade: a subjetividade intersubjetiva do paratleta em ser-com-o-outro a partir a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty e o último artigo, que recebeu o título A Corporeidade – a experiência perceptiva do paratleta pela motricidade do corpo-capaz. A análise das entrevistas foi realizada a partir do aporte teórico da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, ao final, acreditamos ter compreendido a concepção de corporeidade de Paratletas lesionados em acidentes de trânsito a partir das suas experiências perceptivas.

**Palavras-Chaves: Acidente de trânsito; Paratletas; Corporeidade; Fenomenologia.**



## ABSTRACT

Contemporaneity has been marked by a multitude of events that, almost always bewildering, cause a series of situations that, roughly speaking, given their abruptness, hurt, mark, injure, disable. Traffic accidents cause all these aspects. However, there are people who, even in the face of their physiological condition, seek to overcome the setback that occurred through sport, they are the Parathletes. Scientific production has been reduced in this context, thus, the questions come in the sense of appropriating the look that these people cast on their daily life. The objective of this work is to understand the meanings of corporeity for Parathletes injured in traffic accidents from the perspective of Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception. In this attempt, we interviewed para-athletes who practice wheelchair basketball and sitting volleyball and, based on the phenomenological-psychological method of qualitative research in psychology, we sought to understand the discourse of this other. To do so, we resorted to a phenomenological interview, audio recorded and which started with a guiding question and that possibly presented developments. The interviews were transcribed in full, the Units of Meaning were identified and the Thematic Categories were elaborated, which motivated the production of four articles, the first article entitled Life Trajectories: the historicity of parathletes from a traffic accident to admission in parasports, the second article, which received the title O Mundo Vivido – the stage of motricity of people with disabilities in dissonance with the Brazilian Law of Inclusion (LBI) n° 13.146/2015, the third article called Intercorporeity: the intersubjective subjectivity of the parathlete in being-with-the-other from Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception and the last article, which received the title Corporeidade – the perceptual experience of the parathlete through the motricity of the capable-body. The analysis of the interviews was carried out from the theoretical contribution of Maurice Merleau-Ponty's phenomenology, in the end, we believe we have understood the conception of corporeity of Parathletes injured in traffic accidents from their perceptive experiences.

**Keywords: Traffic accident; Parathletes; corporeality; phenomenology.**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>MARCO TEÓRICO – PRIMEIRA PARTE</b>	<b>18</b>
2.1	Acidente de Trânsito: um problema de saúde pública com impactos econômicos e sociais, suas principais causas, vítimas e consequências e as possibilidades de prevenção.....	18
2.1.1	Breve exposição do problema de saúde pública do Sistema de Trânsito Brasileiro e seus impactos econômicos e sociais .....	18
2.1.2	As principais causas, vítimas e consequências dos acidentes de trânsito e a dificuldade de acesso à assistência em saúde e à reabilitação física .....	21
2.1.3	As possibilidades de prevenção dos acidentes de trânsito .....	23
2.2	Paratletas: a ascensão da relevância do paratletismo no cenário esportivo mundial e brasileiro e sua importância para a percepção da qualidade de vida dos paratletas .....	24
2.3	Corporeidade: suas concepções históricas como formadora de identidades e culturas e fomentadora de consumo.....	26
2.3.1	A concepção de corporeidade ao longo da história do conhecimento humano .....	26
2.3.2	A corporeidade como formadora de identidades e cultura e a sua apropriação pela mídia como estratégia de estímulo ao consumo .....	29
2.3.3	A deficiência física como possibilidade de corporeidade .....	31
<b>3</b>	<b>MARCO TEÓRICO – SEGUNDA PARTE</b>	<b>33</b>
3.1	O surgimento e a consolidação da concepção fenomenológica de corporeidade a partir da Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty .....	33
3.1.1	A Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty: uma crítica ao intelectualismo e ao positivismo.....	33
3.1.2	O Outro: a compreensão da interioridade do outro na sua expressividade corpórea como uma totalidade viva.....	36
3.1.3	O conceito de Corporeidade.....	38
3.1.4	O conceito de Mundo Vivido.....	46
3.1.5	O conceito de Intercorporeidade .....	48
3.1.6	O conceito de membro fantasma e o estigma ou desaparecimento social da pessoas com deficiência.....	51

<b>4</b>	<b>MARCO TEÓRICO – TERCEIRA PARTE</b>	<b>55</b>
4.1	A Ciência da Motricidade Humana e a Ciência do Desporto: Fenomenologia, Complexidade e Materialismo Histórico Dialético Marxista .....	55
4.1.1	A Tradição Dualista: a concepção do cartesianismo histórico do corpo máquina dividido em “mente e corpo” .....	55
4.1.2	A Motricidade Humana: a proposta de conceito de corporeidade de Merleau-Ponty enquanto oposição à perspectiva mecanicista da filosofia .....	58
4.1.3	A Ciência da Motricidade Humana: Fenomenologia, Complexidade e Materialismo Histórico Dialético Marxista .....	61
4.1.4	A Ciência do Desporto: pedagogia do desporto, jogo competição-cooperação e educação para a humanidade .....	68
<b>5</b>	<b>MARCO METODOLÓGICO</b>	<b>75</b>
5.1	O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia .....	75
5.1.1	Descrição de outros sujeitos .....	79
5.1.2	Redução fenomenológica-psicológica .....	79
5.1.3	Análise eidética-psicológica .....	79
5.2	A Contextualização da pesquisa .....	80
5.2.1	Os participantes .....	80
5.2.2	Os procedimentos .....	81
5.3	Os procedimentos para as coletas de dados .....	83
5.3.1	A entrevista fenomenológica .....	83
5.3.2	O diário de campo .....	85
5.4	O procedimento para as análises dos dados .....	86
5.4.1	Estabelecer o sentido geral .....	86
5.4.2	Determinação das partes: divisão das unidades de significado .....	87
5.4.3	Transformação das unidades de significado em expressão de carácter psicológico .....	87
5.4.4	Determinação da estrutura geral de significados psicológicos .....	88
5.4.5	Análise dos dados a partir da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty .....	88
5.5	Considerações éticas .....	88

6.1	Trajetórias de vida: a historicidade dos paratletas lesionados em acidente de trânsito sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty.....	92
6.1.1	Introdução .....	94
6.1.2	Material e método .....	97
6.1.3	Resultados e discussões .....	99
6.1.4	Os acidentes de trânsito: o existir é redimensionado .....	99
6.1.5	Um olhar sobre as perdas: as vivências com os outros e suas nuances.....	109
6.1.6	O paradesporto: passado, presente e futuro na cotidianidade dos paratletas .....	113
6.1.7	Considerações finais.....	121
	Referências .....	122
6.2	O Mundo Vivido: o palco da motricidade humana das pessoas com deficiência em dissonância com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº13.146/2015 .....	136
6.2.1	Introdução .....	138
6.2.2	Material e método .....	138
6.2.3	Resultados e discussões .....	141
6.2.4	O estatuto da pessoa com deficiência: o cerceamento dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência.....	141
6.2.5	Considerações finais.....	167
	Referências .....	168
6.3	Intercorporeidade: a subjetividade intersubjetiva do paratleta em ser-com-o-outro sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty .....	180
6.3.1	Introdução .....	182
6.3.2	Material e método .....	182
6.3.3	Resultados e discussões .....	184
6.3.4	O outro na subjetividade intersubjetiva do ser .....	185
6.3.5	O outro na experiência perceptiva dos paratletas durante os atendimentos após acidentes de trânsito.. .....	189
6.3.6	As outras pessoas com deficiência a partir das percepções do paratletas .....	191
6.3.7	Considerações finais.....	207

Referências .....	212
6.4 A percepção de corporeidade do paratleta lesionado em acidente de trânsito sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty .....	225
6.4.1 Introdução .....	227
6.4.2 Material e método .....	227
6.4.3 Resultados e discussões .....	229
6.4.4 A experiência perceptiva do paratleta acerca do outro .....	229
6.4.5 A experiência perceptiva do paratleta acerca de si mesmo.....	231
6.4.6 A experiência perceptiva do paratleta acerca da mobilidade.....	234
6.4.7 A experiência perceptiva do paratleta acerca do desporto .....	237
6.4.8 A experiência perceptiva do paratleta acerca dos domínios sensoriais.....	240
6.4.9 A experiência perceptiva do paratleta acerca do esquema corporal .....	242
6.4.10 O sentido da motricidade humana do corpo-capaz do paratleta.....	251
6.4.11 Considerações finais.....	257
Referências .....	261
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>274</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>280</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>294</b>
ANEXO I – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DE INSTITUIÇÃO PARA A PESQUISA.....	294
ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....	296
ANEXO III – TERMO DE ANUÊNCIA DO CENTRO DE SERVIÇO DE PSICOLOGIA APLICADA.....	302
ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	304
ANEXO V – ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA - FENOMENOLÓGICA .....	306
ANEXO VI – DIÁRIO DE CAMPO .....	307

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação buscou realizar a análise compreensiva dos significados de corporeidade para paratletas lesionados em acidentes de trânsito sob a ótica da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty. Neste intento, entrevistamos paratletas participantes da Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, instalada na Arena Amadeu Teixeira, na cidade de Manaus e paratletas do time de voleibol sentado, representados pela Associação de Deficientes do Amazonas - ADEFA.

Esta produção científica surgiu da necessidade de compreender a significação que os paratletas passam a atribuir a sua corporeidade em relação com o mundo vivido como forma de apreender com suas experiências, sentimentos e pensamentos, desde a fatalidade ocorrida em suas vidas até tornarem-se paratletas para, a partir de então, tornar possível futuras propostas de estratégias de acompanhamento de reabilitação voltadas para esse público fundamentadas em suas vivências existenciais.

Por se tratar de um fenômeno que apresenta diversos fatores, os acidentes de trânsito exigem um olhar multidisciplinar para serem compreendidos, conhecidos, discutidos e enfrentados com propostas de políticas públicas sérias, possíveis de serem implementadas a curto, médio e longo prazo, caracterizando-se, dessa forma, apontamos a relevância social para a realização da pesquisa.

Com o intuito de conhecer o cenário científico de produção bibliográfica acerca das temáticas de acidente de trânsito, paratletas e corporeidade, entre os anos de 2010 a 2019 envolvendo pesquisas com pessoas adultas do sexo feminino e masculino, foi realizada uma busca por publicações na base de dados específica Biblioteca Virtual de Saúde – BVS Brasil inserindo-se as palavras-chaves acidente de trânsito, paratletas e corporeidade respectivamente.

Procedeu-se a busca por intermédio das palavras-chaves isoladamente na língua portuguesa e suas respectivas correspondentes em língua inglesa e espanhola. Dessa forma, para a palavra-chave ACIDENTE DE TRÂNSITO (ACCIDENTE DE TRÁNSITO, em língua espanhola e/ou TRAFFIC ACCIDENT, em língua inglesa), sem nenhum critério de filtro estabelecido, obteve-se o resultado de 41.781 trabalhos científico disponíveis.

Frente a essa enorme quantidade de artigos publicados, estabeleceu-se o filtro de critérios baseados em textos completos disponíveis, bem como, restringiu-se aos temas de atenção integral a saúde; ciência, tecnologia, e inovação em saúde; cooperação internacional em saúde; gestão, educação e participação em saúde e promoção e vigilância em saúde.

Filtrou-se também os aspectos dos assuntos principais, estabelecendo os critérios de acordo com os termos: acidentes de trânsito; condução de veículos; ferimentos e lesões; segurança; motocicletas; automóveis; veículos automotores; acidentes; transportes; pedestres e educação em saúde. Seguindo os critérios estabelecidos, restringiu-se o parâmetro dos artigos para os termos do limite: humano, masculino, adulto, feminino, meia-idade e jovem adulto, bem como, aos idiomas língua portuguesa, inglesa e espanhola e o período de publicação nos últimos dez anos.

Assim sendo, chegou-se ao resultado de redução para vinte e quatro artigos válidos em língua portuguesa, inglesa e espanhola, sendo que cinco artigos foram descartados, pois, um dos artigos não atendia a faixa etária proposta a ser pesquisada e outros quatro trabalhos científicos eram repetidos, restando, então, dezenove artigos pertinentes a serem revisados para traçar o cenário científico da temática de acidentes de trânsito nos últimos dez anos de publicações científicas no BVS.

Em seguida, foi realizada na mesma Biblioteca Virtual de Saúde a pesquisa com a palavra chave PARATLETA (PARATLET, tanto para língua espanhola quando língua inglesa) e se obteve como resultado nove artigos, contudo, após verificação criteriosa dos trabalhos científicos, permaneceu-se apenas com quatro artigos, uma vez que alguns resultados eram repetidos e os demais artigos não corresponderam aos interesses do escopo do projeto de pesquisa que se intenta produzir, dado que são artigos voltados para área de atuação eminentemente médica/enfermagem bem, como, um único artigo foi publicado no ano de 2002, portanto, deslocado do critério de período de tempo de dez anos estipulados inicialmente para a referida busca. Interessante destacar que somente a palavra-chave PARATLETAS em seu plural gerou resultados, visto que em seu singular, nenhum resultado foi apresentado.

Por fim, procedeu-se a busca pela palavra-chave CORPOREIDADE (CORPOREIDAD, em língua espanhola e/ou CORPOREITY, em língua inglesa) na mesma plataforma e, inicialmente, sem nenhum critério de filtro estabelecido, obteve-se o resultado de 311 trabalhos científico disponíveis. Frente a essa quantidade de publicação, estabeleceu-se o filtro de critérios baseados em textos completos disponíveis, bem como, restringiu-se aos assuntos principais nos termos: atividade motora, corpo humano, imagem corporal, psicologia, psicanálise, percepção, filosofia, existencialismo, relações interpessoais, teoria psicanalítica, pessoas com deficiência, autonomia pessoal, fantasia, qualidade de vida, conhecimento, relações metafísicas mente-corpo, ciências humanas, autoimagem, teoria freudiana, esporte, educação física e treinamento. Considerou-se também a restrição de buscas

pelo limite nos termos: humano, feminino, masculino, adulto, dos idiomas português, inglês e espanhol e de artigos publicados entre 2010 a 2019.

Destarte, limitou-se a leitura de trinta e três artigos, dentro os quais vinte e quatro contemplaram os critérios predefinidos e nove trabalhos encontrados não atingiram os critérios, ou porque correspondiam a sujeitos de pesquisas diversos a proposta do presente projeto de pesquisa ou porque se tratavam de trabalhos repetidos dentre os vinte e quatro selecionados.

Diante dos resultados alcançados e com a leitura acurada dos textos sistematicamente selecionados, buscou-se traçar o panorama científico atual a nível mundial acerca das temáticas de acidente de trânsito, paratletas e corporeidade e dessa forma se estabelecer de que forma a presente pesquisa poderá contribuir para a comunidade científica.

Aos entrevistados pela presente pesquisa foi dirigida uma questão norteadora que possibilitou sua livre expressão acerca da experiência do existir sendo paratletas como forma de mergulhar o mais profundamente possível nos significados atribuídos a facticidade de que foram acometidos e, dessa forma, desvelar o fenômeno da corporeidade preconizada por Merleau-Ponty.

Para tanto, recorreremos aos ensinamentos do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) que “singulariza em uma fenomenologia da existência o movimento da experiência do mundo vivido em inter-relação com a corporeidade”. (MACHADO, 2011, p. 47). Ademais, “para Merleau-Ponty, a ênfase da experiência primordial pretende recuperar a dimensão do vivido no mundo e em seu sentido primeiro. A vivência do corpo é significativa nesse movimento, pois resgata uma dimensão de corporeidade enquanto sentido de corpo irreduzível a esferas isoladas e ao mesmo tempo em movimento de inter-relação no mundo” (IDEM).

Neste viés, a Psicologia Fenomenológica assume o papel de dar voz aos atores envolvidos nessa problemática de forma que eles possam se expressar acerca de suas vivências, uma vez que os estudos científicos voltados para essas temáticas existenciais são escassas, e, em se tratando de paradesportistas, os estudos são quase inexistentes, apontando-se, pois, a relevância acadêmica para tocar adiante a presente pesquisa científica.

Isto posto, elencam-se alguns questionamentos que fomentaram a presente pesquisa científica no sentido de compreender em sua essência os significados de corporeidade para paratletas lesionados em acidentes de trânsito e aprender com as experiências, sentimentos e pensamentos dessas pessoas, desde a fatalidade ocorrida em suas vidas até tornarem-se paratletas, bem como, apreender como é possível desvelar essas vivências existenciais em



seus significados psicológicos que compreendam esse público específico e de que maneira é oportuno produzir conhecimentos científicos para o temática de paratletas que ensejem políticas públicas de inclusão, mobilidade e promoção de saúde e em que medida é possível produzir conhecimento que subsidie programas reeducação para o trânsito a médio prazo e desenvolver campanhas mais condizentes com a realidade a curto prazo ao público de todas as idades.

## 2 MARCO TEÓRICO – PRIMEIRA PARTE

**2.1 Acidente de Trânsito:** um problema de saúde pública com impactos econômicos e sociais, suas principais causas, vítimas e consequências e as possibilidades de prevenção

2.1.1 Breve exposição do problema de saúde pública do Sistema de Trânsito Brasileiro e seus impactos econômicos e sociais

O trânsito é caracterizado pelo tráfego de ciclistas, motociclistas, veículos em geral, de transporte individual, coletivo, ou de carga (MASSAÚ & ROSA, 2016) em vias públicas pavimentadas ou não e pela circulação de pedestres. No Brasil, aproximadamente 96% das distâncias percorridas pelas pessoas ocorrem em vias rodoviárias urbanas e rurais e “eventos envolvendo atropelamento de pedestres em via pública, constituem acidentes de trânsito” (ROSA, 2016), bem como, são acidentes de trânsito as colisões entre veículos com danos materiais e/ou com vítimas. Cabe destacar que muitos acidentes não resultam em óbito como consequência, mas implicam em sequelas incapacitantes que produzem efeitos ao longo da vida das pessoas. (ANDRADE & JORGE, 2016).

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA no ano de 2014, as estradas federais brasileiras registraram 169.163 acidentes, com 100.810 pessoas feridas e 8.227 óbitos, sendo, portanto, responsáveis por cerca de 25,46% dos óbitos em acidentes rodoviários, ou o equivalente a 8.660 mortes, do total de 34.012 vítimas fatais em estradas de todo o país, conforme estatística para o ano de 2012/2013. No ano anterior (2011), somente nas rodovias federais foram registrados 188.925 acidentes, que resultaram em 63.980 feridos e 7.008 vítimas fatais, de acordo com Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes - DNIT (MASSAÚ & ROSA, 2016).

Nas duas últimas décadas, os acidentes de trânsito configuraram-se como um significativo problema de saúde pública, correspondendo a cerca de 1,24 milhão de mortes por ano em todo o mundo (MANDACARU *et al.*, 2017), sendo que cerca de 91% dessas mortes são de pessoas residentes em países com baixa renda, em que pese esses países apresentem apenas metade da frota mundial, bem como, os acidentes de trânsito são responsáveis por 20 a 50 milhões de lesões físicas e deficiências que muitas vezes resultam em incapacidade permanente contribuindo para o aumento na prevalência de incapacidades, segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (SOUSA *et al.*, 2017).

“Dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM mostram que, em 2012, 44.812 pessoas morreram em decorrência de acidentes de transporte terrestre no Brasil (54,5% de crescimento desde 2000), o que corresponde a 23,1 óbitos por 100 mil habitantes” (BERTHO & AIDAR, 2015), causando, dessa forma, grande morbimortalidade anualmente, gerando dor, sofrimento e perda de qualidade de vida imputada às vítimas, aos seus familiares e à sociedade como um todo, além de custos econômicos provocados ao setor saúde e previdência (ALCOFORADO, 2016).

Por isso, o Brasil passou a ocupar a quarta posição entre 101 nações com maiores taxas de mortalidade por esse tipo de violência urbana, no caso, acidentes de trânsito, isto significa que são 23 óbitos para cada 100 mil habitantes, cujas vítimas são, principalmente, homens, trabalhadores jovens, idosos, motociclistas e pedestres (BACCHIERI & BARROS, 2011; GAWRYSZEWSKI *et al.*, 2005; SOUSA *et al.*, 2017).

Outrossim, as ocorrências de trânsito geram grandes impactos econômicos e sociais, por isso, apresentam-se como constante ameaça para todos os usuários das vias públicas, contribuindo de forma significativa com as altas taxas de mortalidade e de morbidade na população, principalmente entre os adultos jovens (OLIVEIRA & SOUSA, 2012).

Os impactos nos recursos financeiros ocasionado pelos serviços de saúde oriundos de ocorrência de acidentes de trânsito incluem o resgate das vítimas e o tratamento de ferimentos, geralmente graves – o que eleva o custo per capita no tratamento e no período de internação (exames de médicos e legistas; remédios; reabilitação), bem como, há os custos com a invalidez temporária e permanente das vítimas, assim como os custos relativos à perda de rendimentos futuros, isto é, a renda que a vítima deixou de ganhar e custos de funeral, conforme bem apontam Massaú & Rosa (2016).

Ademais, os custos estimados de acordo com a gravidade do evento e demonstram que, em média, um acidente de trânsito com óbito pode atingir o valor total de R\$ 690.065,21 se somados todos os componentes envolvidos, quais sejam, perda de rendimentos futuros, danos materiais (das vítimas e do patrimônio público) e morais, custos médico-hospitalares, custas judiciais, custos de congestionamentos e de pessoal nas operações de atendimento às vítimas (MASSAÚ & ROSA, 2016), bem como, outros custos relacionados em termos de dor e sofrimento das vidas humanas, ou seja, as sequelas psicológicas e transtorno de estresse pós-traumático decorrente dos acidentes de transporte terrestre apresentam-se potencialmente incapacitantes em longo prazo (ANDRADE & JORGE, 2016), e que, apesar de extremamente relevantes, ainda são pouco estudados.

Essa sobrecarga do Sistema Único de Saúde - SUS acaba se tornando um ponto central ao direito a saúde, uma vez que se verifica elevada despesa que poderia ser evitada e ao se verificar que mais de 69% dos acidentes de trânsito em rodovias federais foram causados por imprudência dos motoristas, fazendo-nos entender que os acidentes de trânsito apresentam um importante indicativo de previsibilidade, e, em que pese à característica de não intencionalidade que reveste o termo “acidente”, há previsibilidade de que poderão ocorrer. (MASSAÚ & ROSA, 2016).

Segundo dados gerais do DATASUS, coordenado pelo Ministério da Saúde, o Estado do Amazonas contava com uma população de 3,9 milhões de pessoas e uma frota de cerca de 819.000 veículos no ano de 2015, somados os números da capital Manaus com os demais municípios do interior. Dados do Departamento de Polícia Rodoviária Federal apontam que, entre os anos de 2007 a 2016, foram registrados 172 óbitos por acidentes de trânsito nas duas rodovias federais BR 174-AM e BR 319-AM que cortam o Estado do Amazonas.

De acordo com o relatório ANUÁRIO – 2018, apresentado no ano de 2019 pelo Departamento Estadual de Trânsito do Amazonas (DETRAN-AM), o Estado do Amazonas registrou, desde o de 2013, um aumento contínuo na frota de veículos na capital Manaus, atingindo a quantidade de 756.982 no ano de 2018. No sentido contrário, o relatório apontou uma redução no número de vítimas fatais nos últimos seis anos, sendo que entre os anos de 2017 para 2018 a redução foi de 5,80%.

O mesmo fato foi observado com o número de vítimas não fatais e com o número de acidentes com vítimas que apresentaram redução de 10,18% e 6,36%, respectivamente, quando comparados os anos de 2017 com 2018. Cabe destacar que o órgão DETRAN-AM conceitua o índice de vítimas não fatais como sendo o número de vítimas envolvidas em acidentes que não vieram a óbito, bem como, conceitua acidentes com vítimas o número de acidentes envolvendo vítimas lesionadas. Em números gerais, a capital Manaus registrou 221 vítimas fatais, 14.428 vítimas não fatais e 14.371 acidentes com vítimas lesionadas no ano de 2018.

Em que pese presenciarmos um cenário de redução dos números de acidentes com vítimas fatais e lesionadas em acidentes de trânsito, a quantidade de acidentes de trânsito ainda é bastante elevada e representa alto custo material, social, hospitalar e econômico para a população amazonense, principalmente a população manauara que convive com a maior parte da frota de veículos do Estado do Amazonas.

Na contramão, o índice de vítimas fatais de acidentes de trânsito nos municípios do interior do Estado do Amazonas teve um aumento de 13,48% no ano de 2018, quando

comparado aos últimos seis anos, seguindo a mesma tendência de crescimento de 4,95% da frota de veículos no mesmo período.

Face essa realidade e vivenciando no próprio território o drama de perceber os acidentes de trânsito como situação de saúde pública, remetemos aos questionamentos acerca das providências necessárias que não preciso tomar para diminuir essa quantidade de acidente de trânsito. Ademias, ressaltamos a preocupação da ocupação de leitos hospitalares e a escassez de unidades para reabilitação física para tantas pessoas lesionadas em acidentes de trânsito.

### 2.1.2 As principais causas, vítimas e consequências dos acidentes de trânsito e a dificuldade de acesso à assistência em saúde e à reabilitação física

Segundo Da Matta *et al.*, (2010) muitos fatores são apontados como causa de acidentes de trânsito. Dentre os fatores destacados por Bertho & Aidar (2015), estão a ausência de leis adequadas e/ou de fiscalização; falta de atenção ou de respeito para com os demais usuários da via pública; condições de pavimento, fluxo de veículos e de pedestres, sinalização, velocidade e visibilidade, mas principalmente, atos imprudentes por parte dos condutores como uso de álcool e a adoção de comportamentos de risco no trânsito.

No que tange a adoção de comportamentos de risco no trânsito, Vilca, *et al.*, (2010) apontam que excesso de velocidade e imprudência do motorista são as principais causas de acidentes. Neste viés, dados recentes do IPEA (2015) demonstraram que mais de 69% dos acidentes ocorridos em rodovias federais no ano de 2014 tiveram como causa o excesso de velocidade, as ultrapassagens forçadas, dirigir sob efeito de álcool, falta de atenção, entre outros (MASSAÚ & ROSA, 2016). Corroborando os dados brasileiros, Pérez-Núñez, *et al.*, (2014) apresentaram que grande parte dos motoristas mexicanos negligenciam os usuários vulneráveis das estradas, também com tendências a adoção de comportamentos de risco no trânsito.

Sousa *et al.*, (2017) indicam que o principal perfil das vítimas de Acidente de Trânsito são adultos jovens, motociclistas, economicamente ativos, de baixa renda e baixa escolaridade com consistência no cenário nacional brasileiro e corrobora a vulnerabilidade social dessa parcela da população mais frequentes de jovens de 15 a 29 anos, do sexo masculino, solteiros, com escolaridade até o ensino médio, renda de até dois salários mínimos e ativos economicamente, e quase todos os acidentados dependiam exclusivamente do sistema público de saúde.

Sousa *et al*, (2017) destacam ainda o alto número de sobreviventes, principalmente os adultos jovens, que apresentaram importantes sequelas físicas e psicológicas. Em média, uma em cada vinte vítimas de acidente de transporte terrestre será incapacitada permanentemente, conforme nos informam Andrade & Jorge (2016). Mesmo diante de dados contundentes, as informações sobre a prevalência de pessoas com incapacidades devido a acidentes de transporte terrestre são escassas na literatura, especialmente sobre incapacidades permanentes o que nos impele à necessidade de desenvolver mais pesquisas que contemple essa população lesionada.

Dentre os perfis das vítimas de acidentes de trânsito, destacam-se os motociclistas como sendo a categoria de usuários do trânsito brasileiro com importante incidência de acidentes e estatística de lesões, sendo a fratura a mais recorrente, repercutindo em limitações nas atividades de autocuidado e locomoção (SOUSA *et al*, 2017). Conforme Oliveira & Souza (2012) “com o crescimento da frota de motocicletas, no Brasil, os ocupantes desses veículos vêm assumindo o primeiro lugar entre as vítimas de acidentes de trânsito com veículos a motor”, tornando-se, dessa forma, um problema de saúde pública consequente, não só da forma e amplitude do seu uso, mas também, pela vulnerabilidade tanto do condutor como do seu passageiro.

Seguindo a tendência dos demais temas acerca de acidentes de trânsito, no Brasil, também ainda são escassas as investigações que analisam os fatores associados à mortalidade exclusivamente de motociclistas, sendo que os trabalhos encontrados analisaram globalmente as vítimas dos diferentes tipos de ocorrências (OLIVEIRA & SOUZA, 2012)

Para as vítimas, de acordo com Oliveira e Sousa (2012), restam as consequências, tais como, óbitos, sequelas, lesões, necessidade de assistência pré-hospitalar e intra-hospitalar especializada, longos períodos de recuperação, impacto emocional e financeiro. Concomitantemente, “os prejuízos sociais desses eventos estão relacionados aos anos potenciais de vida perdidos, incapacidade para o trabalho e menor produtividade em virtude de limitações físicas e psicológicas, custos relativos ao diagnóstico, tratamento e reabilitação” (OLIVEIRA e SOUSA, 2012, p. 1380). Além disso, apresentam-se doenças psicossomáticas e isolamento social enquanto consequências individuais inter-relacionadas com os danos físicos que também têm repercussão coletiva (SOUSA *et al*, 2017).

Isto posto, as vítimas de acidentes de trânsito requerem assistência integral à saúde, com urgência, para salvar suas vidas, assim como, necessitam de reabilitação, a fim de obter o pleno restabelecimento clínico e funcional. No entanto, a maioria das vítimas de acidentes de trânsito se depara com a omissão do Estado e a ineficiência dos sistemas de saúde em

assegurar seu direito à saúde, inclusive de serviços de Reabilitação Física (RF), tendo em vista que os principais fatores de risco que geram sequelas de acidente de trânsito são a disponibilidade de serviços de urgência, a gravidade da lesão, o tempo até o atendimento pré-hospitalar e o dano medular (ANDRADE & JORGE, 2016).

Mesmo sendo a Reabilitação Física (RF) consistentemente descrita na literatura como sendo crucial na recuperação dos lesionados, a qualidade dos serviços ainda é um tema pouco discutido na Saúde Pública, fazendo persistir lacunas sobre o acesso e outras dimensões da qualidade.

Por isso, Sousa *et al.* (2017) enfatizam que é importante aproveitar as análises de situação baseadas nas estimativas de acesso e fatores associados para um planejamento racional, eficaz e viável de intervenções e modelos de atenção para as vítimas de acidentes de trânsito, bem como, é recomendável maior investimento na prevenção dos acidentes de trânsito e na reabilitação das vítimas com sequelas, reduzindo o impacto social desses agravos. Há ainda a necessidade de estabelecer políticas públicas em saúde e estratégias que possibilitem o acesso a ações tanto no campo preventivo quanto no campo da reabilitação (ANDRADE & JORGE, 2016), e também qualificar os profissionais da Atenção Básica no atendimento as vítimas de Acidentes de Trânsito, devido a esse agravamento à saúde ocupar posições alarmantes no que se refere ao número de vítimas e ocorrência de lesões graves e traumas, implicando altos custos diretos ou indiretos a saúde pública e sociedade, conforme apontou Silva (2012).

### 2.1.3 As possibilidades de prevenção dos acidentes de trânsito

Diante das informações acima elencadas, compreendemos que se faz necessário a adoção de medidas de prevenção de acidentes de trânsito com o máximo de urgência, a curto, médio e longo prazo, afinal, estima-se que se nada for feito, as mortes no trânsito chegarão a 1,9 milhões, em 2020, saltando da atual nona para a quinta causa de mortes no planeta até 2030 (FERREIRA & CARVALHO, 2013).

Por isso, a primeira medida em prevenção de acidentes de trânsito é conhecer o perfil epidemiológico dos acidentados como medida de formulação de estratégias de enfrentamento desse problema de saúde pública, pois os acidentes de trânsito geram como consequência uma perda anual de capital humano para o país, custos hospitalares, custos para sociedade em geral, além de custos pessoais e familiares (ALCOFORADO, 2016) e o conhecimento das características das vítimas relacionadas à mortalidade facilita o entendimento da realidade

desses eventos e contribui para melhorar o planejamento e tomada de decisões direcionadas a evitar as ocorrências de trânsito e as mortes delas decorrentes (OLIVEIRA & SOUZA, 2012). A segunda possibilidade de prevenção está relacionada aos sistemas de informação que devem ser integrados a ponto de fornecer informações confiáveis às instituições nacionais envolvidas nas apurações dos acidentes de trânsito a fim de servirem como referência para futuras decisões políticas (VILCA *et al.*, 2010).

Acerca das propostas de prevenção em relação às ocorrências de trânsito temos que “somente ações intersetoriais que contemplem sua prevenção em todos os seus aspectos, executadas de forma coordenada, podem reduzir as vítimas e as mortes por elas causadas” (OLIVEIRA & SOUZA, 2012, p.1380). Nesse sentido, espera-se do Estado um grande investimento mesmo que seja necessário racionalizar os recursos financeiros destinados à área da saúde perante as demandas exigidas, pois o administrador público elege os setores e as necessidades prioritárias da saúde que devem receber tais recursos (MASSAÚ & ROSA, 2016).

As campanhas de educação para o trânsito também figuram com importante estratégia de enfrentamento das ocorrências de trânsito, tendo em vista que se tornou inegável que o crescente número de acidentes de trânsito no país é critério suficiente a justificar que ocorra maior investimento em campanhas de educação e prevenção aos acidentes de trânsito, o que certamente resultara em economia na gestão da saúde pública, muito embora se reconheça a importância da destinação das verbas do Danos Pessoais por Veículos Automotores Terrestres - DPVAT ao Sistema Único de Saúde -SUS (MASSAÚ & ROSA, 2016) e conseqüentemente contribuam para a redução da morbimortalidade por esses agravos pré-hospitalar e hospitalar das vítimas, conforme as diretrizes da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade sobre Violência e Saúde (ANDRADE & JORGE, 2016).

**2.2 Paratletas:** a ascensão da relevância do paratletismo no cenário esportivo mundial e brasileiro e sua importância para a percepção da qualidade de vida dos paratletas

Nas duas últimas décadas, as Paraolimpíadas tornaram-se o terceiro maior evento do mundo, ficando atrás apenas das Olimpíadas e da Copa do Mundo de futebol (FREIRE *et al.*, 2019). O esporte adaptado começou a ser praticado de forma organizada após a segunda Guerra Mundial, por ter seu uso indicado na reabilitação de soldados e cidadãos com deficiência adquirida no conflito. Atualmente, “o esporte adaptado é um fenômeno complexo



que pode agregar objetivos diferentes em função das expectativas de seus praticantes” (PIRES, OLIVEIRA e SILVA, 2018, p. 554).

No Brasil, Paratletas brasileiros têm alcançado resultados expressivos, em especial nas últimas três edições dos Jogos Paralímpicos, nas quais a Comissão Brasileira se configurou entre as 10 melhores seleções paralímpicas do mundo, segundo Freire *et al* (2019). Desde a sua primeira participação nos Jogos Paralímpicos em 1972, a Comissão Brasileira conquistou 301 medalhas, sendo 87 de ouro. Entretanto, em que pese os resultados serem expressivos e de vários estudos internacionais abordarem a Qualidade de Vida em atletas/Paratletas sobre vários aspectos e populações, ainda são escassos na literatura científica investigações sobre esta temática dos atletas paralímpicos no Brasil. (FREIRE, *et al.*, 2019b).

Atualmente, alguns estudos científicos tem retratado que a prática de esportes é capaz de induzir melhoras tanto na perspectiva física como cognitiva, elevando a percepção da Qualidade de Vida (QV) entre os atletas com deficiência. Dentre esses estudos, interessa citar o estudo de Litchke *et al.* (2012) que comparou os efeitos de 9 semanas de treinamento e a QV em atletas com deficiência e observou-se que o treinamento influenciou positivamente a percepção em alguns aspectos da QV como vitalidade e redução da dor corporal. Neste mesmo sentido, FREIRE, *et al.*, 2019b indicam o estudo de Yazicioglu *et al.* (2012) em que compararam a QV em atletas com e sem deficiência e constataram que os atletas com deficiência tiveram uma maior percepção e satisfação da QV.

Em mais uma análise contida no estudo de Freire, *et al.*,(2019b), é possível encontrar diferença no domínio físico e de QV geral, nos Paratletas com mais tempo de treinamento quando se correlaciona QV e a duração e tempo de treino dos atletas e Paratletas brasileiros e, possivelmente, esta diferença poderá estar relacionada a população com deficiência que tem dificuldade de acessibilidade a lugares públicos e transporte, tendo em vista que a arquitetura/manutenção de muitas construções não ser configurada para atender às pessoas com deficiência, o que, além de dificultar a locomoção para os treinamentos, também gera um desgaste físico aos atletas que influencia na avaliação de Qualidade de Vida.

Além do mais, quando Freire *et al* (2019) compararam a QV dos atletas e Paratletas em função do recebimento de patrocínio, encontraram diferenças significativas no Paratletas nos domínios físico e psicológico da QV. Tais dados demonstram que o esporte paralímpico ainda carece de muito patrocínio, o que acarreta em dificuldades na sua prática e também nos resultados, configurando-se, dessa forma, como um dos principais desafios dos Paratletas.

Segundo Pires, Oliveira & Silva (2018) algumas atividades apresentam características que provocam a experiência máxima do estado de fluxo no praticante, sendo que “o esporte

representa uma boa oportunidade para a manifestação do estado de fluxo, pois sua prática está associada a elevados níveis de envolvimento, desejo, desafio e prazer em comparação com outras atividades” (p. 553).

Enfim, o paratleta precisa compreender a tarefa, tomando consciência da mesma, buscando encontrar o equilíbrio necessário para obter o seu melhor e atingir o estado de fluxo, levando-se em consideração que ocorre a correlação entre as dimensões concentração na tarefa e fusão entre ação e consciência. Conforme Pires, Oliveira & Silva (2018), “o atleta percebe os seus movimentos realizando uma fusão corpo-mente sem precisar atentar para seus movimentos, pois o controle é interno ao indivíduo, sem perda de concentração” (p. 560).

### **2.3 Corporeidade:** suas concepções históricas como formadora de identidades e culturas e fomentadora de consumo

#### 2.3.1 A concepção de corporeidade ao longo da história do conhecimento humano

Segundo Mattos (2010, p.294) “no corpo e através do corpo começa nossa história. Por suas possibilidades de transformação, o corpo, ao longo da vida, permite a existência de identidades flexíveis”. Para este autor, a existência começa pelo corpo, sendo este o primeiro ponto de ancoragem no qual o indivíduo se constrói. Para Silva (2011, p. 618) “o corpo é um objeto de estudo valioso para a psicologia social ao mencionar que ele é ao mesmo tempo um objeto privado e público, cujas representações estão fortemente ligadas ao contexto psicológico, social e cultural”.

Atualmente, a noção de corpo é concebida por diversas óticas, a partir de diferentes abordagens e de várias concepções teóricas, formadas ao longo da história da existência humana e, conseqüentemente, a forma de lidar com o próprio corpo foi se transformando social e culturalmente. Na pré-história, o homem primitivo sobrevivia unido consigo mesmo, com seu povo, com a terra, com a natureza, com o cosmo. Dessa forma, compreendia o sensível e o inteligível como estando conectados numa concepção de humano uno e inteiro e por isso, não era capaz de distinguir o pensamento do corpo, da natureza ou da terra (ARANDA *et al.*, 2012).

Na Antiguidade, surgiu a mais remota e difusa concepção de corpo a partir das ideias do filósofo Platão (1979), o qual afirmou em “Fédon, 82 d” “que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão” (ARANDA *et al.*, 2012, p.738). Por essa concepção, Platão

dividiu a realidade humana em duas partes, sendo a primeira o mundo inteligível, estabelecido como a alma superior e a segunda como o mundo sensível sendo o corpo tratado com uma instância inferior.

Passando a Idade Média, ocorreu a ressignificação dessa concepção instrumental clássica a partir dos princípios cristãos quando a filosofia se conectou com a teologia, tendo como expoentes dessa concepção filosófica Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, os quais estabeleceram uma hierarquia da alma sobre o corpo, sendo este submisso ao divino e fonte de pecado. Já no período do Renascimento, surge um conceito dinâmico de homem estabelecido no sentido filantrópico e antropocêntrico, como tentativa de libertar o corpo do homem da concepção de clausura da alma gerado na Idade Média, no entanto, manteve-se a premissa instrumental entre corpo e alma (ARANDA *et al.*, 2012).

Na Idade Moderna, a concepção de corporeidade foi marcada principalmente pelas ideias filosóficas de René Descartes, o qual buscou separar radicalmente corpo e alma. Ao alcançar êxito neste intento, a doutrina cartesiana passou a influenciar todas as áreas do conhecimento científico, bem como, influenciou todas as práticas sociais dela decorrentes (ARANDA *et al.*, 2012), pois, o corpo torna-se meramente fisiológico – organismos segundo a visão mecanicista quantificável, tecido no modelo do mecanicismo moderno (RESENDE *et al.*, 2017).

Na era da Revolução Industrial produziu-se o '*corpo operário*'. Nesse sentido, Aranda *et al.*, (2012) explica que “o corpo é o primeiro e principal meio de produção (individual e social), pois a maioria da força de trabalho está ligada à capacidade corporal. Assim, o corpo é veículo de produção, tem valor de troca, e é também capital” (p.739). Neste mesmo viés, Mattos (2010) indica como Émile Durkheim em seu livro "A Divisão do Trabalho Social" fez do corpo um elemento indispensável da vida social e no livro "As Formas Elementares da Vida Religiosa", Durkheim descreveu o corpo no centro da experiência de interdição entre sagrado e profano, bem como da socialização pela presença dos fiéis.

A partir do estabelecimento desse aspecto sociológico da corporeidade, forma-se a compreensão de como a sociedade constrói o corpo, como a cultura se inscreve no corpo e as diferenças corporais se tornam produtos das diferenças sociais. Já na concepção de Pierre Bourdieu (1977, 1984) viu-se o corpo como veículo do "habitus", o corpo como meio de uma transmissão frequentemente inconsciente de dispositivos sociais e de gostos alimentares, estéticos, esportivos, sexuais. Para Bourdieu “o corpo exerce ao mesmo tempo uma tripla

função: memória, aprendizagem dos hábitos de classe e marcador de posição social” (MATTOS, 2010. p. 295).

Posteriormente, Michel Foucault discutiu os modos de controle social sobre o corpo dos indivíduos, no qual a materialidade exerce poder. Para Foucault, da microfísica a biopolítica, o corpo é o local onde se manifestam os efeitos do poder. “Nada é mais material, mais físico, mais corporal que o exercício do poder” (MATTOS, 2010, p.300).

A pós-modernidade viu surgir tipos de corpos que fossem aceitos socialmente e não admitissem nenhuma imperfeição, portanto, o corpo não poderia ser gordo, feio, velho, ou seja, surgiu um padrão imposto e pré-estabelecido, denominado o ‘corpo hipermusculoso’. Entretanto, juntamente a esta concepção, surgiu a problemática de que a maioria das pessoas não se ajustava ao modelo globalizado que está em moda e que é fortemente divulgado pela mídia (ARANDA *et al.*, 2012).

No século XXI, a partir do desenvolvimento da tecnologia, Aranda *et al.*, (2012, p.738) apresenta o ‘*corpo cyborg*’, que é o “cruzamento homem e máquina, que vem sendo modelado, reforçado com próteses, mesclando o orgânico e o inorgânico, cuja identidade que se estabelece não é o *eu* e nem o *outro*, mas sim o *status* adquirido via tecnologia e medicina”. Em oposição à noção de corpo objetificado e mecanizado, surge o conceito de soma enquanto corpo experienciado. A noção de soma que dá origem ao termo somática(o) foi utilizada pela primeira vez pelo pesquisador Thomas Hanna em 1976, em seu artigo “*The field of somatics*”, no intuito de evocar um corpo vivido e experienciado a partir da percepção daquele que experimenta o corpo (CAETANO, 2017).

Destarte, pensadores contemporâneos argumentam que as representações do corpo decorrem da relação que as pessoas têm com o mundo e que por isso o corpo é um vetor de compreensão dessa relação (SILVA, 2011).

Numa tentativa de superar a noção de corpo objeto, Aranda *et al.*, (2012) defendem a concepção de ‘*corpo presente-presente*’ como a concepção global do homem que se relaciona com outros corpos e com o mundo, revelando ao mesmo tempo individualidade e cultura por meio das relações sociais. Em seus trabalhos, esses pesquisadores apresentam ainda o ‘*corpo fractal*’, aquele que se atém à parte e nunca abandona o todo, porque a perspectiva fractal do conceito de Mandelbrot está sob o paradigma da complexidade, em que “o corpo é entendido a partir de um lugar que reconheça o pormenor, mas que também identifique e considere o todo no todo, sem distinção e separação” (ARANDA *et al.*, 2012, p.740).

### 2.3.2 A corporeidade como formadora de identidades e cultura e a sua apropriação pela mídia como estratégia de estímulo ao consumo

A presença do corpo na construção da identidade tornou-se foco de atenção da sociologia, destacando-se nesse cenário o conceito de identidade social estipulado por Goffman (1990), o qual traduziu “a relação entre signos transmitidos pela pessoa através da expressão corporal e as expectativas que se tem em relação àquilo que ela deveria ser” (SILVA, 2011, p.616). Assim, o corpo passa a ser compreendido como um sistema codificado de linguagem, conforme os estudos de Argyle (1988, 2007), Dittman (1987) e Cosnier (1996) que apontam o papel do corpo nas interações humanas e destacaram que o corpo pode se expressar por meio da gestualidade, dos movimentos, da postura e das expressões faciais as ideias, os valores, e as emoções que as pessoas possuem (SILVA, 2011) que ao longo do século XX serviu para parâmetro para os estudos do comportamento.

Goffman (1990) também fala de símbolos corporais que nos levam a construir uma imagem, a princípio estereotipada, da identidade de alguém e geram categorizações quando são percebidos na transmissão de informações de prestígio, honra e posição social e os de estigma que resultam em uma redução da valorização da pessoa (SILVA, 2011). Logo, percebe-se que as próprias diferenças biológicas são produzidas historicamente na cultura, conforme destacou Mattos (2010) e faz surgir a inevitável discussão sociológica entre o corpo e a construção de gênero. Nesse sentido, a discussão socioantropológica sobre gênero é cada vez mais pertinente, pois reconhecemos que vivemos historicamente em uma cultura masculina de afirmação da força, do desempenho e da competição.

Atualmente, busca-se “compreender o homem cultural e social sob o paradigma da complexidade e da unidade, considerando uma motricidade intencional carregada de sentido e de significado” (ARANDA *et al.*, 2012, p.736). No corpo, há síntese entre ação e estrutura e são as práticas corporais que produzem e reproduzem simultaneamente a sociedade (MATTOS, 2010). Partimos do entendimento de cultura como proposto por Geertz (1989), “em um sentido essencialmente semiótico, relacionado a teias simbólicas, de significados (re)tecidos socialmente – compartilhando da perspectiva de Max Weber, ao considerar o homem como um animal amarrado a tais teias que ele mesmo teceu”. (BORBA & HENNIGEN, 2015, p. 248).

Isto posto, as mensagens intensificadas pela mídia penetram nas sociedades e passam a interferir fortemente na realidade, como forma de propor relações (consigo) e novas formas de habitar um mundo criado pelas novas formas de corpos e de informações de maneira cada vez

mais veloz. Esta tendência criticada por Thompson (2008) é a manutenção do consumo, das leis de mercado em suas diversas manifestações a partir do desenvolvimento da mídia para atender interesses comerciais de larga escala (BORBA & HENNIGEN, 2015).

As características de tais modelos de consumo denotam o hibridismo entre os cuidados com o corpo e o discurso da saúde, como diria Bruno (1994): “A dietética se afirma como processo indenitário” (BORBA e HENNIGEN, 2015, p.251). Essa dietética seria uma condição da ética a partir do que está posto, dessas técnicas de si contemporâneas, uma administração estética, pelo consumo, das virtualidades anunciadas pelo discurso midiático. Assim, o corpo corre o risco de se conectar às noções de instrumentalidade a serviço da tecnologia e da ciência, do trabalho, da ordem e do progresso, da saúde, da estética, da moda, entre outros (ARANDA *et al.*, 2012) e a mídia dissemina discursos dominantes dos mitos culturais opressivos principalmente sobre os corpos das mulheres, através de propagandas, filmes, revistas, na área da saúde e nas indústrias de beleza, ao privilegiarem um padrão idealizado de corpo (GESSER, NUERNBERG & TONELI, 2013).

Por isso, o corpo passa a constituir o meio fundamental por onde se manifestam os assédios midiáticos, sendo seguidamente convocado e mobilizado na relação com os outros, situando, como superfície, relações com as convenções e decisões relativas ao que seria próprio de algum padrão indenitário (BORBA & HENNIGEN, 2015). No entanto, o caminho traçado pelo do consumo, entre padronizações e singularidades, é tortuoso e não dura mais do que um desejo que ao ser satisfeito, logo em seguida é substituído por outro desejo. Dessa forma, a convocação social do corpo na publicidade evidencia sua importância imagética, um cartão de visitas; a conformidade social embaralhada com os padrões e tendências de consumo incita um corpo que anseia entre a autoconfiança e a vergonha.

A partir desta nova noção de corporeidade, o indivíduo sente-se livre para intervir no próprio corpo e é “municipado” com produtos cada vez mais sofisticados para explorar seus limites. Esta é a dinâmica do capitalismo, criar consumidores que, de acordo com Giddens (2002) “têm necessidades diferenciadas (e cultivadas), tendo em vista que a globalização produz o efeito de estreitar o significado moral até o imediato da sensação e da percepção” (BORBA & HENNIGEN, 2015, p. 249), razões apontadas como difusoras do narcisismo.

Colocado numa projeção de cenário utópico, o destino da sociedade seria ingressar na era do pós-hiperconsumo,

na qual o ecletismo da felicidade e da beleza levaria a uma contínua produção de dilemas e à necessidade de reinvenção dos mitos da beleza, do amor, da felicidade e do corpo – em sua dupla face, de gozo e sofrimento, liberdade e finitude, imanência e

transcendência. A pós-modernidade vem justamente para desconstruir discursos e propor um novo modo de tocar a vida, repensando a existência, nossos saberes, práticas e concepções, muitas vezes reprimidas no paradigma hegemônico, que só abre espaço para o que é “híper” (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2010, p. 624).

Em contra ponto a esta noção de consumo, Gallo (2006) propõe a concepção de ‘*corpo ativo*’ como forma de resistência ao hiper-consumo, ao efêmero, à imposição da estética, ao narcisismo exagerado, ao controle generalizado e, ainda, à noção de corpo objeto da razão é que o corpo abandone a noção de objeto e de instrumentalidade, seja da alma ou da indústria tecnológica midiática, e se apresente como corporeidade em ato (ARANDA *et al.*, 2012).

### 2.3.3 A deficiência física como possibilidade de corporeidade

Na atualidade, as pessoas com deficiência constituem um segmento cada vez maior da população mundial. O conceito de pessoas com deficiência proposto pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007) e que foi fundamentado no modelo social da deficiência, consta no artigo 1º deste documento:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (GESSER, NUERNBERG & TONELI, 2013, p. 420).

De acordo com dados do Relatório Mundial sobre Deficiência da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2012), pessoas com deficiências (PCD) representam cerca de 15% da população, o que configura um contingente de cerca de um bilhão de pessoas no mundo. No Brasil, conforme informações colhidas no censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano 2010, pelo menos 45 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência, o que representa 23,9% do total da população (GESSER, NUERNBERG & TONELI, 2013).

O modelo social da deficiência estabelecido pressupõe que as pessoas com deficiência são sistematicamente discriminadas e excluídas da participação na sociedade contemporânea, processo este decorrente da intersecção da deficiência com outros determinantes sociais, capazes de potencializar processos de opressão e vulnerabilidade social a esse coletivo de pessoas com deficiência. A significação do corpo como desviante, dissonante dos padrões

dominantes e valorizados socialmente, media as relações, principalmente com a feminilidade. Tais pré-conceitos em torno dos corpos das pessoas com deficiência enfatizam a necessidade de se realizarem estudos sobre a experiência da deficiência na intersecção com outras categorias, como as de raça, gênero, classe social e geração, dando visibilidade aos problemas vivenciados pela população com deficiência (GESSER, NUERNBERG & TONELI, 2013).

No modelo social vigente,

a deficiência não é considerada uma tragédia individual, um castigo ou o resultado de certo pecado; não é uma enfermidade que requeira tratamento medicalizante; tampouco deve ser objeto de caridade ou de ações sentimentais e condescendentes, que só geram dependência. Em outras palavras, a deficiência deixa de ser compreendida a partir de um campo estritamente biomédico confinado aos saberes médicos, psicológicos e de reabilitação, que associam a deficiência a uma condição médica ou a uma tragédia pessoal, e passa a ser também um campo das humanidades (GESSER, NUERNBERG e TONELI, 2013, p.420).

Em que pese o último Censo ter apurado que 23,9% da população brasileira possui, ao menos, um tipo de deficiência (IBGE, 2010), este assunto ainda é um campo pouco estudado, às vezes ignorado e, com poucos incentivos à pesquisa (DINIZ, 2003). Devido às desvantagens impostas pela sociedade, por meio de barreiras, as pessoas com deficiência nem sempre conseguem exigir seus direitos nas mesmas condições que uma pessoa sem deficiência, Ainda que a lei garanta os mesmos direitos às pessoas com e sem deficiência (MELLO & CABISTANI, 2015).

Historicamente, a compreensão da deficiência passou por várias configurações, desde concepções religiosas e sobrenaturais, passando pelo modelo biomédico, até chegar ao modelo social, o qual se sobrepõe nas legislações nacional e internacional. De acordo com esse modelo a deficiência não está no sujeito, mas no meio, de tal maneira que a existência de barreiras limita a autonomia das pessoas com deficiência (IDEM).



### 3 MARCO TEÓRICO – SEGUNDA PARTE

#### 3.1 O surgimento e a consolidação da concepção fenomenológica de corporeidade a partir da Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty

##### 3.1.1 A Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty: uma crítica ao intelectualismo e ao positivismo

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi um proeminente filósofo e psicólogo que seguiu a filosofia fenomenológica de Edmund Husserl e fez de sua obra uma crítica ao intelectualismo e ao positivismo após colocar o pensamento num existir preliminar, uma vez que essa visão fenomenológica alicerçou as ideias pós-modernas ao questionar as certezas e hegemonias teóricas e metodológicas e enfrentou a objetividade e a autoridade do pensamento positivista da modernidade.

Ao tratar a consciência por meio da percepção, Merleau-Ponty (1945/2011) conferiu um novo estatuto à compreensão da relação homem-mundo e homem-outro, bem como, afirmou que a experiência de uma realidade vivida é anterior a qualquer conhecimento ao entender o homem como um ser-no-mundo. Merleau-Ponty desvelou o reencontro entre o fato e o sentido, entre a facticidade e a essência, entre o signo e a significação, entre o sensível e o inteligível, o que chamou de unidade originária, pois “com as formas simbólicas, aparece uma conduta que exprime o estímulo por ele mesmo, que se abre à verdade e ao valor próprio das coisas, que tende à adequação do significante e do significado, da intenção e do que ela visa” (MERLEAU-PONTY, 1967/2006, p. 133).

Merleau-Ponty procurou utilizar a gestalt no sentido de demonstrar que o comportamento humano não é pura e simplesmente a soma dos reflexos, mas sim um conjunto de reações significativas. Suas contribuições para a Psicologia estão baseadas na organização do campo perspectivo efetuado pelo corpo-sujeito. Para Merleau-Ponty, nós humanos nascemos ‘no’ mundo e isso implica que estamos constantemente abertos à liberdade e por isso a uma infinidade de possibilidades. Dessa forma, os seres existem sob dois vieses em que não há determinismo e não há escolhas absolutas. Para Merleau-Ponty, a ênfase da experiência primordial pretende recuperar a dimensão do vivido no mundo e em seu sentido primeiro.

Devido à aceitação da concepção de intencionalidade, Merleau-Ponty destacou que a percepção não é aquilo que acolhemos pelo olhar como ‘formas’ de conjuntos preexistentes,

mas sim que tem sentido em função da subjetividade viva do ser que percebe a partir do seu próprio corpo enquanto centro de perspectiva, da intencionalidade ‘carnal’. Merleau-Ponty seguiu trajetória semelhante à de seu mestre Husserl e refutou o cientificismo behaviorista de Watson ao empregar a Gestalt para defender que o comportamento não é a soma de reflexos, mas surge como conjunto de reações significativas, e foi além ao procurar corrigir o idealismo de Husserl da fenomenologia transcendental que estava centrado apenas na consciência, oferecendo uma importante contribuição como método para as ciências humanas e sociais ao trocar as essências transcendentais por essências existenciais (Merleau-Ponty (1945/2011))

A partir de sua obra “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty (1945/2011) reconheceu e destacou o caráter originário da intencionalidade, estando esta concepção ligada à ‘carne’. Nesta mesma obra, Merleau-Ponty propôs-se a descobrir as significações originárias como uma trajetória em direção à compreensão humana, isto é, pôs a consciência em presença de vida irrefletida nas coisas, fazendo dessa ideia um legado da fenomenologia às ciências sociais.

Merleau-Ponty (1945/2011) inicia sua Tese “Fenomenologia da Percepção” questionando “O que é fenomenologia?” e responde que o objetivo da Fenomenologia é restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica. O objeto de estudo da Fenomenologia, por essa ocasião, passou a ser visto de muitas maneiras e de muitos lugares da forma como ele se doa à percepção enquanto fenômeno – *phainomenon* – o que se mostra a uma consciência em atitude intencional.

Ainda em Merleau-Ponty (1945/2011), pode-se apontar outras contribuições ao se focalizar a visão da organização do campo perspectivo efetuada pelo corpo-sujeito em situação. Como colocado pelo próprio autor: “o sentir assume a qualidade de um valor vital, apreende-o primeiramente em sua significação para nós, para esta massa pesada que é nosso corpo, e daí se segue que ele sempre comporta uma referência ao corpo...o sentir é esta comunicação vital com o mundo que no-lo torna presente como lugar familiar de nossa vida” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 79). O sentir é então esta comunicação com o mundo: “ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 27). Logo, o sentir sempre comportará uma referência ao corpo. Dessa maneira, Merleau-Ponty conferiu às terapias as corporais e existencial-humanistas uma nova perspectiva de referencial.

Merleau-Ponty (1945/2011) procurou concentrar o enfoque fenomenológico no mundo vivido ao destacar que a vivência da corporeidade é a dimensão implícita no sentido da vivência do ser no mundo, a qual vivenciamos por intermédio da experiência perceptiva, logo, o exame da essência deve levar em consideração a objetivação do vivido em seu próprio sentido de vivência enquanto se realiza a própria vivência.

Como um modo de ser do corpo/consciência em nível pré-reflexivo, a percepção é o ato originário, sendo necessário, por isso, descrever a percepção, a representação ou a motricidade de acordo como se relacionam com o mundo se quisermos conhecê-las. Para que a compreensão ocorra é necessário que a reflexão incida sobre o irrefletido. O fundamento ontológico da percepção como consciência originária da relação com o mundo somente é possível no decorrer da existência enquanto corpo coextensivo ao mundo.

Por meio da experiência perceptiva, Merleau-Ponty (1945/2011) recolocou o olhar fenomenológico no mundo vivido, no qual a vivência da corporeidade é dimensão implícita no sentido da vivência do ser no mundo, logo, “(...) a preocupação do filósofo, não é estabelecer diferenciação entre as noções de corpo como sujeito ou de corpo como objeto, mas, ao contrário, fixar a noção de corpo “vidente-visível” (p.49).

Isso não significa que o conhecimento deva ser reduzido ao ato de conhecer, todavia o conhecimento deve se basear em suas expressões no mundo vivido, na experiência no âmbito do “que *se* percebe em mim e não que eu percebo” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 290, grifo do autor). Portanto, a experiência perceptiva se estabelece quando se tem acesso ao mundo vivido e como modo de pensamento realizado no desenrolar do vivido, pois, o ser se faz presente sempre em existência. De acordo com Merleau-Ponty “tudo aquilo que sei do mundo mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 3).

A consciência do ser sobre o corpo não é a de um bloco isolado, mas de um sistema que comporta relações com o espaço onde os diferentes aspectos interoceptivos e exteroceptivos se exprimem reciprocamente, é a consciência de um esquema postural em que se tem a percepção da posição do corpo em relação à vertical, à horizontal e a inter-relação que se coordena no meio em que se está inserido.

Dessa forma diferentes domínios sensoriais (visuais, táteis, cinestésicos, outros) apresentam-se interligados uns aos outros constituindo um sistema e não aparecem como regiões distintas uma das outras quando despertam o interesse para a percepção do corpo do ser, logo o objeto que se percebe não é um conjunto de sensações e memórias, mas é o todo

que já se projeta com um significado próprio. “A identidade da coisa através da experiência perceptiva é apenas um outro aspecto da identidade do corpo próprio no decorrer dos movimentos de exploração” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 252).

### 3.1.2 O Outro: a compreensão da interioridade do outro na sua expressividade corpórea como uma totalidade viva

O ser percebe o outro diretamente no seu comportamento, sem ter que decifrar um gesto ou uma expressão corporal as quais, posteriormente, o ser deduzirá uma psique semelhante, ou seja, para o ser a situação do outro é sempre apresentada e não vivida em primeira pessoa. Por esse motivo, a dor ou a sua raiva do outro nunca terão o mesmo significado para o ser para o outro. Portanto, o ser somente pode se comunicar com o outro sob um aspecto de generalidade e anônimo, pois, mesmo as situações mais típicas e mais estáveis do meu ser genérico são sempre retomadas à luz de um projeto pessoal, de um ser-no-mundo que é do ser e somente do ser.

Pela percepção o ser descobre a presença de um outro além da reflexão sobre si mesmo conforme Merleau-Ponty afirma e que o cogito cartesiano concebia que "o eu só é acessível a si mesmo" (1945/2011, p. 9), uma vez que o eu se define pelo "pensamento que sou capaz de realizar sobre mim mesmo" e, além disso, sou o único capaz de obter esse pensamento sobre "mim mesmo".

O filósofo Merleau-Ponty (1945/2011) acreditava que a existência não fosse simplesmente consciência de existir por intermédio do corpo para o outro existir realmente para o ser, mas que esse olhar do outro pudesse trazer também uma existência na qual se percebe posicionamentos diferentes do ser, um corpo que expressa algo diferente daquilo que o ser sente ou percebe, isto é, que expresse intencionalidades. Para Merleau-Ponty (1945/2011), pela percepção do homem-no-mundo lhe revela que é um ser situado e alheio a uma liberdade absoluta. Como o próprio Merleau-Ponty expressa: “estamos misturados ao mundo e aos outros em uma confusão inextricável. A ideia de situação exclui a liberdade absoluta na origem de nossos envolvimento” (1945/2011, p. 160).

O objeto percebido surge como uma coisa agregada e real na síntese perceptiva, em que pese se apresentar a partir de infindáveis perspectivas visadas. Isto é o que Merleau-Ponty (1945/2011) sempre considerou como o problema constitutivo da percepção acerca do o fenômeno diacrítico.

A percepção da interioridade do outro na sua expressividade corpórea é uma totalidade viva, expressiva em que se percebe de imediato o olhar, não somente os olhos, mas a vergonha, não somente o rubor da face e um esquema interno do outro que o ser teria que imaginar. Isto posto, temos que a comunicação e a compreensão de um gesto são realizadas com o estabelecimento de uma reciprocidade entre a intenção do outro e a intenção do próprio ser, por exemplo, o gesto não me faz pensar na raiva, ele já é a própria raiva, ou seja, o ser é capaz de percebermos a raiva ou a ameaça como um fato psíquico oculto no gesto do outro. Neste aspecto, Merleau-Ponty assevera claramente que:

... pela reflexão fenomenológica encontro a visão não como 'pensamento de ver', segundo a expressão de Descartes, mas como o olhar em posse de um mundo visível e é por isso que aqui pode haver para mim um olhar de outrém, esse instrumento expressivo que chamamos de rosto, pode trazer uma existência assim como minha existência é trazida pelo aparelho cognoscente que é meu corpo (1945/2011, p. 474).

Primeiramente todo objeto é um objeto natural, feito de cores, odores, sabores, de qualidades táteis e sonoras e por meio da percepção ele entra em minha vida. “Assim como a natureza penetra até o centro de minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 465).

Conforme apontou Merleau-Ponty (1945/2011, p. 251), “o sentido dos gestos não é dado, mas compreendido”, e também afirma que, para buscar compreender o sentido primeiro do vivido como pressuposto básico do sentido de existência, não basta contextualizar na vivência do ser no mundo a especificidade da ação do sujeito e do objeto.

Os gestos não são uma operação redutível à explicação da dimensão intelectual, por isso se torna uma dimensão privilegiada de reconhecimento do outro uma vez que “ser é sinônimo de ser situado” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 339). Dessa forma, o processo de compreensão implica contextualizar de modo descritivo a experiência primordial por meio dos gestos (sorriso, carícia, olhar, etc.) ou em uma diversidade de ações na vivência do ser no mundo. “é preciso reconhecer como irredutível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido” (p. 252).

O ser pode encontrar e compreender o outro na conduta pela qual o outro se relaciona, pois a consciência do ser está voltada para o mundo e a consciência do outro também está voltada da mesma maneira de se comportar em relação ao mundo. O ser pode encontrar

nessas ações do outro um sentido, pois as ações são temas de atividade possível para o próprio corpo do ser, o qual é uma consciência voltada para as “coisas”.

Para Merleau-Ponty, há uma reestruturação intencional constante dado que existe um sujeito encarnado que elege figuras em meio a fundos, que se direciona ao mundo, a outro, diante das possibilidades que o mundo lhe oferece e posições que o corpo toma ante este meio.

### 3.1.3 O conceito de Corporeidade

Os sentidos que caracterizam a própria experiência vivida são a incompletude e a interrogação, pois a experiência vivida está sempre aberta a novos sentidos e ao mesmo tempo interroga sobre os significados desses sentidos devido à experiência de “ser situado” em seu próprio movimento de existência que contextualiza o sentido do vivido. Dessa forma, enquanto se movimenta nas diversas ações, mostrando-se em visão, em fala, em audição, em gestos diversos, em atitude corporal, o corpo próprio é criador de novos significados. Sobre isso, Merleau-Ponty destaca que,

nosso corpo, enquanto se move a si mesmo, quer dizer, enquanto é inseparável de uma visão do mundo e é esta mesma visão realizada, a condição de possibilidade, não apenas da síntese geométrica, mas ainda de todas as operações expressivas de todas as aquisições que constitui o mundo cultural. (1945/2011, p. 519).

Merleau-Ponty alertou ainda para o fato de que o próprio sentido que gerou a explicação não seja destituído pela própria explicação sobre as coisas e estabeleceu que a compreensão do mundo vivido devesse distanciar-se de formas explicativas que desconsideram o desenrolar da experiência vivida. Situa o sentido do acontecimento como constante provocação, não enquanto “um objeto diante de nós, distante de nós, fora de nosso alcance, é também suscitação de nós como sujeito” (2006b, p. 31).

A partir da proposta de um novo paradigma integralizador, que concebe a corporeidade como uma dimensão complexa e produtora de sentidos, surge a necessidade de se romper com as dicotomias existentes no discurso da ciência (mente-corpo, eu-outro, eu-mundo) como ainda ocorre em várias culturas como resquícios da tradição cartesiana como um domínio que segrega o corpo físico e a mente (ou a “alma”).

Faz-se, então, necessário estudar o corpo como um agente ativo e em transformação constantemente, levando-se em consideração a cultura e a evolução dos costumes, hábitos e

práticas discursivas que dominam a comunidade de origem e não apenas o corpo como um receptáculo passivo de influências sociais e culturais.

Sob um novo olhar, o corpo passa a ser descrito como o *locus* de uma reflexividade. “A relação com o mundo está incluída na relação do corpo com ele mesmo”, afirma o filósofo Merleau-Ponty (2000, p. 287).

A experiência motora de nosso corpo nos fornece uma maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto que deve ser reconhecida como original e talvez como originária e não é um caso particular de conhecimento. “Meu corpo possui seu mundo ou compreende seu mundo sem ter que passar por “representações”, sem se subordinar a uma “função simbólica” ou “objetivante”” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 164).

Merleau-Ponty pretendeu recuperar a dimensão do vivido no mundo em seu sentido primeiro a partir da ênfase na experiência primordial. Nesse movimento, é significativa a vivência do corpo numa dimensão de corporeidade enquanto sentido de corpo irreduzível a esferas isoladas e ao mesmo tempo em movimento de inter-relação no mundo, afinal, o corpo que se move é o corpo que “se volta para o mundo para significá-lo” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 64), a significação desce no mundo.

Parte-se do objetivo de estudar o problema da percepção do corpo próprio em Merleau-Ponty articulando-o ao tratamento que o filósofo dispensa à noção de esquema corporal. Merleau-Ponty (1945/2011, p. 131) aponta que “a união entre alma e corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência”.

Na visão de Merleau-Ponty, a experiência do ser no mundo é reconhecida no corpo de forma sensível, mas não se reduz aos dados sensíveis, pois o corpo próprio retoma o sentido de existência em abertura em um constante mostrar-se de novos significados ao se alargar no mundo por meio do corpo habitual, contudo a concepção de um sentido de totalidade do corpo não negligencia as especificidades do sentido do corpo, pois, “a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade” (1945/2011, p. 269).

Indagar sobre o corpo torna-se um indagar sobre a existência, quando se considera que o corpo é o veículo do ser no mundo. A *ontologia do sensível* que falou Merleau-Ponty implica que o mundo e corpo são simultaneamente sujeito e objeto, ou seja, o corpo pertence à ordem das coisas assim como as coisas também pertencem à ordem do corpo.

Por conseguinte, a experiência tátil do ser de tocar e o ser tocado, bem como a experiência visível do ser de ver e ser visto, saem de um mesmo tipo de ser, logo é no plano do sensível que estará à possibilidade de percepção do outro, o qual habita um mesmo campo sensível, embora não habite a mesma consciência, levando-se em consideração que a experiência sensível, tátil ou visível, é uma espécie de entendimento anterior a qualquer clivagem sujeito-objeto ou consciência-mundo. Nosso corpo, afirma Merleau-Ponty (1953/2011) é menos *objeto* de percepção do que meio de ação.

O fechamento gestáltico do circuito entre o corpo e o visível provém de uma dobra que assegura que o corpo seja coisa percebida que se percebe, o que implica a instalação do mundo no centro do sujeito.

A preocupação do filósofo Merleau-Ponty não foi constituir a diferença entre as noções de corpo como sujeito ou de corpo como objeto, mas sim a de ater a noção de corpo “vidente-visível”, isto é, corpo que se movimenta, que sofre, o “corpo vivido” ou do “corpo animado”, o corpo que revela suas diversas configurações e ao mesmo tempo situa diversos significados, tanto que a percepção das coisas como a experiência perceptiva do outro são sempre de cunho carnal, e foi a partir desse sentido de carnalidade que se desenvolveu a noção de corporeidade. De acordo com o filósofo, “engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 252).

Ao andar em ruas, entre os carros, abrir portas, entrar em casas, tocar nas coisas a carnalidade na espacialidade impregna as coisas, as paisagens, a temporalidade num movimento em que o nosso corpo mantém um contato direto e relacionando-se com as coisas e com o outro, o corpo vai interagindo com as coisas e ampliando sentidos que faz reconhecer as coisas em suas interações de sentidos.

O corpo fenomenal, corporalizado, refere-se ao conceito de corpo, tema prioritário na obra de Merleau-Ponty, onde o corpo deixa de ser visto como o receptáculo passivo de um mundo de coisas que o rodeiam, o corpo exerce, pelo sensível, “essa comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida” (1945/2011, p. 84).

Conforme questiona Merleau-Ponty (1945/2011, p. 477), “se o Eu que percebe é verdadeiramente um Eu, ele não pode perceber um outro Eu”.

A noção de corpo não é um conjunto de órgãos nem remete ao fisiologismo, pois o corpo vivido transcende o corpo fisiológico, mas corpo que se localiza neste seu encontro com o mundo, *corpo vivido* ou *corpo sensível* que nos fala Merleau-Ponty, fazendo com que as relações e os limites entre o sujeito e objeto se tornem deslocáveis e ambíguas.



Ao se movimentar, o ser interage com as coisas e com outros, terminando por tomar conhecimento do seu próprio corpo, por isso, a vivência do corpo próprio constitui a especificidade do corpo de cada um, mas em uma totalidade aberta em sentido de corpo inerentemente simbólico.

Merleau-Ponty (1945/2011) idealizou o corpo como algo que percebe e é concomitantemente percebido, o corpo é palco de suas próprias experiências, é algo ativo e não apenas um receptáculo passivo das forças individuais ou coletivas, devendo ser compreendido não apenas como objeto da percepção.

Quando minha mão direita toca a esquerda, sinto-a como uma coisa física, mas no mesmo instante, se eu quiser, um acontecimento extraordinário se produz: eis que minha mão esquerda também se põe a sentir a mão direita. Nele (meu corpo) e por ele não há somente um relacionamento em sentido único daquele que sente com aquilo que ele sente: ocorre uma reviravolta na relação, a mão tocada torna-se tocante, obrigando-me a dizer que o tato está espalhado por todo o corpo, que o corpo é ‘coisa sensitiva’, sujeito e objeto. (Merleau-Ponty, 1989, p. 195)

Mediante essa concepção, o corpo é uma totalidade indivisa e tomada por conexão de dados sensoriais, é um sistema intersensorial independentemente de ações de julgamento. A inserção do corpo no espaço é diferente de um objeto, entretanto, a unidade intersensorial do corpo também não é a de um objeto considerado como soma de partes, assim como preconizava a concepção da gestalt. Somente a partir de um corpo que é possível perceber, ver, locomover-se.

(...) não tenho um corpo, mas sim, eu sou corpo; corpo que percebe e é simultaneamente percebido (...) é a partir do corpo próprio, do corpo vivido, que posso estar no mundo em relação com os outros e com as coisas. O corpo é a nossa ancoragem no mundo (...) é nosso meio geral de ter o mundo. (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 161).

O corpo passou a se compreendido como uma entidade intencional, um invólucro de tensões, assimetrias, desejos, culpas e imagens seminais de amor e ódio, e, de acordo com o conceito de “corpo vivente” de Merleau-Ponty, para quem o compor sempre se dirigia rumo ao mundo, assim o corpo não deve ser compreendido como um mero mecanismo causal, uma mera massa de órgãos e tendões.

É esse corpo fenomenal que possibilita a experiência imediata, que melhor explicita o acontecimento da corporeidade, que integra num só âmbito o interior e o exterior, a alma e o corpo, o eu, o outro e as coisas, é um corpo sujeito com capacidade de qualificar criações e expressões e se comunicar com o corpo objetivo, portanto, nesse aspecto, pode-se afirmar que

o corpo canta, dança, pinta, e a referência ao acontecimento corpóreo, na devida consideração de que “tornando-se passado o acontecimento não deixa de ser” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 563).

O ser percebe um mundo comum ao dos outros por ser corporalizado, e em sua experiência a qual se relaciona e se comunica com os demais sujeitos no plano mais profundo e invisível, familiar, cultural não somente ao nível da fala, portanto o ser não constitui um mundo particular, pessoal e independente dos outros que gravitam sobre a consciência do ser e o que eles pensam, sentem e percebem não pode ser desconsiderado, pois o mundo é cultural. Dessa maneira, a noção de subjetividade amplia-se para a noção de subjetividade intersubjetiva.

Assim, a ideia solipsismo de que somente o eu existe e de que todos os outros seres são apenas ideias minhas, não se sustenta. Segundo Sartre (1943/1999, p. 258) “é uma pura hipótese metafísica, perfeitamente injustificada e gratuita, pois equivale a dizer que fora de mim nada existe, transcende, pois o campo estrito de minha experiência”.

Uma vez que a consciência está ligada à corporeidade e que o corpo não é a sede de processos da constituição carnal do outro, mas o veículo da atitude intencional, isto é, do próprio “ser-no-mundo”, a subjetividade não é puro “em-si”, nem puro “para-si”, tampouco a disposição dos dois, conforme mostrou as análises precedentes Merleau-Ponty (1945/2011).

Para Merleau-Ponty o corpo do outro como portador de um comportamento é o primeiro dos objetos culturais. A questão está em saber como um objeto no espaço pode tornar-se o “rastros falante de uma existência” (1945/2011, p. 467).

O corpo dos outros é parte essencial deste circuito. Merleau-Ponty (1994) anota: “A articulação do seu corpo sobre o mundo é vivido por mim naquela do meu corpo sobre o mundo onde eu os vejo” (p. 281). Essa intercorporeidade é descrita em termos de relação entre esquemas corporais. Mais do que isso, ela é descrita em termos de identificação, de projeção e de introjeção.

Merleau-Ponty, em sua obra *Relações com o Outro na Criança* (1984), levanta as seguintes questões: “... como acontece que na presença desse manequim que se assemelha a um homem: como acontece que na presença desse corpo que gesticula de uma maneira característica, eu chego a pensar que esse corpo é habitado por um 'psiquismo'? ... Como posso perceber, através do corpo, por assim dizer, um psiquismo estranho?” (1984a, p. 12).

A consciência que o ser tem do seu corpo é impenetrável para o outro como também é impossível para o ser a representação de como o outro sente o seu corpo, pois o corpo só é conhecível para o ser pela sensação que lhe dá, a qual o outro não pode ter acesso por

qualquer experiência concreta. Assim, Merleau-Ponty pergunta: "Como então poderia eu supor que há atrás dessa aparência que está diante de mim alguém que experimenta seu corpo como eu experimento o meu?" (MERLEAU-PONTY, 1984a, p. 32, 33).

Merleau-Ponty afirma que:

É preciso renunciar ao preconceito fundamental segundo o qual o psiquismo é o que não é acessível senão a um só, meu psiquismo é o que não é acessível senão a mim, o que não se pode ver de fora. Meu psiquismo não é uma série de estados de consciência rigorosamente fechados sobre si próprios e impenetráveis para todo outro. (1984a, p. 33)

Diante do ser, o corpo do outro transmite um conjunto de sinais, de expressões fisionômicas executa gestos, emite palavras, Assim o ser projetado no outro o que sente do seu próprio corpo quer se trate de uma associação de ideias, quer se trate de um julgamento pelo qual o ser interpreta o que percebe.

O problema da experiência do outro se coloca por assim dizer num sistema de quatro termos: existe o eu, meu psiquismo - a imagem que faço de meu corpo por meio do tato ou da cinestesia, que chamaremos, para resumir de imagem interoceptiva de meu próprio corpo - há um terceiro elemento, que é o corpo do outro tal qual o vejo, e que chamaremos de corpo visual, e enfim, um quarto termo, hipotético, que se trata justamente para mim, de reconstituir, de adivinhar, que é o 'psiquismo' do outro, o sentimento que o outro tem de sua própria existência, tal como o posso supor, imaginá-lo, através das aparências que o outro me oferece por seu corpo visual. (MERLEAU-PONTY, 1984a, p. 33)

O desejo foi então tratado por Merleau-Ponty (2000). como a “estrutura comum de meu mundo como carnal e do mundo de outrem” (p. 287). Isso quer dizer que, na confluência das estruturas diacríticas, desejantes, do eu e de outrem, abre-se um mundo de generalidade, um mundo como totalidade de horizontes possíveis oferecidos não apenas ao meu comportamento, mas também àquele do outro, que vivencio por identificação. Destarte, o filósofo coloca em evidência, então, o desejo como princípio de animação do esquema corporal.

O corpo enquanto esquema corporal, ou seja, “como sujeito do movimento e sujeito da percepção” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 270), revela uma implicação direta com as coisas e com outrem. O corpo está implicado neles e eles implicados no corpo. O filósofo fala da “penetração à distância dos sensíveis por meu corpo” (p. 281). Isso na medida em que as coisas aparecem “como aquilo que falta ao meu corpo para fechar seu circuito” (p. 281). Merleau-Ponty, M. (2000).

Na medida em que o ser experimenta uma relação entre o que está posto aí no mundo e aquilo que visa pela ação, constituía-se um esquema corporal. Assim, faz sentido dizer que temos um hábito ou hábitos que “está adquirido quando ele se deixou penetrar por uma significação nova, quando assimilou a si um novo núcleo significativo” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 203).

[...] o corpo, como esquema corporal, o corpo estesiológico, a carne já nos deram a *Einfihlung*<sup>3</sup> do corpo com o ser percebido e com os outros corpos. Quer dizer que o corpo como poder de *Einfihlung* já é desejo, *libido*, projeção – introjeção, identificação – a estrutura estesiológica do corpo humano é, pois, uma estrutura libidinal, a percepção um modo de desejo, uma relação de ser e não de conhecimento. [...] Qual é o Eu do desejo? É evidentemente o corpo (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 272, grifo do autor).

O circuito que se forma entre o corpo, outrem e as coisas liga-se ao tema da condição diacrítica da posição do corpo no mundo. Ela liga-se também ao princípio da reversibilidade, à “metamorfose do vidente e do visível, que é a definição da nossa carne”, segundo Merleau-Ponty (1960/2013).

Merleau-Ponty expõe o conceito de esquema corporal como “uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 196) ou a qualquer outro movimento.

O esquema corporal é norma no sentido diacrítico do termo, “como zero de variação” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 131), assim, ele é o fundo, o nível em relação ao qual os objetos de ação se definem, e, nesta medida, ele não pode ser caracterizado nem como algo que ocuparia um lugar objetivo no espaço, nem tampouco como uma ideia normativa. A análise merleau-pontyana (1953/2011) acerca das implicações desta concepção traz consigo a afirmação do caráter pré-objetivo do esquema corporal. Para Merleau-Ponty, (1953/2011), esta análise destaca o propósito do esquema corporal em que a unidade do esquema corporal “é aquela de uma práxis” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 138), de uma potência motora.

O filósofo fez o seguinte comentário: “Portanto o esquema corporal não é percebido – Ele é norma ou posição privilegiada em oposição à qual se define o corpo percebido. Ele é anterior à percepção explícita – Ele exige reforma da nossa noção de consciência” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 143). O esquema corporal é uma iminência, de modo que a consciência que temos dele é, com efeito, a de uma “variação em relação às normas” (1953/2011, p. 139).

Não se trata, portanto, de afirmar que a percepção que temos do nosso corpo é confusa, mas de tratá-lo como “o mediador de uma relação aqui-lá”, aponta Merleau-Ponty

(1953/2011, p. 142). Dizer que a unidade do esquema corporal é lateral significa, pois, que ela é aberta, que ela é a unidade de uma coexistência com as coisas e com outrem.

Portanto, o elemento de tensão do esquema corporal é justamente o movimento do corpo, ou, mais precisamente, a sua orientação para as tarefas. Daí a afirmação de que o esquema corporal é a “unidade de uma ação sobre o mundo, de uma práxis” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 140). Segundo Merleau-Ponty (1953/2011), é através do movimento que se opera “a junção do mundo sensível e do mundo da expressão” (p. 149).

O filósofo esclareceu esta relação ao tratar do movimento a partir da lógica diacrítica da percepção, de modo a afirmar que “o movimento se metamorfoseia em expressão” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 164). Trata-se, pois, para o filósofo, de abordar, a partir do esquema corporal, do movimento que o anima e da percepção, “formas pré-linguísticas de expressão” (IDEM, p. 165). Vimos anteriormente que o signo perceptivo, em uma concepção diacrítica, emerge de “diferenças sem termos, de variações em relação a um nível que, ele mesmo, não é *objeto*” (IBIDEM, p. 203, grifo do autor).

O esquema corporal não é objeto de percepção, mas é o fundo sustenta o processo de variação em movimento. A partir da interrogação da relação entre a práxis, a gnose e a fala, Merleau-Ponty (1953/2011) discutiu a função expressiva do esquema corporal. A dissociação da práxis e do esquema corporal altera justamente a “presença prática do mundo a nós” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 144), afirmou o filósofo. Malgrado a definição intelectual da tarefa a ser executada, não se desperta uma “organização práxica” (IDEM) que a realize.

Merleau-Ponty (1953/2011) apontou: “o corpo me *diz* porque as coisas lhe *dizem* – sua intencionalidade e minha residência nele são sinônimos” (p. 152, grifos do autor). Não por acaso, o filósofo fala da relação entre esquema corporal e linguagem, entre *phasie* e *praxie*. Merleau-Ponty mencionou, por exemplo, a perda da articulação interna do esquema corporal durante o sono. Para ele, enquanto dormimos a linguagem é desarticulada juntamente com o apagamento dos membros do corpo. Logo, “Esquema corporal é abertura a um *mundo* por motricidade. Mas também relação com outrem, linguagem, pensamento. Portanto ao menos esboçar esta dialética movimento – gesto – linguagem, onde movimento torna-se expressão” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 158, grifo do autor).

De acordo com Merleau-Ponty (1953/2011), uma compreensão total do esquema corporal não diz respeito apenas à relação do sujeito consigo mesmo, mas à sua relação com outrem. Comenta o fato de que patologias do esquema corporal frequentemente se manifestam em dissociações da relação eu-outrem.

Aponta, também, a acentuação afetiva do esquema corporal que se expressa, por exemplo, na predominância de certas regiões do corpo, como a zona bucal, na imagem do nosso corpo. Segundo o filósofo, trata-se da “instalação em mim de uma relação com outrem” (IDEM, p. 159).

Esse movimento da corporeidade que se torna significativo para a compressão da experiência do ser no mundo implica o distanciamento das explicações reducionistas, uma vez que a filosofia merleau-pontyana tem fundamentos no modo pelo qual o ser de forma sensível efetiva-se no mundo, embora não seja também redutível a dados do sensível separado do sentido do sensível vivido.

O processo de compreensão do vivido implica numa forma de descrição do fenômeno em sua existência e esse movimento resgata um sentido do irrefletido e que na experiência da corporeidade se torna extremamente significativa.

O interesse de Merleau-Ponty em descrever o comportamento estava interligado às possibilidades que o comportamento como dimensão da corporeidade oferece uma compreensão do mundo humano sem estar preso a reduções mecanicistas e psíquicas e desvela a unidade fundamental do mundo como mundo sensível.

A experiência do corpo revela uma existência ambígua, não é causalista como no biologismo ou naturalismo, pois as funções corporais são retomadas no drama único da existência. Assim, o corpo não é objeto, nem poderia ser. Pela mesma razão, a consciência não é pensamento. O que se apresenta é sempre outra coisa além do que é, sem fechamento.

Portanto, não se pode conceber um corpo como sendo um conjunto de órgãos quando já se entende a fenomenologia como rede de intencionalidades e pólo de significações, dessa forma, o corpo fenomênico, que está voltado sobre o mundo e o qual não cessa de referir-se, é habitado pela consciência, em todo esse processo.

Um ser de percepção pode ser reconhecido no outro que partilha com o ser os mesmos sensíveis. Deste modo, perceber implica, intrinsecamente, perceber-se como ser percebido. O conceito de “corpo vivente” ou “corpo vivido” equivaleria a uma forma de se estar no mundo em relação com os outros e com as coisas.

#### 3.1.4 O conceito de Mundo Vivido

O mundo vivido é um tema constante na obra de Merleau-Ponty. Para o filósofo a experiência de existir, isto é, a experiência do ser no mundo sempre situa questões entre o sujeito e o mundo. Assim, a vivência corpórea ocupa um espaço privilegiado ao longo das

escritas de Merleau-Ponty que destaca que a experiência do corpo como um acontecimento do ser no mundo e o movimento da vida na condição humana se realiza de forma a atribuir sentidos diversos de existência.

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem o qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 3).

O mundo vivido é sempre um mundo percebido de acesso ao ser e ao mesmo tempo em constante mostrar-se que retoma o sentido de existência, ou seja, como o mostrar das coisas e das relações possibilitam a compreensão dos seus significados. Merleau-Ponty (1945/2011) postula que somente no meio do mundo é que ocorre a experiência de existir, tendo em vista que o ser existe no corpo, desde o nascimento e ao longo de toda a existência está sempre situado em algum lugar em meio aos instrumentos e utensílios e como presença ou ausência para o outro, ou seja, sempre está inscrito no mundo.

Um contato inaugural com o mundo marca o corpo em sua dimensão sensível por meio de nossa capacidade de sentir e de nos mover no mundo. Desde o nascimento, o ser se encontra no mundo com um conjunto de percepções, gestos e constituição psicofísica que não foi constituído e nem escolhido pelo ser, mas que lhe foram dados e formam o terreno natural sob o qual se fundamenta todo o seu eu.

Somente a ação pode modificar o mundo que está aí dado, anteriormente à qualquer descrição que possa ser feita dele. A ação se contextualiza no espaço físico, no fundo de mundo, no caso, o objeto, encontrando como figura a própria ação que o corpo realiza na espacialidade do mundo (fundo).

O chamamento do mundo no qual e do qual o ser é solicitado refere-se ao pontual conceito de Heidegger (1927/1989) de ‘ser-aí’, em situação (*Dasein*), convoca o ser a escolher e disto não há saída a não ser a liberdade em escolher.

Para Heidegger (1927/1989), o ser nasce ‘do’ mundo e com isso é solicitado e o ser nasce ‘no’ mundo, o que significa que o ser está aberto a uma infinidade de possíveis, à liberdade. O ser existe, portanto, sob duas relações nas quais não há determinismo nem escolha absoluta.

Na análise de Merleau-Ponty, é a liberdade algo natural, espontâneo e não hostil que emerge do fato da inserção da pessoa ao mundo, ao passo que para Sartre o homem é fadado a ser livre, pois há uma luta angustiante na escolha.

O homem constrói estruturas econômicas, políticas, linguísticas, relacionais, além de poder sempre ultrapassá-las ou modificá-las, sua capacidade de criar, compreender, transcender, comportar-se consiste uma das maiores riquezas do homem, riquezas são acrescidas e desenvolvidas nas relações intersubjetivas.

Merleau-Ponty explicitou a inerência do sujeito a um mundo social a pessoa se encontra situada num universo de utensílios, de hábitos e de ideias que ela não constitui desde o nascimento e que formam o horizonte da sua atividade prática e cognoscitiva e este social existe como solicitação e condicionamento mesmo antes de ser acolhido numa percepção explícita ou qualquer juízo. “A civilização da qual eu participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela fornece... O mundo cultural é agora ambíguo, mas ele já está presente. Há ali uma sociedade a conhecer” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 465, 466).

### 3.1.5 O conceito de Intercorporeidade

Implicitamente, cada objeto emite uma atmosfera de humanidade, isto é, apresenta a marca da ação humana na sua constituição que às vezes pode passar despercebida. “diante dos vestígios de uma civilização desaparecida, concebo por analogia a espécie de homem que ali viveu” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 466).

São os comportamentos que têm interferência efetiva na natureza, formando um mundo cultural, humano, pessoal, um dos indícios da existência do outro, além da sua corporeidade. Há, ao redor do homem, o mundo cultural que refletido pela ação humana, pois o homem não vive somente num mundo físico. Uma atmosfera de humanidade é emitida por cada objeto do mundo cultural. Daí que “no objeto cultural, eu sinto, sob o véu de anonimato, a presença próxima de outrem” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 466).

No entanto, somente a constituição do outro não evidencia completamente uma sociedade, tendo em vista que ela é formada pela coexistência de um número indefinido de consciências e não somente de algumas.

A consciência é encarnada e o objeto se comunica com a história pessoal do sujeito que percebe, portanto, há coexistência entre sujeito e objeto a partir de uma comunicação autêntica. Merleau-Ponty supera o dualismo sartreano do “em-si” e do “para-si” por meio da



percepção, uma vez que o percebido é uma realidade para o ser na experiência perceptiva que rechaça o prejuízo do mundo em si e que capta o surgimento do sentido.

Nas palavras de Merleau-Ponty (1945/2011, p. 290):

... o espetáculo percebido não é ser puro. Tomado exatamente tal como o vejo, ele é um momento de minha história individual e, como a sensação é uma reconstituição, ela supõe em mim os sedimentos de uma consciência prévia, eu sou, enquanto sujeito que sente, inteiramente pleno de poderes naturais dos quais sou o primeiro a me espantar.

O ser percebe o outro através da realização de movimentos que o outro faz e que afetam o seu “ser-no-mundo”, com comportamento que fazem referência a um âmbito cultural sem perder sua própria individualidade, tornando o ser comprometido a dar respostas, tendo em vista que se entende o ser enquanto existência anônima e pré-pessoal e como sujeito da percepção torna viável a comunicação e a inter-relação com o outro. Os indivíduos podem se comunicar sem fabricarem a individualidade do outro e sem perderem sua individualidade, pois, acredita-se que o outro não é algo constituído pelo ser, e que não há possibilidade de anulação ou redução do outro nas relações de intersubjetividade.

O “outro” não é um objeto para o ser, o outro não é um ser puramente em-si também não é algo absoluto e prévio, mas o ser o descobre a partir da sua existência, afinal, são igualmente o “outro” e o ser dois sujeitos que se referem a um mesmo mundo, no qual permanentemente se faz presente a coexistência. Através do corpo do ser, expressa um halo existencial do mesmo modo que o “outro” em virtude de seu corpo fenomênico se abre e se insinua um “algo” portador de uma existência que entro em relação com o ser.

Mas exatamente, segundo afirma Merleau-Ponty (1945/2011, p. 474):

Sinto meu corpo como potência de algumas condutas e de certo mundo, sou dado a mim mesmo com um certo poder sobre o mundo; ora, é justamente meu corpo que percebe o corpo de outro, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima, da qual o meu corpo é a cada momento o rastro, habita esses dois corpos ao mesmo tempo.

Outra questão que se coloca é como pode existir um outro que não seja o próprio ser se esse outro está oculto no mundo do impessoal, isto é, como o ser assume no mundo cultural a forma do impessoal. Para que o ser aceite o outro é preciso que o ser alguma maneira compreenda o outro, pois, de acordo com Merleau-Ponty, a presença do outro é um fato para

o ser. Nunca podemos admitir uma autêntica percepção do outro se permanecemos na antinomia do em-si (objeto) e do para-si (sujeito). “Torna-se compreensível a percepção do outro se se supõe que a psicogênese começa por um estado no qual a criança ignora a si mesma e o outro enquanto diferentes” (Merleau-Ponty, 1984a, p. 37, 38).

Para Sartre, o autor de *O ser e o nada*, o corpo do outro é objetivado e petrificado ao cair sobre os olhos do outro, o qual o coisifica, convertendo-o em objeto de manipulação e Merleau-Ponty (1945/, p. 484) diverge dessa posição quando afirma:

Na realidade, o olhar de outrem só me transforma em objeto, e meu olhar só me transforma em objeto se nós dois nos retiramos para o fundo de nossa natureza presente, se nós dois olharmos de modo inumano, se cada um sente suas ações, não retomadas e compreendidas, mas observadas como as ações de um inseto.

Para Merleau-Ponty o olhar não coisifica nem distancia na comunicação, pois, a relação com o outro não se define em termos de comércio entre objetos. Dessa maneira, dá-se uma diferença básica de posições com Sartre:

Se lido com um desconhecido que ainda não disse uma só palavra, posso acreditar que ele vive em um outro mundo no qual minhas ações e meus pensamentos não são dignos de figurar. Mas que ele diga uma palavra ou apenas faça um gesto de impaciência, e ele já deixa de me transcender: então é esta a sua voz, são estes os seus pensamentos, eis portanto o domínio que eu acreditava inacessível. (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 484)

O olhar se manifesta na comunicação dos sujeitos e só pode ser encontrado por outro olhar. A comunicação acontece antes de sua realização efetiva na língua e não se pode expressar numa única definição o que se entende pelo olhar, rebelde a toda captação objetiva.

É devido ao fato de pensar, atuar, utilizar e assumir uma série de esquemas não físicos e que servem de orientação para o ser compreender o mundo que o torna capaz de compreender a ação humana dos sujeitos sobre um mundo que nunca se constitui e nunca acaba, pois está sempre em processo de construção e formação.

Diante do ser o outro seria um em-si (objeto) com suas próprias leis. E dessa maneira se colocaria a contradição: para ser percebido pelo ser, o outro teria que diferenciado do ser e pensado como consciência, e do ponto de vista objetivo isso seria impossível, pois a consciência é entendida como consciência constituinte que reduz o outro a algo impessoal e arbitrário, domesticável por uma outra consciência.

Cada comportamento do ser individual é tirado de uma dimensão privada e é inserido numa estrutura totalizante que o reveste de um sentido novo ou o desvia daquele

primitivamente intencionado pelo sujeito, originalmente, o social não existe na terceira pessoa, mas é experimentado numa subjetividade que o assume por conta própria e o reelabora a partir da especificidade da sua situação.

Portanto, o problema da intersubjetividade coloca-se no fato que cada gesto se manifesta na exterioridade e passa a fazer parte de um patrimônio comum em que a presença do outro se oferece sob um véu de anonimato. Concomitantemente, o movimento da intencionalidade subjetividade constitui um mundo cultural à medida que vai impregnando de significados antropológicos o mundo natural. “Enquanto percebo, e mesmo sem nenhum conhecimento das condições orgânicas de minha percepção, tenho consciência de integrar consciências sonhadoras e dispersas” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 465).

Merleau-Ponty recupera um pensamento que examina o contato constante e inter-relacional das coisas, da vida, da cultura, que expressa e suscita sentidos diversos, testemunhando e interrogando de forma recíproca a corporeidade. Tomar por esse viés o sentido da corporeidade é também considerar a própria situação humana em seus modos de expressividade, de tal forma que ela possa trazer o sentido do vivido do próprio homem em seus contextos de existência. A experiência do homem no mundo é, nesse viés, também uma experiência de corporeidade.

Na concepção de corporeidade de Merleau-Ponty, a percepção de outra pessoa se dá no envolvimento da coexistência e apreensão de determinada intenção dela e não da mesma maneira que se dá a percepção de objetos físicos.

Nem pura consciência, nem pura existência, mas consciência na existência; uma realização ambígua característica do ser no mundo, que é também expressão de intersubjetividade, de pensamento em ação. Revela-se em ato e ao mesmo tempo possibilita o reconhecimento da especificidade. É redutível ao fenômeno, mas em uma trajetória de abertura, que interroga. Uma redução às essências na existência. Assim, o sentido de essência do mundo significa alcançar o que de fato o mundo é enquanto efetiva-se como mundo, e esse é um movimento que, conforme Merleau-Ponty, só pode ser reconhecido em um procedimento anterior a qualquer reflexão.

Enfim, Merleau-Ponty arrematou: a intersubjetividade é intercorporeidade.

3.1.6 O conceito de membro fantasma e o estigma ou desaparecimento social da pessoas com deficiência

Merleau-Ponty (1953/2011) ocupou-se em explicar como o amputado ainda sente o membro amputado a partir do conceito de membro fantasma para demonstrar que este fenômeno desvela a corporeidade como unidade vivida e destinada ao contato do espaço, problema frequente em pessoas que tiveram partes de seus corpos amputados, pois, um membro pode continuar fazendo parte do corpo mesmo objetivamente ausente. Isso porque há uma “continuação da atividade total” (Merleau-Ponty, 1953/2011, p. 137) do corpo.

Na obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945/2011) sugeriu que por detrás do fenômeno do membro fantasma vislumbramos o “movimento de ser no mundo” (p. 93) e cita como exemplo o braço fantasma, em que a pessoa sente o braço ausente como sinal de que “o corpo é o veículo do ser-no-mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente nele” (p. 93).

Os membros corporais marcam vagamente a sua presença no corpo e estão à disposição como uma potência total e para colocá-lo em movimento não se faz necessária uma nítida percepção do corpo, afinal o amputado conta com o membro fantasma da mesma forma que o ser ido como normal conta com os membros do seu corpo, pois, a relação pré-objetiva do ser com o mundo independente de estímulos interoceptivos, proprioceptivos ou exteroceptivos porque possui uma consistência própria.

Conforme as indicações de Merleau-Ponty (1953/2011), cumpre salientar a relação entre o membro fantasma e a atividade corporal. Com efeito, Merleau-Ponty (1945-2011) afirma que aquém dos estímulos sensíveis, “é preciso reconhecer um tipo de diafragma interior que, muito mais do que eles, determina que nossos reflexos e nossas percepções poderão visar no mundo, a zona de nossas operações possíveis, a amplidão de nossa vida” (p.95).

Merleau-Ponty (1945-2011) apontou a diferença entre o um corpo habitual e um corpo atual em que o amputado sente o membro fantasma porque a situação mundana aberta exige-lhe uma ação do membro que não mais existe, isto é, o corpo passado, e que não mais corresponde ao corpo atual, mutilado e não somente porque ele conserva a significação corpórea sedimentada e constituinte do seu corpo habitual. Dessa forma, ocorre a reorganização da significação do corpo em um processo no qual o corpo atual (mutilado) vai se tornando o corpo habitual à medida que se dá a relação com o mundo.

O fenômeno de substituição do membro fantasma ultrapassa os movimentos reflexos circunscritas a uma “causalidade em terceira pessoa”, e depende, muito mais, da “história

peçoal do doente, de suas recordações, de suas emoções ou de suas vontades” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 91)

Através desse fenômeno, o que encontramos é o movimento do ser no mundo, a motricidade como intencionalidade originária, ou um comportamento, para aquém dos estímulos sensíveis.

Merleau-Ponty (1945-2011) destacou ainda que os pés e as mãos teriam uma importância clínica no caso de amputações devido uma maior expressão aumentada na constituição da imagem postural do corpo, no que concerne às mãos, estas estabelecem os contatos mais diversos com os objetos, sendo assim, as mãos e os pés fantasmas são mais persistentes, apresentando maior resistência ao desaparecimento, trata-se das partes do nosso corpo que mantém relações mais estreitas com o mundo exterior.

No que se refere a conceitos cristalizados de normalidade e de deficiência, há certa ambiguidade nas sociedades ocidentais de que a condição do deficiente físico é diversa dos transtornos biológico-existenciais.

A experiência não é determinada por uma doença ou uma grande decepção que modifica o corpo, por isso tanto a pessoa com deficiência quanto a pessoa considerada normal estão à mercê da impessoalidade da existência ao mesmo tempo em que a afetividade e o saber implicam na sua história pessoal.

E apresenta-se o questionamento: o que muda no caso da pessoa que adquire uma deficiência? De acordo com Merleau-Ponty (1945-2011), entre pessoas que adquirem uma incapacidade física e aquelas que já nascem com essa incapacidade há certamente diferenças por demais significantes.

A pessoa com uma deficiência se relaciona com as outras pessoas, vive suas experiências com os instrumentos/utensílios e numa condição corporal diferente da sua condição anterior, por isso, constituiu um esquema corporal durante toda a sua vida, isto é, um conjunto de significações encarnadas no seu próprio corpo. Assim, estas mesmas significações serão re-construídas a partir da sua condição corporal atual e suas atuais possibilidades de agir no mundo.

A pessoa com deficiência física é constantemente excluída e está fadada ao desaparecimento social quando lhe é negada as condições adequadas para sua participação na coletividade, em grande parte, isso ocorre pelas dificuldades de locomoção por conta da infraestrutura urbana que não está adaptada às suas necessidades, mesmo havendo uma exigência que seja tratada como uma pessoa normal.

O estigma ou o desaparecimento social, em geral, estão presentes na condição de deficiente. O mundo está dado apresenta-se com obstáculos aos deficientes, ou seja, aquelas calçadas altas e rampas inadequadas exatamente como são. Assim, um corpo deficiente se lança no mundo organizado para a pessoa considerada normal. Contudo, fará parte da expressão da liberdade do deficiente viver as dificuldades de locomoção como fracasso pessoal ou como desafio. Por conseguinte, buscar mudanças de alguns aspectos desse mundo pensado para “pessoas normais” envolve políticas públicas a fim de adotar uma visão crítica sobre a organização do próprio mundo como forma de proporcionar à pessoa com deficiência, com sua corporeidade específica, as condições necessárias e urgentes de inserção nos espaços coletivos, de relação com os outros e de um futuro de realizações. Logo, buscar compreender as tramas da existência histórica e pessoal irá viabilizar o entendimento da situação da pessoa com deficiência, a qual atua frente à realidade e de acordo com as possibilidades inscritas no mundo como forma de expressão da própria liberdade.

Pode-se verificar quais dificuldades estão efetivamente ligadas à deficiência no desvendar da biografia e que dificuldades estão relacionadas a outras nuances de vida como pessoa com deficiência. Para tanto, é necessário considerar o contexto antropológico em que o preconceito pode ser vivido; o apoio oferecido pela rede sociológica da pessoa com uma deficiência; e a biografia da pessoa com a deficiência. Continuar a viver é ainda lançar-se para um futuro de uma forma nova, onde a própria pessoa faz a sua escolha.

É o corpo que pensa, que imagina, que se emociona e somente em atos se dão os fenômenos psíquicos como pensar, emocionar-se e imaginar-se. Dessa maneira, a deficiência também é uma maneira de ser no mundo.

## 4 MARCO TEÓRICO – TERCEIRA PARTE

### 4.1 A Ciência da Motricidade Humana e a Ciência do Desporto: Fenomenologia, Complexidade e Materialismo Histórico Dialético Marxista

#### 4.1.1 A Tradição Dualista: a concepção do cartesianismo histórico do corpo máquina dividido em “mente e corpo”

Ao longo da História, o corpo foi inferiorizado a partir de quando se dividiu o ser humano em mente e corpo. Essa forma de compreender o corpo teve início quando Platão concebeu ontologicamente o homem como aquele que pertence ao mundo sensível/material, portanto, imperfeito, do qual faz parte a natureza e o corpo, e o mundo das ideias, o qual é tido como perfeito, alocado na mente (GALLO, 2006).

A separação corpo e mente se fortaleceu na modernidade a partir do momento em que Descartes (1983) preconizou a dualidade psicofísica entre matéria, que é o corpo (ou coisa extensa – *res extensa*) e o espírito, que é alma (ou coisa pensante – *res cogitans*), em seus estudos sobre a racionalidade humana e reforçou a dicotomia entre o mundo material e o espiritual (CARBINATTO; MOREIRA, 2006). De acordo com Pereira (2011), essa separação prejudicou as relações comunicativas e interativas entre o sujeito e o objeto, entre o sensível e o inteligível, entre os saberes teóricos e os fazeres práticos.

O próprio Descartes, ao comparar o corpo à máquina, dividiu o corpo em partes comparando-o a um relógio que precisa de consertos ao parar de funcionar (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016) e dessa maneira definiu os caminhos da ciência moderna que nasceu e se desenvolveu sendo mecanicista. Assim, o mundo passou a ser compreendido como uma grande máquina des-espiritualizada, seguindo leis inalteráveis que deverão ser pesquisadas pelos especialistas dos vários ramos do saber a fim de manipulá-las a seu bel-prazer (SÉRGIO, 2012, p. 110- 111). E, nesta concepção, Deus é o onipotente criador, o divino engenheiro de um universo que, matematicamente, pode ser estudado (SÉRGIO & LEMOS, 2019).

Logo, nosso corpo passou a ser compreendido como uma máquina destituída de sensibilidade, de consciência de seus movimentos, como um relógio que não pensa e não sente, devendo apenas ser consertado se parar de funcionar (CAPRA, 1982; MORIN, 2000; NOVAES, 2003), desrespeitando seu próprio ritmo para se adequar a um ritmo que lhe é

imposto (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016) e, como se de máquina fosse, a saúde depende do funcionamento do corpo (LA METTRIE, 1982).

Segundo De Masi (2000, p.19), “estamos habituados a desempenhar funções repetitivas como se fôssemos máquinas e é necessário um grande esforço para aprender uma atividade criativa, digna de um ser humano”. Como se percebe, concebe-se o corpo-instrumento a partir de uma antropologia dualista que defende a dicotomia corpo-mente, sentimentos-consciência, natureza-cultura que fundamentou a educação física até meados do século XX (SÉRGIO & LEMOS, 2019).

Com esse paradigma, não damos conta também de pensar nossas ações a longo prazo e não damos conta de pensar o todo, pois, nossas ações em relação ao meio ambiente acabam fragmentadas e reducionistas, tendo em vista que as pessoas pensam, conhecem e agem modificando seu meio ambiente de acordo com os paradigmas inscritos nelas (GUIMARÃES, 2006).

Não nos percebíamos como seres corporais porque estamos aprisionados à tradição dualista e a nossa essência humana ainda era guiada pelo “cogito cartesiano do “eu pensante”, como se fôssemos todos zumbis inteligentes a vagar pelo mundo [...]”. (NÓBREGA, 2004a, p. 82). Nós mesmos não ouvimos, não compreendemos o que corpo fala e o que a sua fala nos diz, talvez pelo motivo de que somente entendemos a linguagem racional e lógica dos conceitos abstratos que falam ao geral, mas não nos diz muito. Consequentemente, vivemos num processo em que ora o nosso corpo é aprisionado, ora liberado.

Nesse contexto, apareceu a Educação Física como um produto do racionalismo cartesiano e destinava-se ao que é puramente material e mecânico no ser humano “e portanto só analisável, matemática e experimentalmente” (SÉRGIO, 2012, p. 75). O termo Educação Física surgiu no século XVIII defendido pelo médico suíço Ballesxerd, segundo o historiador Michel Foucault em sua obra da Microfísica do Poder.

De acordo com Jacques Ulmann (de la Gymnastique aux Sports Modernes) foi no racionalista-empirista John Locke que o termo foi cunhado, pela primeira vez, precisamente no seu livro “Alguns Pensamentos Sobre A Educação”. Entretanto, nasce um movimento de tentativa de superação do cartesianismo histórico (MOREIRA & CAMPOS, 2017) com a teoria da complexidade, a qual destaca que:

O homem é um ser complexo, por isso, a nossa teoria do conhecimento há de ter em conta a complexidade humana, visível também na motricidade. Não nos é mais possível continuar a sublinhar o físico ou o motor mecanicista, em detrimento da complexidade que emerge da motricidade humana. Não mais estudar tão só o



movimento do homem, mas principalmente o homem em movimento. (TOJAL, 1994, p. 183).

De Masi (2000) afirma que a falta de movimento nos tornará cada vez mais sedentários na sociedade pós-industrial, o que leva rapidamente à obesidade no que diz respeito ao nosso corpo, pois precipitamo-nos na direção da afisicidade, isto é, a tecnologia permite a possibilidade da inatividade corporal levando, conseqüentemente a um corpo passivo, escasso de “vivências diretas e afetado pela pobreza simbólica”. (MOREIRA & NISTA-PICCOLO, 2012d, p. 42)

Quando se sustenta a concepção de que o corpo é somente a forma física e que deve ser tratado e cuidado enquanto objeto, reduz-se a possibilidade de compreender o sujeito em sua integralidade. Assim, “[...] caminhamos rapidamente para uma sociedade de corpos indiferentes, onde a máxima preocupação é com a própria sobrevivência” (MOREIRA, 1995, p. 25). Além de ser compreendido de forma dicotômica, ainda se deveria disciplinar o corpo. Acerca disso, Foucault (2010, p. 29) denuncia que o investimento no corpo só se dá pelas questões políticas de poder e de controle:

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalho, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; [...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.

O homem hodierno, ou seja, o homem da Sociedade de Informação ainda encontra-se envolto pelos conceitos básicos do cartesianismo, aqui e além deste eterno presente, com as diversas manifestações de “culto ao corpo” de ações destinadas aos cuidados corporais que podem ser identificado nas cirurgias plásticas e em malhações em academias em que constantemente somos impelidos a buscar vida saudável, a cuidar do corpo, porém, esses cuidados ainda estão atrelados a ideia de corpo objeto, o qual tem que ser melhorado, moldado, consumido, formatado num padrão estético de perfeição (MOREIRA, DE CAMPOS & VINICIUS, 2017).

O dualismo sujeito-objeto, o dualismo corpo-espírito entregou ao homem hodierno a superespecialização que se desvincula de uma visão do todo. Ao homem da Sociedade de Informação chegam a ideia de um corpo dividido, em migalhas, fragmentado, como é possível perceber no modelo biomédico que analisa a doença em termos reducionistas e “[...] o homem ocidental habituou-se a um conhecimento altamente formalizado que imprimiu um carácter

distintivo ao seu pensamento e o levou a um certo conformismo intelectual” (SÉRGIO, 1999, p. 187).

Enquanto livre de manipulações, o homem prático é capaz de se opor conscientemente e de tomar decisões, pois há abertura para atitudes autônomas e éticas e somente é dessa forma se pode garantir a plenitude do exercício da cidadania (SOUZA, 2012). De acordo com Rouanet, “ser autônomo significa libertar-se de todos os vínculos de subordinação, sagrados ou humanos” (2003, p. 41). Assim sendo, encontramos, mais uma vez, a necessidade de associar o sentido de intencionalidade ao movimento, enquanto existencialidade corpórea no tempo e no espaço e que já deveria constar nas escolas a educação formal dessa concepção (DE MASI, 2000), isto é, a concepção de corporeidade, em superação ao entendimento de corpo mecanizado, uma vez que a não separação do paradigma mecanicista leva-nos a olhar o corpo de fora, como mais um objeto a ser analisada, alheia a paixão humana que necessária a constituição de corporeidade. Por isso, se faz tão importante a passagem, do entendimento de corpo para o de corporeidade na educação escolar (MOREIRA, DE CAMPOS & VINICIUS, 2017).

Nesse movimento de ruptura paradigmática, a Motricidade Humana surge alterando consistentemente a forma de compreender os fenômenos, transformando a ideia de corpo máquina em corpo existência. Nessa nova concepção, “a corporeidade surge para edificar um homem sentido, um homem intenção que contextualizado analisa, reflete, constrói em processo dialógico com a cultura”. (PRISTA, 2017, p. 28), podemos ter decisões metodológicas decorrentes dos mais variados problemas formulados para as pesquisas já que o fenômeno da *Motricidade* se situa em várias vertentes (PEREIRA, 2011).

#### 4.1.2 A Motricidade Humana: a proposta de conceito de corporeidade de Merleau-Ponty enquanto oposição à perspectiva mecanicista da filosofia

Foi Manuel Sérgio Vieira e Cunha, filósofo, professor, educador, ativista e político português nascido em 20 de Abril de 1933 o grande arquiteto do trabalho sobre Motricidade Humana para a área da Educação Física (MOREIRA, CAMPOS & SIMÕES, 2019). Professor de cursos universitários de motricidade humana e de esportes, vem lecionando “Filosofia do esporte” e “Epistemologia da Motricidade Humana” desde 1968 (BUENO & FILHO, 2018), sendo apontado como um grande pensador e está presente em vários trabalhos.

Apropriando-se dos escritos fenomenológicos de Merleau-Ponty e assumindo a relevância da percepção para a compreensão da Motricidade e da Corporeidade, Manuel Sérgio (1996) diz que uma relação dinâmica entre desenvolvimento humano e Corporeidade é propiciada pela Motricidade.

Merleau-Ponty (2011) criticou a objetividade da ciência esclarecendo que somente o ser do corpo pode compreender as suas funções, dado que no corpo habita o ser, seus órgãos, seus sentidos, suas relações, suas ideias e seus sentimentos, tudo isso se expressando numa unidade em vivências da corporeidade de mundo natural e no mundo cultural, cenário onde o corpo sujeito se manifesta como autor de sua cultura e ator de sua história (MOREIRA, 2012).

Merleau-Ponty cunhou a partir da Fenomenologia o conceito de corporeidade que significa a existencialidade explícita de um ser que reflete o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de ressignificar tudo aquilo que vê. O sentido de Corporeidade centra concentra sua atenção na busca de identificar os seres que se mostram na vida.

Deve-se compreender de todas as maneiras ao mesmo tempo, tudo tem um sentido, nós reencontramos sob todos os aspectos a mesma estrutura de ser. Todas essas visões são verdadeiras, sob a condição de que não as isolemos, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explicita em cada perspectiva. É verdade, como diz Marx, que a história não anda com a cabeça, mas também é verdade que ela não pensa com os pés. Ou, antes, nós não devemos nos ocupar-nos nem de sua “cabeça”, nem de seus “pés”, mas de seu corpo (MERLEAU-PONTY, M., 2011, p.92).

A corporeidade pode ser simplificada ou minimizada, pois ela “[...] não é um objeto específico de estudo de alguma área de conhecimento científico [...] é mais que um conceito, é uma atitude perante a vida. É viver o próprio corpo na relação consigo mesmo, com as outras pessoas e com as coisas presentes no mundo” (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012c, p. 39).

Quando a relação corpo, movimento, motricidade, corporeidade é associada isso à consciência, conforme indicado por Merleau-Ponty (2011, p. 159) temos “[...] todo movimento é indissolúvelmente movimento e consciência do movimento”, levando-se em consideração que, para o autor, a consciência não é simplesmente um ato mental, mas um ato de alerta corporal.

O conceito de corporeidade foi trazido em oposição à perspectiva mecanicista da filosofia. Diferente do modelo matemático, Merleau-Ponty apresentou uma visão de corpo que nem é coisa, nem é ideia, mas:

o corpo associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à subjetividade, às relações com o outro, à poesia, ao sensível,

apresentando-se como um fenômeno enigmático e paradoxal, não se reduzindo à perspectiva de objeto, fragmento de mundo regido pelas leis de movimento da mecânica clássica, submetido a leis e estruturas matemáticas exatas e invariáveis (NÓBREGA, 2010, p.54).

No que diz respeito a compreensão do corpo humano, encontra-se a oposição à perspectiva mecanicista da filosofia, da educação e das ciências tradicionais. Nóbrega (2010, p.80) aponta que “o corpo não é coisa, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora”. Nessa perspectiva, a mente, a moral e a ética também são corpos, tendo em vista que “a mente não é uma entidade desencarnada; a mente não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo” (IDEM). Assim sendo, o que se tem é a intenção de propor um corpo ativo, dinâmico, mutável que se expressa e se manifesta em sua corporeidade em substituição de uma visão de um corpo estático (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016).

De forma indissociável a sua corporeidade do ser humano deve comunicar-se com o movimento e superar dualismos impostos sobre o corpo a partir de um olhar complexo (MOREIRA *et al.*, 2018) para a compreensão do ser humano em movimento, afinal, o humano se é bem mais do que a soma das partes, concentra, em si, o corpo, o espírito, o desejo, a natureza, e a sociedade, nele o determinismo se transforma numa gestação inapagável de desenvolvimento e liberdade (SÉRGIO, 2010).

A motricidade humana se corporiza em atos (ou ações) e é a energia para o movimento intencional da transcendência ou da superação, não há sujeito sem o anseio em ato, de superação visível no corpo. “O ser humano só o é, enquanto acto de superação ou de criação. O ser humano, enquanto ser sem acto é uma alienação” (SÉRGIO, 2012, p. 117).

Em suma, sem sentido, sem vínculo em relação a um objetivo final não há motricidade humana. Há no movimento intencional uma lógica mais complexa e mais ampla que não se pode, pois, investigar ao nível exclusivo das propriedades físicas e biomecânicas. “O movimento intencional é o sintoma de múltiplas ações e variados estímulos” (SÉRGIO, 1991, p. 99). A opção da transcendência é a lógica da motricidade humana, é, a passagem do determinismo à liberdade. O movimento entre o que se é e o que se quer ser é uma busca incessante à transcendência, no sentido de superação e reconhecimento da vida. Logo, a consciência da incompletude é condição indispensável de desenvolvimento humano e não sinal de deficiência (SÉRGIO, 2010).

O corpo é utópico e seus limites não têm fronteiras, por esse motivo, não deverá estudar-se o corpo em ato, isto é, a motricidade apenas a uma luz científico-natural porque tudo é híbrido, tudo é físico e metafísico.

A concepção da Motricidade Humana promove a passagem do *físico tão-só* à *complexidade humana*, assim, efetiva um corte epistemológico e uma ruptura abissal com a Educação Física ao considerar o movimento intencional da transcendência que faz emergir a essência e a existência da pessoa humana, “*ser-agente-encarnado* inserido no mundo” (PEREIRA, 2011, p.378).

Há a necessidade de transformação porque tudo está em movimento: o homem, a natureza, a sociedade e a história. O ser que o faz o movimento pode entender sentido com a ajuda da motricidade humana (BUENO & FILHO, 2018). Ademais, a Motricidade Humana não nega o físico, entretanto, ela demonstra que se faz necessário levar em consideração também o social, o político e tudo o que compõe a complexidade do humano, pois o ser humano é pensado como fazedor da sua própria história, sem excluir nenhuma de suas partes, e não mais como uma simples máquina (cartesiano), onde, de alguma maneira, todas essas partes, pode influenciá-lo no agir. Portanto, todas as estruturas as quais estão envolvidas em cada ação (IDEM) devem ser levadas em consideração. Resumidamente, motricidade é intencionalidade.

O Movimento tem que ser compreendido como elemento do desenvolvimento da vida, da aprendizagem, indispensável da evolução e os seres precisam ter de si, do outro e do mundo que os cerca a reflexão e o entendimento para que possam “aprender e incorporar as coisas nas mais diversas perspectivas” (MOREIRA *et al.*, 2006, p. 139).

O filósofo da ação, Maurice Blondel (1973, p. 7), enfatiza: “eu ajo, mesmo sem saber o que é a acção, sem ter desejado viver, sem conhecer ao certo nem quem sou, nem mesmo se sou”.

#### 4.1.3 A Ciência da Motricidade Humana: Fenomenologia, Complexidade e Materialismo Histórico Dialético Marxista

O conhecimento deve admitir que há contradições lógicas em seu interior a serem enfrentadas, deve saber contextualizar, daí sua característica de complexidade, como: “ordem também implica desordem; a ciência esclarece e cega; a civilização contém barbárie; a razão pura é desrazão: razão e paixão precisam uma da outra; o uno comporta sua multiplicidade,

que lhe é inerente” (MORIN, 2013, p.187). O conhecimento precisa ser concebido na íntima relação dialógica entre global e local, entre todo e partes.

Nosso modo de conhecimento fragmentado produz ignorâncias globais. Nosso modo de pensamento mutilado conduz as ações mutilantes. A isso, combinam-se as limitações 1) do reducionismo (que reduz o conhecimento das unidades complexas aos elementos supostamente simples que as constituem); 2) do binarismo, que decompõe tudo em verdadeiro/falso, ou seja, o que existe é parcialmente verdadeiro ou parcialmente falso ou simultaneamente verdadeiro e falso; 3) da causalidade linear, que ignora os circuitos retroativos; 4) do maniqueísmo, que não enxerga senão oposição entre bem e mal (MORIN, 2013, p.183 e 184).

A educação escolar é bem reflexo dessa preocupação de Edgar Morin (2013): “nossas vidas ficam diminuídas pelo excesso de prosa consagrada às tarefas obrigatórias, que não propiciam nenhuma satisfação, em detrimento da poesia da vida que desabrocha no amor, na amizade, na comunhão, no jogo” (p. 330). Ao se compartimentar os saberes devido às cegueiras de um modo de conhecimento, fragmentam-se os problemas globais e fundamentais que demandam de um conhecimento transdisciplinar (MOREIRA, DE CAMPOS & VINICIUS, 2017).

Apoderando-se da teoria da complexidade em especial em Morin, Moreira (*et al.*, 2006, p. 145), lembram-nos: “é necessário que se veja, no ser humano, suas características antagonistas, como sábio e louco, trabalhador e lúdico, empírico e imaginário, econômico e consumista, prosaico e poeta”. A lógica da máquina artificial nos invade e nos oprime quanto mais sentimos falta de uma dimensão interior, “quanto mais o mundo quantitativo de “sempre mais” nos infesta, mais aquilo que nos falta se torna uma necessidade: a paz da alma, o relaxamento, a reflexão, a busca de outra vida que responde ao que se encontra atormentado, sufocado em nosso interior” (MORIN, 2013, p.333 e 334).

Em sua obra, Morin (2013) indica a necessidade da mudança de rumo nas políticas da humanidade e as reformas do pensamento da vida, da sociedade e da educação. As reformas da vida não devem necessariamente subordinar a possibilidade de felicidade à quantidade de objetos a serem adquiridos ou mesmo consumidos (MOREIRA, DE CAMPOS & VINICIUS, 2017), mas à qualidade poética da vida. Para Morin (2013, p. 385): “a esperança foi ressuscitada no próprio coração da desesperança. A esperança não é sinônimo de ilusão. A verdadeira esperança sabe que não tem certeza, mas sabe que se pode traçar um caminho ao andar”. A reforma do conhecimento exige de todos a reforma do pensamento (MOREIRA, DE CAMPOS & VINICIUS, 2017).

Como forma de superar uma profunda confusão conceitual entre os termos motricidade e movimento, podemos afirmar que a essência da motricidade humana é o sentido, a significação, a intenção, e o movimento é a explicitação concreta da motricidade (IDEM). O corpo em ato, isto é, a motricidade humana é um espaço de signos e donde emergem a carne, o sangue, o desejo, o prazer, a paixão, a rebeldia, emoções e sentimentos do mais variado tipo (SÉRGIO, 2010). Segundo Sérgio (1999, p.23) “o movimento não é um suplemento que se acrescenta à coisa, mas um ingrediente do seu próprio estatuto ôntico”.

A motricidade é intencionalidade operante. “A motricidade humana ensina que o ser humano é fundamentalmente relação, no ato (ou no movimento intencional) da transcendência” (SÉRGIO, 2013, p. 78). Partindo do corpo próprio, a motricidade sublinha não haver significação que não se refira ao corpo, nem sentido que o corpo não realize e manifeste, e ainda que “a motricidade humana, partindo do estritamente corpóreo, alarga-se até à pesquisa da percepção, entendida esta como consciência de uma articulação corpo-mundo; mantém, assim, a regulação, a execução e a integração do comportamento e traduz a apropriação da cultura e da experiência” (TROVÃO DO ROSÁRIO, 2008, p. 43-44).

a Motricidade Humana também é a verdade da percepção, entendendo esse perceber com o sentido de tornar presente qualquer coisa com a ajuda do corpo, considerando que: “não estou diante do meu corpo, estou no meu corpo, sou o meu corpo” (SÉRGIO, 1986, p.11).

Enquanto vocação e provocação, a Motricidade Humana representa a intencionalidade operante do próprio indivíduo, visando alcançar seu absoluto na busca de superação de algo que lhe interessa (TOJAL, 2010, p.33). Em certo sentido, tanto o “ser” como o “ter” do desenvolvimento, o “ser”, porque supõe que quem se movimenta intencionalmente procura ser mais, e o “ter”, porque significa ter em mim, poder utilizar-me ou servir-me de, sendo assim, a Motricidade Humana garante o dinamismo revelador e comunicativo da conquista do mais ser, da criação de sentido, uma vez que a ninguém é possível 'ser' sem 'ter' (TOJAL, 2004, p. 154).

Entendida e considerada dessa forma, a Motricidade Humana supõe o desenvolvimento das estruturas componentes do sistema nervoso central; mantém a regulação, a execução e a integração do comportamento; traduz a apropriação da cultura e da experiência humana, conferindo, como intencionalidade operante, especial relevo ao projeto, ou seja, o ser não só de razão, mas também possuidor de imaginação.

A motricidade humana é também um processo dinâmico de aquisição do saber, pois são íntimas as relações entre pensamento e motricidade (SÉRGIO, 2010), esclarecida por

valores, em função do sentido que se pretende conferir ao ser humano e à sociedade, não se nega o físico, mas para a motricidade humana também há o social, o político e tudo que compõe a Complexidade Humana, ou seja, considerando as diferentes estruturas envolvidas em cada uma das ações, isto quer dizer: corpo / mente / desejo / natureza / sociedade em dialética íntima e constante, observando-se a experiência originária do sujeito através pela qual também emerge a história de suas condutas, uma vez que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe. A Motricidade Humana revela uma criatividade incomparável, específica de um ser agente e promotor de cultura e descerra um mundo de possibilidades por sua práxis (TOJAL, 2010).

A experiência originária é o essencial na motricidade humana. Dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe, na motricidade emerge a história das condutas motoras do sujeito, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida em que está todo o ser humano. Nasce uma ontologia nova da e na motricidade, onde o que mais importa é uma cumplicidade primordial com a própria ontogênese como ente que se faz e se renova quer individual, quer social e politicamente e não são somente as performances de ordem físico-desportiva (SÉRGIO, 1999).

Considera-se, portanto, que a Motricidade Humana, o sentido último da vida, é virtualidade para a ação de um ser que persegue a transcendência, e é mais visível este movimento intencional em direção ao ser no desporto, na dança, na ergonomia, na reabilitação, no yôga, nas lutas, nas artes marciais, na capoeira, e em outras atividades físicas (TOJAL, 2010).

O filósofo Manuel Sérgio (2010) insistiu na diferença metodológica entre ciências naturais e humanidades a partir do momento que ousou adiantar a existência da ciência da motricidade humana através de uma tese de doutoramento. Sem subterfúgios afirma Karl-Otto Apel (1992, p. 172): “existe uma diferença de interesse cognitivo entre as ciências naturais típicas (que estão interessadas em explicação causal, nomológica ou estatística) e as ciências hermenêuticas, as humanidades”. Dessa forma, as ciências humanas não de ser ciências críticas.

O ser humano que é uma complexidade, e não apenas físico, mas simultaneamente corpo-mente-desejo-natureza-sociedade, portanto, parte-se daí para a criação de uma ciência nova (SÉRGIO, 2010).

Influenciado por Edgar Morin (2002 e 2004), Manuel Sérgio, precursor da Ciência da Motricidade Humana, sugeriu o *método integrativo* ao percebeu a complexidade da rede de interações que compõe o humano e passou a considerar o caráter multi-dimensional de tudo o



que existe e de tudo aquilo que é tecido em conjunto. O *método integrativo* é fruto da convergência de métodos díspares, como o método histórico, o método biológico, o método fenomenológico, o método sociológico, o método psicológico e o psicanalítico, o método dialético e o método estrutural (SÉRGIO, 2003).

Manuel Sérgio (1986) representa e defende a Motricidade Humana como a vocação humana de abertura do homem aos outros e ao mundo, como pro-vocação, tendo o sentido de libertá-lo da solidão, para inseri-lo no plano da convivência. Portanto, A Motricidade Humana que Manuel Sergio e outros autores advogam representa a corporeidade do ser humano (TOJAL, 2010), isto é, uma nova Ciência que estuda o movimento humano intencional, espontâneo, livre e desinteressado, que permite a transcendência, constituindo-se pela percepção, tomada de consciência, expressão através do movimento que possibilita a busca da superação, se preocupando dessa forma com o indivíduo na sua integralidade/complexidade.

A autora Feitosa (1993, p. 161) aponta que Manuel Sérgio defende a possibilidade de um *método integrativo* para a Motricidade Humana devido a complexidade dos fenômenos humanos “[...] para cuja compreensão são necessários os recursos de todos os métodos existentes, reconhecendo-os ainda insuficientes para a difícil tarefa”. Feitosa (1993) aduz ainda que o método integrativo é um espaço de abertura para o aproveitamento de todas as vertentes metodológicas existentes e possíveis e é convergente com a ideia de *transgressão metodológica* proposta por Boaventura de Sousa Santos (2003), *ou seja, o método integrativo* “é que uma abordagem da complexidade exige o conhecimento da totalidade, ou seja, apela a todos os métodos envolvidos numa investigação e, por isso, à análise e à síntese” (SÉRGIO, 2003, p. 48).

A motricidade radicalmente revela o conhecimento como uma relação entre a razão e a vida, entre o corpo e o mundo e não somente um puro exercício da razão. Para Manuel Sérgio (1994a e 1994b), os fatores culturais, os religiosos, os científicos, os morais, entre outros, estrutura o complexo social e não é somente determinado pelos fatores econômicos e políticos. A noção de práxis apresentada pelo filósofo Manuel Sérgio se fundamenta em uma antropologia que considera o ser-no-mundo e compreende-o no sentido da existência concreta para além da apropriação dessa categoria marxista, tendo o sujeito-encarnado manifesto na experiência objetiva, subjetiva e intersubjetiva do ser em todos os momentos e em todos os aspectos complexos da vida (PEREIRA, 2011, p.380 e 381).

Sugerida e defendida por Manuel Sérgio (1996), a Ciência da Motricidade Humana tenta resolver os problemas ontológicos, epistemológicos e políticos, deixadas pelas tradicionais concepções da Educação Física. A Motricidade Humana é a Ciência que trata o

homem movimentando-se com sentido e conteúdo – o conteúdo do desejo, do movimento intencional da personalização em relação e direção ao sentido da transcendência, pois, toda a existência do ser humano é uma sucessão de superações, à completude, ao mais-ser, ao seu absoluto, isto é, na forma como Manuel Sérgio a considera, a Motricidade Humana, possibilita o superar e ou superar-se. Segundo Tojal (1994, p. 96) “toda conduta motora inaugura um sentido, através do corpo”, portanto, a Motricidade Humana emerge da corporeidade como sinal de um projeto de quem está no mundo para alguma coisa, e dessa forma o homem é presença no espaço e na história, com o corpo, no corpo, desde o corpo e através do corpo, logo, não existe qualquer diferença entre motricidade e corporeidade pois todas as duas fazem parte da complexidade biológica do humano (TOJAL, 2004).

O paradigma filosófico racionalista cartesiano faz a divisão entre corpo e mente (separadamente) a Ciência da Motricidade Humana entende o homem como uma complexidade que não se divide, como inteiro. Sua atenção é voltada para o Homem no movimento intencional da transcendência e vem para romper com o pensamento cartesiano, onde o ser humano é visto como consequência no mundo. “Não nos cabe mais, entendermos o ser humano como algo simples muito menos fragmentado, mas sim, como um ser integral que em suas “partes” se complete, sendo um e esse um todo” (BUENO & FILHO, 2018).

A Ciência da Motricidade Humana (CMH) nasce de um corte epistemológico e político então é indiscutivelmente uma ciência humana e social, ao lado da história, da antropologia, da psicologia, da medicina, etc e tendo como especialidades o desporto e a educação motora (vulgo: educação física), a ergonomia, a dança, os jogos, as lutas e a reabilitação psicomotora entre outras especialidades (SÉRGIO, 2010).

O método utilizado por essa Ciência será o integrativo que, em síntese, defende “um crescimento das estruturas e um desenvolvimento do conteúdo”, que poderá servir “[...] à continuidade-descontinuidade multi-referencial que é a Motricidade Humana” (SÉRGIO, 1994b, p.159). Os pressupostos dessa integração acabam por sintetizar um pluralismo metodológico.

O método alia aos princípios da fenomenologia, da complexidade e, ainda, do materialismo histórico dialético (PEREIRA, 2011), onde a parte está no todo e o todo está, de igual modo, na parte e que permite a dualidade no seio da unidade. E é no âmbito de uma epistemologia construtivista (SÉRGIO, 2010).

A Ciência da Motricidade Humana tem seus pressupostos assentes na fenomenologia e toma como referência às reflexões de Maurice Merleau-Ponty (1908/1961), o qual, além de refutar a antropologia cartesiana também abordou o tema corpo, abre horizontes para uma

realidade que está presente no dia-a-dia da Educação Física, sendo por isso o motivo da aproximação da filosofia pontyana (PEREIRA, 2011).

A Motricidade Humana se aproxima também do pensamento complexo, temática atualmente muito difundida pelo sociólogo francês Edgar Morin (2002 e 2004), o qual refuta o racionalismo desmedido e qualquer espécie de fragmentação, pois, estudo remete ao *complexus*, tudo aquilo que é tecido em conjunto. A Motricidade considera os aspectos tais como: a reflexão da ação, a auto-observação, a auto-crítica, a auto-organização e a auto-transformação, portanto, considera o contexto, o global, o multidimensional, o complexo, a dúvida e a incerteza, a relação causa e efeito não linear

A Ciência da Motricidade Humana apropriou-se também a concepção de práxis como *ação transformadora* de uma categoria do marxismo, embora a práxis da Motricidade Humana difira do materialismo histórico dialético marxista, porque a práxis humana não se fixa apenas no movimento laboral, tendo como determinação básica o fator econômico, os modos de produção, a luta de classes e a revolução. A *práxis transformadora*, outra categoria da Motricidade, é a transformação da ação, isto é, a *intencionalidade operante* não se situa apenas no mundo idealista, mas também no mundo real e concreto, portanto, a reflexão ou interpretação deve ser materializada numa atitude prática (PEREIRA, 2011).

Para a Motricidade Humana a concepção ontológica da realidade se apresenta de forma geral. É impossível isolar a pessoa (e afinal todo o ser vivo) do seu ecossistema, o indivíduo da sociedade e da natureza, o sujeito do objecto. E, no sujeito, o físico dos demais elementos que o compõem (SÉRGIO, 1987). Existe a preocupação de ordem dialética que considera os acontecimentos históricos como veículos de compreensão e de explicação e, também, existe a preocupação com as categorias ação e transformação, e estas se apresentam enquanto fundamento epistemológico (PEREIRA, 2011). A história é considerada, mas não é tomada enquanto *categoria gnoseológica*.

Tendo em vista ir além da reflexão da ação e da interpretação da ação, a Motricidade Humana preconiza que os seus processos de pesquisa sejam conectados à formação e à educação humana traduzido na busca do mais ser e da evolução. Um paradigma onde o desporto se insere na Ciência da Motricidade Humana tem a energia para o movimento intencional da transcendência, não é apenas atributo de Deus, porque é também uma dimensão essencial do ser humano, sendo, por isso, um axioma fundamental na prática desportiva. Uma competição desportiva deve ser entendida como o “oitavo dia da criação”, dado que, nela, o praticante é uma tarefa a cumprir - uma tarefa onde a transcendência inevitavelmente acontece (SÉRGIO, 2010)

O objeto de estudo da Motricidade Humana permite focar o fenômeno da *motricidade* em várias vertentes, tais como: a motricidade do cotidiano, a motricidade do treino de alto rendimento do esporte, a motricidade especializada do trabalho, a motricidade do lazer, a motricidade da saúde, a motricidade expressiva da arte (capoeira, folclore, dança e das atividades circenses), a motricidade funcional da terapêutica e da reabilitação e a motricidade da educação e da formação humana (PEREIRA, 2011), logo representa o sentido da transcendência, aliado ao sentido da própria vida.

Sérgio (2003), ao se pronunciar sobre o desporto, reconhecia o desporto como um dos ramos de sua proposta denominada Ciência da Motricidade Humana (CMH) ciência esta que substituiria a chamada Educação Física, a qual passaria a ser considerada pelo autor como a pré-história da CMH. O mesmo autor defende uma teoria crítica do desporto, justificando isto da seguinte forma: “o facto de se privilegiar o desporto tal se deve ao facto de ele ser uma forma social da motricidade humana, de indiscutível popularidade.” (SERGIO, 1996, p. 145)

#### 4.1.4 A Ciência do Desporto: pedagogia do desporto, jogo competição-cooperação e educação para a humanidade

Assim como a sociedade, a corporeidade é uma unidade complexa, esta comporta, ao mesmo tempo, dimensões biológica, psíquica, social, afetiva e racional (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020) enquanto a sociedade comporá dimensões históricas, econômicas, religiosas e outras. A partir da corporeidade e da complexidade, a Ciência do Desporto propõe o trabalho com o ser humano e não tem como preocupação central a “atividade física”.

Os valores e o entendimento que devemos cultivar como seres humanos podem ser fornecidos pela Ciência do Desporto, dentre os quais numa espécie de síntese de Bento (2013, p. 99): “colocar paixão e emoção no que se faz; exercitar a disciplina e gerir bem o tempo da vida no dia a dia; saber interagir com os outros, sejam eles companheiros de equipe ou adversários; desenvolver a capacidade de persistência, considerando que a vida é ao mesmo tempo bela e dura; incorporar o risco de tomar decisões; habituar-se a assumir responsabilidades e o sentido de liderança; cultivar a imaginação, a criatividade e o otimismo”.

A Ciência do Desporto, deve fomentar o entendimento de uma educação da cultura, como qualquer conhecimento científico, e estar ao alcance de todos, possibilitando que os seres humanos se movimentem no sentido de encontros, de vivenciarem, no ato de jogar, o

prazer do lúdico presente, visando a auto superação ao conseguirem exercitar a motricidade, de lutarem por vitórias nas quais a derrota não signifique a opressão dos derrotados, de alcançar objetivos propostos a partir da disciplina sem que isto seja entendido como controle corporal ou submissão a determinados poderes dominantes (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020).

O sentido mais amplo do Desporto foi deixado para um segundo plano pela tendência da valorização histórica das produções centradas no alto rendimento, no trabalho com atletas de ponta, no Desporto competitivo, o que dificulta o acesso e o entendimento deste como possibilidade de fruição do prazer, de vivências nos momentos de lazer, de perspectivar encontros e vivências coletivas, tornado resumida a participação no mundo do Desporto em assistir aos espetáculos desportivos (IDEM).

O termo “técnica” é outra expressão que pode ser revisto seu sentido no mundo do Desporto, a qual foi utilizada ao longo do tempo pela Educação Física como um fim maior de adestramento. Para tanto, Bento (2006a) afirma que a técnica é algo acrescido ao ser humano como uma espécie de “segunda natureza”, fonte de “criatividade e inovação”. A técnica serve para o cultivo da beleza, da leveza, da elegância, ela possibilita perfeição e inspiração, e não apenas para a eficácia dos movimentos. Diz o autor que sem a técnica não “[...] se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos [...]. Sem a técnica não há estética [...]. Enfim, sem técnica não logramos ser verdadeiramente humanos. Nem no corpo, nem na alma”. (BENTO, 2006a, p.157)

A Ciência do Desporto, em sua axiologia, serve para entender o fenômeno desportivo em sua amplitude, como possibilidade de transcender a concepção hegemônica de esporte presente em nosso meio, em sua caracterização epistemológica, bem como criar a oportunidade de não estarmos subjugados enquanto profissionais aos ditames da tecnologia e dos valores econômicos e consumistas presentes na globalização da sociedade moderna (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020).

A cultura que permeia nosso cotidiano e seus valores influenciam nossas condutas, nossas decisões e nosso modo de ser e de pensar (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016), é uma construção humana na qual somos conduzidos. Nossa presença no mundo, na vida, na nossa existência é justificada pelas nossas relações. “[...] O que está em jogo é que tipo de humanidade queremos, e como podemos, nas próximas décadas, construir um mundo no qual a felicidade seja mais do que o grau zero da dor e da carência: em que ela seja algo positivo” (RIBEIRO, 2003, p. 33).

A Educação é a maneira pela qual nos tornamos cognitivamente aptos para viver socialmente, a um só tempo, a educação, torna-se humana e humanizante (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016).

[...] o que estamos tentando mostrar é que educação permanente depende do hábito de continuamente nos educarmos. Quando nos habituamos a uma determinada situação que nos obriga a enfrentar dificuldades, sentimos prazer nas realizações que conseguimos e incorporamos à nossa vida os conhecimentos adquiridos nesse processo, podendo, assim, viver com mais sabor, transformando conhecimento em sabedoria (MOREIRA; SIMÕES, 2006, p. 79).

O ser humano passa a dar mais sentido à vida pelo caminho da educação (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016). Como produtor da cultura o homem cria e recria o mundo. (NÓBREGA, 2004b, p. 73), não havendo a separação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, o sujeito é posto em relação com o mundo e com a representação simbólica deste, ou seja, com a produção do conhecimento, isto é educar, ou seja, o educando se apropria do conhecimento de maneira ativa, reconhecendo os condicionantes históricos e vislumbrando a possibilidade de uma nova síntese, de uma nova realidade.

A base para o aprendizado e, por consequência, para a educação é a existência humana. Por isso os seres humanos não podem ser compreendidos por fragmentos ou serem educados dessa forma (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012b).

O corpo do ser humano é sua ferramenta para moldar o seu mundo-vida e se move por interesses, ao mesmo tempo em que é moldado pelo mundo humano. “O corpo é matéria-prima moldada pela cultura, mas a educação de forma tênue pode modificá-lo” (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016, p.72)

A Corporeidade é como o ser se concebe, se mostra, se relaciona e incorpora as coisas do mundo nessa existencialidade. Nos seres humanos há um único movimento fundindo o ser e o agir. “O movimento da educação à corporeidade transcende o saber, pois é da dimensão do viver” (IDEM).

Conhecer corporeidade leva à necessidade de superar a noção de um homem/aluno apenas técnico, Homo faber, associando a essa noção o conceito de homem/aluno imaginativo, aquele capaz de criar e destruir fantasmas, de sonhar e destruir mitos. No conceito de corporeidade, concorrem em iguais condições o Homo sapiens e o Homo demens, pois aquele que produz sabedoria técnica e ciência é o mesmo que produz poesia e arte. É necessário conceber imbricados os conceitos de trabalho e ócio, não como oposições em que o primeiro é valorizado e o segundo, desprezado, mas ambos compondo o modelo de homem/aluno vivo, existencializado. (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012c, p. 44-45).

No pensamento mutilado/mutilador, cartesiano, o “eu” é, ao mesmo tempo, expulso (da reflexão) e arrogante (heliocêntrico). O conhecimento complexo exige que nos conheçamos aos conhecermos, nos situemos na situação, nos compreendamos na compreensão. Aqui está a linha de ruptura possível entre o pensamento mutilado/ mutilador e o pensamento complexo. A dimensão de uma educação, via corporeidade, para a existência humana, requer ver-se a si próprio para melhor ver fora de si. Não há receitas para pensar bem, daí a difícil arte de pensar, pois pensar é um problema vital. (MOREIRA *et al.*, 2006). “Assumir o corpo presente-presente é comprometer-se com a motricidade e com a educação motora, questionando os atuais paradigmas em ciência e em educação, ousando ir à frente, trilhando incertezas, mas seguro no caminhar calçado pelo ato de refletir criticamente”. (MOREIRA, 1995, p. 27).

Corporeidade significa caminhar na busca de uma educação que realce a afirmação de que o ser humano “não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação”. Ainda enquanto o fenômeno da aprendizagem, lembramos que “assim como o homem não é só animal nem só razão, ele não é, tampouco, nem só individual nem só social” (REZENDE, 1990, p. 48-49).

Assim, Moreira advoga que “o princípio de que a educação é muito mais um fenômeno humano, uma experiência profundamente humana do que um ato pedagógico na transmissão de um determinado conteúdo programático [...]” (1995, p. 28).

Enquanto preocupação do processo educativo, a Corporeidade destina-se a compreender o fenômeno humano, pois suas atenções estão voltadas ao sentido da existência, à história e à sua cultura dos seres humanos. “Sendo o corpo condição existencial, afetiva, histórica, epistemológica, [...] precisamos admitir que o corpo já está na educação” (NÓBREGA, 2010, p. 114). Há que se utilizar uma dialética polissêmica, polimorfa e simbólica, pois não é possível aprendizagem ao se reduzir a estrutura do fenômeno humano a seus elementos. “Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura” (MOREIRA, 2012, p. 135).

Bento (2013) quando demonstra que o esporte pode influenciar novas atitudes no momento em que o aluno aprende a: colocar paixão naquilo que se faz mobilizando esforços para atingir objetivos propostos; exercitar a disciplina para administrar o tempo de cada dia; agir no cumprimento de regras do jogo, respeitando os adversários; desenvolver as capacidades de resistir e persistir frente a alguns insucessos; assumir responsabilidades e aceitar críticas; cultivar a imaginação e a criatividade para a solução de problemas.

Tanto no sentido individual quanto coletivo (MOREIRA, 2019), encontra-se no jogo e no esporte valores imprescindíveis a uma vida ética, em se tratando de pedagogia do esporte, cujos pressupostos indicam que o esporte, em sua gênese nunca deixa de ser um jogo, o qual é um fenômeno sistêmico e complexo e seu ambiente determina valores ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, ou seja, entender o esporte como jogo é de suma importância para a produção de propostas pedagógicas para o esporte (SCAGLIA & REVERDITO, 2016).

O fenômeno desportivo é uma possibilidade de aprendizagem e do desenvolvimento de valores morais e éticos, e enquanto instrumento pedagógico, deve ser o local apropriado para o cultivo da humanidade (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020), pois o Desporto pode favorecer a autonomia, a autodeterminação, a assunção da responsabilidade, o crescimento moral do indivíduo e da coletividade

#### O Desporto é

[...] um construto que se alicerça num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas. O ato desportivo tem implícito tudo isso, sem o esgotar. Assim o ‘desporto’ encerra um sentido abrangente e maior, e não redutor e menor, como aquele que está contido na expressão ‘educação física’ ou na do ‘movimento’ ou noutras quejandas e afins (BENTO, 2006c, p. 03).

Não há a possibilidade de uma análise simples para pensar o Desporto, afinal é um fenômeno que se mostra complexo, amplo e plural. Enquanto contribuição para a humanização dos homens, o Desporto deve ser pensado mais do que simplesmente treinamento de fundamentos técnicos, mais que a prática pela prática pura e simples (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020). “Eu considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo, sem conhecer particularmente as partes” (MORIN, 1998, p. 93). No desporto não pode haver predomínio da dimensão física mas do modelo de jogo onde se realiza a relação todo-partes.

O sentido que Bento (2006a, p.155) dá ao desporto é “um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”. Bento (2013) enfatiza que, atualmente, o Desporto é interpretado a partir das intrigas e das conveniências da economia que o cercam, evidenciando uma influência da mídia sobre a concepção de Desporto na sociedade, que deixa de apresentá-lo como uma prática educativa de grande importância pedagógica para o aprendizado de valores. Nos últimos anos, o ser humano se submeteu a pobreza de experiências e vivências



que têm descartados os valores morais e éticos, resultaram na perda de sentido do Desporto, que tem caminhado num sentido oposto aos de uma escola de virtudes.

Bento (2006b) crítica a terminologia prática de atividades físicas e ao simplismo que este termo trouxe à verdadeira identidade do Desporto:

[...] ‘Actividade física’ é accionismo natural; desporto é acto cultural. Ela é imanência da nossa condição; ele é prótese criada pela civilização. Ela é ditada pelo peso da excrecência; ele provém da noção de insuficiência. Desporto é algo mais e além; ela é algo menos e aquém. Nele moram a consciência da falta de forças e capacidades e a vontade da sua criação e exaltação; ela cinge à conformação, limitação e resignação. Ele aponta a lonjura e o cume da elevação; ela contenta-se com um umbigo e um olhar o chão. Nele enfrenta-se o vento e as marés; nela gasta-se o tempo e os pés. Ele quer fazer do corpo uma encarnação do espírito e inteligência; ela satisfaz-se em queimar gordura e aligeirar a indolência. Ele é marco civilizacional; ela é moda ocasional (BENTO, 2006b, p. 261).

As atividades físicas são, no imaginário social atual, as únicas resoluções dos diversos problemas relacionados à saúde das pessoas, com isso, perde-se a essência que o Desporto traz em seu âmago, como explica Bento (2007b, p.05): “[...] os atos desportivos somente são físicos na aparência; na sua essência são sempre decisões e exercícios da vontade. Ademais nele não se faz o que se quer, mas quer-se o que se faz.”

Reverter e (re)significar o Desporto significa entendê-lo como “um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”. (BENTO, 2006a, p.155). O Desporto, (re)significado e trabalhado na escola é propício para o enaltecimento de valores éticos, porque o bom Desporto estará a “serviço da vida, da integridade biológica, psíquica e espiritual dos que o configuram”. (BENTO, 2013, p.270)

O Desporto por excelência é o espaço da intersubjetividade, onde os praticantes se vêem *sócios* uns dos outros e dialogam competindo. “O exercício de treino deve ser entendido como um meio que promove a educação, a melhoria da saúde dos praticantes e a sua preparação para a vida, sendo de importância fundamental, tanto na etapa de formação, como nas etapas subsequentes até ao alto rendimento”. (CASTELO, 2003, p.93). Daí, que o Desporto são homens (e mulheres, logicamente) no *movimento da transcendência*, não se confunda com *físicos*.

Para o Filósofo Manuel Sergio: “no movimento da transcendência, o que pretende dizer com tal expressão? Que no Desporto, como na dança e na ergonomia e na reabilitação, os praticantes tomam consciência de que não são *objetos* da história (ou da sua própria

história), mas sujeitos, que não são apenas *reflexos* do mundo existente, mas *projectos* de um mundo possível” (TOJAL, 2010, p.32).

A competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição, susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor. (BENTO, 2013, p.96)

Quem não sabe competir também não saberá cooperar, a competição torna-se base e pressuposto para a cooperação ao (re)significar o Desporto. A cooperação e a competição propiciarão a vivência destas ações entre pessoas, entre instituições e mesmo entre cidades e países para a prática do Desporto em que a ética do jogo é fator imprescindível (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020).

O valor social Desporto está que a humanidade é aperfeiçoada pela vivência esportiva. Para um atleta de uma determinada modalidade esportiva, ou um praticante de esporte, não basta que jogue melhor, que seja mais perfeito em seus gestos motores. Ser mais humano não é apenas se aperfeiçoar técnica, tática e motoramente por meio de pressupostos científicos, (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012b), é necessário aperfeiçoar sua humanidade, isto é, incorporar a consciência ética.

## 5 MARCO METODOLÓGICO

### 5.1 O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia

À medida que a humanidade evoluiu e produziu meios para acumular todo o seu repertório de respostas para os fenômenos da sua realidade, principalmente através do advento da escrita, tornou-se possível também gerar diversas formas de conhecimento “as quais possuem diferentes características e limites na explicação dos fenômenos que se apresentam ao homem no seu dia-a-dia” (CAMPOS, 2004, p. 28).

Dentre essas formas de conhecimento temos as mais primordiais e surgidas concomitantemente que são o conhecimento empírico e o conhecimento religioso. Em contraposição a essas duas formas de conhecimento, surgiu o conhecimento filosófico, ou seja, “uma forma racional de conhecimento, não admitindo a intuição ou a fé como origem” (CAMPOS, 2004, p. 35).

Segundo Campos (2004), o estágio mais recente na evolução do conhecimento humano aconteceu com o surgimento da Ciência que se desvinculou efetivamente da Filosofia e que se diferencia “das demais formas de conhecimento justamente por possuir um método, ou seja, um conjunto de princípios que norteiam a conduta do cientista ao longo da produção do conhecimento” (p. 36).

Muitos cientistas ainda estão sob o jugo da rigidez racional das metodologias deterministas apesar de considerarmos que vivenciamos um período de transição, portanto, o cientista não pode ser controlado pelas amarras que a metodologia científica lhe impõe, bem como, não pode se entregar num *Laissez-faire* desmedido, não se incomodando com limites (PEREIRA, 2011) em que tudo fique totalmente à vontade.

Diferentemente de outros seres vivos o ser humano estabelece o tempo vivido na íntima relação com o seu meio ao produzir história e cultura, e desencadeia o processo educativo ao relacionar-se com o universo e com os outros seres humanos. Dessa forma, sentimo-nos impelidos a elaborar processos de aprendizagem para esse todo (WEY MOREIRA, CAMPOS & SIMÕES, 2019) quando pensamos na educação como uma possibilidade da instruir o homem como um todo.

Daí cabem as questões: existe um método que se conjuga com a Ciência do mundo atual e contemporâneo? Há um método, com uma estratégia metodológica e técnica que proveja uma concepção e considere a situação concreta da vida humana? Na introdução do *Contra o Método* Assim, Feyerabend (1993, p. 24) fez a pergunta: “Estaremos dispostos a

acreditar que as regras ingênuas e simples que os teóricos do método tomam como critérios de orientação são capazes de dar conta de tal labirinto de interações?”

Os grandes revolucionários no âmbito das ciências buscaram alternativas para a criação de um espaço de autonomia e de liberdade e refutaram os métodos enrijecidos ou qualquer resistência à inovação. Na sociedade atual e do futuro todos são dignos de ser livres e têm que se fazerem presentes a verdade e a liberdade. A liberdade será alcançada por meio da fidelidade aos redutos petrificados de uma dada tendência metodológica e, ainda, em nome de uma disciplina intelectual? Ou será preciso adotar “[...] uma metodologia pluralista, evocando o princípio da metodologia anarquista: do tudo vale?” (FEYERABEND, 1993, p. 34).

Paul Feyerabend (1993) acredita na promoção da liberdade devendo os cientistas estarem abertos a transformação do conhecimento e a todas as atividades de criação, por isso, rejeitou todos os procedimentos científicos pautados em modelos universais ou de tradições rígidas e definiu a ciência como um *empreendimento essencialmente anárquico*. O pluralismo permite a convergência das diferentes tendências do pensamento.

Ademais, pesquisar é ação permanente e inacabada da ciência na pergunta e na descoberta da realidade. “É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 1996. p. 23). As pesquisas necessitam avançar para além daquilo que já se sabe a respeito de um fenômeno (PEREIRA, 2011) ou de um dado conhecimento, afinal, pesquisar é inquirir com diligência, tendo em vista alcançar um processo crítico de reconstrução e de produção permanente de um dado saber.

Para Köche (1999), Rudio (2000) e Popper (2003), as pesquisas científicas apresentam três requisitos fundamentais: primeiro, uma questão-problema que ainda não está resolvida, isto é, a existência de uma pergunta a que se pretende responder; segundo, um conjunto de passos capazes de fornecer informações para responder à questão-problema identificada um procedimento metodológico, elaboração e descrição de um processo, e, terceiro, a indicação do grau de confiança da resposta obtida e a sua resistência a falseamentos. Destarte, o pesquisador se insere num referencial teórico específico pelo qual observa e faz a leitura do fenômeno do estudo escolhido (PEREIRA, 2011) como uma espécie de lente. Assim “as decisões metodológicas são pura decorrência do problema formulado e este só se explica devidamente em relação ao referencial teórico que deu origem a ele” (LUNA, 1989. p. 32).

De acordo com Minayo (2012) entende-se por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida em uma pesquisa.

[...] os problemas surgem das nossas tentativas de compreender o mundo tal como conhecemos – o mundo da nossa “experiência” (onde a experiência consiste, em larga medida, em expectativas ou teorias e, parcialmente, também em conhecimento de caráter observacional – embora eu esteja, por acaso, convencido de que não existe nada a que se possa chamar conhecimento observacional puro, não contaminado por expectativas ou teorias) (POPPER, 2003, p. 214).

Há muito tempo indagou Habermas (1994, p. 96): “Como é possível a tradução do saber tecnicamente utilizável para a consciência prática do mundo social da vida?”.

As intervenções decorrentes do trabalho científico devem se desenvolver e se manter dentro dos limites coerentes de uma dada linha de pensamento (PEREIRA, 2011), pois aqueles que se envolvem com várias tendências pode correr o risco de formar os produtos de pesquisa popularmente chamamos de “colcha de retalhos”, isto é, apropriar-se do discurso de outrem ou de fragmentos de várias tendências que é a dificuldade em consolidar um discurso escrito próprio do pesquisador se não possuir uma maturidade intelectual. Portanto, apropriar-se de tendências plurais ao mesmo tempo pode produzir um trabalho conflitante ou desconexo (IDEM).

Logo, o pesquisador precisa escolher e se aproximar de uma tendência teórica com maior ênfase que sustente o seu raciocínio, isto é, deve ter clareza de qual viés epistemológico, da ideologia subjacente e da materialização do estudo que poderá conseguir levantar suporte adequado à análise das possíveis categorias que emergem desses processos investigatórios. Segundo Luna (1989, p. 33) “um trabalho mais produtivo seria realizado se pudéssemos nos aproveitar da produção científica derivada das várias correntes metodológicas como fonte de inspiração para o exercício da crítica interna”

Um especialista no âmbito das ciências humanas é tanto mais eficaz quanto mais tiver em conta a complexidade humana, presente em todos os elementos que a constituem (SÉRGIO & LEMOS, 2019), afinal, “nem sempre o que nos move no mundo é o que nos move para a existência” (MOREIRA, NISTA-PICCOLO, e SOBREIRA, 2016, p.74). Atualmente, os cientistas estão voltados para um novo espírito científico com intuito de criar um método que respeite a natureza da epistemologia, da complexidade e de todas as dimensões da condição humana real (PEREIRA, 2011) como uma nova perspectiva que oriente os trabalhos científicos. “Não devemos esquecer que o ser humano tem, provavelmente, tanta necessidade de sonho como de realidade, pois é a esperança que dá sentido à vida” (SFEZ, 2000, p. 50).

Diante das variações metodológicas que ocorreram no decorrer do tempo no que concerne à produção do conhecimento científico, duas abordagens se fizeram presentes: a quantitativa e a qualitativa.

Tendo em vista o objetivo de compreender o significado presente nos discursos dos Paratletas que se tornaram portadores de lesões permanentes após sofrerem acidente de trânsito, levando em consideração a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo que conforme pressupõe Minayo (2014) significa mergulhar na experiência de tal modo que o pesquisador consiga perceber, nos discursos dos colaboradores da pesquisa, sentimentos, emoções e o olhar específico acerca da temática em pesquisa.

Para tanto, acreditamos ser o método fenomenológico o mais adequado instrumento que nos possibilitará investigar a vivência das pessoas nas diferentes situações e assim chegar à compreensão dessa pessoa. Ademais, precisamos entender como os pressupostos que regem a Fenomenologia influenciam a Psicologia. Privilegia-se, dentro desta metodologia, a *Alethéia* (verdade relativa), ao invés da *Veritas* (verdade absoluta); essa proposição se dá pela perspectiva de que a vida adquire os seus sentidos por meio da experimentação subjetiva e particular, sendo amparada pelas perspectivas culturais e situacionais presentes nos seus contextos (CASTRO, 2019).

Segundo Giorgi & Souza (2010), Edmund Husserl não apresentou um contexto sistemático para a investigação em Psicologia Fenomenológica, apesar de ter delineado um método adequado ao estudo dos processos mentais, contudo, apresentou as linhas gerais “uma metodologia que pudesse ser aplicada diretamente no contexto científico de uma Psicologia que tenha como objeto de estudo o sentido da experiência humana” (p.73).

A partir da concepção da Fenomenologia Filosófica, foi permitido ao investigador iniciar as diferentes reduções (eidética, fenomenológica, transcendental) com objetivo de obter conhecimento apodícticos para alcançar a essência de um determinado fenômeno de estudo a partir do primado fundamental a intencionalidade da consciência. (GIORGI & SOUZA, 2010).

Dessa maneira, o método fenomenológico de investigação em Psicologia segue o conceito epistemológico da consciência intencional, que acontece, de forma sucinta, quando o investigador inicia seu estudo, obtendo descrições de experiências de outros sujeitos no método aplicado a Psicologia. Num segundo momento, o investigador adota uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo enquanto desenvolve a redução fenomenológica-psicológica. Num terceiro momento, o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto

de estudo através da variação livre imaginativa a partir da perspectiva psicológica do investigador ao enquadrar a análise eidética para definir sínteses de significados psicológicos sobre o tema.

#### 5.1.1 Descrição de outros sujeitos

Neste primeiro passo, Giorgi & Souza (2010) apontam dois aspectos fundamentais. O primeiro destaca que é necessário “seguir o requisito fenomenológico de valorizar as descrições sobre experiências vividas, salientando o sentido de como estas se apresentam à consciência do sujeito” (p. 75 e 76). O segundo aspecto, atrelado diretamente ao primeiro, preconiza que os passos metodológicos devem permitir o enquadre do processo de investigação em critérios considerados validos na comunidade científica de forma unanime.

Assim, O método de pesquisa em Psicologia Fenomenológica conserva seu aspecto descritivo de maneira tal que o resultado final do método de análise do processo reflita a “*descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais da experiência dos participantes da investigação*” (GIORGI & SOUZA, 2010, p.76, grifo dos autores).

#### 5.1.2 Redução fenomenológica-psicológica

No segundo passo, o pesquisador que usa o método fenomenológico buscará desenvolver a redução fenomenológica aplicado às ciências humanas de acordo com o conceito que Husserl denominou redução fenomenológica-psicológica, a qual considera o uso da *epoché* que é a suspensão da atitude natural frente ao fenômeno investigado.

Giorgi e Souza (2010) salientam, no entanto que cabe ao investigador e não aos participantes na investigação a exigência de usar a *epoché-redução fenomenológica* com rigor, tendo em vista que os participantes fornecem as suas descrições a partir de uma atitude de senso comum, ou seja, os fatos narrados pelos entrevistados de uma investigação fenomenológica são descrições da experiência humana do mundo da vida, logo, estes entrevistados relatam as suas vivências em atitude natural e não precisam ter nenhum tipo de conhecimento sobre o método de investigação.

#### 5.1.3 Análise eidética-psicológica

O terceiro passo do investigador é, através da variação livre imaginativa do uso da análise eidética, procurar a síntese do sentido da experiência vivida pelos vários sujeitos que participaram na investigação para determinar a essência do fenômeno que carrega a síntese de significado psicológico que é o centro do objeto de estudo da pesquisa.

De forma prática, isso ocorre pelo número de vezes que o objeto de estudo da pesquisa, ou seja, o fenômeno, repete-se ao longo dos protocolos da investigação e permite para uma generalização eidética dos resultados finais da investigação e a síntese final de significado psicológico. Portanto, alcançar a análise eidética é a essência de caráter psicológico, a despeito da perspectiva do investigador que leva a cabo a variação livre imaginativa que abrange apenas os objetivos que surgem à consciência dos entrevistados.

## **5.2 A Contextualização da pesquisa**

### **5.2.1 Os participantes**

Foram considerados aptos a participarem desta pesquisa, paradesportistas com mais de 18 (dezoito) anos de idade que se tornaram paratletas após sofrerem qualquer tipo de lesão permanente em decorrência de acidente de trânsito e integram a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, independentemente a gênero, raça, credo e que praticam paradesporto há pelo menos três (03) meses e ao menos uma vez já competiu ou está se preparando para competir em eventos esportivos em qualquer modalidade.

Seguindo o protocolo previsto na trajetória metodológica do projeto desta pesquisa, abordamos os sujeitos participantes a partir de mensagens de texto em aplicativo de mensagens *WhatsApp*. A priori, foram abordados os paratletas lesionados em acidente de trânsito elencados pela Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas e na ocasião, cinco paratletas indicados foram abordados, sendo que um deles não respondeu a mensagem, apesar de que fosse possível constatar que ele visualizou a mensagem; outro contatado manifestou a recusa de participar da pesquisa e os outros três paratletas indicados e contatados responderam positivamente que aceitavam participar da pesquisa e serem entrevistados, ocasião em que dois participantes logo agendaram as entrevistas como horários e locais definidos em suas próprias residência e a terceira paratleta que aceitou ser entrevistada, não indicou local e nem horário para ser entrevistada, portanto, a entrevista não foi efetivada dado que a paratleta não mais se manifestou sobre o assunto, mesmo após certa persistência do pesquisador.



Após as entrevistas, os primeiros entrevistados indicaram a existência de outros times de paradesportistas não vinculados a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas e que poderiam ser sujeitos que atendiam aos critérios de recrutamento de participantes desta pesquisa, ocasião em que o pesquisador conheceu e se aproximou do time de vôlei sentado, representado pela Associação de Deficientes Físicos do Amazonas – ADEFA e convidou, via mensagens de texto, mais quatro paratletas. O resultado foi que um dos abordados não respondeu a mensagem, mesmo a tendo visualizado, outro respondeu que sua lesão permanente não era oriunda de acidente de trânsito, portanto não se enquadravam no perfil de candidatos a serem entrevistados e duas paratletas aceitaram participar da entrevista e foram entrevistadas.

Cabe destacar, nesta ocasião que a representação que a ADEFA exerce sobre o time de voleibol sentado é meramente figurativo, pois, o time necessita estar vinculado a uma entidade legítima para participar de competições oficiais, por isso, o time atua de forma autônoma e independente, na prática e até o presente momento não tem nem mesmo um nome. Por este motivo, deixamos de buscar a anuência dessa instituição e nos restringimos a colher as assinaturas das entrevistadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Entre recusas, abstenções e aceites, obtivemos a quantidade de quatro entrevistas. Este número de entrevistas representa o pouco número de pessoas com deficiência em decorrência de acidente de trânsito que aderem à prática de esportes de alto rendimento, por vários motivos que teremos a possibilidade de discutir no decorrer deste trabalho, e desses poucos adeptos, um número menor ainda dos que se demonstrou disposto a participar da pesquisa científica, mesmo lhes tendo sido informado acerca de seus direitos, tais como, sigilo de sua identidade e de não terem despesas.

### 5.2.2 Os procedimentos

Inicialmente, foi solicitada a anuência da instituição, no caso a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, instalada na Arena Amadeu Teixeira. Em seguida, obtivemos junto à presidência da referida instituição os números de contatos de telefones e e-mails dos paratletas federados que correspondem ao perfil de sujeitos aptos a participarem da presente pesquisa. De posse dessas informações, contatamos via mensagem de texto por aplicativo de mensagens cada um dos candidatos a participantes, ocasião em que o pesquisador se apresentou formalmente e esclareceu o motivo do contato. Ademias, o

pesquisador encaminhou para o pretense participante o link para acessar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de forma *on line*.

Os sujeitos contatados que aceitaram participar da pesquisa foram contatados de modo remoto via aplicativos de mensagem e/ou contato telefônico (entrevistas por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs) e agendaram uma data para efetivar a entrevista, a qual ocorre por meio presencial, diferentemente do que estava previsto na metodologia inicial da pesquisa tendo em vista que, no mês de Agosto do ano de 2021, quando ocorreu a coleta de dados da presente pesquisa, todos os parateltas entrevistados relataram que já se encontravam imunizados pela segunda dose da vacina de combate a SARS-CoV-2, (chamada Covid 19 ou coronavírus), bem como, encontravam-se também imunizado este pesquisador pelas duas doses de vacina, ainda assim, durante a realização das entrevistas, os participantes, entrevistados e entrevistador, utilizaram máscaras, mantiveram distanciamento de mais de um metro entre si e constantemente se serviram de álcool em gel para a própria higienização, de acordo com protocolos de biossegurança para impedir a transmissão do coronavírus.

Foi utilizada a Entrevista Fenomenológica gravada em aplicativo eletrônico de *smartphone*, obedecendo-se os preceitos legais previstos na Resolução CNS nº 466 de 2012, sendo que a cuja duração mínima é de sessenta (60) minutos, efetivada a partir de uma questão inicial que sofreu desdobramentos, permitindo ao pesquisador colocar-se na condição de ouvinte, intervindo quando foi necessário e oportuno com o objetivo de esclarecer, informar ou facilitar as expressões oriundas dos participantes da pesquisa. A pesquisa foi realizada a partir da seguinte questão norteadora:

*"Gostaria que o Sr/Sra descrevesse para mim o que foi que sentiu e/ou pensou após ter sido comunicado(a) que ocorrera lesão permanente após acidente de trânsito? Diante disso, o que o (a) levou a ser paratleta? "*

Partiu-se dessa questão inicial que certamente apresentou desdobramentos, que serviram de questões norteadoras para a posterior análise e considerando a proposta do método escolhido, estivemos em busca de um fenômeno que surgiu a partir das falas dos participantes da pesquisa. Por esse motivo, coube ao pesquisador ser proativo em realizar outros questionamentos que, dada a especificidade da vivência de cada um dos colaboradores, surgiram e desvelaram o fenômeno.

Após a realização das entrevistas e seguindo as instruções do pesquisador, os participantes assinaram o TCLE, o qual também foi assinado pelo pesquisador e uma das vias foi concedida aos entrevistados.

Os participantes responderam ainda, sob a orientação do pesquisador, ao questionário de Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2021), cujo Modelo de Questionário sugerido para aplicação está disponível de forma *on line* no sítio eletrônico <http://www.abep.org/criterio-brasil>.

### 5.3 Os procedimentos para as coletas de dados

#### 5.3.1 A entrevista fenomenológica

Apresentaremos, a partir deste momento, a concepção de Giorgi & Souza (2010) no que tange a Entrevista Fenomenológica. Para os autores, a entrevista de investigação qualitativa tem como objetivo obter descrições do mundo da vida experiencial, do entrevistado e seus respectivos significados sobre os fenômenos descritos, pois

“(…), as entrevistas iniciam-se com uma pergunta aberta, de caráter exploratório, e as questões subsequentes ou as intervenções do investigador surgem a partir do fluxo das descrições dos participantes, não para validar hipóteses ou questões previamente delineadas” (p. 82).

A entrevista qualitativa apresenta características essenciais. A primeira característica é que a entrevista busca compreender e descrever detalhadamente os aspectos centrais da experiência dos sujeitos, pois o questionamento principal da entrevista qualitativa é a experiência cotidiana do entrevistado em sua relação com o mundo vivido. Neste aspecto, apontaram que

O investigador terá de certificar-se da adequabilidade das descrições, assegurada quando, a partir destas, é possível gerar significados de caráter psicológico sobre o tema de estudo. Para isso, é importante que a descrição seja tão específica e concreta quanto possível, relacionadas não tanto com racionalizações, explicações ou intelectualizações apresentadas pelos sujeitos de amostra, mas com sua *subjetividade incorporada*, tal como é experienciada na vida cotidiana (p.83, grifo dos autores)

Outras características dizem respeito ao fato da entrevista intentar colher dados qualitativos e não dados quantitativos a partir do momento em que “é solicitado que os

participantes descrevam a sua experiência, de forma tão aberta e detalhada possível, sem introduzirem explicações ou interpretações do mundo experienciado” (p. 81).

Para tanto, o entrevistador deverá estar aberto a informações e fenômenos inesperados ou novos a partir do momento que suspender seus conhecimentos pré-concebidos e procurar manter a entrevista focada no tema de estudo, levando-se em consideração que as respostas dos sujeitos podem apresentar ambiguidade, isto é, “os dados da entrevista qualitativa podem expressar contradições e ambiguidades sobre a experiência dos participantes e sua relação com o mundo” (IDEM).

(...), é muito importante fazer uso da redução psicológica-fenomenológica (...). O entrevistador procurará suspender o conhecimento que possa ter sobre o tema de estudo e o que é presente na descrição é entendido como sendo um fenômeno, ou seja, tal como foi experienciado pelo sujeito, implicando que nenhuma reivindicação é feita no sentido de reafirmar que o objeto da descrição existiu exatamente tal como foi experienciado, ou tal como se manifestou à pessoa que apresenta a descrição (p. 82).

O investigador necessita estar ciente que o entrevistado pode mudar significados previamente estabelecidos mediante novos *insights* ou pensamentos durante a entrevista tendo em vista que se trata de um processo reflexivo, portanto, dependendo do conhecimento da sua sensibilidade e sobre o tema de estudo os entrevistados podem abordar diferentes descrições apesar de abordarem o mesmo tema, conforme pode ser observado:

O entrevistador deve estar preparado para aspectos ou dimensões que o entrevistado valoriza, mesmo que aparentemente afastado da temática central. Neste caso, deve ser dado algum espaço, explorar eventuais conexões e não encaminhar imediatamente o entrevistado com uma pergunta fechada. Quando os depoimentos são ambíguos ou pouco claros, o entrevistador deve procurar clarificá-los. Importa distinguir entre *direcionar* o entrevistado, que significaria conduzir o sujeito a referir os aspectos que o investigador procuraria encontrar nos dados, e entre *focar* no objeto da investigação, que implica apenas que o entrevistador solicite aos participantes que descrevam experiências sobre o tema de estudo, e não sobre outra temática qualquer (p. 83).

Outro destaque diz respeito a que “as descrições recolhidas e os conhecimentos destas derivadas emergem a partir de uma interação pessoal entre duas pessoas” (p.82), por esse motivo, a entrevista qualitativa pode se tornar uma experiência positiva para o entrevistado e para o entrevistador, pois o diálogo pode fazer surgir novas perspectivas e novos saberes e sobre uma específica dimensão da vida.

Face às características essenciais da entrevista fenomenológica, os autores delinearam as competências que o entrevistador deve aplicar na entrevista fenomenológica. Primeiramente, o entrevistador deverá ser capaz de estabelecer um diálogo sobre o tema da

pesquisa e estar ciente acerca dos principais aspectos sobre o objeto de estudo. Antes mesmo da entrevista se iniciar, o entrevistador dá indicações aos participantes do propósito da entrevista explicando os objetivos que se pretende com a investigação, oportunizando que os entrevistados esclareçam seus questionamentos e suas dúvidas. Para tanto, o entrevistador precisa se posicionar de forma clara, colocando questões curtas, de forma simples e concisa.

Ademais, destacam que o entrevistador necessita ter o “o cuidado de seguir o fluxo narrativo do participante, aceitando o ritmo deste, eventuais pausas, demonstrando aceitação de aspectos mais controversos e estando receptivo a dimensões emocionais que possam surgir na entrevista” (p.84). Para que isso ocorra, o entrevistador procurará focar-se no modo como os sujeitos expressam seus conteúdos emocionais e não apenas no que é dito procurando ter uma postura empática. Dessa forma, o entrevistador torna-se “um ouvinte ativo e sensível, no sentido de estar concentrado nas nuances presentes nos significados expressos nas descrições, procurando, quando é apropriado, clarifica-las” (IDEM).

Por fim, alertam que “aspectos ditos em fases anteriores da entrevista, podendo refletir sobre coisas ditas anteriormente, em articulação com outras afirmadas pelo participante, no sentido de procurar aprofundar as descrições e os seus significados” (IBIDEM), portanto, o comportamento do entrevistador pode influenciar as reações dos sujeitos desde o primeiro momento do encontro. Isto posto, destacam duas qualidades a seres consideradas com maior cuidado no caso da entrevista fenomenológica.

A primeira é a perspectiva crítica e interpretativa em que “o entrevistador procura esclarecer aspectos expressos pelos participantes e os seus significados e não que esteja numa posição de avaliação do que foi descrito” (IBIDEM), ou seja, trata-se menos de interpretações e mais de clarificações acerca daquilo que foi expresso pelos sujeitos

A segunda característica aponta que “(...) todo o trabalho de investigação requer que o entrevistador esteja sempre atento aos fatores contextuais, co-determinantes, mesmo que estes não sejam claramente manifestos” (p. 85).

### 5.3.2 O diário de campo

Durante o processo investigativo, também utilizamos o Diário de Campo/Notas de Campo como recurso metodológico para o registro minucioso das impressões e reflexões do pesquisador no campo de pesquisa e para detalhar os comportamentos dos participantes do estudo. O instrumento consiste na utilização de uma caderneta ou outro material para anotar as observações realizadas em campo com demais profissionais envolvidos na Federação de

Esportes Paraolímpicos e com os próprios paratletas, portanto, é um instrumento utilizado diariamente ao longo da vivência investigativa na medida em que ela acontece, e que tem por base a realização de observações diretas dos comportamentos de um determinado grupo (WEBER, 2009).

Por meio do diário de campo, serão registradas as experiências desenvolvidas no campo de pesquisa, devendo incluir descrições, trechos de fala dos participantes que forem considerados significativos, impressões marcantes e sentimentos vivenciados pelo observador (DALMOLIN, LOPES & VASCONCELLOS, 2002). Dessa forma, as notas de campos oferecerão um suplemento importante aos demais instrumentos utilizados, possibilitando que o pesquisador obtenha informações valiosas e detalhadas dos fatos ocorridos no campo de coleta de dados, incorporando os aspectos não verbais, assim como suas impressões, sentimentos e percepções advindos da experiência da maneira o mais detalhada possível, aquilo que viu, ouviu, vivenciou e pensou no decurso da coleta de dados, de acordo com o recomendado por Bogdan e Biklen (1997).

De acordo com esses autores, o respectivo instrumento é composto por duas partes, sendo a primeira descritiva em que ao registro do investigador acerca dos detalhes do que ocorreu no campo, englobando, assim, um retrato parcial dos sujeitos, reconstruções de fragmentos de diálogos, descrição do espaço físico, relatos de acontecimentos particulares, descrição de atividades e reações e comportamentos do observador, ao passo que a segunda parte é reflexiva refere-se à parte mais subjetiva do investigador, em que a ênfase está na especulação, a partir da consideração dos sentimentos, problemas, ideias, palpites, impressões das entrelinhas das comunicações, conceitos e preconceitos.

#### **5.4 O procedimento para as análises dos dados**

Utilizou-se as orientações de Giorgi & Sousa (2010) propostas em quatro momentos:

##### **5.4.1 Estabelecer o sentido geral**

Após a transcrição, o investigador pretenderá apenas ler calmamente a entrevista completa buscando, neste intento, apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, o investigador coloca-se na atitude da redução fenomenológica, cujo objetivo será obter *um sentido da experiência na sua globalidade*, sendo que para alcançar esse objetivo, serão

necessárias várias leituras, a fim de se verificar a presença de uma permanente inter-relação entre as partes e o todo do protocolo.

#### 5.4.2 Determinação das partes: divisão das unidades de significado

Nesta fase, o investigador deverá retomar a leitura do protocolo, mas dessa vez, com objetivo prático de dividi-lo em partes menores, mais pequenas, as quais serão denominadas unidades de significado, afim de que se permita uma análise mais aprofundada. Para os autores “(...), pretende-se usar critérios relevantes para uma perspectiva psicológica, e, com a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se como critério a *transcrição de sentido* para a constituição de partes (unidades de significado)” (p.85).

Vale destacar que estas unidades não “existem” nas descrições em si mesmas, estão apenas correlacionadas com as opções de divisão do investigador, o qual segue a perspectiva de acordo com critérios psicológicos da sua disciplina de estudo. Ademais, salientam que “as experiências vividas pelos sujeitos são entendidas tal como lhes são dadas. No entanto, não é reclamado que estas situações existam ou tenham existido da forma como foram afirmadas. Por outras palavras, no âmbito da redução fenomenológica, há uma distinção clara entre o *modo* como um fenômeno e apresenta e como *existe* enquanto fato, o que poderá ser determinado, eventualmente, por vários atos de consciência”. Portanto, o investigador deverá aceitar o que surge à consciência dos sujeitos como sendo fenômeno em si, mesmo que não mantenha qualquer tipo de certeza quando a sua realidade.

#### 5.4.3 Transformação das unidades de significado em expressão de carácter psicológico

No terceiro passo, ocorre a aplicação da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética e a linguagem de senso comum será então transformada em expressões que tem como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelo sujeito. Nesta fase, o intento do método será “*desvelar* e articular o sentido psicológico vivido pelos participantes, em relação ao objeto de estudo de investigação” (p.85).

De acordo com esses autores, o terceiro passo é o cerne do método porque o investigador ira descrever as intenções psicológicas que estão contidas em casa unidade de significado. (...) cabendo agora ao pesquisador a tarefa de *intuir e de descrever essencialmente os significados psicológicos* contidos nas descrições dos sujeitos, com a ajuda da redução fenomenológica-psicológica e da variação livre imaginativa, o que implica retirar

os aspectos contingentes e particulares que não são essenciais para clarificar a estrutura essencial dos significados psicológicos.

#### 5.4.4 Determinação da estrutura geral de significados psicológicos

No quarto e último passo do método, o investigador *transforma as unidades de significado numa estrutura descritiva geral, usando a variação livre imaginativa*. Essa descrição deve seguir os sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, resulta na elaboração de uma estrutura geral, contidos nas várias unidades de significado e transformada em linguagem psicológica.

#### 5.4.5 Análise dos dados a partir da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty

Diante dos pressupostos básicos da filosofia de Merleau-Ponty, já expostos, principalmente frente a concepção do fenômeno de se torna paratleta após lesão permanente em decorrência de acidente de trânsito, coube, ao escopo da pesquisa, alcançar através da escuta da fala daqueles que vivenciaram o fenômeno, a partir da apreensão de suas falas, o significado desses comportamentos, a síntese da existência do entrevistado, a elaboração e superação do fenômeno da suas existências a partir dessas vivências. E, em nossa concepção, para compreender essa vivência, tornou-se necessário utilizar os parâmetros da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty.

### 5.5 Considerações éticas

A pesquisa buscou respeitar as diretrizes contidas nas Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e foi encaminhada para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

A obtenção dos dados teve início após a aprovação do protocolo e do projeto de pesquisa elaborado de acordo com o preconizado pelas diretrizes do CNS, pelo Comitê de Ética em Pesquisa que elaborou o Parecer Consubstanciado n 4.788.980.

O pesquisador também elaborou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com a normatização existente nas Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS, explicitando o objetivo da pesquisa, que foram devidamente assinados pelos dos participantes, após terem sido informados de forma detalhada acerca das prerrogativas que regulamentam a participação



de seres humanos em pesquisas científicas, assim como também concederam a autorização para a realização da gravação da entrevista.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir das descrições das narrativas dos entrevistados, procuramos a análise pela redução fenomenológica-psicológica e, através da variação livre imaginativa do uso da análise eidética, buscamos a síntese do significado psicológico da experiência vivida pelos sujeitos que participaram na investigação, a fim de determinar a essência do fenômeno que é o objetivo da pesquisa.

O procedimento para análise dos dados iniciou-se com o estabelecimento do sentido geral em que o investigador coloca-se na atitude da redução fenomenológica com intuito de apreender o sentido geral das narrativas. Em seguida, determinamos a divisão das unidades de significado que permitiu uma análise mais aprofundada. Estas unidades foram transformadas em expressões de caráter psicológico com o objetivo de esclarecer e desvelar o significado psicológico das descrições dadas pelos entrevistados. Por fim, estabelecemos a estrutura geral dos significados psicológicos, os quais motivaram a produção de quatro artigos que explanam as principais categorias de análise vinculadas aos principais conceitos da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty.

O primeiro artigo, intitulado Trajetórias de vida: a historicidade dos paratletas a partir de acidente de trânsito até o ingresso no paradesporto, buscamos apresentar os relatos dos entrevistados da forma mais cronológica possível a fim de conhecer suas trajetórias existências que abarcaram basicamente três percursos cruciais. Dessa forma, passamos a conhecer, biograficamente, as situações em que os entrevistados passaram pelo atendimento de pronto socorro, internação, cirurgias e reabilitação, bem como, a maneira pela qual vivenciaram, em suas historicidades na temporalidade, a facticidade das perdas materiais, pessoais e existenciais que enfrentaram e por fim, como se engajaram no paradesporto, suas experiências perceptivas atuais perante a prática de esportes de alto rendimento e quais suas expectativas futuras enquanto paratletas.

No segundo artigo, que recebeu o título O Mundo Vivido – o palco da motricidade das pessoas com deficiência em dissonância com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015, procuramos discutir o constante cerceamento dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência em face da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015, principalmente em decorrência de barreiras atitudinais como o capacitismo que é uma forma de preconceito subliminar engravada na produção simbólica social, apresentando-se como uma construção universalizada de opressão sobre a compreensão da deficiência (DIAS, 2013)

que avalia as pessoas com deficiência como desiguais, menos aptas ou incapazes de gerir suas próprias vidas.

No terceiro artigo denominado Intercorporeidade: a subjetividade intersubjetiva do paratleta em ser-com-o-outro a partir a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty os entrevistados desvelaram as percepções do outro a partir das relações de subjetividade intersubjetiva com seu próprio ser, suas vivências com o outro a partir dos atendimentos a que foram submetidos, discorreram acerca de suas percepções das outras pessoas com deficiência e dos seus colegas de time.

O último artigo, que recebeu o título A Corporeidade – a experiência perceptiva do paratleta pela motricidade do corpo-capaz teve como objetivo apresentar as experiências perceptivas vivenciadas pelos paratletas entrevistados acerca de si mesmos, dos outros, dos próprios corpos, até a aceitação, superação e transcendência, bem como, seus sentidos próprios de corporeidade, sintetizada no conceito de corpo-capaz.

## **6.1 Trajetórias de vida: a historicidade dos paratletas lesionados em acidente de trânsito sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty**

**Mauro Batista Negreiros**

### **RESUMO**

Na antiguidade, competições de eventos atléticos realizados em Olímpia envolviam diversos representantes das antigas cidades-estados gregas em alusão aos deuses do Olimpo. No século XIX, desenvolveram-se os Jogos Olímpicos como um evento multiesportivo global que milhares de atletas se reúnem para participarem de várias competições. Os primeiros Jogos Paraolímpicos foram realizados em 1960 em Roma, Itália e se tornaram o maior evento esportivo mundial envolvendo pessoas com deficiência físicas. Utilizamos-nos dessa analogia para eleger pseudônimos para nos referirmos ao paradesportistas entrevistados na presente pesquisa. Neste artigo, buscamos apresentar os relatos dos entrevistados da forma mais cronológica possível a fim de conhecer suas trajetórias existências que abarcaram basicamente três percursos cruciais a partir da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. O primeiro buscou relatar a vivência da facticidade do acidente de trânsito que os lesionou permanentemente. O segundo percurso expôs os períodos de reabilitações físicas, psicológicas e existenciais a que os paratletas foram submetidos e o terceiro culminou na apresentação da decisão de se tornarem praticantes de esportes de alto rendimento. Dessa forma, passamos a conhecer, biograficamente, as situações em que os entrevistados passaram pelo atendimento de pronto socorro, internação, cirurgias e reabilitação, bem como, a maneira pela qual vivenciaram, em suas historicidades na temporalidade, a facticidade das perdas materiais, pessoais e existenciais que enfrentaram e por fim, como se engajaram no paradesporto, suas experiências perceptivas atuais perante a prática de esportes de alto rendimento e quais suas expectativas futuras enquanto paratletas.

**Palavras-chaves:** Acidente de trânsito; reabilitação; paradesporto; fenomenologia.

## ABSTRACT

In antiquity, competitions of athletic events held in Olympia involved several representatives of the ancient Greek city-states in allusion to the gods of Olympus. In the 19th century, the Olympic Games developed into a global multi-sport event where thousands of athletes come together to participate in various competitions. The first Paralympic Games were held in 1960 in Rome, Italy and are the world's largest sporting event involving people with physical disabilities. We used this analogy to choose pseudonyms to refer to the parasportsmen interviewed in this research. In this article, we seek to present the reports of the interviewees in the most chronological way possible in order to know their life trajectories that basically encompassed three crucial paths from the phenomenology of Merleau-Ponty's perception. The first sought to report the experience of the facticity of the traffic accident that permanently injured them. The second route will expose the periods of physical, psychological and existential rehabilitation to which the athletes were submitted and the third will culminate in the presentation of the decision to become practitioners of performance sports. In this way, we get to know, biographically, the situations in which the interviewees went through emergency care, hospitalization, surgeries and rehabilitation, as well as the way in which they experienced, in their historicity in temporality, the facticity of material, personal losses and existential experiences that they faced and, finally, how they engaged in parasports, their current perceptive experiences regarding the practice of high-performance sports and what are their future expectations as parathletes.

**Keywords: Traffic accident; rehabilitation; parasports; phenomenology.**

### 6.1.1 Introdução

A realização dos jogos olímpicos modernos foi concebida para rememorar os jogos olímpicos da antiguidade, realizados em Olímpia, do século VIII a.C. ao século V d.C. na Grécia Antiga e de acordo com lendas e mitos, essas competições de eventos atléticos envolviam diversos representantes das antigas cidades-estados gregas em alusão aos deuses do Olimpo. No século XIX, o Barão Pierre de Coubertin fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1894 e se tornou o órgão dirigente do Movimento Olímpico, cuja estrutura e as ações são definidas pela Carta Olímpica. Desde então, os Jogos Olímpicos desenvolveram-se como um evento multiesportivo global, contando com modalidades de verão e de inverno, realizados a cada dois anos, em anos pares, com os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno se alternando a cada quatro anos, cada um, em que milhares de atletas se reúnem para participarem de várias competições.

Os primeiros Jogos Paraolímpicos foram realizados em 1960 em Roma, capital da Itália e se tornaram o maior evento esportivo mundial envolvendo pessoas com deficiência físicas (de mobilidade, amputações, ou paralisia cerebral), deficiências visuais (cegueira), além de deficiências mentais e desenvolveram-se a partir da derivação dos jogos olímpicos modernos. Apesar de não serem mais realizados em honra aos deuses do Olimpo, utilizamos dessa analogia para eleger pseudônimos para nos referirmos ao paradesportistas entrevistados na presente pesquisa.

Neste primeiro momento, consideramos de fundamental importância iniciar a caminhada, para alcançar a síntese significativa que pretendemos compreender neste trabalho, apresentar os relatos dos entrevistados da forma mais cronológica possível a fim de conhecer suas trajetórias que abarcarão basicamente três percursos cruciais. O primeiro buscará relatar a vivência da facticidade do acidente de trânsito que os lesionou permanentemente. O segundo percurso exporá os períodos de reabilitação física, psicológica e existencial aos quais os paratletas foram submetidos e o terceiro culminará na apresentação da decisão de se tornarem praticantes de esportes de alto rendimento. Esperamos que, ao conhecer os fatos, as nuances, as características e as peculiaridade que envolvem suas biografias, possamos contextualizar cada realidade dos entrevistados em plena motricidade de sua cotidianidade do mundo vivido e desvelar como estabeleceram relações com seus próprios corpos, com o outro e no palco do mundo, até que seja possível estabelecer a compreensão da síntese significativa que os participantes atribuíram ao fenômeno de terem se tornado paratletas após terem sido lesionado permanentemente em acidente de trânsito.

Antes de percorrer essas trajetórias, apresentaremos os perfis socioeconômicos de cada entrevistado de acordo com os critérios ABEP levantados no momento inicial de cada entrevista. Além de ser uma forma de conhecer os entrevistados em suas características sociais e econômicas, esse levantamento representa o momento inaugural da entrevista e possibilita o início do estabelecimento de um vínculo que perduraria toda a entrevista, superando as primeiras barreiras que circundavam a relação entrevistados e entrevistador.

Concomitantemente, somam-se a essas apresentações iniciais dos entrevistados os comentários das impressões pessoais do pesquisador, de acordo com as anotações do diário de campo, acerca dos comportamentos dos entrevistados e, finalmente, procuraremos relatar, nas próprias palavras de cada participante, suas respectivas histórias, desde o momento em que foram vítimas lesionadas permanentemente em acidente de trânsito, perpassando os momentos de atendimento, reabilitação física, recuperação e superação até se tornarem paratletas.

Seguindo a decisão de nomear cada participante de acordo com o nome de um dos deuses da mitologia grega, ao primeiro entrevistado foi atribuído o pseudônimo do deus ARES, o deus da guerra, pois, de acordo com esse primeiro entrevistado, sua trajetória existencial desde o acidente de trânsito até se tornar paratleta foi uma sucessão de batalhas desde o momento dos atendimentos iniciais de pronto socorro, recuperação, reabilitação física, operação, atendimentos médicos, busca por trabalho até se engajar no esporte de alto rendimento, no seu caso o basquetebol de cadeira de rodas.

Apolo, o deus mitológico do sol, da cura, da peste, das artes, da profecia e do tiro com arco foi a alcunha atribuída ao segundo entrevistado, o qual relatou que sua trajetória foi marcada pelo antes e depois do atendimento em hospital de referência. Assim como o sol rompe aurora e ilumina um novo dia, possibilitando enxergar com clareza o que antes estava no escuro, o entrevistado relatou como ter recebido informações e orientações no hospital de referência transformou sua forma de compreender sua corporeidade.

A terceira entrevistada foi alcunhada ATENA, a deusa da sabedoria. A escolha partiu da sensibilidade deste pesquisador frente ao relato de como a entrevistada conduziu sua recuperação física e emocional até se tornar paratleta de forma sensata.

Finalmente, a quarta e última entrevistada recebeu o nome HERA, a rainha dos deuses, a deusa do casamento, da maternidade e das mulheres. A escolha se deu devido à forma enfática com que a entrevistada se manifestou no sentido de se empenhar para que mais mulheres com deficiência busquem se engajar na prática de esportes de alto rendimento.

As duas primeiras entrevistas com ARES e APOLO ocorreram em suas residências respectivamente, e as entrevistas com ATENA e HERA ocorrem em espaços públicos escolhidos pelas próprias entrevistadas. As entrevistas foram audiogravadas e transcritas na íntegra e posteriormente analisadas pelo pesquisador que possibilitou a extração das unidades de significado, sua reunião em categorias de análise e finalmente a compreensão da síntese significativa acerca da essência do fenômeno de ser paratleta lesionado em acidente de trânsito.

As entrevistas seguiram um protocolo humanizado em que o entrevistador buscou se comportar de forma natural, distante de um lugar de suposto saber e demonstrando uma atitude de se relacionar de igual para igual como o entrevistado. As entrevistas se iniciaram com as questões do questionário de Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2015).

O primeiro entrevistado, ARES, afirmou ter 45 anos de idade, cursou o ensino superior incompleto, recebe benefício de pessoa com deficiência permanente do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), possui residência própria com dois televisores, um banheiro, uma geladeira, uma máquina de lavar, com energia elétrica, com água encanada, com esgoto e com renda de dois salários mínimos, somado ao da esposa com quatro moradores na residência. O paratleta é componente do time de basquetebol de cadeiras de rodas da Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas.

O entrevistado APOLO, segundo na cronologia da realização das entrevistas, respondeu aos critérios de avaliação socioeconômico da ABEP como tendo 39 anos de idade, reside em imóvel alugado, com água encanada, com energia elétrica, sem esgoto, sem automóvel, com um televisor, um banheiro e uma geladeira, bem como, revelou ser aposentado como pessoa com deficiência e recebe aposentadoria do INSS de um salário mínimo, mora sozinho, cursou o ensino médio completo, tem uma filha e é divorciado. O entrevistado também é paratleta do time de basquetebol de cadeiras de rodas da Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas.

A terceira entrevistada, ATENA tem 34 anos de idade, cursou o ensino superior completo, pós-graduada, com renda mensal de dois salários mínimos, mora numa residência alugada, com luz elétrica, água encanada, esgoto, uma geladeira, um banheiro, um quarto, um televisor, sem automóvel, bem como, mora sozinha, é solteira e não tem filhos. A paradesportista compõe o time de voleibol sentado sob representação da ADEFA.

A entrevista HERA respondeu que tem 26 anos de idade, é aposentada pelo INSS com recebimento de benefício de um salário mínimo, mora numa casa alugada, com energia



elétrica, água encanada, com esgoto, tem fogão, geladeira, não tem automóvel, não tem filhos e está cursando o ensino médio na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA). A paradesportista também compõe o time de voleibol sentado sob representação da ADEFA.

### 6.1.2 Material e método

Tendo em vista o objetivo de compreender o significado presente nos discursos dos Paratletas que se tornaram portadores de lesões permanentes após sofrerem acidente de trânsito, levando em consideração a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo que conforme pressupõe Minayo (2014) significa mergulhar na experiência de tal modo que o pesquisador consiga perceber, nos discursos dos colaboradores da pesquisa, sentimentos, emoções e o olhar específico acerca da temática em pesquisa.

Para tanto, acreditamos ser o método fenomenológico o mais adequado instrumento que nos possibilitará investigar a vivência das pessoas nas diferentes situações e assim chegar à compreensão dessa pessoa. Ademais, precisamos entender como os pressupostos que regem a Fenomenologia influenciam a Psicologia. Privilegia-se, dentro desta metodologia, a *Alethéia* (verdade relativa), ao invés da *Veritas* (verdade absoluta); essa proposição se dá pela perspectiva de que a vida adquire os seus sentidos por meio da experimentação subjetiva e particular, sendo amparada pelas perspectivas culturais e situacionais presentes nos seus contextos (CASTRO, 2019).

Dessa maneira, o método fenomenológico de investigação em Psicologia segue o conceito epistemológico da consciência intencional, que acontece, de forma sucinta, quando o investigador inicia seu estudo, obtendo descrições de experiências de outros sujeitos no método aplicado a Psicologia. Num segundo momento, o investigador adota uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo enquanto desenvolve a redução fenomenológica-psicológica. Num terceiro momento, o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto de estudo através da variação livre imaginativa a partir da perspectiva psicológica do investigador ao enquadrar a análise eidética para definir sínteses de significados psicológicos sobre o tema.

Foram considerados aptos a participarem desta pesquisa, paradesportistas com mais de 18 (dezoito) anos de idade que se tornaram paratletas após sofrerem qualquer tipo de lesão permanente em decorrência de acidente de trânsito e integram a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, independentemente a gênero, raça, credo e que

praticam paradesporto há pelo menos três (03) meses e ao menos uma vez já competiu ou está se preparando para competir em eventos esportivos em qualquer modalidade.

Entre recusas, abstenções e aceites, obtivemos a quantidade de quatro entrevistas. Este número de entrevistas representa o pouco número de pessoas com deficiência em decorrência de acidente de trânsito que aderem à prática de esportes de alto rendimento, por vários motivos que teremos a possibilidade de discutir no decorrer deste trabalho, e desses poucos adeptos, um número menor ainda dos que se demonstraram dispostos a participar da pesquisa científica, mesmo lhes tendo sido informado acerca de seus direitos, tais como, sigilo de sua identidade e não terem despesas.

Inicialmente, foi solicitada a anuência da instituição, no caso a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, instalada na Arena Amadeu Teixeira. Em seguida, obtivemos junto a presidência da referida instituição os números de contatos de telefones e e-mails dos paratletas federados que correspondem ao perfil de sujeitos aptos a participarem da presente pesquisa. De posse dessas informações, contatamos via mensagem de texto por aplicativo de mensagens cada um dos candidatos a participantes, ocasião em que o pesquisador se apresentou formalmente e esclareceu o motivo do contato. Ademais, o pesquisador encaminhou para o pretense participante o link para acessar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de forma *on line*.

Foi utilizada a Entrevista Fenomenológica gravada em aplicativo eletrônico de *smartphone*, obedecendo-se os preceitos legais previstos na Resolução CNS nº 466 de 2012, sendo que a cuja duração mínima é de sessenta (60) minutos, efetivada a partir de uma questão inicial que sofreu desdobramentos, permitindo ao pesquisador colocar-se na condição de ouvinte, intervindo quando foi necessário e oportuno com o objetivo de esclarecer, informar ou facilitar as expressões oriundas dos participantes da pesquisa.

Após a realização das entrevistas e seguindo as instruções do pesquisador, os participantes assinaram o TCLE, o qual também foi assinado pelo pesquisador e uma das vias foi concedida aos entrevistados.

Durante o processo investigativo, também utilizaremos o Diário de Campo/Notas de Campo como recurso metodológico para o registro minucioso das impressões e reflexões do pesquisador no campo de pesquisa e para detalhar os comportamentos dos participantes do estudo.

Utilizou-se as orientações de Giorgi & Sousa (2010) propostas em quatro momentos, a saber, estabelecimento do Sentido Geral, a determinação das Unidades de Significado e sua

transformação em Expressões de Caráter Psicológico e por fim, a determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos.

A pesquisa buscou respeitar as diretrizes contidas nas Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e foi encaminhada para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

A obtenção dos dados teve início após a aprovação do protocolo e do projeto de pesquisa elaborado de acordo com o preconizado pelas diretrizes do CNS, pelo Comitê de Ética em Pesquisa que elaborou o Parecer Consubstanciado n 4.788.980.

### 6.1.3 Resultados e discussões

Na busca pelo relato da vivência da facticidade do acidente de trânsito que os lesionou permanentemente, os participantes foram confrontados com a questão norteadora da pesquisa, a partir da qual os entrevistados puderam redimensionar seu próprio existir partindo de seus pensamentos, sentimentos, conceitos e concepções do fenômeno do acidente de trânsito.

Em suas trajetórias, os paratletas entrevistados relataram perdas simbólicas que passaram a representar um marco existencial em suas vivências com o outro e suas nuances, tais como, seus olhares sobre as perdas físicas e psicológicas, bem como, o enfrentamento das concepções preconceituosas e da impossibilidade momentânea de desempenhar atividades laborais.

O último momento culminou com a apresentação da decisão de se tornarem praticantes de esportes de alto rendimento, um dos temas mais abordados e elencados durante as entrevistas, como se engajaram no paradesporto, suas experiências perceptivas atuais perante a prática de esportes de alto rendimento e quais suas expectativas futuras enquanto paratletas em suas cotidianidades.

### 6.1.4 Os acidentes de trânsito: o existir é redimensionado

No segundo momento da entrevista, os participantes foram confrontados com a questão norteadora da pesquisa, a partir da qual os entrevistados puderam realizar suas asserções livremente, discorrendo e narrando suas vivências acerca de seus pensamentos, sentimentos, conceitos e concepções do fenômeno existencial de se tornarem paratletas pós lesionarem permanentemente em acidente de trânsito.

O primeiro entrevistado, ARES, relatou ter sido vítima de um atropelamento ocorrido no ano de 2004. Naquele momento, o entrevistado já era pessoa com deficiência em decorrência da poliomielite sofrida durante a infância. O acidente de trânsito resultou na lesão permanente de sua perna direita. O participante se manifestou da seguinte forma:

Eu lembro mais ou menos porque eu trabalhava pela ADEFA (Associação De Deficientes Físicos Do Amazonas) aqui no edifício Jose Frota, nos Correios, na sessão administrativa (...), isso era 2004, então meu acidente foi em 2004, data 26...(...). No retorno, como meu horário era diferenciado nos correios, eu ficava reparando carro, de flanelinha aqui na frente onde era aquele prédio do PRÉ-UNI, eu ficava ali na frente, era complicado porque não tinha como eu ficar correndo, aí eu fui lá. Quando eu voltei, só fiz tirar a mochila, estava de bermuda por baixo, guardei, acho que o terceiro carro que eu ia estacionar, Djalma (Av. Djalma Batista, zona Centro-Sul de Manaus) é complicado, eu estava chamando um carro, o “cara” cortou daqui, voltou para cá e “POW!”, só lembro isso, passei... disseram que passei duas horas desacordado, o DETRAN já tinha prendido o “cara”, porque não deixaram ele fugir... era umas 09h00 da manhã, porque foi cedo, (...), aí “tava” começando ainda, (...), eu cheguei nessa faixa de 09h00 e 10h 00... só cercado, deitado não chão, quando me acordei, só aquele “chororô” (expressão que significa pessoas chorando ao redor), alguns achavam que eu tinha morrido porque foi muito tempo desacordado, estava no chão quando acordei, aguardando a ambulância, a ambulância não veio, aí foi quando em seguida paramos uma ambulância do PROGRAMA (Deputado Estadual em 2004), aquelas kombis, mas não tinha estrutura nenhuma dentro, aí já me levaram direto para o 28 (28 de Agosto – Pronto Socorro localizado na Zona Centro-Sul de Manaus), que já é outra história cômica se não fosse triste, né, que o médico chegou para me examinar e disse: “olha, quarta-feira tu sai!”... isso foi uma segunda-feira (ARES, 2021).

O entrevistado APOLO relatou que se lesionou permanentemente sua coluna vertebral em acidente de trânsito enquanto pilotava uma motocicleta no ano de 2010, conforme o relato abaixo:

Foi em 2010, na verdade foi exato dia 10 de maio de 2010, foi em torno de 6h da manhã, na Avenida Brasil (Zona Centro-Oeste de Manaus), lá na compensa, na época que eu era casado, eu “tava” levando minha esposa e minha filha na época para fazer uma cirurgia, (...) e eu estava levando ela para marcar uma cirurgia, aí eu deixei ela lá e dei a volta, porque eu morava ali na rua do Ducilas Festas (Salão de Eventos localizado na Zona Centro-Oeste), deixei ela lá e voltei sozinho, e nessa minha volta para casa, “né”, quando sinal abriu, o sinal verde “pra” mim, eu saí, avancei e o “cara” não parou aqui, aí avançou o sinal vermelho e eu tive o acidente... eu “tava” de motocicleta, eu não me lembro de nada do acidente, eu conto o acidente por uma vizinha que vinha atrás de carro e viu todo o acontecimento, porque eu apaguei, tive sorte porque poucos metros assim tinha o SAMU (Base do Serviço de Atendimento Móvel, localizado na Zona Centro-sul de Manaus), aí veio logo o SAMU e meu atendimento foi rápido e me levaram para o João Lucio (PRONTO SOCORRO JOÃO LUCIO, localizado na zona leste de Manaus), na época, lá teve todo o atendimento e tudo e quando eu voltei em si (APOLO, 2021).

A participante ATENA, a terceira entrevistada, relatou que o acidente de trânsito que lhe lesionou ocorreu enquanto ela se encontrava na garupa de uma motocicleta, a qual foi atingida por outro veículo, na ocasião um ônibus. Após uma semana de internação em

unidade de pronto atendimento, a entrevistada terminou tendo amputada a perna direita, com secção a partir da parte superior do joelho, conforme ela mesma afirmou:

(O local do acidente foi) “aqui em Manaus, na Kako Caminha (Av. Kako Caminha, localizado na Zona Centro-Sul de Manaus, no final da Boulevard (Boulevard Álvaro Maia, via localizada na Zona Centro-Sul de Manaus), encontro com a Kako Kaminha, sentido Compensa (Bairro localizado na zona Centro-oeste de Manaus), aqui no canto tem o Olímpico (Clube Esportivo zona central de Manaus) “né”, naquele encontro, o carro veio de baixo, a moto veio daqui, ele atingiu a moto, e na sequencia o ônibus passou, foi dia 9 de outubro de 2012. (...) o meu acidente foi assim, eu estava numa moto, numa garupa, na garupa com um amigo meu, um carro bateu na nossa moto, meu amigo foi arremessado e eu me segurei na moto, e eu tombei com ela, no que eu tombei com ela, um ônibus me atropelou, passou por cima da minha perna, ele eu achava que tinha passado por cima de mim (ANTENA, 2021).

A entrevistada HERA relatou que era uma criança de seis anos de idade quando sofreu o acidente de trânsito que a lesionou permanentemente. Na ocasião, o acidente de trânsito foi um atropelamento enquanto ela se encontrava na calçada da via pública em companhia do seu genitor e ocasionou a amputação da sua perna esquerda. A entrevistada relatou o fato assim:

Quando aconteceu o acidente eu tinha seis anos (de idade). (...) Eu lembro de todos os detalhes do acidente, na verdade, na época eu morava com meu pai, (...) e tinha um irmão, fora, papai tinha um filho pequenininho, “né”, era um bebezinho, aí eu queria visitar na época do acidente, aí papai comprou um velocípede “pra” ele, “pra” dar de presente “pra” ele, mas nesse dia o papai não queria ir, não queria ir, eu queria ir, “né”, a minha teimosia, ele me levou, aí eu sei que eu fui, brinquei com ele, eu queria muito ver ele, “né”, fui, e aí, quando foi na hora de voltar para casa, meu pai encontrou um amigo dele, “né”, e ficou conversando na parada de ônibus. Eu “tava” do lado esquerdo da rua, na beira da rua, na calçada assim, segurando na mão dele, aí meu pai estava conversando “né”, a gente estava esperando o ônibus “pra” ir “pra” casa, aí papai “tava” conversando, conversando, aí eu só vi o pessoal gritando “né”, pessoal gritando, aí eu só vi uma coisa branca na minha vista, aí um caminhão passou, uma caçamba passou, subiu na minha frente na calçada que eu “tava” e me pegou, me atropelou, aí quando eu acordei, eu já estava no hospital (HERA, 2021).

Importante destacar que, com exceção da entrevistada HERA que se encontrava ainda na infância quando foi vítima do acidente de trânsito, os entrevistados recordam-se e informaram a data precisa em que ocorreu o acidente, evidenciando como as circunstâncias macularam suas vidas, a forma como aquele dia se tornou um marco em suas existências, um divisor de águas, pois, a partir daquele acontecimento, tiveram suas vidas transformadas pela lesão permanente, portanto, se tornou uma data repleta de simbolismos, marcando de forma definitiva um antes de um depois em suas historicidades.

Os excertos de discursos nos trazem os olhares de cada um dos participantes da pesquisa acerca do momento do acidente. Suas vidas, a partir daí, iniciam outro traçado existencial. Como se colocou no subtítulo, há um redimensionamento em suas vidas.

Inicialmente precisamos compreender a noção de Facticidade (*Facticité*) na obra de Merleau-Ponty. Este autor reúne a noção deste elemento em tripla herança: a de Kant, que distingue a questão do fato da questão de direito; a de Husserl, que distingue o fato e a essência, e a de Heidegger, que pensa a facticidade como estrutura existencial do *Dasein*. Desse modo, há uma inflexão entre fato e essência. A essência não é mais uma condição subjetiva da inteligibilidade do fato, ela é sua armação imanente, sua idealidade carnal. A carne nomeia, assim, um sentido de ser que é facticidade e idealidade indivisas, não fato ou soma de fatos, fato empírico, mas “inauguração do onde e do quando, possibilidade e exigência do fato, numa palavra, facticidade, o que faz que o fato seja fato (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 184).

Nessa mesma obra, *O Visível e o Invisível (Le Visible et l'invisible)*, Merleau-Ponty (2003) nos traz um constructo chamado Dimensão (*Dimension*) que em sua acepção significa que um acontecimento é dimensional pois vai além da individualidade espaçotemporal. Dessa forma, no que tange ao dito nas falas, não foi apenas o acidente, não foi apenas a dor e o sofrimento, foi um aglomerado de percepções presentes, detalhes que mostram a pluridimensionalidade desse momento e assim, como nos diz o filósofo há um irradiar do modo de ser de cada participante, “uma essência ativa, um *Wesen* (sendo) que os inscreve na unidade da experiência vivida” (p. 293). Considerando o que nos apresenta a teoria, os discursos mostram a experiência trazida por cada um, o ser-no-mundo sendo na vivência do acidente que modificou suas existências.

Elencando de maneira cronológica os acontecimentos narrados pelos participantes, apresentaremos neste momento os fatos ocorridos logo após os acidentes. Dessa forma, conhecemos os atendimentos de emergência e pronto socorro pelos quais passaram os entrevistados. Para ARES, a narrativa do momento após o acidente se deu da seguinte forma:

Aí, beleza, fiquei alegre, quebrou só a perna... normal, me transferiram para o GETÚLIO VARGAS (Hospital Universitário, localizado na Zona Centro-Sul de Manaus), aqui, passei quarenta e dois dias e só sai porque foi praticamente o inferno lá que fiz... Queria provar que eu era hipertenso, eu consegui descobrir porque estava aumentando a minha hipertensão, num dia só, graças à Deus houve assim, profissionais me ajudaram muito em relação a isso, me deixando calmo, porque um residente postou lá que eu não andava e que eu era hipertenso, sem nem ter conversado comigo, e deduziu... aí toda quinta feira que tem aquela questão de junta médica, que era na sexta de manhã, tem que limpar tudo, chegavam lá, “tava” com aquela 20 kg “pra” baixo tração praticamente jogado para esticar o osso, não saiu mas

ficou desse jeito, aí quando eles iam mexer, a dor causava pressão, ia “pra” 18, aí comecei a conversar com eles: “olha, não é normal, vamos pesquisar!”, aí foi quando eles começaram a dizer: “realmente, tua pressão aumenta, porque é uma dor, ela mexe com a adrenalina!”... aí falaram para ele (Médico Residente): “não, não, não!”... não sei o que, começou a mandar remédio “pra” mim, a primeira vez que eu tomei foi um desespero doido, era esses remédios que baixa o coração e coisa, aí eu não quis mais tomar, aí eu jogava o remédio na frente dele, médico novo, eu “tava” revoltado ainda, pensando na minha família, minha filha tinha, acho, que dois anos de idade e era eu que bancava, “né”, aí... doido “pra” sair e nada, aí começaram a passar refeições, salada crua, era comida sem sal... aí não vai... aí já fiz intercâmbio com o pessoal que ficava lá, que não tinha doença, eu estava na ala que só chegavam pessoas do interior, que são prioridades, aí já levavam farinha escondida, salzinho... aí foi quando me alimentei e eles me chamaram diversas vezes a atenção, assistente social e tudo por causa disso... minha mãe já estava entrando em pânico, eu passei quarenta e dois dias, aí foi quando eu consegui falar com a minha irmã que foi atrás do Diretor que na época era o (Médico Diretor) aí ele pegou, veio até mim, conversou, contei a minha história todinha “pra” ele e ele mandou só aguardar, mesmo assim, uma semana ele chegou na junta e falou: “gente, vocês que estão começando agora (médicos residentes), conversem com as pessoas, não custa nada, não tem desenvolver um projeto em relação a vocês para demonstrar “pra” gente que vocês estão trabalhando, o rapaz aqui trabalhava, andava, na limitação dele mas ele andava, ele não tem problemas de hipertensão, ele me falou que ele é doador!”, eu era realmente doador no HEMOAM (Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas), e aí ele mandou aguardar. Na semana seguinte eu fui operado... (ARES, 2021).

Para a entrevistada ATENA, o momento após acidente foi relatado como se segue:

Quando eu sofri o acidente, foi bem rápido o SAMU chegou acho que em cinco minutos, muito rápido e eu fui consciente até o momento da cirurgia, lembro de tudo que aconteceu, quando eu caí, eu não senti dor, porque esmagou minha perna, eu acho que... eles falaram que o meu sistema nervoso foi ativado e acaba que não sente “né”, atingiu a musculatura, enfim, e aí, quando eu fui acidentada, chamaram já, muita gente foi em cima, “né”, já chamaram a ambulância, o SAMU chegou em cinco minutos, eu fui encaminhada direto para o Hospital 28 de Agosto. Chegando lá, como eu tive fratura exposta, “né”, esmagamento do membro inferior, era muito visível aquilo, e aí, eu cheguei lá eles foram logo examinando, perguntando se eu tinha ingerido bebida alcoólica, eu disse que não, claro que não, “tava” voltando da faculdade nessa época, nesse dia... nove e meia da noite foi quando aconteceu o acidente, numa sexta-feira, e aí, cheguei lá, eles fizeram exame, perguntaram se eu tinha possibilidade de estar grávida, eu disse que não, aí eles fazem “né”, eles fazem um exame rápido de ultrassonografia para saber se tem algum feto dentro, enfim. Após isso, eu fiquei na sala de espera, e aí, acho que em uma hora... menos de uma hora eu já fui para o centro cirúrgico, para eles fazerem a cirurgia, lembro de tudo até esse momento, aí eles tentaram reconstruir a minha perna, danificou muito os meus tecidos, a parte da minha panturrilha ela acabou assim, ela esmagou, foi um ônibus “né”, são toneladas de peso, “né”, enfim, esmagou muito a minha perna e não teve muito jeito. (...) Quando eu estava no hospital, eu sentia muita dor, muita, muita dor, eu sofri muito no hospital, era dor física mesmo, dor da perna mesmo, eu sentia muita dor ali, na lesão, como aquela perna não cicatrizava, eu perdia muito sangue, e sou anêmica, então eu tive convulsões na época, as minhas plaquetas diminuía muito, eu perdia muito sangue, aquela perna não cicatrizava, então o sangue que ia “pra” lá não voltava, então perdia muito e na hora da limpeza que os enfermeiros vinham “pra” fazer a higienização, nossa, era um sofrimento, foi numa dessas aí que eu tive uma convulsão que quase eu não volto, e eu sentia muita dor e eu sempre pensava: não, vai passar, essa dor vai passar (ATENA, 2021).

Mesmo sendo criança à época do acidente, HERA se recorda do momento em que foi atendida com emergência, conforme ela própria narrou:

Na verdade, eu fiquei em coma, eu fiquei parece que uma semana, eu acho, uma semana em coma, nesse período não lembro de nada. Quando eu acordei, quando eu acordei, na primeira versão assim eu não pensava que tinha perdido a minha perna, mas quando eu acordei eu lembrei que eu tinha batido a minha perna, que eu tinha batido meu braço, que eu “tava” sangrando muito, mas nunca passou pela minha cabeça eu ter perdido a minha perna, lembro do meu atendimento, foi uma viatura de Polícia que parou e me levou para o hospital, aí me levou no hospital, aí ficou conversando comigo, o papai ficou conversando comigo também, aí todo mundo nervoso e todo mundo tentando me acalmar ali, o policial ficou falando comigo, o papai ficou falando comigo, até eu chegar no hospital, eu cheguei no hospital não lembro de nada mais. Primeiro eu fui socorrida no 28 de Agosto (Pronto Socorro localizado na zona centro sul de Manaus), aí quando eu me recuperei mais, aí eu fui para o 28 de Agosto, fui fazer uma plástica na minha perna, “né”, que eu tinha perdido, acho que eu fiquei uns 28 dias lá, no 28 de Agosto (HERA, 2021).

De acordo com relato dos entrevistados, foi comum a realização de cirurgias reparadoras das lesões após o atendimento de emergência como os passos seguintes. O paratleta ARES teve a perna esquerda lesionada permanentemente no atropelamento que sofrera. A cirurgia, a que foi submetido após o atendimento de emergência, imobilizou a perna esquerda e a articulação do joelho da mesma perna, limitando o movimento do referido membro, mas isso não impede que ARES consiga ficar em pé, porém, como redução de sua mobilidade. Acerca do procedimento cirúrgico, ARES destacou que:

Essa minha cirurgia aqui é rara, quando eu bato que tenho que tirar um raio x, quando eu volto, tem uma junta médica nos hospitais, todas as vezes tenho que explicar quem fez e porque fez (a cirurgia), acho que os pinos que estão aqui não saem, os pinos “escama de peixe”, colocou assim, abriu e já calcificou junto com o osso, não saem, por isso o risco de andar (ARES, 2021).

O paratleta APOLO relatou que, após o atendimento de emergência, foi transferido para outra unidade hospitalar, onde passou por cirurgia para reparar o trauma raquimedular que sofrera. Mesmo após a operação, APOLO não voltou mais a andar e descreveu a situação nos seguintes termos:

(...) aí passei cinco dias lá e me levaram para o ADRIANO JORGE (Hospital Adriano Jorge, localizado na zona centro-sul de Manaus), que lá quando fui operado, pelo médico, operado depois de quinze dias, depois de alguns dias tive uma infecção, aí tive que fazer uma nova cirurgia para fazer a lavagem, “né”, sei que eu passei lá quase 2 meses, que eu entrei lá, sai dia 25 de julho de 2010, vim “pra” casa. Minha lesão foi na parte t9 – t10 (vertebras torácicas), minha lesão ela foi raquimedular, teve o rompimento da coluna, e aí comprimiu a medula, aí na hora da cirurgia teve que



colocar umas placas “pra” voltar a coluna ao normal, minha cirurgia foi bem longa, minha cirurgia foi 12 horas de cirurgia, que lembro como se fosse hoje, dei meu ultimo suspiro, eu olhei para o relógio era 8h da manhã, acordei 20h da noite, foi longa demais, demais, demais, mas deu tudo certo ali no que era previsto, “né”, eu fiz vários raio-x, outros aí, outros lugares, outros profissionais, e elogiaram muito a minha cirurgia, por ter sido num lugar do SUS, não sei qual é o mistério, também disseram que eu estava na mão de um dos melhores doutores daqui, de ortopedia que é o médico (...), e graças à Deus deu tudo certo (APOLO, 2021).

A entrevistada ATENA asseverou que não teve a perna amputada durante o primeiro momento após o acidente. A paratleta foi socorrida para o pronto socorro apresentando com uma lesão gravíssima na perna direita. Durante uma cirurgia de emergência, a equipe de saúde procurou preservar o membro, mas a gravidade da lesão impediu a recuperação do membro, que após uma semana, terminou sendo amputado. A seguir, o relato da ATENA sobre o fato:

Eles tentaram restituir, tiraram parte da pele da minha coxa para tentar enxertar, mas como foi muito danificado meus tecidos, “né”, meu organismo mesmo rejeitou a minha própria pele, aí eu fiquei uma semana internada, e aí na semana seguinte, “tava” começando a necrosar, minha perna não reagia, “tava” perdendo já o movimento, acabei que perdi o movimento, e tal, começou a dar infecção, falaram que poderia generalizar, subir, enfim... duas semana depois eu tive que amputar a perna, então quatro dias depois eu peguei alta e fui “pra” casa. Após esse período, eu fiquei um período de acompanhamento com o enfermeiro “né”, “pra” todo dia ele ia fazer a limpeza, higienização da cirurgia, questão de tirar pontos, dezessete dias depois eu voltei no pronto socorro “pra” poder retirar os pontos... retirei os pontos, retiraram todos os pontos, a minha cirurgia abriu, eu tive que suturar novamente, aí foi um período de cicatrização (ATENA, 2021).

Após a cirurgia, os entrevistados narraram os períodos em que estiveram submetidos a reabilitação físicas, principalmente no que concerne os atendimentos fisioterápicos. Para o paradesportista APOLO, foi um período de luta com a realização de fisioterapia intensiva.

Tive (período de reabilitação física), depois que eu sai de lá eu fui lá com o doutor, perguntei deles se eu tinha possibilidade de andar, e ele simplesmente virou “pra” mim e disse que eu não tinha possibilidade de andar, que eu tinha dois anos para fazer a fisioterapia “pra” não atrofiar, e aí começou a minha luta aí, “né”, fazer a fisioterapia, fazer às vezes três vezes por semana, fazia duas vezes por semana, é...e... a dificuldade era grande (APOLO, 2021).

A entrevistada ATENA também relatou um longo período de realização de fisioterapia, principalmente porque não desejava utilizar cadeiras de rodas. Para tanto, buscou uma reabilitação em que pudesse usar muletas e posteriormente passou a utilizar prótese. Para a entrevistada ATENA, o período foi vivenciado da seguinte forma:

(...) depois disso eu comecei a fazer fisioterapia, quando cicatrizou um pouquinho, já “tava” cicatrizado “né”, já dava “pra” sair, eu comecei o acompanhamento com

fisioterapia, eu fiz muita fisioterapia, muita, muita... eu primeiro eu fiz pelo meu plano particular na época, nessa época que eu sofri acidente, eu era estagiaria numa empresa, (...), enfim, a principio, as fisioterapias foram pela empresa, pelo meu plano de saúde, quando eu finalizei o contrato com a empresa, (...) e aí acabou que eu não fiquei na empresa, e aí, o contrato foi (...) enfim, a partir do momento que eu não tinha mais o plano de saúde (...) eu não tinha condições de voltar (a trabalhar) ainda, porque eu “tava” muito debilitada e eu não tinha prótese, não conseguia andar direito de muleta, eu andava em cadeiras de rodas, durante um pouquinho de tempo (...) a gente conseguiu (tratamento fisioterápico) pelo Centro de Convivência da Família, aquele ali no Santo Antônio (Bairro localizado na Zona Oeste de Manaus), por lá eu fiz acompanhamento de fisioterapia, foi muito bom, eles faziam drenagem, faziam movimento, enfim. Logo no começo foi de cadeira de rodas, mas eu não queria cadeira de rodas, não aceitava de jeito nenhum, era um ... é muito difícil de andar de cadeira de rodas, eu admiro muito quem tem... na verdade, a pessoa que usa cadeira de rodas é porque não tem outra opção, “né”, mas é muito difícil de andar de cadeira de rodas, e eu de qualquer maneira queira aprender a usar muletas, eu tenho uma irmã, “né”, ela cuidava de mim, “tava” sempre comigo, eu ganhei uma muleta, no Hospital No 28 De Agosto eles me deram um par de muletas e eu não sabia usar como eu estava só com uma perna, e aí minha irmã foi treinar, ela que foi aprender primeiro a usar muletas, aí quando ela aprendeu, ela foi me ensinar, aí foi quando eu larguei a cadeira de rodas, eu fiquei em casa em cadeira de rodas umas duas ou três semanas no máximo, eu não queria andar de cadeira de rodas em casa, era pequeno, “né”, então durante todo esse período, antes da prótese, eu usava muletas, sai de muletas, andava de ônibus de muletas, ia “pra” fisioterapia de muletas, voltava, perdi o medo de andar de ônibus, chegava a andar de ônibus de muleta mesmo, ia e voltava, e quando eu fiz o curso de logística, após o acidente, eu já estava de muletas, de prótese, nessa época eu usava bengalhinha ainda, eu larguei as muletas, coloquei a prótese, fazia fisioterapia, e usava bengalhinha “pra” poder me equilibrar, aí depois de um ano eu larguei as bengalas e me senti livre usando a prótese, sem nada. (...) foi na época que eu peguei minha prótese, (...)eu fiquei um ano sem usar prótese, eu fiquei um ano me recuperando, a questão de prótese é muito caro, e aí a gente foi buscando, buscando e um ano depois a gente conseguiu, aí foi quando eu recomecei, aí tem todo aquele processo, de “protetizar”, aí demora, e é dolorido e só quem tem força de vontade consegue, enfim, só que é todo aquele processo, depois que eu finalizei, eu consegui (...) e aí, quando eu peguei minha prótese, eu precisava de um acompanhamento “pra” aprender a usar a prótese, a ortopedia que fez a minha prótese, ela me cedeu treinamento, mas eu precisava continuar com a fisioterapia, aí foi quando eu voltei para a UNINORTE e lá eles me proporcionaram fisioterapia, durante muito tempo fiz fisioterapia por lá, aí eles me acompanharam e durante esse período eu evolui muito, já utilizando a prótese, por isso que eu te falo, que eu fiz muita fisioterapia “pra” poder aprender a usar a prótese e tentar andar de uma forma mais natural possível, aí eu fiz acompanhamento pela UNINORTE, ei depois disso finalizou, eu acredito que ... é, foi, o ultimo processo de fisioterapia que fiz foi pela UNINORTE mesmo (ATENA, 2021).

De forma sucinta, HERA comentou como vivenciou seu período de reabilitação fisioterápica:

Eu tive um período fazendo fisioterapia, passei uns oito meses fazendo fisioterapia no começo, foi na minha infância, eu era criança (HERA, 2021).

Os entrevistados APOLO, ATENA e HERA relataram que também compôs seus períodos de reabilitação o acompanhamento psicoterápico. Neste aspecto, é importante destacar que, de acordo com o relato dos participantes, a oferta do serviço psicoterápico foi

realizada de maneira esporádica, isto é, não compunha o rol do protocolo formal de atendimento a que foram submetidos, mas surgiu aleatoriamente.

Para o participante APOLO, o atendimento psicoterápico ocorreu quando foi atendido no Hospital Sarah Kubitschek algum tempo depois da lesão permanente, e foi estabelecido, pelo próprio relato do entrevistado, que não se deu com um plano de sessões psicoterápicas para elaborar a lesão permanente do paratleta, mas apenas alguns atendimentos avulsos. Ainda assim, alguns aspectos do atendimento mobilizaram os entrevistados no movimento da sua reabilitação, conforme ele mesmo comentou:

(...) porque vai muito da cabeça da gente, “né”, eu lembro que a psicóloga lá do “SARAH” (Hospital Sarah Kubitschek) ela me falava muito isso aí: “se você não tiver com a cabeça boa, você não vai a lugar nenhum!”, “né” (APOLO, 2021).

A paratleta ATENA relatou que lhe foi ofertado o tratamento psicoterapêutico mais prolongado e que o tratamento teve continuidade na clínica-escola de Psicologia da faculdade que ela frequentava na época. O processo foi interrompido quando a própria paratleta percebeu que não sentia mais necessidade do acompanhamento psicoterápico. Naquela época, ATENA sentia-se incomodada pelo fenômeno do membro fantasma, o qual Merleau-Ponty destacou como um sintoma que acomete a pessoa que tem um membro amputado.

(...) aí tem toda a questão da fisioterapia também que entra junto com a psicologia, apoio psicológico, pela UNINORTE, tive o processo... não foi muito longo “né”, mas eu tive esse acompanhamento, a fisioterapia foi mais intensa, o acompanhamento psicológico não, foi mais a questão da dor fantasmas (...). Eu sentia muita dor fantasma também, era bem difícil, a dor fantasma, “né”, dor no membro fantasma, é como se eu tivesse a perna, mas eu sentia dor, sentia muita dor, eu tinha uma escoriação na parte interna do joelho, o joelho é aqui “né”, essa parte, eu via e era uma parte de doía demais quando eu “tava” com ela, eu sentia muita dor naquele região, e no meu pé, na perna que eu não tinha, entendeu, não sentia essa dor antes da lesão, vim sentir essa dor depois da amputação. Quando lesionei, “né”, fizeram a cirurgia essa escoriação ficou, foi um machucado, machucou muito “né”, enfim, aonde eu sentia muita dor quando eu estava lá no hospital era naquela região, perto do joelho e no pé, quando amputaram aquela dor sumiu, mas ela sempre voltava, como dizem, a dor do membro fantasma, aí foi quando eu fiz a parte da fisioterapia que coloca o espelho e teu cérebro reconhece ali, então, aí é mais questão psicologia mesmo, “né”, eu fiz acompanhamento com psicólogo e ele falou: “é uma dor que não existe, não existe esse dor, “é uma dor que não existe, você não tem o membro, não existe esse dor, é psicológico”. Ele falava que eu precisava fazer meu cérebro entender que aquela dor não existia, toda vez que ela vinha (a dor) eu ficava: você não existe, eu não estou com dor, ... doía demais, eu: não, não existe, não existe esse membro...(…), enfim, foi uma opção minha que esse tratamento psicológico não fosse alongado, eu achava que eu já “tava” bem, entendeu, então, foi uma opção minha não dar continuidade, mas eles me deram todo o apoio, todo apoio que eu achasse necessário eles me deram (ATENA, 2021).

A partir do conceito de membro fantasma, Merleau-Ponty (1953/2011) explicou como o amputado ainda sente o membro amputado para demonstrar que este fenômeno desvela a corporeidade como unidade vivida e destinada ao contato do espaço, pois, um membro pode continuar fazendo parte do corpo mesmo objetivamente ausente, e isso se dá porque há uma “continuação da atividade total” (p. 137) do corpo.

Na obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945/2011) sugeriu que por detrás do fenômeno do membro fantasma vislumbramos o “movimento de ser no mundo” (p. 93) e cita como exemplo o braço fantasma, em que a pessoa sente o braço ausente como sinal de que “o corpo é o veículo do ser-no-mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente nele” (p. 93).

Os membros corporais marcam vagamente a sua presença no corpo e estão à disposição como uma potência total e para colocá-lo em movimento não se faz necessária uma nítida percepção do corpo, afinal o amputado conta com o membro fantasma da mesma forma que o ser ido como normal conta com os membros do seu corpo, pois, a relação pré-objetiva do ser com o mundo independente de estímulos interoceptivos, proprioceptivos ou exteroceptivos porque possui uma consistência própria.

Acerca desse fenômeno, cabe comentar que a entrevistada reportou que era orientada pelo psicólogo no sentido de que aquela dor era inexistente, isto é, não tinha uma causa real, que se tratava de um fenômeno psicológico, como se o âmbito psicológico fosse relegado ao segundo plano da reabilitação. Para Merleau-Ponty, essa dor existe na verdade, porque mesmo que o membro não esteja mais presente fisicamente atrelado ao corpo do paratleta, deixou no corpo simbólico uma formação neural apta a produzir estímulos sensoriais durante boa parte da vida do sujeito, além da presença simbólica do membro recém amputado de compô o esquema corporal lesionado.

A entrevistada HERA reporta em sua asserção que foi sua cabeça que sentia assim, como se fosse um membro separado do corpo, desconexo, segundo uma lógica mecanicista de que seu corpo funciona de forma compartimentada ao se referir a vivência do mesmo fenômeno do membro fantasma.

Quando ocorreu a lesão, eu sentia que minha perna ainda estava lá, mas depois com um tempo, saiu esse negócio, foi logo no começo, sentia dor, sentia coceira, sentia choque, sentia dor no pé, sendo que não tinha dor no pé nenhuma, acho que é na cabeça que a gente pensa assim, que o nosso membro ainda tá lá, na minha cabeça era assim também (HERA, 2021).

O membro fantasma relaciona-se com a atividade corporal, conforme as indicações de Merleau-Ponty (1953/2011). Aquém dos estímulos sensíveis, “é preciso reconhecer um tipo de diafragma interior que, muito mais do que eles, determina que nossos reflexos e nossas percepções poderão visar no mundo, a zona de nossas operações possíveis, a amplidão de nossa vida” (MERLEAU-PONTY, 1945-2011, p.95).

O autor também apontou a diferença entre o um corpo habitual e um corpo atual em que o amputado sente o membro fantasma, pois a situação mundana aberta exige-lhe uma ação do membro que não mais existe, isto é, o corpo passado, e que não mais corresponde ao corpo atual, mutilado e não somente porque ele conserva a significação corpórea sedimentada e constituinte do seu corpo habitual. Dessa forma, ocorre a reorganização da significação do corpo em um processo no qual o corpo atual (mutilado) vai se tornando o corpo habitual à medida que se dá a relação com o mundo.

O fenômeno de substituição do membro fantasma ultrapassa os movimentos reflexos circunscritas a uma “causalidade em terceira pessoa”, e depende, muito mais, da “história pessoal do doente, de suas recordações, de suas emoções ou de suas vontades” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 91)

Através desse fenômeno, o que encontramos é o movimento do ser no mundo, a motricidade como intencionalidade originária, ou um comportamento, para aquém dos estímulos sensíveis.

#### 6.1.5 Um olhar sobre as perdas: as vivências com os outros e suas nuances

Além das perdas físicas e psicológicas, os paratletas entrevistados relataram outras perdas simbólicas que passaram a representar um marco existencial, e dentre estas, a impossibilidade momentânea de desempenhar atividades laborais e a posterior dificuldade de retornar para o mercado de trabalho, somado ao enfrentamento das concepções preconceituosas acerca da incapacidade laboral da pessoa com deficiência, muitas vezes confundindo a deficiência física com a deficiência intelectual, atualmente conhecida pelo termo “capacitismo”. Neste aspecto, o paratleta ARES comentou:

A rotina só estudo, me formei, como eu disse “pra” ti, meu convívio era com pessoas que não tem deficiência, esse bairro aqui dificilmente tua vai encontrar... trabalho, mas é a aquela coisa, viver sem saber que estava vivo, eu não vivia, eu era espelho dos outros, ai não tinha uma rotina. (...) eu não trabalho mais com solda, porque a Solda esquenta muito, já tenho que ir me adaptando, então o que foi que fiz? Pego determinado serviço e passo para outra pessoa (ARES, 2021).

Para os entrevistados APOLO e ATENA, a proximidade e a intercorporeidade de seus familiares nesse período pós-acidente de trânsito foi fundamental para incentivar a reabilitação dos lesionados, conforme seus relatos.

(...) trabalhava na marmoraria, mármore e granitos, na época do meu acidente eu trabalhava com isso aí (...) porque eu era um cara muito ativo (...) eu tinha uma filha na época, que ela ia fazer três anos de idade (...) porque nessas horas a gente tem que se agarrar com qualquer coisa que te dê esperança, porque não é fácil, não é fácil mesmo, a nossa vida vira de cabeça para baixo, e a gente tem que reorganizar nossa situação, mas graças à Deus que eu consegui, dar a volta por cima depois de alguns anos, foi quatro anos de turbulência, porque nesse decorrer da minha lesão, do acidente, teve outras coisas no caminho que se procederam, que ainda se tornou mais difícil o caminhar (APOLO, 2021).

Eu “tava” cursando (faculdade) administração, eu estava na metade do sétimo período nessa época, (...) eu já estava assim no sétimo período da faculdade, faltava só um para finalizar, aí eu já estava estagiando, já estava praticamente assim, eu “tava” quase chegando ao pódio, “né”, na minha expectativa, no que eu imaginava, “pro” final do curso superior, enfim, (...) aí eu sofri o acidente e não queria desistir, eu não queria trancar porque eu sei que “pra” uma pessoa sem nenhuma deficiência trancar uma faculdade já é difícil voltar, eu imaginei, eu vou ficar um tempo sem a minha perna, eu vou precisar fazer fisioterapia, enfim, fiz vários tratamentos e eu não vou voltar tão cedo, então falei assim: eu não quero trancar, a gente tem que arrumar um jeito de eu concluir isso, porque eu quero me livrar disso, eu quero finalizar, “pra” depois, quando eu for recomeçar, eu não ter que cobrir um buraco que eu tinha deixado atrás, e a faculdade me deu muito suporte nessa questão, tanto psicológica, quanto meus professores, eles passavam material pela plataforma da faculdade, então eu fazia, estudava e na hora de aplicar as provas, eles iam em casa, aplicavam “pra” mim, aí eu consegui finalizar o sétimo período em casa, quando foi para o oitavo (período da faculdade), três meses depois, eu voltei a faculdade, “né”, presencial mesmo, aí eu continuei, aí veio a questão dos meus amigos me apoiarem, eles iam me deixar e me buscar em casa, a gente se ajudava em questão de combustível, enfim, eu consegui finalizar o oitavo período, sem ficar devendo nenhuma matéria, sempre fui uma aluna muito assídua assim, em relação aos meus estudos, sempre fui muito responsável, então não teve, não fiquei devendo nada, e eu finalizei, a gente fez formatura, enfim, e a partir do momento que eu finalizei, eu iniciei, eu continuei o tratamento, “pra” me recuperar fisicamente e psicologicamente (ATENA, 2021).

Os entrevistados também apontaram que além das sequelas físicas, os acidentes lhe ocasionaram algumas perdas de seus papéis sociais, tais como: ser o amigo, ser a amiga, da possibilidade de se movimentar em direção ao outro, de estabelecer e manter relações significativas. A paratleta HERA relata ainda sua decepção em não ter sido socorrida pelo causador do acidente, sequer sabe até o presente momento a identidade desse condutor e de que como desejava ter sido socorrida por ele.

Na primeira olhada assim eu fiquei pensando: “poxa, eu não vou mais sair de casa, eu não vou mais brincar com meus amigos, não vou fazer mais amigos, que nem eu!”. (...) Ele (motorista autor do acidente) só me atingiu, ele não me deu nenhuma ajuda, nenhum custo pra mim, ele foi embora, até hoje eu não sei quem é ele, ninguém sabe. Hoje em dia eu até esqueço, mas no começo eu fiquei bastante triste, porque eu queria que ele me ajudasse em alguma coisa, que ele arcasse com as consequências do que ele fez comigo, porque com certeza ele tem uma família também, tem filhos, eu não sei o que aconteceu com ele, eu não sei, não faço nem ideia de quem seja ele. Hoje em dia já me sinto bem, assim, fica nas mãos de Deus “né”, Deus sempre sabe o que ele faz, eu sempre boto isso na minha cabeça (HERA, 2021).

A busca pela recolocação existencial enquanto ser-no-mundo do paratleta lesionado em acidente de trânsito também é marcada pela luta por direitos fundamentais previstos no estatuto da pessoa com deficiência, dentre eles o direito de receber benefício previdenciário, acesso ao qual é dificultado por uma rede burocrática institucional e aumentado por comportamentos de barreiras atitudinais por parte dos servidores da rede de previdência social que dificultam o trajeto de consolidação dos direitos fundamentais, conforme asseveraram os entrevistados, dentre eles ARES:

(...) até para ir no INSS era difícil para mim porque eu não recebi assim que sai, foi um médico que chegou para mim e disse: “não se preocupa não, porque você vai ter direito a um benefício!”, aí foram lá, tudinho, mas não veio logo, aí eu recebia na época o auxílio doença, porque como eu trabalhei quatro anos, eu “tava” no período de 12 meses, poderia dar entrada no auxílio, só que esse auxílio também na minha história não foi fácil, “tô” no meu direito, mas o médico dava seis meses, aí quando voltava lá dava mais seis meses, aí comei a pegar perito que davam quinze dias, aí o que você vai fazer com quinze dias?... É praticamente uma ofensa para uma pessoa, aí peguei um perito na Cachoeirinha (posto do INSS localizado no Bairro Cachoeirinha, localizado na Zona Sul de Manaus) que disse assim: “você é forte, você pode trabalhar sentado!”, (...) aí foi que eu consegui, através de mentira. Olha, eu consegui meu benefício do BPC através de uma mentira, ensinada por uma assistente social, justamente por esse médico que eu discuti por causa dos 15 dias que ele me deu (ARES, 2021).

O participante APOLO, apesar de indiferença com que foi atendido inicialmente pelo médico perito do INSS, logo teve aprovado seu Benefício de Prestação Continuada – BPC quando o segundo médico perito que o atendeu constatou sua lesão permanente e ainda lhe orientou no sentido de que o assegurado tinha direito a mais benefícios, os quais até aquele momento não tinha sido informado, segundo o paratleta:

(...) na verdade fui aposentando pelo INSS, por invalidez, porque como meu acidente foi automobilístico na rua e não tinha nada coisa com o trabalho, então, eu fui aposentando por invalidez pelo INSS, na época. Rapaz, eu fui um cara sortudo, porque quando eu fui fazer a primeira vez a perícia, acho que foi em junho, foi junho a minha agência foi lá naquela do SÃO FRANCISCO (Bairro localizado na zona centro-sul de Manaus), aí o médico lá, até um senhor de idade, ele chegou e: “não, eu vou te dar três meses, porque três meses tu vai tá andando!”. Falou desse jeito, aí eu falei: “Deus lhe ouça!”, que é o auxílio doença, aí novembro, dia 10 de novembro, eu voltei lá, “pra”

fazer a nova perícia, porque eu não voltei a andar “né”, então tinha que ir lá, volte lá, aí já peguei um novo médico, aí ele, era, foi um cara super gente boa, ele disse: “Rapaz, eu vou pedir a tua aposentadoria!”... aí colocou uma coisa também que eu não sabia, ia ficar batido porque eu não sabia disso: “olha, eu vou pedir a tua aposentadoria e adicionar mais 25%!”... que a gente tem direito, em cima, eu também não sabia, e realmente os médicos não avisam, esse avisou, graças à Deus, aí ele perguntou: “tua vai querer saber o resultado daqui ou em casa!” aí depois veio a carta e o que eu faço é só a prova de vida no banco e depois que teve esse pente fino aí, eu fui chamado novamente, e em 2018, para fazer uma nova perícia lá e foi mesmo “pra”... porque estava existindo muita fraude, “né”, simplesmente na nossa aposentadoria, parece que é a 32, é que a por invalidez, por isso que fui chamado, aí eu dei essa sorte de ser aposentado logo, porque eu conheço colegas meus aí que tá dez anos numa cadeira de rodas e nunca foi aposentado, não recebe o BPC (*Benefício de Prestação Continuada* – benefício assistencial à pessoa com deficiência) (APOLO, 2021).

A paratleta ATENA relatou que, mesmo manifestando seu desejo de permanecer trabalhando sem depender do benefício estatal, no primeiro momento após o acidente, foi auxiliada com a prestação do benefício do seu direito fundamental.

(...) aí depois disso, acho que foi, acho que uns quatro anos depois, eu ainda continuei, finalizei o curso, fui fazendo alguns cursinhos, aí, eu “tava” afastada pelo INSS, fiz alguns cursos pelo INSS, cursinhos pequenos, aí foi quando peguei alta do INSS e comecei a trabalhar, foi quando eu peguei uma prótese do INSS, comecei a trabalhar... (ATENA, 2021).

A participante HERA não comentou maiores detalhes acerca do seu processo de se tornar beneficiária do INSS, mas revelou, durante a entrevista, sua condição de aposentada.

Minha condição perante o INSS é aposentada, não sei dizer a quanto tempo, não lembro de cabeça nem de data (HERA, 2021).

A vida passa por transformações abruptas a partir do acidente que os deixou na condição em que se encontram. Neste momento, torna-se necessário trazer um constructo que, em virtude ao ocorrido, é atingido de modo amplo, o corpo.

Merleau-Ponty (2011) em *Fenomenologia da Percepção* (*Phénoménologie de la perception*) apresenta dois aspectos relativos a esse elemento. O primeiro, o “corpo objetivo”, que tem o modo de ser de uma coisa, que é, segundo o autor o corpo do animal, analisado, decomposto em elementos, e o segundo, o “corpo fenomenal” ou “corpo próprio”, que a um só tempo é “eu” e “meu”, no qual me apreendo como uma exterioridade de uma interioridade ou interioridade de uma exterioridade, que aparece para si próprio fazendo aparecer o mundo, que, portanto, só está presente para si próprio a distância e não pode se fechar numa pura interioridade. O corpo fenomenal é, assim, um corpo-sujeito, no sentido de um sujeito natural,



provido de uma estrutura metafísica, mediante a qual ele é qualificável, como poder de expressão, espírito, produtividade criadora de sentido e de história.

O sentido atribuído ao corpo físico que sofre com as transformações decorrentes do acidente, nas falas dos participantes desta pesquisa, transcende a consequência do fato em si mesmo. É prontamente redimensionado para a vivência da intercorporeidade, ou seja, para as relações estabelecidas em suas vivências cotidianas e sua importância; é o movimento na relação com o outro; é a busca pela recolocação existencial; é a compreensão do ocorrido e a dimensão ou dimensões de como se sentiram àquele momento. O “corpo fenomenal” expressa em seu movimento de transcendência a própria existência, a sensação e a percepção de estar nesse *locus* em que foram lançados.

É na vivência do corpo e da corporeidade que o sentido se mostra!

#### 6.1.6 O paradesporto: passado, presente e futuro na cotidianidade dos paratletas

Por óbvio que o esporte foi um dos temas mais abordados e elencados durante as entrevistas, afinal, foi a essa identidade existencial de se tornarem paratletas a que os participantes se dedicaram como possibilidade de reabilitação física, psicológica, social e até política. Entretanto, a vivência esportiva dos entrevistados era bastante diversificada antes da facticidade da lesão permanente, isto é, alguns participantes já praticavam esportes, outros não, mas nenhum em nível competitivo.

Por esse motivo, é possível vislumbrar três momentos de experiências esportivas nas trajetórias dos entrevistados: a primeira anterior ao acidente de trânsito, a segunda posterior a realidade da lesão permanente e a terceira que é a projeção futura dos entrevistados frente a prática esportiva de alto rendimento.

Anteriormente ao acidente de trânsito, o entrevistado ARES não praticava esporte e atualmente relembra essa situação com um sentimento de que vivia inautenticamente, como se nem existisse, e antes de se tornar paratleta, atribuía a prática de esportes a quem apresentava aptidão genética para praticar:

Até então, antes do acidente de trânsito que foi na Djalma Batista (Avenida Djalma Batista, localizada na Zona Centro-Sul de Manaus) eu não praticava esporte nenhum, só trabalhava mesmo e naquele momento do acidente “pra” lá (...) eu mesmo praticamente não existia, “tava” começando, nunca gostei de basquete, na época não gostava, não assistia, não tinha aquela coisa de ser esporte, às vezes você tem o DNA de esportista, eu não praticava, como sempre todo mundo só gosta de futebol, eu gostava de futebol, até arriscava brincar de goleiro, só caía para um lado, mas brincava (ARES, 2021).

O participante Apolo também revelou no decorrer da entrevista que antes de se tornar pessoa com deficiência, não praticava esporte, e quando esporadicamente se envolvia num exercício físico, era para jogar futebol com colegas de trabalho.

Não (praticava esportes antes da lesão permanente), o esporte, o único esporte... assim, bem raro, era o futebol, assim, mas era só brincadeira mesmo, questão que minha vida era trabalhar e final de semana, às vezes, o lugar onde a gente trabalhava alugava aí esses campos aí (APOLO, 2021).

A entrevistada HERA não mencionou o assunto durante a sua entrevista, dado que encontrava-se em sua fase infantil na época que se lesionou seriamente e portanto, não era praticante de esportes, diferentemente da participante ATENA que indicou que frequentemente praticava corrida e, como ainda acrescentou que esses exercícios físicos lhe faziam muito bem.

Eu fazia corrida só (antes da lesão permanente), amadora, eu corria duas vezes na semana, toda semana era sagrado, eu tinha que fazer minha caminhada, aquilo me deixava muito bem, não praticava de competição (ATENA, 2021).

Evidentemente que o panorama se modificou após a reabilitação do acidente trânsito, pois, comumente, os entrevistados foram convidados a comporem equipes e times de parateltas. Todavia, o ingresso nos respectivos times, seja do basquetebol de cadeiras e rodas ou no time de voleibol sentado, ocorreu de forma singular para cada um dos entrevistados, e os paradesportistas aproveitaram o momento para ressaltar como programas, projetos, campanhas e instituições são fundamentais para dar aos lesionados a possibilidade de praticar esportes em alto rendimento e de forma competitiva.

O paratleta ARES relatou minuciosamente sua trajetória de ingresso na prática esportiva de alto rendimento porque se recorda de cada etapa desse processo, até se consolidar no time de basquetebol de cadeiras e rodas da Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, enfrentou várias dificuldades de mobilidade e acesso aos locais de treinos.

Eu pratico (basquetebol na cadeira de rodas) desde 2008, houve um intervalo... eu conheci o basquete em 2008, apresentado por um colega que já morreu, através do CVI (Centro de Vida Independente do Amazonas). Começou na UFAM, lá no Aleixo, mas não fiquei muito tempo no PROAMDE (Programa de Atividades Motoras para Deficientes), só que normalmente era muito difícil "pra" mim ir (...) Em 2008, através da ADEFA que é o

representante dos deficientes. Como te falei, fui apresentado a UFAM, no PROAMDE, entrei no PROAMDE, tinha a ADEFA e a CVI que é o CENTRO DE VIDA INDEPENDENTE, que fica lá no Japiim (bairro localizado na zona sul de Manaus), que é o (Presidente da CVI) era responsável por ela, aí o que aconteceu, é, treinei lá, mas lá eles não podiam competir por ser uma escola, e ADEFA montava aquele time e as pessoas que treinavam lá iam representar ela, aí foi assim que comecei a competir, só que sem técnica, sem tática, de qualquer jeito, jogar por jogar, já em 2008, o Presidente da CVI montou um time GAVIÕES DO NORTE e chamou o professor (Técnico) para ser o técnico, aí mudou tudo, aí o projeto começou em 2008, com o Presidente da CVI mesmo, e o professor TÉCNICO, quando foi em 2010 começamos a competir. São series, A, B, C e D e a série de acesso, essas são as series brasileiras, mas tem o norte-nordeste, tem o que referente só ao norte que é a COPA NORTE, são três torneios, mas a série que você se classificar, são quatro, e tem os intercâmbios que são feitos “né”, aí desses aí não tá tendo nenhum. Em 2008, participei do brasileiro pelo campeonato de acesso, que foi triste, só da seleção oficial do Pará que é oficial rodas, se você pesquisar você vê que é “top” (expressão que significa excelente), a gente pegou de 125 a 7, porque eles deixaram a gente fazer 7 pontos, os outros a gente jogava mais ou menos (...). Em 2010 nós ganhamos tudo, ganhamos o NORTE-NORDESTE em Rondônia, um time muito bom que Presidente do CVI jogava, só que o Presidente do CVI sofreu um atentado dentro da fundação dele, tentaram matar ele, aí ele se afastou, ele não morreu graças à Deus, isso em 2010, só que ele virou tio patinhas (entrevistado imita alguém falando com rouquidão) já melhorou mais que ele fez tratamento, e a gente já consegue entender, aí fomos disputar a divisão de acesso, no Pará, na casa dos homens, só que a gente “tava” treinando muito tempo, 2009, 2010, muito tempo nos Bilhares (Parque dos Bilhares, localizado na zona centro-oeste de Manaus), “porrada” mesmo, ele (Presidente do CVI não deixou “cair a peteca” (expressão que significa não desanimar) de jeito nenhum, e lá chegamos “atropelando” (expressão que significa vencer de forma contundente) todo mundo que vinha pela frente, ganhamos também, principalmente da equipe forte, equipe feminina dos All Star Rodas, que eles tem quatro times, nenhuma é fraca, ganhamos deles na final, “teve” até confusão lá, não com agente, que um lá gritou: “pega!”, não sei o que, paraense, aí já correu “pra” mais de cinquenta “pra” cima dele, de cadeira de rodas, técnico, trancaram ele numa sala, não, na UEPA (Universidade do Estado do Pará) que é a universidade lá, “né”, aí nos classificamos para a divisão de acesso, para disputar a série D, ganhamos a série de acesso, também ganhamos a divisão de acesso que era o NORTE-NORDESTE e a divisão de acesso na mesma competição, nessa época, foram três títulos, todos os títulos invictos, sem perder um jogo, não tem empate “né”, ou vitória ou derrota, “né”, ganhamos sete jogos em Rondônia que era o SESC (SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO) que estava promovendo esse torneio e ganhamos sete jogos no Pará e nos classificamos para a série D, só que na época o Governador não nos disponibilizou as passagens, nesse nosso time, por idade, ainda foi convocados dois jogadores para a seleção brasileira, e também o Governador na época não quis dar as passagens, preferiu dar para o América (time de futebol sediado em Manaus) que estava disputando a Copa Do Brasil, que pegou de seis a zero e foi eliminado, aí passou, de 2010 “pra” cá, o TÉCNICO saiu, eu tinha problema com o Presidente da CVI, porque o Presidente da CVI era cadeirante mas ele tinha costume de dizer assim, por ele eu não estaria, e eu respondia: “o problema é seu, se você permite eu jogar é porque você quer!”... “ah, mas o TÉCNICO gosta do jeito que tu joga, por mim, tu não faz cesta, tu não faz isso!” (citando o Presidente da CVI), (...).

Hoje somos conhecidos como FALCÕES DO AMAZONAS, porque a sigla (FALCÕES DO NORTE (FDN) está associada quase a FDN (FAMÍLIA DO NORTE, facção criminosa de narcotraficantes no Amazonas) se você pegar FALCÕES DO NORTE dá FDN, poderia ter alusão, aí a gente teve que modificar para FALCÕES DO AMAZONAS. O Presidente da CVI saiu, o que era tesoureiro dele saiu, que eles são amputados, ele é até médico veterinário, saiu o (paradesportista), também era , acho que saiu uns oito ou dez (ARES, 2021).

O entrevistado APOLO também narrou pormenorizadamente sua trajetória até o momento que iniciou sua prática esportiva competitiva, mesmo admitindo que, no início, demonstrou-se resistente em aceitar o convite de colegas que já praticavam o basquetebol em cadeiras de rodas, muito em razão do sentimento nutria em ser pessoa com deficiência a ponto de não se sentir vontade de sair da própria residência até o momento em que suplantou esse sentimento pela primeira vez, cedeu ao convite e foi praticar o esporte. A partir de então, envolveu-se com a prática esportiva a tal ponto que a mantém até o presente momento, sem perspectiva de encerramento.

Foi em 2014 (que começou a praticar o esporte de alto rendimento), mas não foi fácil não, por causa que é assim, eu não gostava de sair de casa, quando eu fui morar no VIVER MELHOR (Conjunto Habitacional Popular, localizado na zona norte de Manaus), aí foi quando eu conheci alguns amigos meus, que são cadeirantes também, aí eles que entraram nessa coisa de... o basquete já existia, “né”, eles “tavam” querendo formar um time novamente, aí iam lá em casa, todo santo dia, todo dia que tinha e eu me escondia lá dentro de casa, trancava tudo, porque eu não queria ir, eu achava aquilo... e eles iam lá, batiam, batiam, ligavam, deixava o telefone no silencioso, “pra” dizer que eu não estava em casa, sei que eles insistiram muito, alguns meses, até que eu resolvi ir, aí de lá não parei mais, gostei, e na época a gente jogava nas nossas cadeiras, nossas cadeiras mesmo.(...) aí foi quando eu fui a primeira vez, gostei, aí, já não parei mais, aí a gente jogou bastante lá, nas nossas cadeiras mesmo, aí veio o Presidente da CVI aí trouxe as cadeiras que eles já tinha montando um time, que é os GAVIÕES (DO NORTE) e aí começou o projeto do basquete, aí teve, aí a gente já “tava” treinando bem, a gente “tava” começando novamente então não tinha vínculo com nada, não tinha, era só ali mesmo na cara e na coragem, ele tinha as cadeiras, aí veio “pra” treinar, trouxe as cadeiras do antigo time dele lá, e aí... foi quando eu já “tava” já pegando ritmo legal, aí foi quando eu tive problema nos rins, aí eu me ausentei que eu não consegui ir, tive um período que fiquei só como auxiliar técnico, ele lá, “pra” não fazer esforço, “participemos” daquele campeonato NORTE-NORDESTE que teve aqui em 2016, aí foi quando “teve” esse período que eu fui “pro” “SARAH”, aí eu fui morar em Fortaleza (capital do estado do Ceará), no ano de 2017, aí eu larguei mão do basquete, porque lá eu não participava, apesar que lá tem, mas eu não morava na capital, como eu não morava mesmo na capital lá em Fortaleza, então ficava meio complicado, e passei o ano todinho lá e voltei, no final de 2017, eu fui morar no interior, que era onde meus pais estavam morando na época, tão morando lá ainda, e em Autazes (município localizado no interior do Estado do Amazonas), aí fiquei “pra” lá, 2017 e 2018, aí eu resolvi voltar para Manaus, em 2019, aí foi quando eu entrei na equipe aí, “né”, FALCÕES (DO AMAZONAS), na época era TIGRES DO NORTE, por causa que separaram, o TIGRES é do VIVER MELHOR e a gente continua ali no (...) Bom, na verdade eles já “tavam”(federados), que parou, o PRESIDENTE DO CVI abandonou o barco, porque é muito complicado “né”, às vezes os “cara” não levam a sério, aí ele meio que se aporrinhou e largou mão, aí chamaram o professor Treinador, que na época, é como eu “tô” te falando, era

junto com o TIGRES, aí chamou o professor Treinador, perguntar se ele queria, aí parece que eles chegaram a voltar em 2018, aí retomaram de novo o projeto, aí foi quando começaram a arrumar a quadra, na época era lá no VIVER MELHOR os treinos, aí depois foi para a ARENA (Arena Amadeu Teixeira, localizada na zona centro-oeste de Manaus), aí de lá a gente não saiu mais, aí foi quando o TIGRES decidiu seguir a carreira deles e aí nós “fiquemos” lá, a maioria das pessoas ficaram lá, o pessoal do VIVER MELHOR, a maioria foi “pra” lá, uns ainda treinam com a gente, aí mudaram o nome da equipe, que “pra” gente participar de campeonato, que é oficial, a gente tem que tá afiliado a alguma federação, no nosso caso, no nosso caso, a gente apresenta, a gente apresenta o AMAZONAS, federação paraolímpica mas a nossa federação mesmo, que quando a gente vai “pra” algum campeonato, a gente, é a ADEFA (Associação de Deficientes Físicos do Amazonas), a gente é atleta da ADEFA, leva lá, porque elas são federações afiliadas ao governo, que recebe verbas, essas coisa tudo aí, e não consegue participar de campeonato se não estiver inscrito numa federação, seja ela qual for, que tenha CNPJ essas coisas toda aí, aí nós somos afiliados a ADEFA, junto com as paraolimpíadas, “né”, como é, junto com a federação paraolímpica, que é o PRESIDENTE que é o presidente “né”, daí tem essa situação (APOLO, 2021).

O convite para compor o time de voleibol sentado chegou para a entrevistada ATENA pelas redes sociais, onde a participante se relacionava com outras pessoas com deficiência e outros paratletas, os quais suplicaram o aceite da entrevistada para que o time de voleibol sentado feminino se completasse para enfim poder competir.

O convite (para praticar vôlei sentado após a lesão permanente) foi através de uma pessoa que eu conheci pela internet, pelo *Instagram* no caso, um colega meu, que já fazia parte do time masculino e eles estavam desesperadamente precisando de meninas “pra” formar um time porque ia ter uma competição e estava faltando meninas, e aí, esse convite ele tinha feito a mim há um ano atrás, assim, conversado comigo, a gente já trocava mensagem, porque como ele é amputado também, então os meus contatos, muitas pessoas eu conheci pelas redes sociais, e a gente precisa desse contato para saber onde compra peças mais barato, enfim, e aí ele já tinha feito esse convite há humano e toda vez ele me chamava, me chamava, e eu nunca ia, nunca ia, dizia: não, o esporte não é “pra” mim, eu trabalho, enfim, “ATENA, a gente “tá” precisando muito, vai ter uma competição e a gente precisa”. (...) Esse convite (para competir), ah, eu não sei exatamente o dia, a gente “tá” em 2021, foi em 2019. Foi uma competição em Goiânia, em Anápolis, foi a primeira competição que nós fomos, e aí foi a minha primeira competição, eu fiquei muito nervosa, o nosso time é um time que começou a pouco tempo, “né”, quando eu entrei no time, o time “tava” formando ainda, então nosso time é novo, nosso time é novo, nosso time é o único time de vôlei sentado do Amazonas, que representa o estado do Amazonas, é o nosso... a gente tá começando ainda, e aí a pandemia veio e acabou que atrapalhou muito a nossa questão da evolução, mas a gente tem evoluído legal, Vôlei Sentado do Amazonas (nome do time) e ele vai tanto para o feminino quanto para o masculino, antes era só um time masculino, existia somente competições masculinas, tanto que as competições masculinas são vários times que competem, as femininas, não só temos oito, oito times que competem entre si, em âmbito nacional, nós somos a única equipe que representa o norte, aí estão formando um time em Belém “pra” representar Belém, seríamos dois times, mas o time feminino ao poucas meninas, acho que o maior time que tem que tem assim várias reservas é o time do SESI que é inclusive o time que está representando na paraolimpíada, “né”, eles são treinados pelo SESI, eles representam o SESI então eles que treinam elas, então assim, acho que elas tem uns três times, acho que elas revezam bastante, e os outros estados eles estão se levantando aos poucos, os times femininos, agora que tá crescendo, então nosso time praticamente tem dois anos e meio (ATENA, 2021).

Precocemente, a participante HERA se envolveu na prática esportiva de alto rendimento aos quatorze anos de idade, no entanto, sua primeira modalidade esportiva foi o basquetebol em cadeira de rodas, quando passou a compor o time masculino, pela escassez de pessoas com deficiência dispostas a tornarem-se paratletas.

(...), e o esporte que eu “tô” praticando é o vôlei sentado, eu sou mais o ala, eu participei da competição que teve em São Paulo, que na verdade eu esqueci o nome, mas eu participei de dois campeonatos no ano passado. (...) Não, o primeiro esporte que eu fiz (após a lesão permanente) foi o basquete, aí eu fiquei uns três anos no basquete, aí depois eu conheci o vôlei, aí o vôlei eu não parei mais, fiquei até hoje. O basquete era de cadeira de rodas, no Parque dos Bilhares (Parque Municipal localizado na Zona Centro Oeste de Manaus), comecei treinando no Parque dos Bilhares, foi com o pessoal do CVI, competia no time masculino, eu até cheguei a competir com eles, o primeiro campeonato eu fui com eles, havia muita diferença de força e agilidade, tinha muita... não tinha dificuldade, não, na verdade eu fui pegando gosto de praticar o basquete e eu dava conta de jogar com eles, eu sei que eu fiquei um bom tempo no basquete, mas eu não me lembro, mas eu acho que eu fiquei uns três anos no basquete, porque eu comecei muito nova, comecei com 14 anos, na época o nome do time era GAVIÕES DO NORTE, cheguei a competir com eles, não lembro as competições. (...) Depois eu parei do basquete, passei um tempo parada, aí depois eu conheci o vôlei, o vôlei também de cara me apaixonei, recebi o convite, o convite de uma técnica, que já me conhecia no esporte, “né”, aí ela me convidou, aí eu fui lá, na verdade eu fui lá só “pra” ver como é que era, se eu ia gostar mesmo, se eu ia me adaptar, e tal, mas depois quando eu comecei, comecei a gostar, aí eu comecei a competir com eles aí eu gostei, não parei mais, até hoje (HERA, 2021).

Como arremate da apresentação das trajetórias dos paratletas entrevistados, apresentamos as projeções que eles imaginam para seus futuros na prática de esporte de alto rendimento. O entrevistado ARES se expressa de forma dramática no sentido de como deseja que o time realize a renovação de atletas, tendo em vista sua idade avançada à medida que o tempo passa e que em algum tempo se reconhecerá impossibilitado de permanecer treinando para competições de alto rendimento. Resignado, o paradesportista Ares assevera ainda como o time de basquetebol de cadeiras de rodas recebe apoio de paratletas de outras modalidades para reforçar a quantidade de participantes tendo em vista que o número atual não é o suficiente para compor um time de reservas.

(...) era uma coisa que eu sempre queria, mas nunca falei, era renovação, porque eu tenho 45 (anos), nosso capitão tem quase 50 e ele não é jogador de basquete, ele joga muito basquete, mas ele é do tênis de mesa, ele ganhava bolsa de atleta de bom rendimento, atleta de tênis de mesa, a gente tem dois, tem um que é o (nome do paradesportista), ele acabou de vir de competição lá do Rio De Janeiro e acho que ele ficou em terceiro ou segundo, eles jogam porque gostam do basquete, mas eles são atletas do tênis de mesa, por exemplo, se tem uma competição lá no Pará eles não vão poder ir porque vai bater com a data deles, aí eles não vão, aí alguns jogadores como o (nome do paradesportista) “né”, que é novo, tem 21 anos, ele não jogava basquete,

nem andava de cadeiras de rodas, ele até dois anos atrás ele era andante, o problema dele de carregar peso causou uma lesão na costa dele (ARES, 2021).

Numa narrativa semelhante, a entrevistada ATENA se expressou, primeiramente apontando o número insuficiente de atletas para compor um time reserva e de como o time masculino de voleibol sentado é mais numeroso, ao mesmo tempo em que ela reconhece que é recente a formação do time feminino de voleibol sentado e ainda está se consolidando. Em seguida, a entrevistada busca explicar que a baixa adesão de paratletas ao time de voleibol sentado se dá em decorrência de obstáculos como a falta de apoio, a ausência de patrocinadores e a dificuldade individual da atleta em conciliar seu tempo de trabalho com os períodos de treinamento, vivenciando sua cotidianidade de forma a cogitar o abandono da prática de esporte de alto rendimento caso isso venha a prejudicar seu desempenho laboral, afinal, anteriormente já se sentiu prejudicada por se ausentar do trabalho para competir fora da cidade.

O time masculino é bem maior, tem muito mais componentes, o feminino a gente tem muita dificuldade de encontrar meninas, eu “tô” no time porque é muito difícil encontrar mulheres que queiram participar, como te falei, é difícil para mim participar de todos os treinos, porque existem três treinos durante a semana e um ao sábado, em novembro a gente vai ter uma competição, tem competições que eu não consigo ir por causa do meu trabalho, e eu sou a única mulher lá da equipe que trabalha, então assim, eu preciso dividir o meu tempo, então as vezes a empresa não me libera para treinar, “pra” competir, entendeu, e assim, as meninas elas tem disponibilidade, as outras componentes, e assim, nosso time é composto por seis, seis componentes mesmo em quadra, e é necessário as reserva “né”, eu sou uma das titulares, quando eu não posso, as reservas vão, mas assim, de reserva, a gente tem duas reserva só, e aí seria bom se tivesse outro time formado, e assim, “pra” mim eu queria muito poder ter disponibilidade para treinar, mas infelizmente eu preciso trabalhar “né”, não tenho benefício nenhum, eu sei da minha condição de trabalhar, (...), os treinos são assim, três vezes na semana e no sábado que é o dia de folga que eu tenho, eu vou, o que eles estão fazendo hoje, a partir do mês que vem, eles vão colocar os treinos de segunda feira para a noite, para que eu possa poder... para que eu possa ir treinar, “né”, poder treinar, porque eu trabalho até cinco horas da tarde, as vezes até seis, quando tem extra, então, os treinos são durante a tarde, e aos sábados é durante a tarde também, entoa para mim no sábado dá, e espero que na segunda feira eles consigam, para que eu possa ir segunda feira a noite, para poder ter dois treinos, porque assim, treino é... se não treinar, não evolui (...). Eu acredito que hoje, não tem como me dedicar 100% ao esporte, então hoje eu não tenho expectativa de viver pelo esporte, porque assim, vou te falar, o vôlei hoje, não sei se é porque é uma modalidade nova, sendo aplicada aqui no nosso estado, mas a gente não ganha nada por isso, as vezes a gente tira do nosso bolso para ir treinar, quando a gente vai fazer competição, a gente tira do nosso bolso “pra” pagar uniforme, as passagens são liberadas pela CBBV, junto com governo e a prefeitura, mas uniforme, material de treino mesmo, bola, rede, tudo a gente precisa correr atrás “pra” ter, entendeu, a gente não tem esse suporte, a gente não tem patrocínio, o único patrocínio que a gente tem e a prefeitura e o governo, a prefeitura cede a quadra “pra” gente treinar e o governo as passagens junto com a CBDV, então, assim, viver pelo esporte, eu até pensei em deixar de praticar porque não estava, era uma coisa que eu estava pedindo, teve um ano que eu pedi “pra” competir, eu fiquei quatro dias fora do meu trabalho, de certa forma isso acaba que podia me prejudicar, “né”, então eu cheguei a conversas com eles que não dava, não

dava “pra” mim ir, precisava do meu emprego, se eu perde meu emprego, do que eu vou sobreviver, o esporte não vai me pagar “pra” isso, e assim, o esporte paga para atletas que tem rendimento, que tem medalhas, então nosso time ele está começando agora, e a gente não tem esse incentivo, mais mesmo porque gosta e porque tem que ir, é legal, e é bom estar com eles, eu gosto muito de ir para estar com meus amigos lá, (...), mas viver pelo esporte, no caso a modalidade que eu atuo hoje, eu acredito que a gente ainda vai chegar ao nível de poder viver por ele, mas hoje em dia, se colocasse na minha frente assim: ATENA, tu decide, tu vai ter teu emprego ou o esporte? Eu diria meu emprego, porque é o que dá rendimento, é o que me rende, é o que me gera valor para que eu possa viver e me sustentar, é isso (ATENA, 2021).

Por outro lado, a entrevistada HERA projeta seu futuro na prática esportiva de alto rendimento em busca da realização do sonho de ser convocada para compor a seleção brasileira de voleibol sentado. Antes disso, porém, a paratleta HERA anseia que o esporte paradesportivo do voleibol cresça ainda mais e se destaque na região, para tanto, a participante ressalta a divulgação que o time realiza nas redes sociais, ambiente virtual em que comunicam e divulgam as atividades das paratletas para alcançar um público maior.

(...) Eu sonho que o vôlei feminino vai crescer muito mais aqui em Manaus, que vai ter nome, lá fora, que vai ter meninas, que vai “pra” seleção brasileira daqui de Manaus, e com certeza eu sonho em ir para a seleção brasileira, nos treinamos que eu faço dá pra almejar esse objetivo. Dá sim, se a gente focar naquilo que a gente quer, a gente chega lá, com certeza, se Deus quiser, se Deus quiser eu vou chegar lá. (...) Tem uma competição prevista pra novembro, a gente tá treinando pra ir “né”, agora, é outra competição que eu não tenho de cara assim, que eu não tenho de cabeça, a gente tem uma liderança que cuida dessas coisas, é a TÉCNICA na verdade, ela é normal, temos vínculo com a ADEFA. (...) A gente tem uma rede social no Instagram, aí, é só a pessoa pesquisar e procurar a gente, a gente aceita, a gente “tá” aceitando muitas meninas, a gente precisa muito de meninas, pra jogar, com a gente, deficientes (HERA, 2021).

No que diz respeito ao ocorrido com eles, percebe-se em suas falas, o que o filósofo francês compreende com Escapo (*Échappement*) tendo em vista atribuírem novo sentido ao existir a partir do acidente. Este constructo, para Merleau-Ponty (2011), é a operação pela qual o homem dá um sentido novo a uma situação recebida, natural ou histórica, e, assim, transforma-a inventando um futuro. É, no dizer do pensador: “tudo aquilo que somos, nós somos sobre a base de uma situação de fato que fazemos nossa e que transformamos sem cessar por uma espécie de escapo que nunca é uma liberdade incondicionada” (p. 199).

É assim, a capacidade de criar sentido, seja dando sentido ao que ainda não tinha um, seja passando de um sentido primeiro para um sentido segundo ou figurado. O escapo é uma “transcendência” que conserva em si o que ultrapassa e sempre pode a ele voltar por regressão. Os participantes, em suas falas, nos trazem esse ir e vir ao ocorrido e, nesse trâmite, perceberem-se para além da facticidade.



As falas nos trazem ainda a possibilidade adentrar na historicidade dessas pessoas. Merleau-Ponty (2011; 2003) compreende a história como uma estrutura fundamental do mundo social que, através da situação vivida por essas pessoas, propicia a comunicação com a humanidade integral, sincrônica e diacrônica. Ao reportarem-se ao passado (antes do acidente e após o acidente) mostra o laço com o passado que se inscreve em uma “memória do mundo” em que se fundamenta a verdade do passado e a verdade de suas histórias. Além disso, esse laço com o passado na memória do mundo não é separável de uma práxis que é história fazendo-se, afinal: “não somos espectadores de uma história acabada, somos atores numa história aberta” (2011, p. 99).

Percebe-se, nos excertos de discursos, que os participantes são sujeitos de sua própria história – aqui entendido como práxis – tendo em vista como diz Merleau-Ponty (2011, p. 200) “é o homem como produtividade, como aquele que quer dar forma à sua vida, o homem no exercício de sua liberdade”.

Assim, ao tangenciarem sua trajetória desde antes ao acidente mostram que a história não é apenas sucessão, mas também, mais profundamente, simultaneidade. Como nos diz o filósofo, a história do ser humano “não é apenas história empírica e sucessiva, mas a consciência do laço secreto que faz que Platão esteja vivo entre nós” (2011, p115). Ousamos ir mais além, história não é processo, cadeia de acontecimentos visíveis, mas história intencional ou vertical, com instituições, esquecimento que é tradição, recuperações, interioridade na exterioridade – imbricação do presente no passado lançando um olhar para o futuro.

#### 6.1.7 Considerações finais

Percorrida esta etapa inicial, esperamos ter apresentado de forma mais clara e simples possível parte da historicidade dos entrevistados, como forma de contextualizá-los como ser-no-mundo ao vivenciarem suas cotidianidades perpassadas pela facticidade do acidente de trânsito tendo como consequência a lesão permanente que demarcou a temporalidade de cada paratleta de forma singular, cada qual com suas vivências e experiências perceptivas acerca do fenômeno de terem se tornado paratletas. O próximo passo será apresentar e discutir as categorias de análise compreendidas a partir da redução fenomenológica aplicada as narrativas dos participantes em que foi possível chegar a essências das existências dos entrevistados a partir das unidades de significados que a entrevistas produziram.

Até aqui tivemos relatos de experiências que nos proporcionam conhecer a trajetória dos paratletas entrevistados marcadas por um antes e um depois do acidente de trânsito, trajetórias estas trilhadas com bastante dificuldades, incertezas, inseguranças, desconfianças, desânimo, contudo, uma motivação maior os levou a prática de esporte em alto rendimento. Mesmo enfrentando tantas barreiras, esses paratletas demonstraram que ainda há espaço para projetar seus sonhos rumo ao mundo em que vivem e que a interação e convivência com familiares, amigos e colegas de time, proporciona-lhes estabelecer significados acerca de si mesmos, do outro e do mundo. A intencionalidade esportiva oriunda da motricidade humana proporciona ao paratleta conhecer a si mesmo, a partir da interação que estabelece com sua própria corporeidade e com o outro, tendo como cenário o próprio mundo onde as relações se desenrolam no tapete da intersubjetividade.

Conhecer a trajetória dos paratletas lesionados em acidente de trânsito nos suscita algumas questões, tais como, quais os motivos que dificultam que mais pessoas lesionadas não se engajem na prática de esportes? Como seria possível incentivar a adesão de mais paradesportistas? Qual o papel do psicólogo na trajetória de reabilitação física dos paratletas e como pode fomentar o desenvolvimento de políticas públicas para otimizar a adesão de paratletas?

Uma coisa é fato, conhecer a trajetória dos paratletas e permitir que eles se expressem acerca das suas próprias experiências perceptivas do fenômeno, coloca-nos diante de uma realidade de dificuldades de várias instâncias e complexidades, e o comportamento de superação dos paratletas inspira para auxiliar, buscar conhecer cada vez mais, divulgar e produzir conhecimento científico para encampar batalhas por melhoras para um público desvalorizado socialmente, sem acessibilidade e mobilidade.

Acreditamos que o estabelecimento do Estatuto da Pessoa Com Deficiência representa um avanço social, político, cultural e de cidadania significativo, no entanto, faz-se necessário estar alerta para exigir que a legislação seja conhecida, reconhecida, respeitada e cumprida para que gere efeitos esperados.

#### Referências

**ALCOFORADO, J.M.S. Características Sociodemográficas da População e Identificação do Perfil Epidemiológico das Vítimas de Acidentes de Transporte Terrestre no Brasil e**

**Pernambuco e partir de Microdados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Economia da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do Título de Mestre em Gestão e Economia da Saúde. Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Bezerra Nogueira, Recife, 2016.

ANDRADE, S.S.C.A. e JORGE, M.H.P.M. **Estimativa de Sequelas Físicas em Vítimas de Acidentes de Transporte Terrestre Internadas em Hospitais Do Sistema Único De Saúde.** Revista Brasileira de Epidemiologia. Jan-Mar; 2016; 19(1): 100-111.

APEL, K.-O. **Estudos Avançados.** USP, vol.6, n.º14, São Paulo, 1992.

ARANDA, R.A.; PEREIRA, A.M.; PALMA, J.A. e PALMA, Â.P.T.V. **A Concepção de Corpo dos Estudantes de Graduação em Educação Física.** Motriz, Rio Claro, v.18 n.4, p.735-747, out./dez. 2012.

BENTO, J. O. **Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação.** In: MOREIRA, W. W. (Org.). Século XXI: a era do corpo ativo. Campinas, SP: Papirus, 2006(a). pp. 155-182.

BENTO, J. O. **Da conjuntura corporal e do ambiente obesogênico, relaxado e indolente.** Rev. Port. Cien. Desp., Jan. 2007(b), vol.7, no.1, p. 3-5.

BENTO, J. O. **Da falácia da ‘atividade física’.** Rev. Port. Cien. Desp., Out 2006(b), vol. 6, no.3, p. 259-261.

BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância.** Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte, v. 02, 2013.

BENTO, J. O. **Dos mitos e ideais gregos – e da sua importância para o presente crepuscular.** Esporte e mito, de Katia Rubio (org.), São Paulo, Laços, 2017, 260 pp. Revista USP • São Paulo • n. 119 • p. 151-160 • outubro/novembro/dezembro 2018.

BERTHO, A.C.S. e AIDAR, T. **Mobilidade Cotidiana e as Taxas de Vitimização por Acidentes de Trânsito: O Que é Possível Enxergar a Partir dos Dados Censitários?** R. Bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 32, n.2, p. 257-276, maio/ago. 2015.

BLONDEL, M. **L'Action – essai d'une critique de la vie et d'une Science de la pratique.** PUF, Paris, 1973.

BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa Em Educação: Uma Introdução À Teoria E Aos Métodos.** PORTO EDITORA, PORTO: PORTUGAL, 1997.

BORBA, M.P. e HENNIGEN, I. **Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade.** *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 246-255, 2015.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega.** Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

BUENO, M.; FILHO, N.A.S. **Análise Epistemológica da Teoria da Motricidade Humana no Contexto da Educação Física.** Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Educação Física, 2018.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia grega: história de deuses e heróis.** São Paulo: Ediouro, 2000

CAETANO, P.L. **Pistas Somáticas para um Estudo da Corporeidade: uma Aprendizagem das Sensações.** *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 168-176, maio.-ago. 2017.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia.** São Paulo: Editora Alínea, 2004.

CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CARDINALLI, I.E. **Heidegger: O Estudo dos Fenômenos Humanos Baseados na Existência Humana como Ser-Aí (Dasein).** *Psicologia USP*, 2015 I volume 26 I número 2 I 249-258.

CARVALHO, A.S. **Metodologia da Entrevista: uma abordagem fenomenológica**. 2.ed. – Rio de Janeiro:Agir, 1991

CASTELO, J. **O Exercício de Treino Desportivo**, FMH, Cruz Quebrada, 2003.

CASTRO. E.H.B (Org). **Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica**. Curitiba; Appris, 2019.

DALMOLIN, B.M.; LOPES, S.M.B.; VASCONCELLOS, M.P.C. **A Construção Metodológica do Campo: Etnografia, Criatividade e Sensibilidade na Investigação**. Saúde e Sociedade 11(2): 19-34, 2002.

DESCARTES, R. **Discurso do método; meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

**DE MASI, D. O ócio criativo. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.**

DIAS, A. **Por uma Genealogia do Capacitismo: da Eugenia Estatal a Narrativa Capacitista Social**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2013. p. 1-14

DIAS, G. N. **Barreiras Atitudinais e o Processo de Socialização Organizacional das Pessoas com Deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.

DINIZ, D. **Modelo Social da Deficiência: A Crítica Feminista**. Série Anis, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

EMMEL, M.L.G.; GOMES, G.; BAUAB, J.P.. **Universidade com Acessibilidade: Eliminando Barreiras e Promovendo a Inclusão em uma Universidade Pública Brasileira**. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 7-20, 2010.

FERREIRA, R.M.; CARVALHO, M.D.B. **Sentimentos de Pais de Crianças Acidentadas em Automóveis Sem Uso de Assento de Segurança Infantil**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 abr/jun;15(2):400-6.

FREIRE, G.L.M.; GRANJA, C.T.L.; TORRES, V.M.F.; VASCONCELOS, G.C.de; MORAIS, M.P.de. **Percepção da Qualidade de Vida em Atletas de Atletismo e Natação Paraolímpica**. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 27, n. 2, p. 384-389, 2019.

FEITOSA, A.M. **Contribuições de Thomas Kuhn para uma Epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1993.

FREIRE, G.L.M.; TORRES V.M.F.; OLIVEIRA, D.V.; NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A. **Comparação da Qualidade de Vida entre Atletas e Paratletas Brasileiros de Alto Rendimento**. R. bras. Ci. e Mov 2019;27(3):52-58.

FEYERABEND. P. **Contra o Método**. Lisboa: Relógio D' Água, 1993.

FUNARI, P. P. A. **Grécia e Roma**. Campinas: Contexto, 2001.

GALLO, S. **Corpo ativo e filosofia**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 9-30.

GESSER, M.; NUERNBERG, A.H.; TONELI, M.J.F. **Constituindo-Se Sujeito na Intersecção Gênero e Deficiência: Relato De Pesquisa**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 3, p. 419-429, jul./set. 2013.

GIORGI, A. e SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Ed. Fim de Século; Lisboa, 2010.

GONÇALVES-SILVA, L.L.; SOUZA, M.C.R.F.; SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W. **Reflexões sobre Corporeidade no Contexto da Educação Integral**. *Educação em Revista|Belo Horizonte|v.32|n.01|p. 185-209 |Janeiro-Março 2016*

GUIMARÃES, S. S. M. **Corpo ativo e meio ambiente**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p.221-234.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. (Originalmente publicado em 1933).

HUSSERL, E. **Ideas Relativas A Una Fenomenologia Pura Y Una Filosofia Fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Originalmente publicado em 1913).

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 16. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1997.

LA METTRIE, J. O. **O homem máquina**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.

LUNA, S. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. In: FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

MACHADO, B.F.G. Corporeidade E Existência Em Merleau-Ponty. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinres em Musicoterapia*, Curitiba v.2, 2011, p.47-58.

MANDACARU, et. al. **Qualifying Information On Deaths And Serious Injuries Caused By Road Traffic In Five Brazilian Capitals Using Record Linkage**. *Accident Analysis and Prevention*, 16 Jul 2017, 106:392-398.

MASSAU, G.C. e ROSA, R.G. **Acidentes de Trânsito e Direito À Saúde: Prevenção de Vidas e Economia Pública**. R. Dir. sanit., São Paulo v.17 n.2, p. 30-47, jul./out. 2016

MATTOS, R.S. **Sociologia do Corpo é Sociologia da Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 293-304, outubro/dezembro de 2010.

MELLO, A.G. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MENDONÇA, A.A.S.. **Escola inclusiva: barreiras e desafios**. Encontro de Pesquisa em Educação, Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Originalmente publicado em francês, 1945)

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo; Cosac Naify, 2013 (Originalmente publicado em francês, 1960)

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível E O Invisível, Brasil**, Editora Perspectiva, 2003 (Originalmente publicado em francês, 1964)

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do comportamento**, São Paulo Editora: Martins Fontes - selo Martins, 2006 (Originalmente publicado em francês, 1967)

MERLEAU-PONTY, M. **As relações com o outro na criança**. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984a.

MERLEAU-PONTY, M. **Textos Seleccionados**. São Paulo: Nova Cultural, 1989



MERLEAU-PONTY, M. **A Natureza** – Cursos no Collège de France, tradução Álvaro Cabral – São Paulo, Martins Fintesm, 2000.

MINAYO, M.C.S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio Do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa Em Saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S. **Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade**. Universidad del Zulia, Venezuela. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 22, núm. 79, 2017.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S; SIMÕES, R. **Motricidade, Corporeidade e Complexidade: diálogos a partir do hemisfério sul**. *Motricidades: Rev. SPQMH*, v. 3, n. 3, p. 167-176, set.-dez. 2019.

MOREIRA, W.W. **Contribuições do jogo e do esporte para a corporeidade de crianças e adolescentes**. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 192-202 jan/abr 2019.

MOREIRA, W. W. **Corpo presente num olhar panorâmico**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Corpo presente*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MOREIRA, W. W. *et al.* **Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 137-154

MOREIRA, W. W. **Formação profissional em ciência do esporte: homo sportivus e humanismo**. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W.W. *Homo sportivus: o homem no humano*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012. p. 112-180.

MOREIRA, W.W.; GONÇALVES, L.L.; CARBINATTO, M.V.; CHAVES, A.D.; SANTOS-NAVES, S.P.; MAGRIN, N.P. e SIMÕES, R. **Repensar O Corpo Para Alcançar O Homo Sportivus**. Revista Kinesis, Santa Maria, v.36, n.2, p. 11-21, maio-ago. 2018.

MOREIRA, W.W.; NISTA-PICCOLO, V.L; SOBREIRA, V. **Do Corpo À Corporeidade: Uma Possibilidade Educativa**. Cad. Pes., São Luís, v. 23, n. 3, set./dez. 2016.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. **Educação física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e pesquisa**. In: DE MARCO, A. (Org.). *Educação física: cultura e sociedade*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 71-85.

NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W. **Corpo ativo/ corporeidade no esporte**. In: NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W.. *Esporte para a saúde nos anos finais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012b. p. 46-52.

NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W. **Corporeidade no esporte: a busca de autonomia**. In: NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W. *Esporte para a vida no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2012c. p. 38-51.

NISTA-PICCOLO, V. L; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no Ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012(b).

NÓBREGA, T. P. **Consciência corporal, corporeidade e educação física**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004a. p. 77-85.

NÓBREGA, TP. **Fenomenologia, educação e sensibilidade**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004b. p. 72-77.

NÓBREGA, TP. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

NOVAES, A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003

NÚÑEZ, R.P.; HÍJAR, M.; CELIS, A. e SOLÓRZANO, E.H. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

OLIVEIRA, N.L.B. e SOUSA, R.M.C. **Fatores Associados Ao Óbito De Motociclistas Nas Ocorrências De Tránsito.** Rev Esc Enferm USP, 2012; 46(6):1379-86.

PEREIRA, A.M. **A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas.** Filosofia e Educação (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 2, Número 2, Outubro de 2010 – Março de 2011

PÉREZ-NÚÑEZ, R.; HÍJAR, M.; CELIS, A.; HIDALGO-SOLÓRZANO, E. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

PIRES, D.A.; OLIVEIRA, J.G.deB.; SILVA, A.A.C.e. **Predisposição Ao Fluxo: Percepção Dos Praticantes Do Basquete Em Cadeira De Rodas.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 3, jul./set. 2018.

POPPER, K.R. **Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico.** Coimbra: Editor Livraria Almedina, 2003.

PRIETO, M. H. U. **Dicionário de Literatura Grega.** Lisboa: Verbo, 2001.

PRISTA, R.M. **Manuel Sergio: um homem em movimento.** Rio de Janeiro, AMOHURJ, 2017.

RESENDE, C.M.; MACERATA, I.M., BARBOSA, L.C., PIMENTEL, M.B., MORAES, M.B.; MACEDO, C. **Corposições Entre O Ver, O Dizer E O Agir.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 2, p. 135-142, maio-ago. 2017.

REZENDE, A. M. de. **Por uma concepção fenomenológica de educação**. São Paulo: Cortez Editora e Editores Associados, 1990.

RIBEIRO, R. J. **Novas fronteiras entre natureza e cultura**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-36.

ROUANET, S. P. **O homem-máquina hoje**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 37-64.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projecto de pesquisa científica**. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 14. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SARTRE, J-P. (1999). **O ser e o nada**. Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. de Paulo Perdigão. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. (Originalmente publicado em 1943)

SCAGLIA, A.J. & REVERDITO, R.S. **Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI**, in: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.) **Educação física e esportes no século XXI**, Campinas: Papirus, 2016, p. 43-72.

SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2003.

SÉRGIO, M. **A racionalidade epistêmica na educação física do século XX**. IN: SERGIO, M (Org.), 1999.

SÉRGIO, M. **As lições do professor Manuel Sérgio: motricidade humana e futebol**. Lisboa: Prime Books, 2013.

SÉRGIO, M. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** 2. ed. Campinas: Papirus, 1991

SÉRGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana, 1996.

SÉRGIO, M. **Filosofia do futebol**. 4. ed. Lisboa: Prime Books, 2012

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**, Compendium, Lisboa, 1987.

SÉRGIO, M. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1994a.

SÉRGIO, M. **Motricidade Humana – uma nova ciência do homem**, Lisboa:Portugal, Edição MEC/DGD, 1986.

SÉRGIO, M.; LEMOS, F.R.M. **Futebol: necessárias rupturas**. Motricidades: Rev. SPQMH, v. 3, n. 1, p. 69-76, jan.-abr. 2019.

SÉRGIO, M. **O desporto e a motricidade humana**. Caderno de Educação Física (ISSN 1676-2533 | e-ISSN 1983-8883) Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 111-122, 1. sem., 2010.

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 1994b.

SÉRGIO, M. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SFEZ, L. **A Saúde Perfeita – Crítica de uma utopia**. Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M.A. **Todos Passam Pela Via Crucis: A Corporeidade Em Clarice Lispector**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 623-632, jul./set. 2010.

SILVA, A.F.L. **Corporeidade E Representações Sociais: Agir E Pensar A Docência.** Psicologia & Sociedade; 23 (3): 616-624, 2011

SILVA, L.M. **A deficiência como expressão da diferença.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 44, p. 111-133, 2006.

SILVEIRA, A.L.; CAMBRUZZI, R.C.S.; COSTA, M.P.R.; HERTIWIG, R.S.V. **Corporeidade e Existência: Notas de uma Perspectiva Fenomenológica sobre a Condição da Pessoa com Deficiência Física.** Revista da Abordagem Gestáltica – XVIII(1): 30-36, jan-jun, 2012.

SOBREIRA, V.; LENÍ NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W.W. **A Ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física.** Olhares & Trilhas, v. 22, n. 2, p. 326-345, 25 ago. 2020

SOUSA K.M., OLIVEIRA W.I.F., ALVES E.A., GAMA Z.A.S. **Fatores associados ao acesso à reabilitação física para vítimas de acidentes de trânsito.** Rev Saude Publica. 2017;51:54.

SOUZA, C. V.; PALMA, A. P. T. V. **A Motricidade Humana e os princípios para o ensino da Educação Física.** FIEP BULLETIN - Volume 82 - Special Edition - ARTICLE I – 2012.

TOJAL, J.B. **Da Educação Física à Motricidade Humana: A preparação do profissional.** Lisboa/Portugal: Editora Instituto Piaget, 2004.

TOJAL, J. **Manuelsergio's Human Kinetics Perspectives For Its Implementation In Brazil.** Fiep Bulletin, 2010.

TOJAL, J.B. & GOMES, A. **Motricidade Humana – o paradigma emergente.** Campinas/SP: Brasil, Ed. Unicamp, 1994.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. **A motricidade humana e a educação.** In: SERGIO, M. (Org.). O sentido e a acção. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. p. 31-60.

VILCA, V.C.; GARCÍA, F.C.; CARHUAY, J.C.; VALLADOLID, W.M. **Perfil Epidemiológico De Los Accidentes De Tránsito En El Perú, 2005-2009.** Rev Peru Med Exp Salud Publica. 2010; 27(2): 162-69.

WEBER, F. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

## **6.2 O Mundo Vivido: o palco da motricidade humana das pessoas com deficiência em dissonância com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº13.146/2015**

**Mauro Batista Negreiros**

### **RESUMO**

O conceito de mundo vivido ocupa um espaço privilegiado ao longo das obras escritas pelo filósofo Merleau-Ponty, o qual destacou que a experiência do corpo como um acontecimento do ser no mundo e o movimento da vida na condição humana se realiza de forma a atribuir sentidos diversos de existência. Merleau-Ponty (1945/2011) procurou concentrar o enfoque fenomenológico no mundo vivido ao destacar que a vivência da corporeidade é a dimensão implícita no sentido da vivência do ser no mundo, a qual vivenciamos por intermédio da experiência perceptiva, logo, o exame da essência deve levar em consideração a objetivação do vivido em seu próprio sentido de vivência enquanto se realiza a própria vivência. Neste artigo procuramos discutir o constante cerceamento dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência em face da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015, principalmente em decorrência de barreiras atitudinais como o capacitismo que é uma forma de preconceito subliminar encravada na produção simbólica social, apresentando-se como uma construção universalizada de opressão sobre a compreensão da deficiência que avalia as pessoas com deficiência como desiguais, menos aptas ou incapazes de gerir suas próprias vidas. Concluímos que se faz cada vez mais necessários apontar as formas de exclusão enfrentadas pelas pessoas com deficiência para combater comportamentos sociais preconceituosos que cerceiam direitos adquiridos para fomentar o respeito pela dignidade das pessoas com deficiência.

**Palavras-chaves: mundo vivido; Lei Brasileira de Inclusão; capacitismo.**



## ABSTRACT

The concept of the lived world occupies a privileged space throughout the works written by the philosopher Merleau-Ponty, who highlighted that the experience of the body as an event of being in the world and the movement of life in the human condition takes place in order to attribute meanings various in existence. Merleau-Ponty (1945/2011) sought to focus the phenomenological focus on the lived world by highlighting that the experience of corporeity is the implicit dimension in the sense of the experience of being in the world, which we experience through the perceptive experience, therefore, the examination of the essence must take into account the objectification of the lived experience in its own sense of experience while the experience itself takes place. In this article we seek to discuss the constant curtailment of the fundamental rights of people with disabilities in the face of the Brazilian Law of Inclusion (LBI) No. social, presenting itself as a universalized construction of oppression on the understanding of disability that evaluates people with disabilities as unequal, less able or incapable of managing their own lives. We conclude that it is increasingly necessary to point out the forms of exclusion faced by people with disabilities to combat prejudiced social behaviors that limit acquired rights to promote respect for the dignity of people with disabilities.

**Keywords: lived world; Brazilian Law of Inclusion and Capacity**

### 6.2.1 Introdução

O mundo vivido é um tema frequente na obra de Merleau-Ponty. Para o filósofo a experiência de existir, isto é, a experiência do ser no mundo sempre situa questões entre o sujeito e o mundo. Assim, a vivência corpórea ocupa um espaço privilegiado ao longo das escritas de Merleau-Ponty que destaca que a experiência do corpo como um acontecimento do ser no mundo e o movimento da vida na condição humana se realiza de forma a atribuir sentidos diversos de existência.

Merleau-Ponty (1945/2011) procurou concentrar o enfoque fenomenológico no mundo vivido ao destacar que a vivência da corporeidade é a dimensão implícita no sentido da vivência do ser no mundo, a qual vivenciamos por intermédio da experiência perceptiva, logo, o exame da essência deve levar em consideração a objetivação do vivido em seu próprio sentido de vivência enquanto se realiza a própria vivência.

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem o qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 3).

Ao encontrar-se lançado no mundo, o ser encontra aí o mundo já dado, um mundo culturalmente constituído de acordo com as contingências históricas, culturais, políticas e sociais anteriores, com as quais o ser em sua corporeidade estabelece relações interoceptivas e exteroceptivas que se influenciam mutuamente gerando novos e particulares significados. O mundo onde o ser, em seu esquema corporal, movimenta-se intencionalmente, com sentido, em sua própria motricidade, o ser humano em sua condição mais complexa de contradições, paradoxos, desejos, sonhos, o mundo que é palco para o corpo-fenomenal, integral, o corpo vidente-visível de corpo e alma. O corpo-sujeito, ao conviver com o outro, estabelece contato em que o direito de um terminar onde começa o direito do outro e estabelecem regras, normas que buscam coordenar a cotidianidade no mundo vivido. Em face da concepção das políticas afirmativas, a intercorporeidade compreende que as particularidades de corporeidades necessitam de proteção, daí surgem leis que procuram equalizar as diferenças sociais.

### 6.2.2 Material e método

Tendo em vista o objetivo de compreender o significado presente nos discursos dos Paratletas que se tornaram portadores de lesões permanentes após sofrerem acidente de trânsito, levando em consideração a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo que conforme pressupõe Minayo (2014) significa mergulhar na experiência de tal modo que o pesquisador consiga perceber, nos discursos dos colaboradores da pesquisa, sentimentos, emoções e o olhar específico acerca da temática em pesquisa.

Para tanto, acreditamos ser o método fenomenológico o mais adequado instrumento que nos possibilitará investigar a vivência das pessoas nas diferentes situações e assim chegar à compreensão dessa pessoa. Ademais, precisamos entender como os pressupostos que regem a Fenomenologia influenciam a Psicologia. Privilegia-se, dentro desta metodologia, a *Alethéia* (verdade relativa), ao invés da *Veritas* (verdade absoluta); essa proposição se dá pela perspectiva de que a vida adquire os seus sentidos por meio da experimentação subjetiva e particular, sendo amparada pelas perspectivas culturais e situacionais presentes nos seus contextos (CASTRO, 2019).

Dessa maneira, o método fenomenológico de investigação em Psicologia segue o conceito epistemológico da consciência intencional, que acontece, de forma sucinta, quando o investigador inicia seu estudo, obtendo descrições de experiências de outros sujeitos no método aplicado a Psicologia. Num segundo momento, o investigador adota uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo enquanto desenvolve a redução fenomenológica-psicológica. Num terceiro momento, o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto de estudo através da variação livre imaginativa a partir da perspectiva psicológica do investigador ao enquadrar a análise eidética para definir sínteses de significados psicológicos sobre o tema.

Foram considerados aptos a participarem desta pesquisa, paradesportistas com mais de 18 (dezoito) anos de idade que se tornaram paratletas após sofrerem qualquer tipo de lesão permanente em decorrência de acidente de trânsito e integram a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, independentemente a gênero, raça, credo e que praticam paradesporto há pelo menos três (03) meses e ao menos uma vez já competiu ou está se preparando para competir em eventos esportivos em qualquer modalidade.

Entre recusas, abstenções e aceites, obtivemos a quantidade de quatro entrevistas. Este número de entrevistas representa o pouco número de pessoas com deficiência em decorrência de acidente de trânsito que aderem à prática de esportes de alto rendimento, por vários motivos que teremos a possibilidade de discutir no decorrer deste trabalho, e desses poucos

adeptos, um número menor ainda dos que se demonstraram dispostos a participar da pesquisa científica, mesmo lhes tendo sido informado acerca de seus direitos, tais como, sigilo de sua identidade e não terem despesas.

Inicialmente, foi solicitada a anuência da instituição, no caso a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, instalada na Arena Amadeu Teixeira. Em seguida, obtivemos junto a presidência da referida instituição os números de contatos de telefones e e-mails dos paratletas federados que correspondem ao perfil de sujeitos aptos a participarem da presente pesquisa. De posse dessas informações, contatamos via mensagem de texto por aplicativo de mensagens cada um dos candidatos a participantes, ocasião em que o pesquisador se apresentou formalmente e esclareceu o motivo do contato. Ademais, o pesquisador encaminhou para o pretendido participante o link para acessar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de forma *on line*.

Foi utilizada a Entrevista Fenomenológica gravada em aplicativo eletrônico de *smartphone*, obedecendo-se os preceitos legais previstos na Resolução CNS nº 466 de 2012, sendo que a cuja duração mínima é de sessenta (60) minutos, efetivada a partir de uma questão inicial que sofreu desdobramentos, permitindo ao pesquisador colocar-se na condição de ouvinte, intervindo quando foi necessário e oportuno com o objetivo de esclarecer, informar ou facilitar as expressões oriundas dos participantes da pesquisa.

Após a realização das entrevistas e seguindo as instruções do pesquisador, os participantes assinaram o TCLE, o qual também foi assinado pelo pesquisador e uma das vias foi concedida aos entrevistados.

Durante o processo investigativo, também utilizaremos o Diário de Campo/Notas de Campo como recurso metodológico para o registro minucioso das impressões e reflexões do pesquisador no campo de pesquisa e para detalhar os comportamentos dos participantes do estudo.

Utilizou-se as orientações de Giorgi & Sousa (2010) propostas em quatro momentos, a saber, estabelecimento do Sentido Geral, a determinação das Unidades de Significado e sua transformação em Expressões de Caráter Psicológico e por fim, a determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos.

A pesquisa buscou respeitar as diretrizes contidas nas Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e foi encaminhada para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

A obtenção dos dados teve início após a aprovação do protocolo e do projeto de pesquisa elaborado de acordo com o preconizado pelas diretrizes do CNS, pelo Comitê de Ética em Pesquisa que elaborou o Parecer Consubstanciado n 4.788.980.

### 6.2.3 Resultados e discussões

Neste artigo, balizados Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015 procuramos compreender o sentido de Mundo Vivido para os paratletas entrevistados levando-se em consideração que este conceito estipulado pelo filósofo Merleau-Ponty configura como o palco da Motricidade das Pessoas com Deficiência.

A partir dos discursos das pessoas com deficiência participantes e praticantes de esportes de alto rendimento é possível apreender o constante cerceamento dos direitos fundamentais que esse público enfrenta cotidianamente.

São direitos fundamentais à Vida, à Habilitação e à Reabilitação, à Saúde, à Educação, à Moradia, ao Trabalho, à Assistência Social, à Previdência Social, à Cultura, ao Esporte, ao Turismo e ao Lazer, ao Transporte e à Mobilidade, à Participação na Vida Pública e Política, à Justiça, entre outros, previstos na lei que ficou conhecido como Estatuto da Pessoa com Deficiência, diariamente desrespeitados pelos outros, pelas instituições públicas e privadas, alguns em face da concepção capacitista, que é uma forma de preconceito historicamente arraigada no âmbito social que necessita ser denunciada e combatida.

### 6.2.4 O estatuto da pessoa com deficiência: o cerceamento dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência

A Lei nº 13.146/2015 instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência e passou a ser conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência e de acordo com seu primeiro artigo, é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”.

Importa-nos apresentar, discorrer e refletir acerca deste estatuto pela razão de estarmos buscando compreender os sentidos de corporeidade de paratletas lesionados em acidente de trânsito, mas que fundamentalmente são pessoas com deficiência, tendo em vista que, no segundo artigo da mesma lei, conceitua que “pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em

interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

O ser que existe, que é em sua motricidade se movimentando no palco mundo é perpassado pela relação de intercorporeidade entre as pessoa, cujos sentidos culminam no ordenamento de regras para uma boa convivência e leis para o pleno exercício da cidadania de quem quer que seja. Ao compreender a pessoa com deficiência como corpo-vivente com impedimento de longo prazo que pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas, o ordenamento jurídico busca equalizar desigualdades.

O segundo capítulo da referida lei trata da Igualdade e da Não Discriminação e em seu quarto artigo destaca que a pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação. Isto nos leva a refletir que um estatuto que se inicia nestes termos é porque procura denunciar que a existência ainda se encontra lançada num arranjo social que discrimina e não oferta igualdade de oportunidades às pessoas com deficiência. Esta realidade surgiu representada nas falas dos entrevistados que narraram alguns sentimentos e episódios de discriminação e na forma como reconheceram e sofreram o preconceito pela razão de serem pessoas com deficiência, e ainda mais quando, muitas vezes, essa discriminação apareceu como o cerceamento de direitos fundamentais das PCD's conforme preconiza o § 1º do Art. 4º da mesma lei.

O paratleta ARES comentou que, devido ao acometimento da poliomielite na infância, já era pessoa com deficiência antes mesmo de sofrer lesão permanente em decorrência de acidente que trânsito que o lesionou, mas esta condição não lhe impediu que ele próprio dirigisse um olhar preconceituoso para com as demais pessoas com deficiência, reconhecendo que o preconceito existe sim, porque ele próprio já foi vetor desse sentimento.

(...) minha vida sempre foi constituída em cima de pessoas que não tem deficiência, em qualquer lugar, eu era sempre o único que tinha deficiência e isso me moldou, e via até as outras pessoas que tem deficiência com o mesmo olhar de uma pessoa que não tem (deficiência), aquela coisa do preconceito que existe (ARES, 2021).

Para a paratelta HERA, o que surge diante do reconhecimento de que seu corpo vidente-visível está sendo olhado com preconceito, é o sentimento de raiva, por não aceitar ser olhada com os olhos de quem a vitimiza, sente que o olhar lhe julga, estabelece um pré-conceito que a diminui, sente a experiência perceptiva de ser inferiorizada, o olhar do outro que a discrimina faz parecer uma pessoa cujo corpo não é capaz:

Ah, no meu acidente, quando aconteceu meu acidente, “cara”, eu fiquei arrasada, no começo, eu pensava, porque eu era muito criança “né”, eu ia sofrer muitos preconceitos, com certeza, porque até hoje eu sofro, (...), na minha visão eu pensava, todo mundo vai me olhar como coitadinha, como uma pessoa que não vai conseguir nada na vida, todo mundo vai me olhar assim,. (...) Sim, que eu percebo assim, preconceito assim quando a pessoa fica me olhando muito, acho que ela pensa assim: “ah, coitada dessa menina!”... aí, chega me dá uma raiva, assim sabe, quando a pessoa me olha com pena, eu fico com raiva, olha. Mas depois passa, assim, depois passa assim (HERA , 2021).

Enquanto ser do corpo vidente-visível, a participante ATENA compreende hoje que o olhar do outro, que antes lhe causava vergonha, é o olhar curioso, o olhar que busca compreender aquilo que é diferente e inusitado em seu cotidiano e ATENA busca conviver bem com essa condição curiosa do outro:

Antes eu tinha muita vergonha de andar mostrando minha prótese, eu tinha vergonha das pessoas me olharem, me incomodava muito, “né”, hoje não, hoje eu já saio com a minha prótese, não olho para quem tá olhando, claro, eu sei que as pessoas olham e tal, mas hoje eu vejo que as pessoas olham e penso que elas olham admirando, acho legal, muita gente chega comigo: olha, tua prótese é bonita, legal, onde tu comprou? Cara, tu anda legal, tua anda bem!”... era isso que queria, entendeu (ATENA, 2021).

O paradesportista ARES, que antes reconhecia que ele próprio tinha uma percepção preconceituosa em relação às pessoas com deficiência, atualmente atribui sentido ao seu existir como alguém que desempenha o papel social no mundo vivido para demonstrar, através da prática esportiva, que a pessoa com deficiência pode procurar viver de forma equivalente a qualquer outra pessoa tida como normal.

(...) esse ano (2021) não tem competição “pra” gente, mas a gente vai viajar sábado agora para Presidente Figueiredo (Município no interior do estado do Amazonas, distante cerca de 107Km de Manaus) justamente “pra” levar que um cadeirante pode ter vida, consegue viver e não triste e amargurado em outro local. Vamos fazer uma apresentação de basquete no modo oficial mesmo, porque a gente tem um atleta que é de lá e a gente conseguiu, nós vamos levar por questão de inclusão (ARES, 2021).

Dessa forma, torna-se presença constante na vida dos paratletas a luta pela pelas garantias e respeito aos seus direitos fundamentais previstos no Estatuto da Pessoa Com Deficiência. A Lei no 13.146/2015 estabelece onze direitos fundamentais e os entrevistados relataram terem vivenciados desrespeitos em praticamente todos os seus direitos fundamentais, em diferentes momentos, em circunstâncias distintas, principalmente a partir de comportamentos que o estatuto conceitua como barreiras atitudinais, isto é, atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com

deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, conforme item “e” do inciso IV do art. 3º da mesma lei.

O mundo vivido é sempre um mundo percebido de acesso ao ser e ao mesmo tempo em constante mostrar-se que retoma o sentido de existência, ou seja, como o mostrar das coisas e das relações possibilitam a compreensão dos seus significados. Merleau-Ponty (1945/2011) postula que somente no meio do mundo é que ocorre a experiência de existir, tendo em vista que o ser existe no corpo, desde o nascimento e ao longo de toda a existência está sempre situado em algum lugar em meio aos instrumentos e utensílios e como presença ou ausência para o outro, ou seja, sempre está inscrito no mundo.

De acordo com o art. 14 da Lei no 13.146/2015, o processo de habilitação e de reabilitação é um direito da pessoa com deficiência, cujo objetivo é “o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.” De acordo com os relatos da entrevistada HERA acerca de sua trajetória, ela não recebeu atendimento de habilitação e tratamento de reabilitação, ao contrário dos demais entrevistados que comentaram que receberam o atendimento, mas também revelaram que tiveram algumas dificuldades.

O paratleta APOLO ressaltou, durante sua entrevista, que somente em unidade hospitalar em outro Estado foi que teve o atendimento adequado de reabilitação, o que lhe proporcionou conhecer a melhor maneira de como conviver com certas dificuldades de mobilidade, conhecimentos os quais não tinha recebido em nenhuma unidade hospitalar do seu município de origem.

(...) “né”, aprendi no “SARAH” (Hospital Sarah Kubitschek, em Fortaleza, capital do Estado do Ceará) a sair do carro, aprendi a ir “pra” cadeira da cama, e empinar a cadeira, fazer um monte de situações que te dê liberdade, te dê um controle da tua vida que te mostra assim eu sou capaz disso, eu posso, então, é... mas não é fácil, não é fácil... (APOLO, 2021).

Já o entrevistado ARES lamentou que, na unidade hospitalar em que foi atendido, não teve a orientação correta para se locomover na cadeira de rodas e terminou por aprender de forma equivocada. Somente após seu engajamento no esporte que passou a obter orientações corretas acerca de maneiras mais eficazes de manusear a cadeira de rodas:



(...) eu mesmo aprendi errado (referindo-se a manobra em cadeira de rodas), normalmente a pessoa tem que pegar aqui ó, “pra” dar velocidade, eu pego aqui, e a maioria pega aqui e os que pegam aqui que parece aquele negocia de anime japonês, eles dão uma virada e a cadeira pega mais velocidade, quem pega aqui faz duas, tudo é uma técnica, isso aí, quem passou pelo PROAMDE aprendeu, eu fui só convidado a conhecer o basquete, eu não participei por lá (ARES, 2021).

A paratleta ATENA reconheceu que ela teria mais mobilidade, inclusive para a prática de outras modalidades esportivas, caso ela tivesse acesso à prótese de tecnologia mais avançada, todavia, a entrevistada ressalta que o Sistema Único de Saúde (SUS) não proporciona essa possibilidade, limita-se a ofertar a prótese mais trivial e dessa forma termina restringindo a potencialidade da paratleta quando veta a aquisição do equipamento, de alto valor financeiro, inaccessível economicamente para a participante, de tal maneira que descumpra o Art. 16, III da Lei 13.146/2015, em que deve oferecer a tecnologia assistida, tecnologia de reabilitação, materiais e equipamentos adequados e apoio técnico profissional, de acordo com as especificidades de cada pessoa com deficiência e o Art. 17 da mesma lei, em que os serviços do SUS e do SUAS (Sistema Único de Assistência Social) deverão promover ações articuladas para garantir à pessoa com deficiência e sua família a aquisição de informações, orientações e formas de acesso às políticas públicas disponíveis, com a finalidade de propiciar sua plena participação social

Eu precisaria de uma “lâmina” (designação para equipamento protético), de um “joelho” (designação para equipamento protético) que proporcionasse a corrida, porque a minha amputação, ela é acima do joelho, eu perdi o joelho todo, eu só tenho a parte da coxa, então, a articulação do joelho eu não tenho, então, a lâmina também, que é a lâmina que dá o impulso, a lâmina é uma parte do pé, é um pé que é um estilo C, é como se fosse a nossa canela, é uma canela, vem o joelho, que é um joelho próprio para a corrida é um joelho bem mais leve e bem mais maleável, depois do joelho, em vez de vir a canela e o pé, vem essa lâmina que é um C, que é ela que amortece o peso no caso da passada e ela impulsiona o teu corpo para correr, então, eu precisaria disso hoje, eu pesquiso, eu pesquiso muito, a respeito de prótese, desde que eu amputei. (...) fiz muita fisioterapia justamente “pra” isso, “pra” conseguir andar bem, conseguir andar rápido, não prejudicar a minha questão física hoje, “né”, porque andar de forma errada cria vícios, como o fisioterapeuta falava, isso prejudica muito a minha coluna, questão de equilíbrio (ATENA, 2021).

Um contato inaugural com o mundo marca o corpo em sua dimensão sensível por meio de nossa capacidade de sentir e de nos mover no mundo. Desde o nascimento, o ser se encontra no mundo com um conjunto de percepções, gestos e constituição psicofísica que não foi constituído e nem escolhido pelo ser, mas que lhe foram dados e formam o terreno natural sob o qual se fundamenta todo o seu eu.

No que tange o direito fundamental à saúde, o entrevistado APOLO voltou a comentar que somente em outra região do país passou a ter atendimento domiciliar condizente com os direitos fundamentais das pessoas com deficiência, conforme suas próprias palavras:

Eu morei no interior (do Estado do Ceará), eu nunca tirei um “tostão” do meu bolso para comprar material tanto a sonda quando o remédio que eu tomava, recebia da Prefeitura... Prefeitura levava lá na minha casa, porque isso é por lei, e a gente tem direito, aqui em Manaus, a gente tem como correr atrás, mas desanima porque é uma burocracia doida, e é uma dificuldade para receber, essa sonda aqui eu recebo de graça da CVI, mas porque entraram na justiça, contra o Governo, eles queriam dar aquela mais “furreca” (menor qualidade) que vem no “plastiquinho”, tem que usar xilocaína e tudo, entendeu, então não é fácil, não é fácil mesmo, a vida de uma pessoa deficiente, seja ela de qualquer modalidade (APOLO, 2021).

E ainda na questão de direito fundamental a saúde, ATENA corrobora a opinião do colega paratleta APOLO ao retratar que nos programas e serviços de habilitação e de reabilitação para a pessoa com deficiência, não são garantidos materiais e equipamentos adequados e apoio técnico profissional, de acordo com as especificidades de cada pessoa com deficiência, conforme está estabelecido no III do art. 16 da Lei 13.146/2015:

(...) vê assim, no meu caso que eu uso prótese, os componentes da minha prótese são caros, e o Governo fornece sim, mas não da forma que a gente precisa, são equipamentos às vezes de qualidade menor, e a gente se esforça muito, é como carro “né”, preciosa tá fazendo manutenção e chega o momento que você precisa trocar (...) (ATENA, 2021).

Somente a ação pode modificar o mundo que está aí dado, anteriormente à qualquer descrição que possa ser feita dele. A ação se contextualiza no espaço físico, no fundo de mundo, no caso, o objeto, encontrando como figura a própria ação que o corpo realiza na espacialidade do mundo (fundo).

No exercício de um dos direitos fundamentais que é o direito a educação, dois entrevistados relataram terem sido vítimas de atitudes preconceituosas em decorrência da sua condição de pessoas com deficiência física. Novamente o entrevistado ARES relatou como foi atendido sob o olhar de pré-julgamento de outras pessoas que parecem ter associado sua deficiência física a uma deficiência intelectual, numa prática atualmente conhecido como “capacitismo”, que, de acordo com Dias (2013, p.2), “(...) é a concepção presente no social que lê as pessoas com deficiência como não iguais, menos aptas ou não capazes para gerir as próprias vidas”.

A narrativa de ARES descreve um nítido desrespeito ao art. 27 da Lei 13.146/2015 quando este diz que assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e

aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Fiz um curso pelo SINE (SISTEMA NACIONAL DE EMPREGO) que era para (...) e tinha que ser um cara questionador, mas nem sempre quem tem esse perfil as pessoas se agradam: “esse aí vai dar problema!” (reproduzindo fala de terceiros)... aí me jogaram para um turma de analfabeto, eu fazia minha tarefa, ajudava os outros e saía da sala, e falava “pro” pessoal: “olhe, eu botei meu currículo, sou formado em contabilidade e trabalho na área administrativa, por que “tô” com pessoas que são analfabetas?” Aí, disseram que foi uma erro lá deles, era “pra” você entrar com o pessoal universitários, aí participei do curso como sendo analfabeto, questionei lá, aí a maioria das vagas era “pras” pessoas de pintura, eu falei: “interessante, um cadeirante vai tá pintando, não tem como!”... até hoje não fui chamado, nem ia ser chamado por causa disso, teve um que tentou e não aguentou, não cadeirante, ele ainda ficava em pé, não aguentou não, não tem como uma pessoa que tem uma deficiência (ARES, 2021).

A entrevistada HERA, lesionada permanentemente em decorrência de acidente de trânsito ainda na infância, temeu retornar as aulas porque enfrentou a experiência perceptiva de ter seu corpo-fenomenal como algo da prática de bullying por parte dos demais colegas:

Quando me lesionei, não voltei a mesma escola, não voltei, eu mudei de escola, na verdade, depois de um tempo que eu “tava” me recuperando, tive que voltar, mas não voltei para a mesma escola não. Eu me senti estranha voltando para essa nova escola, com certeza, estranha. Eu me lembro até que hoje a primeira vez que eu fui, quando eu voltei eu falei que eu não queria mais voltar, que eu não queria estudar, que eu queria estudar em casa, que ela desse um jeito” porque eu não queria voltar mais a estudar, mas a mamãe conversou bastante comigo porque eu tinha que estudar, “minha filha, você tem que estudar, não liga para o que as pessoas falam, estuda, estuda, estuada, corre atrás das tuas coisas!”. Meus amigos zombavam de mim, ficavam fazendo bullying da minha deficiência, por isso que eu não queria voltar pra lá (HERA , 2021).

O enfrentamento dessa barreira atitudinal contou com o apoio fundamental prestado pela genitora, pelos professores diretores e psicólogos, e de acordo com a entrevistada, é esse apoio que mantém sua permanência na escola até o presente momento. Atualmente, a paratleta estuda na modalidade do Ensino de Jovens e Adultos - EJA e alimenta o sonho em concluir o ensino médio para em seguida cursar graduação em ensino superior.

Sempre eu tive suporte da escola, da professora, do diretor da escola, da psicologia da escola, principalmente professores também, até hoje eles me ajudam muito, são muito importantes, me dão mais atenção, conversam, são muito importante nesse detalhe. Toda vez quando eu estudo que eu volto pra escola eu tenho uma atenção especial dentro da escola, dos professores, do diretor da escola, com as pessoas da escola, hoje eu não sofro mais preconceito do que eu senti, que eu sofri quando eu era criança (HERA , 2021).

O chamamento do mundo no qual e do qual o ser é solicitado refere-se ao pontual conceito de Heidegger (1927/1989) de ‘ser-aí’, em situação (*Dasein*), convoca o ser a escolher e disto não há saída a não ser a liberdade em escolher. Para Heidegger (1927/1989), o ser nasce ‘do’ mundo e com isso é solicitado e o ser nasce ‘no’ mundo, o que significa que o ser está aberto a uma infinidade de possíveis, à liberdade. O ser existe, portanto, sob duas relações nas quais não há determinismo nem escolha absoluta.

Enquanto ser-no-mundo, estamos constantemente agindo (figura) e interagindo com o mundo vivido (fundo), numa relação de intencionalidade em que estar situado concerne sentido a existência em sua temporalidade. Ao estabelecer domicílio, o ser vivência sua cotidianidade transcendendo seu lugar no mundo a representação de um lar, onde os vínculos dos laços familiares e sociais são consolidados e transformados continuamente. O Capítulo V – Do Direito à Moradia previsto no Art. 31 da Lei 13.146/2015 institui que a pessoa com deficiência tem direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, com seu cônjuge ou companheiro ou desacompanhada, ou em moradia para a vida independente da pessoa com deficiência, ou, ainda, em residência inclusiva.

Em sua entrevista, ARES também destacou a dificuldade que as pessoas com deficiência enfrentam para garantir seu direito à moradia. Na concepção do entrevistado, mais do que uma residência digna, um lar é fundamental para o desenvolvimento do ser e do bem estar de um paratleta, já que a casa, o lar, é seu local de repouso e procura demonstrar que ao perceber que os demais colegas enfrentam dificuldades mais severas com relação a infraestrutura de moradia, reconhece-se sua situação privilegiada em poder contar com uma estrutura residencial adequada para manter sua família de forma mais confortável.

(...) você vê, eu tenho meu ensino completo (ensino médio completo), ensino superior incompleto, mas tem uns ali que nunca estudaram, ou que não tem nem onde morar ou uma estrutura pelo menos básica como eu tenho, isso é fundamental para você crescer na vida e isso é passado (ensinado) para os dois filhos que eu tenho, porque filho é difícil, e no caso eles tem uma boa cabeça, ultimamente agora eu vou ser avô, tem essa novidade, para mim, se fosse antigamente ia pensar só no lado financeiro, mas eu sabendo que outras pessoas conseguem viver com isso, com menos, eu me moldei em relação a isso (ARES, 2021).

Ainda assim, ARES aponta a dificuldade do local onde mora. De acordo com os apontamentos do diário de campo, ARES reside numa casa localizada ao lado de estrutura popularmente conhecida como “rip rap” (estrutura de concreto armado) por onde passa um pequeno igarapé que exala forte odor de esgoto e que de acordo com o entrevistado, alaga

bastante quando chove, a escadaria de acesso a via pública transforma-se numa cachoeira e cria barreira para a sua acessibilidade, inclusive com relatos de alguns acidentes já sofridos nessas condições, fazendo com que nessas ocasiões o paratleta falte ao treino.

(...) o TÉCNICO fica brabo comigo quando chove, é impossível subir, vira uma cachoeira, ou então sai mais cedo, eu vou adivinhar quando vai chover, não tem como, aí ele não quer que a gente encontre obstáculos, eu até entendo o lado dele, mando foto: “Professor, olha como tá, não dá não, então fica aí, porque, “pra” mim subir aquilo dali, como eu não tenho firmeza na perna, às vezes eu caio, já caí várias vezes nessa escada aí e dói, porque eu tenho sensibilidade na perna, semana passada vim tão cansado do treino que eu caí e não lembrei que caí, só que eu “tava” com uma atadura aqui na perna, porque a minha nova cadeira eu “tô” me adaptando, que minha perna inchou, e ela inchando isso aqui meu para descer já foi uma briga, mas vim tão cansado que eu bati, não lembro “né”, quando eu caí, só fiz levantar, será que os treinos são pesados? (ARES, 2021).

Na análise de Merleau-Ponty, é a liberdade algo natural, espontâneo e não hostil que emerge do fato da inserção da pessoa ao mundo, ao passo que para Sartre o homem é fadado a ser livre, pois há uma luta angustiante na escolha.

O homem constrói estruturas econômicas, políticas, linguísticas, relacionais, além de poder sempre ultrapassá-las ou modificá-las, sua capacidade de criar, compreender, transcender, comportar-se consiste uma das maiores riquezas do homem, riquezas são acrescidas e desenvolvidas nas relações intersubjetivas. A práxis humana contida em sua motricidade também contempla a atividade laboral já que o ser se encontra inserido neste mundo dado anteriormente e em sua práxis transforma e é transformado, continuamente, em busca da transcendência do sistema estabelecido como forma de superação da alienação.

De acordo com o que está disposto no Art. 34. Da Lei 13.146/2015, a pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. Dois entrevistados comentaram acerca de suas experiências perceptivas no que concerne ao direito fundamental ao trabalho, principalmente seus relacionamentos com as empresas privadas, representantes de um sistema liberal em que os paratletas buscaram colocação. Primeiramente, a paratleta ATENA apontou recebeu total apoio da empresa em que estagiava logo após o período em que sofreu o acidente e manteve vigente o contrato de até o final.

(...) na EMPRESA (localizada no Pólo Industrial de Manaus), eu tinha um contrato de um ano, eu acho que tinha três meses, não, uns quatro meses, cinco meses, que eu “tava” (sic) com o contrato, eles não quebraram o contrato, continuaram me dando assistência, até o final, se eu quisesse voltar já como PCD (pessoa com deficiência) na empresa, eles conversaram comigo, falaram que se eu quisesse eles estariam abertos, sempre tinha oportunidade para PCD (ATENA, 2021).

Por outro lado, ARES comentou a dissabor de ter sido convidado para entrevistas de emprego em empresas multinacionais, mas não pode assumir a função porque é pessoa com deficiência, conforme sua experiência perceptiva, e denuncia a claro descumprimento do Estatuto da Pessoa com Deficiência, principalmente naquilo que está previsto nos parágrafos do Art. 34, § 1º em que as pessoas jurídicas de direito público, privado ou de qualquer natureza são obrigadas a garantir ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos e no § 2º em que a pessoa com deficiência tem direito, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a condições justas e favoráveis de trabalho, incluindo igual remuneração por trabalho de igual valor, bem como, no § 3º onde é vedada restrição ao trabalho da pessoa com deficiência e qualquer discriminação em razão de sua condição, inclusive nas etapas de recrutamento, seleção, contratação, admissão, exames admissional e periódico, permanência no emprego, ascensão profissional e reabilitação profissional, bem como exigência de aptidão plena.

Aí peguei um documento que eu tinha feito, porque eu já tinha batido em portas... a EMPRESA (localizada no Pólo Industrial de Manaus) me chamou seis vezes, a desculpa da EMPRESA para não me contratar era a seguinte: “não somos adaptados!” (reproduzindo fala de terceiros)... se não são adaptados, como me chama seis vezes para vir aqui? Estranho né? Aí conversei com um colega meu lá, que morava lá e não era deficiente, ele disse: “o problema é que eles queriam te colocar na área administrativa, que é no centro (centro de cidade de Manaus), não tem adaptação mesmo!”. Conversa, porque lá mesmo tinham decidido que seria aqui na Torquato (Av. Torquato Tapajós, localizado na Zona Norte de Manaus), onde é tudo plano, não tem nada, eu tinha o costume de sempre ser assim (ARES, 2021).

A prática laboral intensa alinhada a demanda de produtividade por parte do setor privado exige dedicação e assiduidade da entrevistada ATENA de se reconhece encurralada entre a escolha de trabalhar para se sustentar e treinar e competir enquanto paratleta, dado que as duas atividades, laboral e esportiva, muitas vezes apresentam calendários conflitantes, e a paratleta sente a situação se agravar quando percebe que o número reduzido de paratletas participantes do seu time de voleibol sentado, força-lhe a ter que participar ainda mais, sob risco do time deixar de ter o número mínimo de participantes e assim poder competir:

(...) é difícil para mim participar de todos os treinos, porque existem três treinos durante a semana e um ao sábado, em novembro a gente vai ter uma competição, tem competições que eu não consigo ir por causa do meu trabalho, e eu sou a única mulher lá da equipe que trabalha, então assim, eu preciso dividir o meu tempo, então às vezes a empresa não me libera para treinar, “pra” competir, entendeu, e assim, as meninas elas tem disponibilidade, as outras componentes, e assim, nosso time é composto por seis, seis componentes mesmo em quadra, e é necessário as reserva “né”, eu sou uma

das titulares, quando eu não posso, as reservas vão, mas assim, de reserva, a gente tem duas reserva só, e aí seria bom se tivesse outro time formado, e assim, “pra” mim eu queria muito poder ter disponibilidade para treinar, mas infelizmente eu preciso trabalhar “né, (...) então, assim, viver pelo esporte, eu até pensei em deixar de praticar porque não estava, era uma coisa que eu estava pedindo, teve um ano que eu pedi “pra” competir, eu fiquei quatro dias fora do meu trabalho, de certa forma isso acaba que podia me prejudicar, “né”, então eu cheguei a conversar com eles que não dava, não dava “pra” mim ir, precisava do meu emprego, se eu perde meu emprego, do que eu vou sobreviver (ATENA, 2021).

Merleau-Ponty explicitou a inerência do sujeito a um mundo social a pessoa se encontra situada num universo de utensílios, de hábitos e de ideias que ela não constitui desde o nascimento e que formam o horizonte da sua atividade prática e cognoscitiva e este social existe como solitação e condicionamento mesmo antes de ser acolhido numa percepção explícita ou qualquer juízo. “A civilização da qual eu participo existe para mim com evidência nos utensílios que ela fornece... O mundo cultural é agora ambíguo, mas ele já está presente. Há ali uma sociedade a conhecer” (1945/2011, p. 465 e 466).

O Art. 37 da Lei 13.146/2015 constitui modo de inclusão da pessoa com deficiência no trabalho a colocação competitiva, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, nos termos da legislação trabalhista e previdenciária, na qual devem ser atendidas as regras de acessibilidade, o fornecimento de recursos de tecnologia assistiva e a adaptação razoável no ambiente de trabalho.

Em sua experiência perceptiva de ser-no-mundo lançado no mundo vivido, aí posto antes mesmo da sua existência, a paratleta ATENA expõe seu sentimento de decepção ao se sentir tratada com preconceito pelas empresas privadas que desrespeitam o referido Art. 37 do Estatuto da Pessoa com Deficiência. Em seu relato, a entrevistada ATENA lamenta ter sido preterida a promoção em decorrência da sua condição de pessoa com deficiência, mesmo quando buscou concorrer em igualdades de condições e comprovou comprometimento e dedicação e competência para a atividade que desempenhava, mas não alcançou seu intento e acredita que isso se deve ao fato de ser PCD. De acordo com suas palavras, novamente, o preconceito institucional parece confundir a deficiência física com a incapacidade cognitiva.

(...) porque vagas tem “né”, só que olhando para o lado do mercado de trabalho, eu vejo que... todo PCD tem muitas dificuldades, a gente ... infelizmente, a questão de inclusão, não é uma realidade como muita gente acha que é, eu passei dois anos na empresa, eu já tinha ensino superior, tenho vários cursos, eu entrei na empresa como PCD, pela cota, e como auxiliar administrativa, e executava praticamente as mesmas funções de um assistente, “pra” eu conquistar o cargo que eu tenho hoje como assistente, ganhar um a pouco mais “né”, financeiramente, eu tive que esperar durante quase dois anos, o PCD ainda é muito desvalorizado, eu não sei se a questão de cota ela acaba que ajuda ou prejudica um pouco a gente, “pra” quem estuda, “né”, a acessibilidade em questão de ter o conhecimento técnico, hoje existe, “né”, porque

tem escolas, faculdades, a questão da inclusão, mas no mercado, eu vejo que pelo menos aqui no nosso Estado, é muito difícil a gente encontrar um emprego e entrar já com o cargo que você... competir de igual para igual com uma pessoa que não tem deficiência, sempre vão preferir a pessoa que não tem deficiência, porque ela não vai ter muita dificuldade para se locomover, entendeu, eu sempre busquei não faltar ao trabalho, eu nunca faltei meu trabalho, sempre procurei chegar no meu horário e tudo, mas mesmo assim, mesmo que a gente se esforce, a deficiência ela acaba que... a minha deficiência no caso, eu falo por mim, ela acabou que me prejudicou um pouco, nessa questão de ter um emprego e ganhar melhor. Eu participei de um processo seletivo interno que eu tinha praticamente os mesmo conhecimentos da pessoa que estava competindo comigo, cheguei pra final do processo, entre eu e uma moça, a gente tinha ... eu tinha mais experiência que ela, mas escolheram ela, entendeu, eu me senti assim muito mal por isso, e eu acredito que foi pela questão da deficiência claro. Não falam abertamente, foi um sentimento meu, eu senti, não “tô” dizendo que foi exatamente isso, mas foi o que eu senti, entendeu, o porque o que eu tinha conversado com ela, lá na sala de espera, eu vi que a única diferença que tinha entre eu e ela era a questão da deficiência, aí acabou que ela ficou,. Então, assim, eu consegui uma promoção lá na empresa que eu estou hoje no setor que eu trabalho, entendeu, que o meu supervisor tinha o conhecimento da minha dedicação, do meu mérito, e foi por mérito mesmo, mas externamente, assim, “pra” outros setores, eu acredito que eles valorizam muito as pessoas que não tem deficiência, enfim, isso me deixa muito triste, em relação a ser um PCD no mercado de trabalho (ATENA, 2021).

O paratleta entrevistado ARES busca em suas asserções denunciar os descumprimentos que vivencio acerca do seu direito previsto no mesmo artigo enquanto se esforçava para obter uma recolocação no mercado de trabalho. O entrevistado relatou que não conseguia despertar a atenção dos contratantes devido a sua condição de pessoa com deficiência quando se apresentava para entrevistas nas instituições privadas.

Ao tratar as pessoas com deficiência com uma aparente irrelevância institucional e ofertar o mínimo de acessibilidade a esse público, a empresa privada demonstram seu descompromisso para com a causa, quiçá buscará se engajar em programar de incentivo a prática paradesportiva.

Para demonstrar sua relevância social ao sentir que não é percebido como uma pessoa capaz de exercer suas potencialidades e que os avaliadores se quer se importam em conhecer as limitações que o entrevistado apresenta, o paraleta ARES busca despertar a atenção dos recrutadores se comportando de forma incisiva, contundente, até mesmo agressiva. Infelizmente, a postura das instituições públicas parece não ser diferente, conforme a experiência perceptiva do entrevistado, citando como exemplo o fato de que o Sistema Nacional de Emprego - SINE nem oferecia curso voltados para o público de pessoas com deficiência, e o entrevistado vai além ao expor a demagogia das políticas afirmativas convertidas em cotas para deficientes nas empresas quando estas se interessam em contratar somente pessoas com deficiência que apresentem o mínimo possível de limitação física, atualmente conhecido pelo termo “deficiência leve”:



(...) aí beleza então. O BANCO, foi um também, o BANCO não te contratam te olhando, eles contratam uma empresa, quando cheguei lá vi uma escada: “Ih, lá vai eu fazer um milagre, ter que chegar até a porta da mulher!”. Quando a mulher veio: “Ah, eles não querem cadeirante!” (reproduzindo fala de terceiros)... “Senhora, pelo menos ande um pouquinho aí!”... aí fiquei em pé e fui até ela: “Ah, você anda?!” (reproduzindo fala de terceiros)... “A Sra. “tá” me analisando sem me ver, a cadeira é só para tirar o problema que eu tenho de locomoção, mas eu ando, faço tudo!”... “Ah, eles não vão aceitar!” (reproduzindo a fala de terceiros). “Beleza!”... fui embora. (...) um RH (Empresa de Recursos Humanos) que eu cheguei, sabia que ia acontecer aquilo, vi lá: experiência de 4 anos, carteira, não sei o quê, não sei o quê, disponibilidade de horário, mas não “tava” lá PCD (Pessoa Com Deficiência), “tava” lá, “tava” os requisitos que eles precisavam, fui pelo currículo, não fui por deficiência nenhuma, “tava” apto... também uma escada, aqui na Joaquim Nabuco (Av. Joaquim Nabuco, localizada no centro da Cidade de Manaus) , passou um “cara”: “Mano, você pode chamar alguém lá responsável?... prontamente foi. Lá vem ele: “essa vaga aí só tem esses requisitos?”... “Sim, sim, a gente tá com urgência!” (reproduzindo a fala de terceiros). “Eu!”... “Não, não pode, só pode pessoas normais!” (reproduzindo a fala de terceiros). “Você “tá” vendo um E.T. aqui?” (sic)... É a vida, beleza, só que eu tinha tirado a foto do emprego... (...) no SINE foi outro problema, que eu chegue lá, é direcionado o caixa, era o caixa 13, quando você chega lá de cadeira de rodas, não tinha curso e nem trabalho, a mulher vem dizer que as empresas não queriam: “poxa, se vocês estão aqui para contratar uma pessoa com deficiências, vocês querem contratar uma que só não tenha um pedacinho do dedo ou outra que ouça mais ou menos, e a gente que precisa?” (sic)... “Ah, mas é norma da empresa!” (reproduzindo a fala de terceiros). “Tá” bom, então vou fazer um curso!” (sic)... “Ah, onde faz o curso tem que subir escada!” (reproduzindo a fala de terceiros). Fiquei olhando para a cara dela: “Sra., vem aqui, pergunte dela aonde eu moro, aí fiquei em pé “pra” ela, eu subo 70 degraus, todo dia, a Sra. acha que não ia subir dez degraus?” (sic)... “Ah, eu não sabia!” (reproduzindo a fala de terceiros). “O problema que vocês são direcionados a colocar só quem vocês querem!” (sic)... o QI (quem indique expressão que significa privilegiar alguém tido como importante) e “peixada” (expressão que significa alguém que tem parentesco alguém poderoso), aí saí de lá (ARES, 2021).

Para a entrevistada HERA, a possibilidade de reposicionamento em ambiente de trabalho depende tão somente da vontade da pessoa com deficiência em se dedicar para conseguir uma vaga de emprego, aparentando estar distanciada da realidade social relatada pelos demais colegas. A entrevistada, que ainda não concluiu os estudos do ensino médio, revelou que deseja e sonha em frequentar o ensino superior e ingressar no mercado de trabalho futuramente:

Rapaz, eu acho que a pessoa tem que correr atrás também “né”, “pra” conseguir trabalho. Ainda não terminei meus estudos, ainda estou concluindo meus estudos, eu estou cursando o ensino médio, quero fazer uma faculdade e ir para o mercado de trabalho (HERA, 2021).

Implicitamente, cada objeto emite uma atmosfera de humanidade, isto é, apresenta a marca da ação humana na sua constituição que às vezes pode passar despercebida. “diante dos vestígios de uma civilização desaparecida, concebo por analogia a espécie de homem que ali viveu” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 466).

São os comportamentos que têm interferência efetiva na natureza, formando um mundo cultural, humano, pessoal, um dos indícios da existência do outro, além da sua corporeidade. Há, ao redor do homem, o mundo cultural que refletido pela ação humana, pois o homem não vive somente num mundo físico. Uma atmosfera de humanidade é emitida por cada objeto do mundo cultural. Daí que “no objeto cultural, eu sinto, sob o véu de anonimato, a presença próxima de outrem” (IDEM).

No mundo cultural, formado com a presença do outro, estabelecido num cenário ao redor do homem, formam-se regras para equiparar condições e nivelar desigualdades sociais no mundo pré-existente. O Estatuto da Pessoa com Deficiência, numa perspectiva de humanizar as relações sociais entre as pessoas desiguais, estabelece os direitos fundamentais a assistência social e a previdência social, conforme Art. 39 e Art. 41. Entre os quatro paradesportistas entrevistados, três confirmaram serem beneficiários do Benefício de Prestação Continuada - BPC e recebem o valor de um salário mínimo mensal do INSS. Já para a participante ATENA, não receber o benefício governamental, este objeto cultural, política e juridicamente estabelecido, significa para si a compreensão e o exercício de sua liberdade de escolha face ao reconhecimento de suas potencialidades e competências para desempenhar atividades laborais, exercer suas habilidades intelectuais, evoluir, produzir e fazer a diferença que pode ser traduzida no aumento da sua renda e não comodismo com a política do benefício.

(...) não tenho benefício nenhum, eu sei da minha condição de trabalhar, benefícios que o Governo dá infelizmente são muito baixos (ATENA, 2021).

Neste aspecto de direito à previdência social, os paratletas divergem em suas concepções, principalmente HERA quando revela que recebe o benefício, no entanto, alimenta seu desejo de um dia trabalhar e compreende a condição da Pessoa com Deficiência - PCD lançada no mercado de trabalho como sendo alguém que leva vantagem para obter vaga de trabalho. O ser, em sua essência, estabelece com os objetos culturais, suas próprias relações significativas, singulares, particulares e em sua intencionalidade, reconhecem seus direitos sem abrir mãos de outras possibilidades que se abrem diante do mundo aí presente.

Não trabalho, recebo benefício, eu tenho vontade de trabalhar, de jeito nenhum ser uma pessoa com deficiência atrapalha arrumar emprego, acho que é até mais fácil a pessoa (com deficiência) conseguir trabalho (HERA, 2021).

Diferentemente do paratleta ARES que relatou a odisseia até obter o benefício a que tem direito, incluindo a necessidade de se valer da astúcia para contornar a burocracia para acessar o benefício e reclamou do fato de que o aumento da renda familiar influenciou para ameaçar a perda do benefício, oposto ao que preconiza do art. 41 do estatuto da PCD.

Olha, eu consegui meu benefício do BPC através de uma mentira, ensinada por uma assistente social, justamente por esse médico que eu discuti por causa dos 15 dias que ele me deu, ela chegou comigo: “Seu ARES, eu vou lhe auxiliar da seguinte forma: o Sr. não vai falar quase nada, sua esposa, você vai perder ela, ela vai lhe abandonar, eu vou tentar falar com outro perito, e colocar ainda pouco lá, que o Sr. é analfabeto!” Ela me instruiu dessa forma: “você vai dizer que ela (esposa) te abandonou quando você virou cadeirante, você recebe ajuda de pessoas, ela (a esposa que o acompanhava na entrevista do INSS) vai ser uma vizinha sua que veio, entendeu?” (reproduzindo a fala de terceiros). Uma história, e essa história foi aprovada até hoje, só que eu questionei ela: “eu não tenho direito?” (sic)... “Não, mas o que que acontece, você sabe dos casos de desvio?. Eles preferem que devam a dar direito a quem precisa, você vai ver pela frente pessoas que enxergam de um lado que perderam parcialmente a visão, esse meu caso de perder 20% a visão, mas consigo enxergar tudo, essas pessoas eles dão benefício. Ou perder uma lasca, então, em teu caso por invalidez, ele só querem te dar se você ficasse em cima de uma cama, você fala bem, você tem estudo, você prática esporte!” (reproduzindo a fala de terceiros). Porque eu já estava começando, como eu te disse, eu vinha prologando o auxílio doença, por dois anos, em 2008 foi quando eu consegui o benefício que está “pra” ser cessado já, porque agora eu tenho minha filha que está grávida, e ela está começando o trabalho e apareceu lá, eles me chamaram dizendo que eu tinha enganado o sistema, porque tinha uma renda dentro de casa além da minha, aí eu fui lá, levei todos os documentos: “ah, ela não trabalha não, por que que eu fui chamado?” (sic) “Ah, porque sua renda familiar aumentou, você não tem mais direito!” (reproduzindo a fala de terceiros). “Mas como? Ela não mora mais comigo” (sic). “Ah, mas ela tá no teu CRAS!” (reproduzindo a fala de terceiros). “Sim, ela está no meu CRAS porque ela fazia parte, são três pessoas, minha constituição é essa!” (sic). Aí eu só... e a atualização cadastral é só em 2022, foi agora recente, eu não pude falar com ninguém, eu só pude entregar documento, aí quando eu ligo para o INSS: “olha, tá em análise, mas não te preocupa não, mesmo que a gente te bloquei, você vai poder entrar com recurso!” (reproduzindo a fala de terceiros). Aí já me indicaram, você retira ela do CRAS, aí meu filho vai começar uma faculdade, se ele começar um estágio aí também eu perco se for remunerado, vão dizer que é meu, aí falei “pra” eles lá: “então quer dizer que a gente tem que deixar filho vagabundo, filho não pode ajudar a família?”. Porque agora “tá” nesse sistema (ARES, 2021).

O entrevistado ARES, ainda por cima, como a configuração burocrática da legislação retirou-lhe parte do valor de Danos Pessoais por Veículos Automotores Terrestres - DPVAT a que tinha direito, novamente sendo prejudicado por barreiras atitudinais por parte daqueles que operam as instituições públicas.

(...) eu sofri o acidente, esse mesmo acidente não me rendeu o total do DPVAT, o médico disse... achou que não era suficiente só a cadeira de rodas e a médica do IML já tinha dito, então eu ganhei praticamente só aquela ajuda para remédio, ganhei R\$ 1.500,00 na época, e eles pagavam R\$ 13.000,00, é tudo direcionado, a própria médica do IML ele tinha dito: “se mandarem o nome do médico, pode se preparar que eles não vão pagar não, tudo, você pode optar!” (...) eles indicaram o médico, eu sou (...) tinha todos os aparatos, eu faço normal, só que quando eu liguei para ela, ela estava

numa palestra em São Paulo e iria voltar só depois de três meses, aí tive que ir no médico que me indicaram, aí ele fez isso, “tô” te falando que dá para escrever um livro de tristeza (ARES, 2021).

E em se tratando de barreiras atitudinais, ARES novamente expõe como o PCD é tratado com preconceito. É devido ao fato de pensar, atuar, utilizar e assumir uma série de esquemas não físicos e que servem de orientação para o ser compreender o mundo que o torna capaz de compreender a ação humana dos sujeitos sobre um mundo que nunca se constitui e nunca acaba, pois está sempre em processo de construção e formação, e nem sempre esses esquemas de ação humana são honestos, íntegros, humanos e autênticos.

O paratleta ARES percebe na relação com outros a forma como não é compreendido em sua essência de ser pessoa com deficiência e se vê compelido a presenciar comentários que desestimulam sua forma de motricidade no mundo vivido como pessoa com deficiência e que igualmente aos demais, tem o direito fundamental à Cultura, ao Esporte, ao Turismo e ao Lazer:

(...) Começou na UFAM, lá no Aleixo, mas não fiquei muito tempo no PROAMDE (Programa de Atividades Motoras para Deficientes), só que normalmente era muito dificultoso “pra” mim ir e às vezes as pessoas não entendem, “a pessoa quando quer ir, vai” (reproduzindo fala de terceiros), até isso me mudou no basquete, que eu agia da mesma forma, eu achava estranho, a pessoa trabalha com um projeto desse e não vê que cada um tem uma dificuldade? (ARES, 2021).

As narrativas dos entrevistados constantemente denunciam como direitos fundamentais a Cultura, ao Esporte, ao Turismo e ao Lazer são desconsiderados às pessoas com deficiência, principalmente pela presença de barreiras urbanísticas que impedem que a pessoa com deficiência usufrua de espaços públicos comuns, demonstrando que a concepção da obra não foi idealizada, planejada e executada levando-se em consideração a existência das pessoas com mobilidade reduzida.

Vamos agora sábado e voltaremos domingo porque alguns vão conhecer a cachoeira... eu pelo menos nunca fui, o máximo que fui no Tarumã (região de Balneário de Manaus às margens do Rio Tarumã) e na Ponta Negra (praia em Manaus às margens do Rio Negro), mas aquela areia não deixa eu chegar mais lá agora que adaptaram lá, e a gente vai conhecer o ASFRAMA (cachoeira localizada no município de Presidente Figueiredo) que dá uma área que dá para chegar cadeirante (ARES, 2021).

Ademais, o paratleta ARES denuncia também o descaso do poder público para com o cumprimento do direito ao esporte das pessoas com deficiência quando retiram destas a prioridade na remessa de verba para a realização das práticas esportivas. Essa barreira atitudinal muitas das vezes impele a equipe a adotar estratégias, como por exemplo, participar

de eventos sem competitividade e não oficiais, para não perder e assim usufruir a verba pública antes que termine retornando para os cofres públicos. O mundo cultural que circunda os times paraolímpicos somente poderá ser transformado com as ações dos próprio paratletas, pela busca incessante do respeito para com seus direitos e o reconhecimento de sua funções no mundo vivido, cultural, histórico e político, num movimento de transcendência que somente a motricidade humana é capaz de concernir.

E temos uma competição que o Governo tinha liberado uma verba para a gente viajar e como não teve competição a gente vai usar essa verba para ir para Ananindeua (município localizado no interior do Estado do Pará), vamos competir com uma equipe de Ananindeua e outra de Belém, referente ao antigo vice presidente da CBPC agora em setembro, dia 24, (2021) vamos jogar três dias lá, não vai ter competição oficial, só ano que vem, e essa verba, se a gente não utilizar, ela volta (para os cofres públicos), ela voltando o Governo entende assim: “olha, eles não competem!”, porque a gente representa a seleção do Amazonas, a gente vai e leva o nome deles, só que digamos assim, a gente ouviu histórias da época do prefeito (anterior), o vice né: “cadeirante não importa muito não, tem outras instituições aí!” (reproduzindo fala de terceiros), quando a gente tentou buscar cadeiras, o governador prometeu vinte e quatro cadeiras, essas cadeiras nunca vieram, “tentemos” outras opções lá também, foi quando tentaram falar com ele (ARES, 2021).

O paratleta APOLO destacou que, quando a destinação de recursos para os times de pessoas com deficiência ocorre de forma efetiva, termina por refletir na de competitividade e melhoria das condições para paratletas que conseguem se manter somente com as verbas públicas destinadas as finalidades esportivas da PCD e por isso não necessitam dividir sua temporalidade com outras atividades remuneradas, podendo, dessa forma, se dedicarem exclusivamente aos treinamentos e competições.

Eu mesmo já participei do NORTE-NORDESTE (competição), que teve em 2016, foi aqui no AMAZONAS, lá na Arena, veio times de Rondônia, um de Fortaleza, Alagoas, Pernambuco, e o nosso, que na verdade naquela época a gente se apresentou como TIGRES DO NORTE, quer ainda “tava” o povo todo reunido, que era o PRESIDENTE DA CVI ainda na época e aí ali a nossa luta era chegar a pelo menos pegar a quarta vaga para ir para o brasileiro, série C, uma coisa assim, só que a gente não conseguiu, o NORTE-NORDESTE ele dá acesso ao brasileiro, só que a gente não conseguiu, ficamos em quinto lugar, mas “joguemos” de igual para igual, com todos, com todos, primeiro jogo ganhamos do VIDA ATIVA (time) que era o de Rondônia, e perdemos para os demais, outro time que “tava” fora da curva de todos era o de Alagoas porque eles só faziam isso, eles treinavam duas vezes por dia, tinham todo apoio do Governo, da Prefeitura lá, iam “pra” treino duas vezes por dia, tinha alimentação, tinha, era coisa diferente de que como é aqui, aqui você tem que ir de “busão” (ônibus) mesmo, se não tiver condição, senão tiver condições paga um “uber” “pra” ir, e é assim, ou você vai se você gosta mesmo, não é todo dia, então, é complicado, você vai, eu vou porque eu gosto, gosto de participar, gosto de estar lá, de treinar, de competir, se for essas coisas todas, mas não é fácil, a gente passa por muitas dificuldades, às vezes a gente fica... (APOLO, 2021).

A participante ATENA também lamenta que a falta de recursos públicos destinados ao incentivo à prática esportiva entre as pessoas com deficiência, realidade que culmina com sua escolha por trabalhar mais e treinar menos, retirando-lhe, assim, a possibilidade de sonhar em viver profissionalmente do paradesporto. Paradoxalmente, as dificuldades e barreiras enfrentadas pelas paratletas, faz com que a entrevistada tenha a percepção de estar mais conectada, mais unida as demais colegas. Ao vivenciar barreiras impostas por dificuldades, a paratleta sente-se se aproximando ainda das outras quando se reconhece, identifica-se, projeta e introjeta intersubjetivamente que as demais paratletas também enfrentam dificuldades semelhantes.

(...) o esporte não vai me pagar “pra” isso, e assim, o esporte paga para atletas que tem rendimento, que tem medalhas, então nosso time ele está começando agora, e a gente não tem esse incentivo, mais mesmo porque gosta e porque tem que ir, é legal, e é bom estar com eles, eu gosto muito de ir para estar com meus amigos lá, a gente aprende, evolui e se conhece cada vez mais, e eu me conecto com eles, é muito bom a relação, estar com eles é diferente de estar com outras pessoas, porque a gente sabe das nossas reais dificuldades, e a gente sabe a dor do outro, então, eu me sinto muito mais livre, muito bem com eles, e isso me motiva muito mais a estar lá, mas viver pelo esporte, no caso a modalidade que eu atuo hoje, eu acredito que a gente ainda vai chegar ao nível de poder viver por ele, mas hoje em dia, se colocasse na minha frente assim: ATENA, tu decide, tua vai ter teu emprego ou o esporte? Eu diria meu emprego, porque é o que dá rendimento, é o que me rende, é o que me gera valor para que eu possa viver e me sustentar, é isso (ATENA, 2021).

Por outro lado, a paratleta HERA demonstra não se interessar em conhecer os gastos que as competições podem gerar e delega à liderança da equipe a responsabilidade de gerir os recursos destinados ao time, liderança, a qual, frequentemente é a própria treinadora.

Eu não sei dizer se tem patrocínio, não sei dizer se tem ou não, na verdade. Quando a gente foi “pra” São Paulo eu não sei dizer com quais recursos, não sei dizer essa parte, não tive gasto para ir, teve um apoio, mas não cuidei disso, apenas me concentrei para jogar (HERA, 2021).

De acordo com Merleau-Ponty, são nossos comportamentos que transformam o mundo cultural, o mundo aí anteriormente dado, o mundo simbólico, histórico, tem sua natureza transformada pela ação da humanidade. Ao longo do século XX, a evolução tecnológica dos transportes permitiu às pessoas com deficiência chegarem em qualquer lugar do planeta com meios de transportes adaptados as suas limitações de mobilidade, e definitivamente este fenômeno, alinhado a outros fatores, revolucionou as relações sociais, econômicas, culturais, políticas ao permitir a intercorporeidade entre as mais diversas sociedades e comunidades e etnias globais, num movimento que ficou conhecido como globalização. Segundo o Art. 46. A pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida terá

direito ao transporte e à mobilidade da será assegurado em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, por meio de identificação e de eliminação de todos os obstáculos e barreiras ao seu acesso, no entanto o relato dos paratletas vai de contra a legislação e demonstra como se trata de um direito constantemente desrespeitado.

(...) que não é fácil, ônibus não são adaptados, a locomoção... você tem que dar um jeito de pular porque tem um córrego, tem um buraco, agora tem esse bueiro... (ARES, 2021).

Empresas privadas exploram concessões de serviço público, como é o caso do transporte coletivo, em muitas capitais do país, e não é incomum o subsídio prestado pelas prefeituras as referidas empresas que parecem se interessar tão somente pelo lucro, relegando ao segundo plano a prestação do serviço com o mínimo de qualidade. Neste ínterim, padecem as pessoas com o descumprimento de normas no transporte público coletivo que quando apresentam adaptações para pessoas com deficiência, algumas vezes essas adaptações não funcionam. Nesse sentido, o paratleta APOLO destaca ainda o desrespeito das empresas privadas de transporte coletivo ao ART. 48 onde está previsto que os veículos de transporte coletivo terrestre, aquaviário e aéreo, as instalações, as estações, os portos e os terminais em operação no País devem ser acessíveis, de forma a garantir o seu uso por todas as pessoas.

(...) lá os meninos sofrem quando vem lá do VIVER MELHOR, agora melhorou um pouco dos ônibus, porque quando era AÇAI (empresa do transporte coletivo em Manaus), “meu pai amado!”, aqueles ônibus lá eram terríveis, viviam quebrando, a rampas não funcionavam, os menino falou lá que a que entrou lá, CONCESSIONÁRIA DE TRANSPORTE PÚBLICO (empresa do transporte coletivo em Manaus), não é lá essas coisas, e essa é nossa dificuldade (APOLO, 2021).

Movimentar-se, locomover-se, viajar, exercer a própria motricidade proporciona ao ser a vivência das mais variadas realidades pelo mundo cultural e conviver com o cenário cultural de cada lugar no mundo proporciona olhar e perceber a própria realidade do local em que se estabeleceu como lar, daí temos a vivência da espacialidade. A motricidade humana situada em temporalidade e espacialidade somente encontra sentido quando é livre, intencional, despreziosa, irrestrita, tal como é a própria complexidade humana. Os limites da corporeidade não permitem, por exemplo, que se desloque de um lugar a outro mais distante senão por um meio de transporte, e, no caso das pessoas com deficiência, é fundamental que sejam adaptados. Nesse sentido, mais uma vez APOLO relata que sua experiência noutra capital expõe o quanto às condições do transporte público em sua cidade é Manaus é precário:

Eu morei em Fortaleza, “né”, e as adaptações, as coisas, é muito mais, é muito melhor do que aqui, não é... tem as coisas também, mas você anda num ônibus, dificilmente não tem um ônibus que não tenha ar condicionado, dificilmente, dificilmente mesmo uma rampa não funcionar, as ruas, a maioria são todas adaptadas, rodovias tudo bem organizado (...) eu não gostava de andar de ônibus, Deus o livre, ““pra”” mim na minha cabeça aquela rampa já não ia funcionar, se ficasse num buraco como é que eu ia descer, que essas ruas tudo, “né”, então, é complicado... (APOLO, 2021).

O descaso pela prestação de serviço de qualidade por parte das empresas concessionárias do transporte público municipal castigam seus usuários, em especial as pessoas com deficiência que, ao não contarem com os equipamentos adaptados, optam por utilizar outros serviços, como veículos de aplicativos que terminam por onerar ainda mais seus orçamentos já limitados dos paradesportistas. O entrevistado APOLO aponta ainda que passou a conhecer o programa de transporte público que busca a pessoas com deficiência na sua residência, mas aparentemente é um serviço indisponível em Manaus, levando o paratleta a optar pelo transporte em veículos de aplicativos, o que torna mais oneroso o seu orçamento:

(...) não conhecia nada, não sabia que existe esse negócio de “transporta” que as pessoas podiam lá te buscar em casa, e esse monte de coisa aí, porque eu “tava”, eu “tava” num mundo ali onde eu não conhecia (...) eu ultimamente eu uso mais o “uber”, pelas minhas dificuldades, porque a parada é longe, e às vezes, só a dificuldade de pegar um ônibus, já desanima, mas você passa muito por dificuldades (APOLO, 2021).

Não bastassem essas barreiras impostas em suas mobilidades, os paratletas destacam que barreiras urbanísticas e arquitetônicas lhes causam problema no momento da mobilidade e revelam o quanto a cidade e os prédios públicos e privados estão despreparados para garantir a acessibilidade das pessoas com deficiência, causando-lhes acidentes, inclusive:

Eu já cai lá no centro (Centro popular, histórico e comercial de Manaus) por causa de buraco, estava chovendo, tinha que passar, não sabia que tinha buraco e cai (ARES, 2021).

Mesmo servindo do uso de prótese, a paratleta ATENA detalha um cenário de obstáculos para se locomover pela cidade. Não obstante, reconhecer-se frente a essas dificuldades, projeta sua preocupação naquele outro com limitação de mobilidade mais severa e principalmente com as pessoas idosas. Reconhecer-se e se locomover num mundo vivido pensado e planejado pela corponormatividade é hastear uma bandeira de resistência diária face ao planejamento desigual com que as grandes cidades são pensadas, projetadas e construídas:



Demais, hoje eu sinto ainda usando prótese, nossa cidade ela está longe de ser acessível, longe demais, é eu não sei o que as empresas pensam, às vezes elas fazem a empresa aqui, tem uma rampa aqui, só que aqui do lado a calçada é cheia de buraco, no adianta, não adianta nada, às vezes a pessoa vai passar com a cadeira de rodas, como quando a gente sai do treino, todo mundo sai junto, a maioria não tem carro, os deficientes, então a gente precisa dos ônibus, a gente precisa passa por uma calçada, bem no meio da calçada tem um poste, como é que uma pessoa vai passar numa cadeira de rodas naquele espaço minúsculo aqui do lado, que só passa uma pessoa em pé, duas no máximo, a questão da acessibilidade tá muito longe de ser acessível a nossa cidade, eu espero que um dia a gente consiga. Hoje eu vejo que realmente é bem difícil, se “pra” mim, ainda continua sendo difícil com a minha prótese e a minha prótese é uma prótese boazinha, imagina “pra” quem usa uma cadeira de rodas, “pra” quem precisa, pessoa idosa, quem tem deficiência visual, precisa de um lugar “pra” andar legal, “pra” conseguir se locomover, nesse período eu senti também muita dificuldade de muletas, e hoje próteses eu ainda sinto, porque tem muito buraco, as vezes eu caio, tem muito buraco, tem pedrinhas que a gente pisa e a prótese ela não entende como a gente “né”, a gente precisa pisar de uma maneira certa para ela poder movimentar, e infelizmente nossa cidade, desde quando eu me acidentei, quando eu andava de cadeira de rodas, andei de muleta, e hoje andando de prótese, eu ainda sinto muita dificuldade ainda, é meio difícil, questão de locomoção (ATENA, 2021).

Vivenciada em sua cotidianidade, a paratelta HERA também destaca as barreiras arquitetônicas e urbanísticas que não oferecem condições de acesso a pessoa com deficiência. A maneira como socialmente a cultura projeta seus prédios parecem querer tornar invisíveis às pessoas de acessibilidade reduzida, dado que muitas das suas características arquitetônicas não consideram as adaptações necessárias para as pessoas com deficiência:

Mudou, mudou a minha dificuldade de andar, dificuldade de andar pelos cantos, minha dificuldade de entrar dentro do ônibus, só, acho que dificultou mais. (...) Sinto” dificuldade de acessibilidade na rua, sinto” dificuldade de tombar assim, no meio da calçada, até hoje eu tenho essa dificuldade assim, de andar na rua e eu não olhar no chão, às vezes eu não olho “pro” chão, e ai eu tombo na calçada, às vezes eu até caio. Subir dentro do ônibus, se eu não prestar atenção eu caio, principalmente dentro do ônibus, quando eu subo, se eu não prestar atenção, eu caio. De maneira geral, a infraestrutura dos locais para pessoas com deficiência é péssima, péssima, principalmente para os cadeirantes, que andam na rua, é péssimo. Tem que ter mobilidade dentro do shopping, eu por exemplo não posso subir numa escada rolante, senão eu posso cair, então tem que ter um elevador “pra” mim, “pra” mim subir, por exemplo, no shopping eu pergunto onde é a praça de alimentação, aí ele (SEGURNAÇA) diz que tem que subir a escada rolante, mas se tu quiser tem o elevador que fica três quadras, lá no final do shopping “pra” tu poder pegar o elevador “pra” subir pra praça de alimentação. Não tem que ser assim, tem que ser acessível para uma pessoa deficiente, mais acessível possível, “né”, principalmente para os cadeirantes, eles tem muitas dificuldades, percebo, e é muito difícil para uma pessoas cadeirante andar na rua, entrar dentro do ônibus, entrar dentro do shopping, passear numa praça, não tem estrutura suficiente para uma pessoa deficiente (HERA, 2021).

Dois dos paratletas entrevistados narraram que a ausência de informações prejudicou a tomada de decisão acerca do cuidado com a própria saúde e reabilitação, bem como, foi a partir da convivência com outras pessoas com deficiência que passaram a tomar

conhecimento acerca de uma série de possibilidades de tratamento e instrumentos, e a forma correta de utilizar os instrumentos para a reabilitação física.

(...), não tive orientações correta no hospital, lá no hospital eu não tive orientação, eu não tive orientação de que eu não urinava normal, eu não tive orientação de que eu precisava fazer o cateterismo, porque isso poderia me prejudicar futuramente, eu não tive nada disso, então eu fui meio que nos escuros, entendeu, eu fui saber muita coisa disso aí do que o cadeirante tem direito disso quando eu fui morar no VIVER MELHOR (Conjunto Habitacional Popular, localizado na zona norte de Manaus), que é onde eu tive convivência com cadeirantes, e ali eles foram falando isso, falando aquilo, foi quando eu conheci a coisa para ir “pro” “SARAH” (Hospital Sarah Kubitschek), de quando eu fui “pro” “SARAH” aí tive vários conhecimentos, mas nessa questão de... isso já foi quatro anos depois, porque eu me mudei para o VIVER MELHOR (Conjunto Habitacional Popular, localizado na zona norte de Manaus) em 2014, então isso aí me prejudicou muito, porque eu não urinava normal, a gente não consegue urinar normal, porque, por causa da lesão, e a gente não tem força de empurrar a urina e isso me causa problema nos rins, várias infecções urinárias, chega a ficar internado e tudo, assusta “né”, por causa disso aí, por não fazer o cateterismo, de esvaziar a bexiga de quatro em quatro horas, e aí depois que eu fui “pro” “SARAH” (Hospital Sarah Kubitschek) que eu fui saber de todas essas informações, isso já em 2015, então “pra” você ter uma ideia como é complicado, a situação, foi meio que aos trancos e barrancos, e ai era... aí veio... aí depois que eu comecei a fazer o cateterismo, aí fui saber que eu estava com problemas nos rins, minha sorte que não levou eu a fazer hemodiálise, mas hoje eu faço acompanhamento com médico dos rins direto, tomo remédio para evitar infecção urinária, essas coisas coisa todas não evitar o caso mais, mas de mais eu, aí fui viver lá (APOLO, 2021).

A situação vivenciada pelos paratletas vai de contra ao que está previsto no Art. 69. em que o poder público deve assegurar a disponibilidade de informações corretas e claras sobre os diferentes produtos e serviços ofertados, por quaisquer meios de comunicação empregados, inclusive em ambiente virtual, contendo a especificação correta de quantidade, qualidade, características, composição e preço, bem como sobre os eventuais riscos à saúde e à segurança do consumidor com deficiência, em caso de sua utilização, aplicando-se, no que couber, os Art. 30 a 41 da Lei no 8.078, de 11 de setembro de 1990.

(...) infelizmente a primeira vez que eu peguei uma prótese eu não tinha experiência, não conhecia muita gente, e eu acabei que eu peguei uma prótese, ela me ajudou muito sim, claro, mas eu poderia ter pego uma melhor se eu tivesse mais conhecimento, aí depois que eu peguei ela eu vi que não exatamente aquilo, existiam outros modelos, estive vários níveis, ai eu fui pesquisando, pesquisando, aí eu sigo alguns atletas e lá quando a gente foi fazer a segunda competição que nós fizemos, foi em São Paulo, “né” foi lá no centro paraolímpico mesmo, e lá nós conhecemos vários atletas, todos os atletas que tem alto rendimento mesmo que fazem competição, que vão para paraolimpíadas, enfim, que fazem competições, tem muitas competições fora paraolimpíadas “né”, e lá em São Paulo tem bastante, e nós conhecemos vários atletas de varias modalidades, lá, vários mesmo, todos de ... o centro paraolímpico lá de São Paulo é bem grande, então todas as modalidades eles treinam lá, e eu conheci alguns atletas que faziam corrida, então eu vi, peguei na prótese deles para ver como é que era, por isso eu sei que hoje, para correr, é necessário isso, a minha prótese ela não me deixa correr, consigo, andar, rápido ou devagar, mas correr infelizmente não (ATENA, 2021).

O estatuto da pessoa com deficiência destaca que o paratleta tem o direito fundamental à Participação na Vida Pública e Política, conforme o que está previsto no Art. 76. Em que o poder público deve garantir à pessoa com deficiência todos os direitos políticos e a oportunidade de exercê-los em igualdade de condições com as demais pessoas.

Os paratletas realimentam um sistema em que são usados como propaganda política e se submetem atividades com o intuito de demonstrar que o paradesportista pode seguir uma vida tida como normal. Terminam por se considerarem exemplo de que não são mente fraca, porque superam as civilidades para se manterem paratletas, e está concepção de se atribuir um ato heroico ao fato da pessoas com deficiência buscar realizar suas atividades corriqueiras é uma das facetas do capacitismo.

(...) a “Candidata a vereadora”, esqueci o resto do nome dela, que foi candidata, que eles tem um projeto de inclusão... ela vai levar todo um aparato para apresentar para o pessoal lá e ver que você pode ter uma limitação quando você tem uma cabeça fraca, mas se você não tiver, não vê obstáculos como a maioria quer colocar, muita gente (ARES, 2021).

Para os entrevistados, ajudar a divulgar o paradesporto também é uma forma de atrair mais recursos para as atividades esportivas da federação.

(...) eles estão tentando abrir aí, não sei se eles já abriram, uma associação deles mesmos, mas não tem nada a ver com a federação lá do PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO, as paraolimpíadas não, eles são particular, de vez em quando tem disputa, agora eles vão para “FIGUEIREDO” (município Presidente Figueiredo, localizado no interior do Estado do Amazona), mas como o time deles lá não tem completo, eles vão mais mesmo... como é uma coisa para só para apresentar “pro” povo saber, eles vão misturar entre nós lá, mas na questão de campeonato, assim mesmo eles não, se eles quiserem participar eles vão montar o time deles lá, e a aí viajam, como lá a federação deles lá, fora a parte (APOLO, 2021).

A consciência cidadã surge no momento em que o paratleta percebe que pode fazer suas próprias escolhas e buscar seus próprios recursos para designar as suas atividades esportivas:

(...) porque normalmente quem ajuda é a (...) Deputada Estadual e agora o (...) Deputado Estadual, que foi ele que conseguiu essa emenda para o esporte paraolímpicos, porque normalmente a gente não tem... por exemplo, agora ia até pedir “pra” você em relação a isso... nossa viagem para Ananindeua é um convite que a gente fez e recebeu, a gente vai usar o dinheiro da emenda “pra” viagens, mas o hotel lá é “faz me rir” (expressão que significa recursos próprios) da gente mesmo, três dias, a gente vai pagar duas diárias, eu tenho as minhas, mas se tiver ajuda eu acho melhor, mas outros não tem e vamos começar a fazer rifa ou alguma coisa assim que arrecada dinheiro em prol dos outros, isso que é interessante porque normalmente é

cada um por um, ninguém quer se importar com o próximo, isso é bíblico né (ARES, 2021).

A ausência de autonomia da Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas e da Associação de Deficientes Físicos do Amazonas - ADEFA lhes impele para a condição de serem determinados pelas decisões políticas alheiras, de acordo com o relato do paratleta APOLO que se sentiu constrangido pela postura de um dirigente político que queria reivindicar o espaço de treinamento dos paradesportistas, sem nenhuma anúncio prévio ou de maneira formal:

(...) ontem mesmo o cara chegou lá fazendo maior “showzinho”: “o que tá acontecendo aqui?”... Então, sabe, “pra” nós, “pra” eles lá, eles nem sabiam disso, “né”, que nós já treina lá não é de hoje, já treina lá desde 2019, será que não tá lá, não poderia ver no papel, não, sendo que tem o contrato, os cadeirantes... então, é tudo ... é a aquela questão que eu falei no começo, a gente não tem apoio, não tem ninguém lá dentro que lute por coisa, não, na hora da política, “vixe!”, é aquele monte de gente, faz aquela propaganda toda, mas no real, não existe, todo mundo some: “não te conheço!”, e é muita coisa, muita dificuldade no dia-a-dia (APOLO, 2021).

As entidades de classes das associações representam os paradesportistas parecem buscar o protagonismo político e tentam direcionar vida pública dos paratletas:

A CBVD (Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes), a nossa... como eu posso dizer... é a ADEFA (Associação dos Deficientes Físicos do Amazonas), aqui do Amazonas é a ADEFA, de Manaus, “né”, e aí os times, as competições são feitas pela CBVD, que é o Centro de Treinamento Paraolímpico (Centro de Treinamento Paraolímpico Brasileiro), e assim, as competições são realizadas separadas, tem masculino e feminino (ATENA, 2021).

A falta de representatividade política das entidades classistas frequentemente permite que os paradesportistas sejam afetados por decisões políticas de gestores públicos que nem sempre entendem o paradesporto como atividade socialmente relevante. Para poder manter as atividades esportivas, as entidades de classe se encontram numa constante busca pelo apoio governamental e isso implica em mais dificuldades para o desenvolvimento do paradesporto na região.

Eu acredito que hoje, não tem como me dedicar 100% ao esporte, então hoje eu não tenho expectativa de viver pelo esporte, porque assim, vou te falar, o vôlei hoje, não sei se é porque é uma modalidade nova, sendo aplicada aqui no nosso estado, mas a gente não ganha nada por isso, as vezes a gente tira do nosso bolso para ir treinar, quando a gente vai fazer competição, a gente tira do nosso bolso “pra” pagar uniforme, as passagens são liberadas pela CBBV, junto com governo e a prefeitura, mas uniforme, material de treino mesmo, bola, rede, tudo a gente precisa correr atrás “pra” ter, entendeu, a gente não tem esse suporte, a gente não tem patrocínio, o único

patrocínio que a gente tem e a prefeitura e o governo, a prefeitura cede a quadra “pra” gente treinar e o governo as passagens junto com a CBVD (ATENA, 2021).

Em face de todas as dificuldades que foram elencadas pelos entrevistados, nem mesmo naquelas repartições em que a pessoa com deficiência acredita que poderia encontrar o mínimo de acolhimento, ocorre o respeito de forma integral à condição do paratleta. De acordo com o Art. 79, o poder público deve assegurar o acesso da pessoa com deficiência à justiça, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, garantindo, sempre que requeridos, adaptações e recursos de tecnologia assistiva. No entanto, nas palavras do entrevistado ARES, o que ocorre é que:

(...) o próprio TRIBUNAL DO TRABALHO, lá no Aleixo (Bairro localizado na zona Centro-Sul de Manaus) quase mandam me prender por causa disso: “Ah, vocês reclamam muito!” (reproduzindo a fala de terceiros)... “Levante daí, é fácil você “tá falando aqui, vá, me acompanhe, vá no SINE!” (sic)... (...) Eu só fiz isso porque minha esposa era uma que dizia que eu era acomodado. “Vem comigo! Vai, vamos ver, tu tá dizendo que eu não quero trabalhar, vamos lá!” (sic). Ela foi, aí quando terminei: “o que foi que eu te falei? Falar é fácil, vem comigo!”. Fiz a mesma coisa com o fiscal, por isso que ele queria mandar me prender lá. (...) Muito fácil me analisar daqui, vamos lá na empresa para ver o que acontece no dia-a-dia, vocês não querem sair daí, aí veio um gerente e falou: “não, é um direito dele reclamar, ele não está errado não, essa reclamação foram outras pessoas que chegaram aí. Saí e desistir de ir atrás de trabalho (ARES, 2021).

E a ausência de informações acerca dos próprios direitos fundamentais ocasiona a desinformações ao paratleta, instituindo barreiras nas informações que impendem o exercício da plena cidadania e retroalimenta uma rede e informações equivocadas, incompletas e inverídicas que atrapalham e confundem a busca de melhorias dos entrevistados:

Esses dias, o COLEGA PARATELTA mandou um negócio aí que virou lei, não sei se é real, questão de que agora aqui em Manaus tem uma Delegacia que pode dá até cadeia “pra” essas pessoas que te negam a levar tanto carro de aplicativo, como ônibus, tudo, se você quiser vai lá, bate um print, denuncia, isso aí pode dar até cadeia de um a três anos, e a Delegacia faz todas essas questões aí, mas isso é uma burocracia, deve ser uma burocracia doida, mas pelo menos “pra” alguma coisa já pode servir, “né”, se isso realmente for divulgado, nas empresas, mostrar lá para os empresários de ônibus: “olha, vocês tem que treinar os funcionários de vocês, vocês tem arrumar as rampas, tem que fiscalizar!”... porque a Prefeitura não fiscaliza nada, nada, nada (APOLO, 2021).

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015 consolidou princípios e diretrizes do tratado de direitos humanos do sistema global de proteção da ONU. Após a pactuação da referida convenção e do seu Protocolo Facultativo entra em vigor, o documento legal, pormenorizou as normas que deverão ser observadas para garantir o exercício dos direitos

das pessoas com deficiência no país. Dessa maneira, “restou organizado verdadeiro marco regulatório para as pessoas com deficiência, cujos direitos e deveres antes estavam dispersos em outras leis, decretos e portarias” (MELLO & CABISTANI, 2015, p. 119)

Em que pese o último Censo ter apurado que 23,9% da população brasileira possui, ao menos, um tipo de deficiência (IBGE, 2010), este assunto ainda é um campo pouco estudado, às vezes ignorado e, com poucos incentivos à pesquisa (DINIZ, 2003). Devido às desvantagens impostas pela sociedade, por meio de barreiras, as pessoas com deficiência nem sempre conseguem exigir seus direitos nas mesmas condições que uma pessoa sem deficiência. Ainda que a lei garanta os mesmos direitos às pessoas com e sem deficiência (MELLO & CABISTANI, 2015).

Historicamente, a compreensão da deficiência passou por várias configurações, desde concepções religiosas e sobrenaturais, passando pelo modelo biomédico, até chegar ao modelo social, o qual se sobrepõe nas legislações nacional e internacional. De acordo com esse modelo a deficiência não está no sujeito, mas no meio, de tal maneira que a existência de barreiras limita a autonomia das pessoas com deficiência (MELLO & CABISTANI, 2015).

Entretanto, grande parte das iniciativas sociais é dirigida a um sujeito universal, frequentemente representado pelo homem idealizado, “padrão”, desse modo, a exclusão é a negação de toda a diversidade humana nas sociedades atuais (MELLO & CABISTANI, 2015). Disseminou-se, ao longo da História, um ideal de corpo funcional tido como “normal” para a raça humana denominado por Mello (2014) de corponormatividade, por isso, quem não se enquadra nesses padrões é considerado menos humano.

Segundo Silva (2006, p. 121), “a deficiência não é uma condição estática, natural e definitiva”, tendo em vista que é uma concepção que está calcada nas interações e relações que determinam sua percepção na sociedade. Logo, a percepção da deficiência surge da diferença no processo de produção da existência dos povos, em distintos locais e momentos históricos, da mesma forma como ocorre, por exemplo, com as crenças religiosas ou as diferenças étnicas.

Assim, o capacitismo está para as pessoas com deficiência da mesma maneira como o sexismo para as mulheres e o racismo está para os negros (MELLO, 2016). O capacitismo, para Mello (2014), é a materialização de atitudes preconceituosas que rotulam os sujeitos conforme a condição dos seus corpos a um ideal de capacidade funcional e de beleza.

A deficiência, para os capacitistas, é compreendida como um estado diminuído do ser humano. Socialmente, o capacitismo é um conceito que avalia as pessoas com deficiência como desiguais, menos aptas ou incapazes de gerir suas próprias vidas, é uma forma de

preconceito subliminar encravada na produção simbólica social, apresentando-se como uma construção universalizada de opressão sobre a compreensão da deficiência (DIAS, 2013)

Ao se referir ao preconceito a pessoa com deficiência, a autora Mendonça (2013) aponta a existência de dois componentes básicos: uma de barreira atitudinal – que é a predisposição psíquica desfavorável em relação a alguém - e o desconhecimento concreto e vivencial desse alguém. A barreira atitudinal é conceituada por Amaral (1998) pela desigualdade na relação entre duas pessoas em que uma está numa posição mais favorável em relação à outra, por esta ser diferente. Além do desconhecimento em como agir adequadamente diante da pessoa com deficiência, as atitudes encontram-se fundadas em estereótipos e em preconceitos que geram a discriminação.

A barreira atitudinal, conforme postula Dias (2014), está no âmago de todas as outras barreiras existentes (arquitetônicas, comunicacionais, programáticas, metodológicas e instrumentais), dado que ela se apresenta como uma consequência da intolerância. “O preconceito e as atitudes negativas em relação às pessoas com deficiência vão dificultar que a sociedade realize as modificações necessárias para garantir a acessibilidade na escola, no lazer, na informação, na cultura e nos outros sistemas sociais” (IDEM, p. 33).

Dessa forma, para fomentar o respeito pelos direitos e pela dignidade das pessoas com deficiência, são necessárias repetidas campanhas de conscientização, (EMMEL; GOMES; BAUAB, 2010).

#### 6.2.5 Considerações finais

Diante de tantos relatos de desrespeito aos seus direitos fundamentais, compreendemos que urge uma intensa busca pela transformação de concepções sociais arraigadas acerca da condição corporal das pessoas com deficiência. Levando-se em consideração a concepção do corpo padrão, estimulado pela economia de produção em que os corpos devem estar aptos para produzir, as pessoas com deficiência parecem estar sendo relegadas a uma subclasse de humanos.

É com muito esforço que as pessoas com deficiência buscam adaptar suas corporeidades aos ditames de uma concepção de corponormatividade, ditatorial, discriminatória e segregacionista. E neste palco das relações sociais aí postas no mundo vivido, qual papel cabe à Psicologia no enfrentamento dessas desigualdades?

Acreditamos que a produção de conhecimento a partir dos ensinamentos dos próprios entrevistados é um ponto de partida importante nessa batalha. Possibilitar que pessoas com

deficiência descrevam suas vivências sem o poderoso peso de um julgamento, é uma ferramenta fundamental para a garantia de direitos, para a produção de igualdades e para a promoção de saúde mental. Mais do que produzir conhecimento, à Ciência, em especial à Psicologia, cabe o papel de promover cidadania, a partir da denúncia dos cerceamentos de direitos, principalmente das minorias, no caso deste trabalho, as pessoas com deficiência e, em particular, os paradesportistas lesionados em acidentes de trânsito.

#### Referências

ALCOFORADO, J.M.S. **Características Sociodemográficas da População e Identificação do Perfil Epidemiológico das Vítimas de Acidentes de Transporte Terrestre no Brasil e Pernambuco e partir de Microdados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Economia da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do Título de Mestre em Gestão e Economia da Saúde. Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Bezerra Nogueira, Recife, 2016.

APEL, K.-O. **Estudos Avançados**. USP, vol.6, n.º14, São Paulo, 1992.

ARANDA, R.A.; PEREIRA, A.M.; PALMA, J.A. e PALMA, Â.P.T.V. **A Concepção de Corpo dos Estudantes de Graduação em Educação Física**. Motriz, Rio Claro, v.18 n.4, p.735-747, out./dez. 2012.

BENTO, J. O. **Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006(a). pp. 155-182.

BENTO, J. O. **Da conjuntura corporal e do ambiente obesogénico, relaxado e indolente**. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Jan. 2007(b), vol.7, no.1, p. 3-5.

BENTO, J. O. **Da falácia da ‘atividade física’**. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Out 2006(b), vol. 6, no.3, p. 259-261.



BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013.

BLONDEL, M. **L'Action – essai d'une critique de la vie et d'une Science de la pratique**. PUF, Paris, 1973.

BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa Em Educação: Uma Introdução À Teoria E Aos Métodos**. PORTO EDITORA, PORTO: PORTUGAL, 1997.

BORBA, M.P. e HENNIGEN, I. **Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade**. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 246-255, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

BUENO, M.; FILHO, N.A.S. **Análise Epistemológica da Teoria da Motricidade Humana no Contexto da Educação Física**. Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Educação Física, 2018.

CAETANO, P.L. **Pistas Somáticas para um Estudo da Corporeidade: uma Aprendizagem das Sensações**. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 168-176, maio.-ago. 2017.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Editora Alínea, 2004.

CARDINALLI, I.E. **Heidegger: O Estudo dos Fenômenos Humanos Baseados na Existência Humana como Ser-Aí (Dasein)**. *Psicologia USP*, 2015 I volume 26 I número 2 I 249-258.

CARVALHO, A.S. **Metodologia da Entrevista: uma abordagem fenomenológica**. 2.ed. – Rio de Janeiro:Agir, 1991.

CASTELO, J. **O Exercício de Treino Desportivo**, FMH, Cruz Quebrada, 2003.

CASTRO, E.H.B (Org). **Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica**. Curitiba; Appris, 2019.

DALMOLIN, B.M.; LOPES, S.M.B.; VASCONCELLOS, M.P.C. **A Construção Metodológica do Campo: Etnografia, Criatividade e Sensibilidade na Investigação**. Saúde e Sociedade 11(2): 19-34, 2002.

DESCARTES, R. **Discurso do método; meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DIAS, A. **Por uma Genealogia do Capacitismo: da Eugenia Estatal a Narrativa Capacitista Social**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2013. p. 1-14.

DIAS, G. N. **Barreiras Atitudinais e o Processo de Socialização Organizacional das Pessoas com Deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.

DINIZ, D. **Modelo Social da Deficiência: A Crítica Feminista**. Série Anis, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

EMMEL, M.L.G.; GOMES, G.; BAUAB, J.P. **Universidade com Acessibilidade: Eliminando Barreiras e Promovendo a Inclusão em uma Universidade Pública Brasileira**. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 7-20, 2010.

FERREIRA, R.M.; CARVALHO, M.D.B. **Sentimentos de Pais de Crianças Acidentadas em Automóveis Sem Uso de Assento de Segurança Infantil**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 abr/jun;15(2):400-6.

FREIRE, G.L.M.; GRANJA, C.T.L.; TORRES, V.M.F.; VASCONCELOS, G.C.de; MORAIS, M.P.de. **Percepção da Qualidade de Vida em Atletas de Atletismo e Natação Paraolímpica**. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 27, n. 2, p. 384-389, 2019.

FEITOSA, A.M. **Contribuições de Thomas Kuhn para uma Epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1993.

FREIRE, G.L.M.; TORRES V.M.F.; OLIVEIRA, D.V.; NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A. **Comparação da Qualidade de Vida entre Atletas e Paratletas Brasileiros de Alto Rendimento**. R. bras. Ci. e Mov 2019;27(3):52-58.

FEYERABEND. P. **Contra o Método**. Lisboa: Relógio D' Água, 1993.

GALLO, S. **Corpo ativo e filosofia**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 9-30.

GESSER, M.; NUERNBERG, A.H.; TONELI, M.J.F. **Constituindo-Se Sujeito na Intersecção Gênero e Deficiência: Relato De Pesquisa**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, n. 3, p. 419-429, jul./set. 2013.

GIORGI, A. e SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Ed. Fim de Século; Lisboa, 2010.

GONÇALVES-SILVA, L.L.; SOUZA, M.C.R.F.; SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W. **Reflexões sobre Corporeidade no Contexto da Educação Integral**. Educação em Revista|Belo Horizonte|v.32|n.01|p. 185-209 |Janeiro-Março 2016

GUIMARÃES, S. S. M. **Corpo ativo e meio ambiente**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 221-234.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser E Tempo**. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. (Originalmente publicado em 1933).

HUSSERL, E. **Ideas Relativas A Uma Fenomenologia Pura Y Una Filosofia Fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Originalmente publicado em 1913).

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 16. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1997.

LUNA, S. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. In: FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

MACHADO, B.F.G. **Corporeidade E Existência Em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba v.2, 2011, p.47-58.

MATTOS, R.S. **Sociologia do Corpo é Sociologia da Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 293-304, outubro/dezembro de 2010.

MELLO, A.G. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MENDONÇA, A.A.S. **Escola inclusiva: barreiras e desafios. Encontro de Pesquisa em Educação**. Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Originalmente publicado em francês, 1945)

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo; Cosac Naify, 2013 (Originalmente publicado em francês, 1960)

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível E O Invisível**. Brasil, Editora Perspectiva, 2003 (Originalmente publicado em francês, 1964).

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do comportamento**. São Paulo Editora: Martins Fontes - selo Martins, 2006 (Originalmente publicado em francês, 1967).

MERLEAU-PONTY, M. **As relações com o outro na criança**. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984a.

MERLEAU-PONTY, M. **Textos Selecionados**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **A Natureza – Cursos no Collège de France**. Tradução Álvaro Cabral – São Paulo, Martins Fontes, 2000.

MINAYO, M.C.S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio Do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa**. Em Saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S. **Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade**. Universidad del Zulia, Venezuela. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 22, núm. 79, 2017.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S; SIMÕES, R. **Motricidade, Corporeidade e Complexidade: diálogos a partir do hemisfério sul**. *Motricidades: Rev. SPQMH*, v. 3, n. 3, p. 167-176, set.-dez. 2019.

MOREIRA, W.W. **Contribuições do jogo e do esporte para a corporeidade de crianças e adolescentes**. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 192-202 jan/abr 2019.

MOREIRA, W. W. **Corpo presente num olhar panorâmico**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Corpo presente*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MOREIRA, W. W. *et al.* **Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 137-154

MOREIRA, W. W. **Formação profissional em ciência do esporte: homo sportivus e humanismo**. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W.W. *Homo sportivus: o homem no humano*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012. p. 112-180.

MOREIRA, W.W.; GONÇALVES, L.L.; CARBINATTO, M.V.; CHAVES, A.D.; SANTOS-NAVES, S.P.; MAGRIN, N.P. e SIMÕES, R. **Repensar O Corpo Para Alcançar O Homo Sportivus**. Revista Kinesis, Santa Maria, v.36, n.2, p. 11-21, maio-ago. 2018.

MOREIRA, W.W.; NISTA-PICCOLO, V.L; SOBREIRA, V. **Do Corpo À Corporeidade: Uma Possibilidade Educativa**. Cad. Pes., São Luís, v. 23, n. 3, set./dez. 2016.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. **Educação física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e pesquisa**. In: DE MARCO, A. (Org.). *Educação física: cultura e sociedade*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 71-85.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Horizontes Pedagógicos), 2004.

MORIN, E. **Reformar o pensamento: a cabeça bem feita**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2002.

MORIN, E. **Pour sortir du XXème siècle**. Ed. Essais, 1998.

NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. **Corpo ativo/ corporeidade no esporte**. In: NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W.. *Esporte para a saúde nos anos finais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012b. p. 46-52.

NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. **Corporeidade no esporte: a busca de autonomia**. In: NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. *Esporte para a vida no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2012c. p. 38-51.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no Ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012(b).

NÓBREGA, T. P. **Consciência corporal, corporeidade e educação física**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004a. p. 77-85.

NÓBREGA, TP. **Fenomenologia, educação e sensibilidade**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004b. p. 72-77.

NÓBREGA, TP. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

NOVAES, A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, N.L.B. e SOUSA, R.M.C. **Fatores Associados Ao Óbito De Motociclistas Nas Ocorrências De Trânsito**. *Rev Esc Enferm USP*, 2012; 46(6):1379-86.

PEREIRA, A.M. **A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas**. *Filosofia e Educação (Online)*, ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 2, Número 2, Outubro de 2010 – Março de 2011

PIRES, D.A.; OLIVEIRA, J.G.deB.; SILVA, A.A.C.e. **Predisposição Ao Fluxo: Percepção Dos Praticantes Do Basquete Em Cadeira De Rodas. Pensar a Prática.** Goiânia, v. 21, n. 3, jul./set. 2018.

POPPER, K.R. **Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico.** Coimbra: Editor Livraria Almedina, 2003.

PRIETO, M. H. U. **Dicionário de Literatura Grega.** Lisboa: Verbo, 2001.

PRISTA, R.M. **Manuel Sergio: um homem em movimento.** Rio de Janeiro, AMOHURJ, 2017.

RESENDE, C.M.; MACERATA, I.M., BARBOSA, L.C., PIMENTEL, M.B., MORAES, M.B.; MACEDO, C. **Corposições Entre O Ver, O Dizer E O Agir.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 2, p. 135-142, maio-ago. 2017.

REZENDE, A. M. de. **Por uma concepção fenomenológica de educação.** São Paulo: Cortez Editora e Editores Associados, 1990.

RIBEIRO, R. J. **Novas fronteiras entre natureza e cultura.** In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-36.

ROUANET, S. P. **O homem-máquina hoje.** In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 37-64.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projecto de pesquisa científica.** 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências.** 14. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SARTRE, J-P. (1999). **O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica.** Trad. de Paulo Perdiggão. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. (Originalmente publicado em 1943)



SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2003.

SÉRGIO, M. **A racionalidade epistêmica na educação física do século XX**. IN: SERGIO, M (Org.), 1999.

SÉRGIO, M. **As lições do professor Manuel Sérgio: motricidade humana e futebol**. Lisboa: Prime Books, 2013.

SÉRGIO, M. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

SÉRGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana, 1996.

SÉRGIO, M. **Filosofia do futebol**. 4. ed. Lisboa: Prime Books, 2012

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**, Compendium, Lisboa, 1987.

SÉRGIO, M. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1994a.

SÉRGIO, M. **Motricidade Humana – uma nova ciência do homem**. Lisboa:Portugal, Edição MEC/DGD, 1986.

SÉRGIO, M.; LEMOS, F.R.M. **Futebol: necessárias rupturas**. Motricidades: Rev. SPQMH, v. 3, n. 1, p. 69-76, jan.-abr. 2019.

SÉRGIO, M. **O desporto e a motricidade humana**. Caderno de Educação Física (ISSN 1676-2533 | e-ISSN 1983-8883) Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 111-122, 1. sem., 2010.

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 1994b.

SÉRGIO, M. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SFEZ, L. **A Saúde Perfeita – Crítica de uma utopia**. Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M.A. **Todos Passam Pela Via Crucis: A Corporeidade Em Clarice Lispector**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 623-632, jul./set. 2010

SILVA, A.F.L. **Corporeidade E Representações Sociais: Agir E Pensar A Docência**. *Psicologia & Sociedade*; 23 (3): 616-624, 2011

SILVA, L.M. **A deficiência como expressão da diferença**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 44, p. 111-133, 2006.

SILVEIRA, A.L.; CAMBRUZZI, R.C.S.; COSTA, M.P.R.; HERTIWIG, R.S.V. **Corporeidade e Existência: Notas de uma Perspectiva Fenomenológica sobre a Condição da Pessoa com Deficiência Física**. *Revista da Abordagem Gestáltica – XVIII(1)*: 30-36, jan-jun, 2012.

SOBREIRA, V.; LENÍ NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W.W. **A Ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física**. *Olhares & Trilhas*, v. 22, n. 2, p. 326-345, 25 ago. 2020

SOUSA K.M., OLIVEIRA W.I.F., ALVES E.A., GAMA Z.A.S. **Fatores associados ao acesso à reabilitação física para vítimas de acidentes de trânsito**. *Rev Saude Publica*. 2017;51:54.

SOUZA, C. V.; PALMA, A. P. T. V. **A Motricidade Humana e os princípios para o ensino da Educação Física**. *FIEP BULLETIN - Volume 82 - Special Edition - ARTICLE I – 2012*.

TOJAL, J.B. **Da Educação Física à Motricidade Humana: Apreparação do profissional.** Lisboa/Portugal: Editora Instituto Piaget, 2004.

TOJAL, J. **Manuelsergio's Human Kinetics Perspectives For Its Implementation In Brazil.** Fiep Bulletin, 2010.

TOJAL, J.B. & GOMES, A. **Motricidade Humana – o paradigma emergente.** Campinas/SP: Brasil, Ed. Unicamp, 1994.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. **A motricidade humana e a educação.** In: SERGIO, M. (Org.). **O sentido e a acção.** Lisboa: Instituto Piaget, 2008. p. 31-60.

VILCA, V.C.; GARCÍA, F.C.; CARHUAY, J.C.; VALLADOLID, W.M. **Perfil Epidemiológico De Los Accidentes De Tránsito En El Perú, 2005-2009.** Rev Peru Med Exp Salud Publica. 2010; 27(2): 162-69.

WEBER, F. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

### **6.3 Intercorporeidade: a subjetividade intersubjetiva do paratleta em ser-com-o-outro sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty**

**Mauro Batista Negreiros**

#### **RESUMO**

O corpo do outro apresenta seu próprio sentido de corporeidade à medida que se relaciona com o ser. Desse relacionamento surge o terceiro sentido, único, singular que somente se dá na particularidade da relação intersubjetiva. O ser tem sua cotidianidade sendo afetada de forma significativa continuamente em face da corporeidade do outro. Dessa forma, os entrevistados relataram o quanto, nos momentos de reabilitação física e psicológica, suas historicidades foram tecidas e acontecidas numa teia de temporalidade marcada pela presença do outro. Neste artigo procuramos a análise pela redução fenomenológica-psicológica vinculadas aos principais conceitos **da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty** acerca das experiências perceptivas que os entrevistados discorreram sobre o outro a partir das relações de subjetividade intersubjetiva com seu próprio ser. Há por parte dos participantes a percepção de que a convivência intercorporal entre as paratletas confere benefícios e saúde mental dado que os paratletas tem a experiência perceptiva de que todos os jogadores são iguais, isso lhes confere a segurança para ajudar o outro, e fazendo isso, os paratletas percebem que ajuda a si próprios. Os vínculos relacionais importantes foram forjados pelos familiares e os amigos, personagens circundantes do mundo vivido dos paratletas que configuram uma constelação de apoio, incentivo, confiança e cuidado, transformadores que encorajam as pessoas com deficiência a se aceitarem, a se superarem, a transcenderem. É pelo afeto das pessoas mais próximas que os paratletas recebem seus primeiros movimentos de conselho, de sabedoria, e em simplicidade a dizer que acreditam na capacidade deles, quando eles mesmos encontram-se incrédulos em relação a sua própria corporeidade.

**Palavras-Chaves: o Outro, intercorporeidade, afetividade**

## ABSTRACT

The other's body presents its own sense of corporeality as it relates to the being. From this relationship arises the third, unique, singular meaning that only occurs in the particularity of the intersubjective relationship. The being has its daily life being significantly affected continuously in the face of the other's corporeity. In this way, the interviewees reported how much, in the moments of physical and psychological rehabilitation, their historicities were woven and happened in a web of temporality marked by the presence of the other. In this article, we seek to analyze the phenomenological-psychological reduction linked to the main concepts of Merleau-Ponty's phenomenology of perception about the perceptive experiences that the interviewees discussed about the other from the intersubjective subjectivity relations with their own being. There is a perception on the part of the participants that the intercorporeal coexistence between the parathletes confers benefits and mental health, given that the parathletes have the perceptive experience that all players are equal, this gives them the security to help the other, and in doing so, Para-athletes realize that they help themselves. Important relational bonds were forged by family members and friends, surrounding characters of the parathletes' lived world who configure a constellation of support, encouragement, trust and care, transformers that encourage people with disabilities to accept themselves, to overcome themselves, to transcend. It is through the affection of those closest to them that parathletes receive their first movements of advice, of wisdom, and in simplicity to say that they believe in their capacity, when they themselves find themselves in disbelief in relation to their own corporeity.

**Keywords: the Other, intercorporeality, affectivity**

### 6.3.1 Introdução

Lançado no mundo vivido, logo o ser se defronta com outro e percebe que não está só. Além desse mundo anteriormente constituído, faz parte da realidade muitos outros que compõe uma sociedade que se movimenta, age e transforma tudo ao redor, gerando cultura e história. Um dos aspectos do sentido da própria corporeidade se dá ao se relacionar com o corpo do outro, o qual também apresenta seu próprio sentido de corporeidade e desse relacionamento surge o terceiro sentido, único, singular que somente dá naquela particular relação intersubjetiva.

No plano de categorias de análise mais recorrentes durante as entrevistas dos paradesportistas, a convivência com o outro foi um dos temas que mais se destacou e apontou a importância que esses relacionamentos, em mais variados níveis, representam aos entrevistados, os quais buscaram destacar, sobremaneira, a forma como se sentem influenciados e o modo como influenciam os outros ao seu redor. Frente ao outro, o ser tem sua cotidianidade sendo afetada de forma significativa continuamente, bem como, os entrevistados revelam o quão suas historicidades foram tecidas e acontecidas misturando-se a uma teia de temporalidade marcada pela presença do outro, principalmente nos momentos de reabilitação física e psicológica.

De acordo com Merleau-Ponty (2011), o ser percebe o outro diretamente no seu comportamento, sem necessitar decifrar gestos ou expressões corporais fazendo o ser perceber que ele está diante de uma psique semelhante, ou seja, para o ser a situação do outro é sempre apresentada e não vivida em primeira pessoa e devido a isso, a dor ou a raiva do outro nunca terão o mesmo significado para o ser e para o outro. Dessa forma, o ser somente pode se comunicar com o outro sob um aspecto de generalidade e anônimo, pois, mesmo as situações mais típicas e mais estáveis do meu ser genérico são sempre retomadas à luz de um projeto pessoal, de um ser-no-mundo que é do ser e somente do ser e não do outro.

### 6.3.2 Material e método

Tendo em vista o objetivo de compreender o significado presente nos discursos dos Paratletas que se tornaram portadores de lesões permanentes após sofrerem acidente de trânsito, levando em consideração a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo que conforme pressupõe Minayo (2014) significa mergulhar na experiência de tal modo que o pesquisador consiga perceber, nos

discursos dos colaboradores da pesquisa, sentimentos, emoções e o olhar específico acerca da temática em pesquisa.

Para tanto, acreditamos ser o método fenomenológico o mais adequado instrumento que nos possibilitará investigar a vivência das pessoas nas diferentes situações e assim chegar à compreensão dessa pessoa. Ademais, precisamos entender como os pressupostos que regem a Fenomenologia influenciam a Psicologia. Privilegia-se, dentro desta metodologia, a *Alethéia* (verdade relativa), ao invés da *Veritas* (verdade absoluta); essa proposição se dá pela perspectiva de que a vida adquire os seus sentidos por meio da experimentação subjetiva e particular, sendo amparada pelas perspectivas culturais e situacionais presentes nos seus contextos (CASTRO, 2019).

Dessa maneira, o método fenomenológico de investigação em Psicologia segue o conceito epistemológico da consciência intencional, que acontece, de forma sucinta, quando o investigador inicia seu estudo, obtendo descrições de experiências de outros sujeitos no método aplicado a Psicologia. Num segundo momento, o investigador adota uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo enquanto desenvolve a redução fenomenológica-psicológica. Num terceiro momento, o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto de estudo através da variação livre imaginativa a partir da perspectiva psicológica do investigador ao enquadrar a análise eidética para definir sínteses de significados psicológicos sobre o tema.

Foram considerados aptos a participarem desta pesquisa, paradesportistas com mais de 18 (dezoito) anos de idade que se tornaram paratletas após sofrerem qualquer tipo de lesão permanente em decorrência de acidente de trânsito e integram a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, independentemente a gênero, raça, credo e que praticam paradesporto há pelo menos três (03) meses e ao menos uma vez já competiu ou está se preparando para competir em eventos esportivos em qualquer modalidade.

Entre recusas, abstenções e aceites, obtivemos a quantidade de quatro entrevistas. Este número de entrevistas representa o pouco número de pessoas com deficiência em decorrência de acidente de trânsito que aderem à prática de esportes de alto rendimento, por vários motivos que teremos a possibilidade de discutir no decorrer deste trabalho, e desses poucos adeptos, um número menor ainda dos que se demonstraram dispostos a participar da pesquisa científica, mesmo lhes tendo sido informado acerca de seus direitos, tais como, sigilo de sua identidade e não terem despesas.

Inicialmente, foi solicitada a anuência da instituição, no caso a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, instalada na Arena Amadeu Teixeira. Em seguida,

obtivemos junto a presidência da referida instituição os números de contatos de telefones e e-mails dos paratletas federados que correspondem ao perfil de sujeitos aptos a participarem da presente pesquisa. De posse dessas informações, contatamos via mensagem de texto por aplicativo de mensagens cada um dos candidatos a participantes, ocasião em que o pesquisador se apresentou formalmente e esclareceu o motivo do contato. Ademais, o pesquisador encaminhou para o pretense participante o link para acessar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de forma *on line*.

Foi utilizada a Entrevista Fenomenológica gravada em aplicativo eletrônico de *smartphone*, obedecendo-se os preceitos legais previstos na Resolução CNS nº 466 de 2012, sendo que a cuja duração mínima é de sessenta (60) minutos, efetivada a partir de uma questão inicial que sofreu desdobramentos, permitindo ao pesquisador colocar-se na condição de ouvinte, intervindo quando foi necessário e oportuno com o objetivo de esclarecer, informar ou facilitar as expressões oriundas dos participantes da pesquisa.

Após a realização das entrevistas e seguindo as instruções do pesquisador, os participantes assinaram o TCLE, o qual também foi assinado pelo pesquisador e uma das vias foi concedida aos entrevistados.

Durante o processo investigativo, também utilizaremos o Diário de Campo/Notas de Campo como recurso metodológico para o registro minucioso das impressões e reflexões do pesquisador no campo de pesquisa e para detalhar os comportamentos dos participantes do estudo.

Utilizou-se as orientações de Giorgi & Sousa (2010) propostas em quatro momentos, a saber, estabelecimento do Sentido Geral, a determinação das Unidades de Significado e sua transformação em Expressões de Caráter Psicológico e por fim, a determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos.

A pesquisa buscou respeitar as diretrizes contidas nas Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e foi encaminhada para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

A obtenção dos dados teve início após a aprovação do protocolo e do projeto de pesquisa elaborado de acordo com o preconizado pelas diretrizes do CNS, pelo Comitê de Ética em Pesquisa que elaborou o Parecer Consubstanciado n 4.788.980.

### 6.3.3 Resultados e discussões



A partir a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, neste artigo, compreendemos a subjetividade intersubjetiva do paratleta em ser-com-outro em face do conceito de Intercorporeidade.

Na trajetória da reabilitação, as pessoas lesionadas permanentemente em decorrência de acidente de trânsito relacionam-se com diversos profissionais em atendimentos especializados que concernem o surgimento de sentido desse outro na experiência perceptiva do paratleta.

Além do mais, as pessoas com deficiência entrevistadas salientaram como o lidar com outro, sendo estes seus familiares, colegas e amigos de equipes e treinadores lhe conferiram sentido que possibilitassem a compreensão de apoio, suporte emocional e incentivo para continuar o processo de reabilitação.

Também é importante compreender como concepções pretéritas dos próprios entrevistados, isto é, seu próprio sentido de ser-no-mundo, transformou-se e fez transformar o outro ao longo da convivência como as outras pessoas com deficiência a partir da transcendência das suas experiências perceptivas.

#### 6.3.4 O outro na subjetividade intersubjetiva do ser

Um dos aspectos mais marcantes das entrevistas se concentrou no termo utilizado pelo paratleta ARES quando este se refere a possibilidade de “ser moldado” e “moldar o outro”. Percebemos que os entrevistados ainda realizam leitura determinista de causa e efeito na relação que estabelece com o outro e consigo mesmo, acreditando que determinadas condutas geram o resultado esperado no comportamento do outro. Paradoxalmente, o entrevistado parece estar em busca de uma abertura existencial para compreender que a relação consigo mesmo e com o outro é um fato complexo, não determinado e que em sua intencionalidade produz um significado que pode ser compreendido, numa *práxis transformadora*, outra categoria da Motricidade, onde ocorre a transformação da ação, isto é, a *intencionalidade operante* que não se situa tão somente no mundo idealista, mas também no mundo real e concreto, portanto, a reflexão ou interpretação deve ser materializada numa atitude prática.

Vivendo numa passagem rebaixada da via pública, às margens de um igarapé (riacho), o entrevistado ARES necessita constantemente subir e descer cerca de setenta degraus para ter acesso a via pública e se sente decepcionado com a indiferença com que é tratado pela vizinhança, principalmente quando experiêcia a percepção de que, em suas limitações de

mobilidade, recebe bem mais auxílio de desconhecidos quando está se movimentando em outros bairros:

E, às vezes, ter que subir com uma cadeira, eu mesmo já subi, tem um corrimão ali que você viu, né, me apoiava na cadeira e ia levando, várias pessoas passavam e perguntavam se eu queria ajuda? Não, de jeito nenhum... Eu já recebo essa ajuda quando vou para o bairro dos outros, as pessoas até estranham, colegas meus que vem por aqui e que dizem: “rapaz, não tem aleijado aqui nesse teu bairro?” (reproduzindo fala de terceiros). Se tiver tá tudo aí entocado (respondeu) (ARES, 2021).

Ao escolher praticar esporte de alto rendimento, o paratleta sente-se impelido a enfrentar diariamente essas barreiras urbanísticas e atitudinais por parte de seus conhecidos, o que nos leva a questionar se o fato de presenciar rotineiramente uma pessoa com deficiência física, superando suas limitações de mobilidade, pode tornar alguém insensível, indiferente e até mesmo alheio, a ponto de perceber a situação como corriqueira?

Pela percepção o ser descobre a presença de um outro além da reflexão sobre si mesmo conforme Merleau-Ponty afirma e que o cogito cartesiano concebia que "o eu só é acessível a si mesmo" (1945/2011, p. 9), uma vez que o eu se define pelo "pensamento que sou capaz de realizar sobre mim mesmo" e, além disso, sou o único capaz de obter esse pensamento sobre "mim mesmo".

(...) o que as pessoas podem pensar de ti, isso aí já ajuda muito as pessoas, sair de uma depressão, porque ficar só na rede social conversando é diferente, diferente de você tá vendo ali, uma pessoa, conversar, vai lá Arena, lá na Arena não é só nós, tem as pessoas lá da limpeza, você fica lá fora, você vê muita gente porque lá é movimentado, você pega um ônibus, o ônibus vai lotado, querendo ou não você encontra pessoas que te ajudam, tem pessoas que tem preconceito, mas a maioria te ajudam, se pedir ajuda lá, sempre estão disposto a te ajudar, mas eles te encorajam, você vai a primeira vez, você fica receoso, como eu tinha, “né” (APOLO, 2021).

Relacionando-se com o próprio esquema corporal, o paratleta APOLO aponta como é importante transcender o comodismo de se limitar sua motricidade a possibilidades mais imediatas, conforme ele mesmo exemplifica, relacionar-se com outros pelas redes sociais virtuais para evitar ter que se movimentar. Em seu campo perceptivo, o participante vivencia sua corporeidade como oportunidade de conviver com o outro e percebe, na relação de intencionalidade, o fato de que outro sempre está disposto a ajuda-lo, e o vínculo que se forma a partir dessa relação já é percebido por APOLO como um benefício para sua saúde mental. O outro o encoraja a enfrentar suas barreiras cotidianas e seguir sendo paratleta, mas parece que resta a APOLO ter a percepção que, assim como é encorajado, também encoraja o outro a vivenciar seu corpo fenomenal no mundo vivido.

O filósofo Merleau-Ponty (1945/2011) acreditava que a existência não fosse simplesmente consciência de existir por intermédio do corpo para o outro existir realmente para o ser, mas que esse olhar do outro pudesse trazer também uma existência na qual se percebe posicionamentos diferentes do ser, um corpo que expressa algo diferente daquilo que o ser sente ou percebe, isto é, que expresse intencionalidades. Para Merleau-Ponty (1945/2011), pela percepção do homem-no-mundo lhe revela que é um ser situado e alheio a uma liberdade absoluta. Como o próprio Merleau-Ponty expressa: “Estamos misturados ao mundo e aos outros em uma confusão inextricável. A ideia de situação exclui a liberdade absoluta na origem de nossos envolvimentos” (1945/2011, p. 160).

(...) aí eu só fui conhecer o esporte mesmo, entrar “pro” esporte, seis anos depois do acidente, durante todo esse tempo, esse período, eu vivia numa bolha, é como se as pessoas que em amavam me protegessem da realidade, que era entendeu, então passei muito tempo reclusa, vivendo a mesma... praticando os mesmo círculos que eu tinha antigamente, “pra” mim não tinha mudado aquilo, e as pessoas tinham muito cuidado comigo, apesar de não me tratarem como uma pessoa com deficiência, não me olharem de uma forma como muitas pessoas olham, acredito que ainda hoje a questão de olhar para uma pessoa com deficiência, sentir pena, tinha muita raiva quando as pessoas me olhavam, achavam que elas estavam com pena, depois fui amadurecendo e vi que não, que o ser humano é um ser curioso, hoje eu tenho essa maturidade para entender isso, aí, quando as pessoas me olham, não me incomoda mais, realmente é diferente, “né”, me torna diferente, estar aqui entre tantas pessoas, porque existe algo em mim que é diferente do comum “né” (ATENA, 2021).

O acidente de trânsito que causou a lesão permanente na então paratleta ATENA causou a mudança repentina em seu esquema corporal e um dos reflexos instantâneos do fato foi que as pessoas mais próximas buscassem superproteger a entrevistada, e a esse cuidado especial, e algumas vezes exagerado, ATENA denominou “bolha”. Mesmo que as pessoas mais próximas buscassem lhe tratar de forma normal, ATENA sabia que não poderia ser. Ainda em intencionalidade intercorporal, ATENA percebeu a relação com o outro como amor e cuidado.

Ser tratada de forma diferente por ser pessoa com deficiência despertava na entrevistada ATENA o sentimento de raiva e a paratleta reagia retroalimentando o circuito gestáltico de se manter “protegida na bolha”, de tal forma que, atualmente, quando redireciona sua reflexão a essa situação, considera que demorou a ingressar no esporte, no sentido figurado, demorou a “estourar a bolha” que a afastava do convívio com os outros e atualmente a participante compreende que “livrar-se da bolha” somente foi possível quando apreendeu que era necessário ressignificar o olhar que ela mesma tinha sobre o olhar do outro quando o outro lhe olhava, isto é, ao se perceber diferente, ATENA aceitou que o outro lhe

tratasse de forma diferente e essa nova compreensão acerca de sua própria corporeidade a libertou da bolha e a lançou num mundo repleto de possibilidades, dentre elas, a própria possibilidade de praticar esporte a nível competitivo.

O objeto percebido, o outro, surge como uma coisa agregada e real na síntese perceptiva, em que pese se apresentar a partir de infindáveis perspectivas visadas. Isto é o que Merleau-Ponty (1945/2011) sempre considerou como o problema constitutivo da percepção acerca do fenômeno diacrítico.

(...), aí eu me matriculei no curso técnico em logística, que é a área que eu atuaria, só que eu me matriculei não foi pelo curso em si, pelo conhecimento, claro, claro que foi, mas eu vi isso, era como se fosse um estudo “pra” ver como as pessoas se comportariam me vendo, me conhecendo como uma pessoa com deficiência, eu queria saber como seria, eu tinha muita muito medo, porque é como eu te falei, eu fiquei muito reclusa, “né”, aí foi quando eu me matriculei, consegui ir e foi um ano assim, foi muito interessante, porque as pessoas tinham cuidado, claro, mas não me olhavam assim com pena, as pessoas... até... como eu fiz muita fisioterapia, então, eu conseguia andar bem legal, as pessoas tinham todo o cuidado, claro, “né”, mas foi uma experiência muito legal, muito interessante assim, então, foi quando eu vi, a sociedade realmente ela olha “pra” mim, mas não como com pena, mas por curiosidade mesmo, pela diferença que eles veem fisicamente. (...) Existe uma grande diferença entre as pessoas que me conheceram antes e depois da deficiência, eu notei isso durante o processo desse curso, as pessoas, eu notei que as pessoas que me conheciam antes do acidente elas tinham muito mais cuidado comigo, a questão de cuidado... cuidado “pra” não me magoar, cuidado em comentar certas coisas, eu não sei se era por pena ou “pra” me poupar de alguma coisa, as pessoas que já me conheceram com deficiência, eu sempre fui engraçada, alegre, gosto de conversar, falar, falo demais, e as pessoas que me conheceram, parece que nem existia aquela deficiência, “pra” elas, assim, brincavam, tiravam brincadeiras e zoavam, conversavam sobre vários assuntos, não somente daquilo, nem tocavam naquele assunto em questão do acidente, só as vezes quando eu comentava, então, assim, o foco das pessoas do meu cotidiano antes do acidente, era sempre “pra” ter aquele cuidado para que eu não me sentisse mal, que eu não me sentisse diferente, as vezes tinham lugares que ele iam que evitavam me falar porque achavam que eu não ia poder, entendeu, então tinha muito “né”, tem... tinha “né”, hoje, hoje, nem tanto, mas logo no começo tinha muito essa questão do cuidado, de não me magoar, porque era uma realidade diferente, também, assim, eles não conheciam pessoas diferentes, com deficiência, então acho que todo mundo foi aprendendo junto a lidar com isso, e no meu curso não... me carregavam para descer escada, queriam que fosse rápido, brincavam comigo: ah, tua anda muito devagar, me dá, deixa eu te levar, “umbora” (sic), ... era assim, não tinha aquele cuidado, aquela questão de ter medo de magoar, enfim, era tratada de forma comum, normal.” (ATENA, 2021).

O processo de ressignificação do corpo próprio de ATENA foi o resultado de um experimento que a própria entrevistada planejou e executou para responder ao seguinte questionamento: o que muda no caso da pessoa que adquire uma deficiência? De acordo com Merleau-Ponty (1945-2011), entre pessoas que adquirem uma incapacidade física e aquelas que já nascem com essa incapacidade há certamente diferenças por demais significantes.

A pessoa com uma deficiência se relaciona com as outras pessoas, vive suas experiências com os instrumentos/utensílios e numa condição corporal diferente da sua condição anterior, por isso, constituiu um esquema corporal durante toda a sua vida, isto é, um conjunto de significações encarnadas no seu próprio corpo. Assim, estas mesmas significações serão re-construídas a partir da sua condição corporal atual e suas atuais possibilidades de agir no mundo.

O ser pode encontrar e compreender o outro na conduta pela qual o outro se relaciona, pois a consciência do ser está voltada para o mundo e a consciência do outro também está voltada da mesma maneira de se comportar em relação ao mundo. O ser pode encontrar nessas ações do outro um sentido, pois as ações são temas de atividade possível para o próprio corpo do ser, o qual é uma consciência voltada para as “coisas”.

### 6.3.5 O outro na experiência perceptiva dos paratletas durante os atendimentos após acidentes de trânsito

A consciência que o ser tem do seu corpo é impenetrável para o outro como também é impossível para o ser a representação de como o outro sente o seu corpo, pois o corpo só é conhecível para o ser pela sensação que lhe dá, a qual o outro não pode ter acesso por qualquer experiência concreta. Assim, Merleau-Ponty pergunta: "Como então poderia eu supor que há atrás dessa aparência que está diante de mim alguém que experimenta seu corpo como eu experimento o meu?" (1984a, p. 32, 33).

Merleau-Ponty denunciou a impessoalidade a que a existência é atirada quando é analisada pelo prisma da filosofia mecanicista, a qual enxerga o corpo como um conjunto de órgãos de membros que precisam ser separados para serem estudados. Uma filosofia que segrega corpo e mente, se quer cogita a possibilidade de uma alma, de reconhecer o ser como um ser desejante, pessoal, próprio, portador de uma historicidade única que se movimenta no mundo, relaciona-se com o próximo e estabelece sentido no seu viver.

A concepção cartesiana que “moldou” o fazer científico moderno busca estabelecer o outro como objeto, coisificando-o para dissecá-lo. Uma concepção ainda deveras enraizada na formação das ciências do cuidado do outro que permanecem adestrando seus profissionais para tornarem-se imparciais, indiferentes e inumanos num modelo que ficou conhecido como modelo biomédico.

(...) eu já passei por isso, perdi 20% da visão desse olho aqui (esquerdo) justamente por um legado do meu atropelamento, bati a cabeça, eu fui no médico e o médico só

fazia assim: “quantos dedos tem, qual o teu nome”... só, esse foi o teste o e a marca da Pirelli (marca de pneu automotivo) aqui na testa, isso com 26 anos. (...) É praticamente uma ofensa para uma pessoa, aí peguei um perito na Cachoeirinha (posto do INSS localizado no Bairro Cachoeirinha, localizado na Zona Sul de Manaus) que disse assim: “você é forte, você pode trabalhar sentado!”, e aquele papel lá, questão da multa, cadeia por desrespeito, aí olhei “pra” ele assim: “Doutor, o Sr. está achando que eu tenho medo de ser preso, porque dinheiro eu não tenho, já estou aqui lutando “pra” conseguir uma verba para sustentar minha família, o Sr. está me analisando pela capa? O Sr. não me conhece, “né”?... pelo que eu “tô” vendo”. (...) ai beleza então. ITAÚ, foi um também o ITAÚ não te contratam te olhando, eles contratam uma empresa, quando cheguei lá vi uma escada: “Ih, lá vai eu fazer um milagre, ter que chegar até a porta da mulher!”. Quando a mulher veio: “AH, eles não querem cadeirante!” (reproduzindo fala de terceiros)... “Senhora, pelo menos ande um pouquinho aí!”... aí fiquei em pé e fui até ela: “Ah, você anda?!” (reproduzindo fala de terceiros)... “A Senhora “tá” me analisando sem me ver, a cadeira é só para tirar o problema que eu tenho de locomoção, mas eu ando, faço tudo!”... “Ah, eles não vão aceitar!” (reproduzindo a fala de terceiros). “Beleza!”... fui embora (ARES, 2021).

Em sua narrativa, o paratleta ARES ressalta como o olhar do outro sobre si foi um olhar que não o enxergou, não o apreendeu e não o compreendeu, talvez nem tenha sido um olhar. Para as corporações privadas, o entrevistado era apenas mais um número, mais um candidato, entre outros tantos, podendo ser descartado, desconsiderado, imediatamente, por não atender aos sistemas e padrões de produção capitalista.

Por outro lado, o esquema burocrático estatal reconhecia no participante sua força de trabalho, considerando-o apto a retornar ao mercado de trabalho, portanto, sem conseguir atender aos critérios para tornar-se beneficiário. Logo, o paratleta encontrava-se cindido nesses dois paralelos que rotulavam o participante de acordo com seus próprios interesses, e no meio desse joguete, tem-se tão somente um ser lançado no mundo vivido, vivenciado a facticidade da lesão permanente decorrente de acidente de trânsito buscando uma forma de dignamente sustentar sua família.

O sentido da motricidade de ARES, sua intencionalidade, seus desejos, sua complexidade passa a ser a luta por seus direitos, movimentando-se num mundo vivido repleto de barreiras e dificuldades para aqueles que não são “normais” e se quer são dignos de serem avaliados numa entrevista de emprego, tornam-se socialmente invisíveis, num mundo pensando, planejado, organizado e constituído para quem não tem limitações de mobilidade.

Ao lidar com aquele outro que deveria lhe dirigir o olhar do cuidar, o paratelta ARES exige que seja olhado pelo outro da mesma forma como ele próprio procura se olhar, reconhecendo-se como um ser capaz de se erguer e, mais do que se levantar, capaz de se reerguer. Uma exigência que vem pelo pedido ao dizer: “olha mim, eu posso andar, não é necessário me avaliar pela capa” (ARES, 2021). Quanta capacidade produtiva está sendo desperdiçada quando se descartam as pessoas com deficiência, muito em nome do preconceito

e da discriminação, das barreiras atitudinais impostas pelo sistema segregador, cartesiano, determinista e impessoal?

Merleau-Ponty afirma que:

É preciso renunciar ao preconceito fundamental segundo o qual o psiquismo é o que não é acessível senão a um só, meu psiquismo é o que não é acessível senão a mim, o que não se pode ver de fora. Meu “psiquismo” não é uma série de “estados de consciência” rigorosamente fechados sobre si próprios e impenetráveis para todo “outro”. (1984a, p. 33)

Segundo Merleau-Ponty, acessamos e somos acessados pelo psiquismo do outro pelo olhar, pelo tocar, pelos gestos e comportamentos e daí temos experiências perceptivas. O corpo é lugar dos domínios sensoriais e perceptivos e está em constante relação com o outro, consigo mesmo e com o mundo. Ao perceber o outro se movimentando, praticando ações no mundo podemos compreender que esse outro também é portador de um psiquismo semelhante ao nosso e capaz de estabelecer intencionalidade numa relação produtora de sentido. Ao enxergar o outro como mero objeto, de que tipo de sentido estamos tratando?

A notícia da minha lesão permanente foi fácil, porque o médico já tinha me falado de cara, só a mamãe que não me falou, com medo da minha reação, o médico já tinha falado pra mim que eu tinha perdido e foi, como eu era criança “né”, foi normal assim, eu aceitei na hora assim, eu falei: “importante que eu “tô” viva! (HERA , 2021).

Atribuindo o significado do acidente ao fato de ser criança na época e julgando que o importante, face à circunstâncias, era estar viva, HERA compreende como tendo sido fácil a notícia que recebeu acerca da sua lesão permanente. Entretanto, ao distinguir o tratamento que recebeu de sua mãe e o tratamento que recebeu do médico, HERA tem a experiência perceptiva de que as relações intencionais proporcionam sentidos próprios em quem cuida e em que é cuidado. Ademais, HERA não comentou acerca de outros fatos significativos daqueles que lhe dedicaram cuidado.

#### 6.3.6 As outras pessoas com deficiência a partir das percepções do paratletas

Diante do ser, o corpo do outro transmite um conjunto de sinais, de expressões fisionômicas executa gestos, emite palavras, Assim o ser projetado no outro o que sente do seu próprio corpo quer se trate de uma associação de ideias, quer se trate de um julgamento pelo qual o ser interpreta o que percebe.

O problema da experiência do outro se coloca por assim dizer num sistema de quatro termos: existe o eu, meu psiquismo - a imagem que faço de meu corpo por meio do tato ou da cinestesia, que chamaremos, para resumir de imagem interoceptiva de meu próprio corpo - há um terceiro elemento, que é o corpo do outro tal qual o vejo, e que chamaremos de corpo visual, e enfim, um quarto termo, hipotético, que se trata justamente para mim, de reconstituir, de adivinhar, que é o 'psiquismo' do outro, o sentimento que o outro tem de sua própria existência, tal como o posso supor, imaginá-lo, através das aparências que o outro me oferece por seu corpo visual. (MERLEAU-PONTY, 1984a, p. 33)

Ao se movimentar pelo mundo vivido, o ser se depara com o outro, habitando o mesmo cenário. Este outro executa comportamentos, gestos, sinais, semelhante ao ser que olha o outro. Naquele outro, há um ser animado por um psiquismo semelhante ao que o ser carrega, é o corpo vidente-visível, o corpo que olha e é olhado e que percebe o psiquismo do outro. Os relatos dos entrevistados expõem suas relações com as demais pessoas com deficiência, quer sejam paratletas ou não. No palco do mundo vivido, a essencialidade se desenrola em intencionalidade conferindo sentido aos atores existenciais. A ação que figura no fundo do mundo vivido demonstra ao ser o sentido do outro, sua vivência, suas alegrias, suas frustrações, seus sonhos, seus medos, seus preconceitos, suas paixões.

(...) lembra que eu te falei que tinha problemas com pessoas com deficiência, a primeira vez que eu fui na ADEFA, o (AMIGO) tinha me chamado e quando eu vi aquele monte de deficiente, eu me senti mal, eu não convivía, e eles tudo bagunçando um com o outro: “e aí chumbado, e aí aleijado, vou correr atrás de ti, não sei que!” (reproduzindo a fala de terceiros), esse tipo de brincadeira, e hoje em dia eu faço isso, mas só que às vezes eu vejo que a pessoa se retrai, não tão acostumados, então tenho que ter meu limite que eu chego e converso com a pessoa, meus filhos dizendo: “papai, o Sr. vai virar conselheiro! (ARES, 2021).

Após a lesão, o esquema corporal do entrevistado ARES foi transformado e a percepção que se estabeleceu acerca do sentido de sua própria corporeidade era de um corpo inviolável, indizível, isto é, um corpo sujeito que não poderia ser desvelado, não deveria ser mencionado, não deveria ser desrespeitado, por isso, o sentido do seu corpo configurou-se num tabu em que a deficiência não poderia ser mencionada, tampouco tida de forma jocosa.

Ao relacionar-se com pessoas com deficiência, o participante ARES relatou que ao olhar o outro, a outra pessoa com deficiência e a maneira como ela olha para si mesma e para as demais pessoas com deficiência, o sentido do tabu do corpo inviolável, indizível, foi ruindo até o paratleta ARES se deparar com seu próprio corpo atual e, de acordo com sua própria fala, habituar-se a essa situação. A linguagem própria entre as pessoas com deficiência, evidentemente, guarda suas particularidades quando se trata de estar relacionada com sua intercorporeidade, pois, apresenta nuances muito próprias desse público, nem sempre



facilmente compreensível à primeira vista para quem se aproxima, mesmo sendo também pessoa com deficiência.

Ao tornar-se pessoa com deficiência, presume-se que o ser enfrentou sua historicidade permeada por tristezas, frustrações e decepções, vergonhas e preconceitos e não é desejável imputar ainda mais sofrimento as pessoas nessas condições, adotando uma postura de cuidado redobrado ao lidar com a pessoa lesionada. Assim, quando se aproxima outra pessoa com deficiência cujo histórico de lesão é mais recente, o paratleta ARES buscar relacionar-se com a sensibilidade da experiência perceptiva de que esse outro se retrai da mesma forma como ele experienciou a mesma vivência no início do seu corpo atual, de pessoa com deficiência, e se projeta na relação com a chancela de conselheiro do novato, até que este compreenda sua própria corporeidade em relação à corporeidade do outro, circundados pelo mesmo mundo vivido e se “molde” ao novo esquema corporal, sendo este um esquema lateral, aberto, constantemente fadado a ser atualizado por ser lançado num mundo vivido em relação com o outro.

No entanto, somente a constituição do outro não evidencia completamente uma sociedade, tendo em vista que ela é formada pela coexistência de um número indefinido de consciências e não somente de algumas.

(...) porque eu conheço muitas pessoas que tem 30 anos de lesão e sequer saiu de casa, vive ali dentro de um quarto, dependente das pessoas, e não vejo lesão melhor de que... melhor no modo de dizer, lesões mais baixas de que a minha que tem mais mobilidade, teria mais facilidade de tá andando por aí, mas não consegui, porque não... pode-se dizer que não teve... (...) aí você vai “pra” lá... tem outra, você vai “pra” lá, você começa a ver e olhar ao teu redor, que a dificuldades das pessoas é pior do que a nossa, e eu reclamava muito da vida, eu reclamava, falo mesmo “pros” outros, que eu reclamava, por causa disso e aquilo, eu ia muito ali no ARAÚJO LIMA fazer alguma coisa, e eu passei a olhar “pro” meu lado, e eu via pessoas pior de que eu, tem pessoas lá que são dependentes dos outros, dependente mesmo, pessoas que só ficava lá, só mexia a boca, ou só o olho, vegetando numa cama, aí eu comecei a olhar “pra” mim, eu “tô” aqui sozinho, tenho os meus braço perfeito, e eu “tô” reclamando da vida por quê? (APOLO, 2021).

Nos limites do seu campo perceptivo, o paratleta APOLO exerce sua motricidade e reconhece a imagem interoceptiva de seu próprio corpo ao estabelecer uma relação comparativa da sua mobilidade reduzida à deficiência e chega a concluir que outro enfrenta mais dificuldades e barreiras do que ele próprio. Para APOLO, que toma essa relação comparativa como um fato dado, não há mais possibilidades de subterfúgios para com suas próprias capacidades motrizes e passa a não compreender mais o outro quando este aparenta

limitar sua motricidade, mesmo após anos de convivência com a condição de pessoa com deficiência.

A consciência é encarnada e o objeto se comunica com a história pessoal do sujeito que percebe, portanto, há coexistência entre sujeito e objeto a partir de uma comunicação autêntica. Merleau-Ponty supera o dualismo sartreano do “em-si” e do “para-si” por meio da percepção, uma vez que o percebido é uma realidade para o ser na experiência perceptiva que rechaça o prejuízo do mundo em si e que capta o surgimento do sentido.

(...) eu não sei se a pessoa que sofre um acidente tem aquele pensamento tenho que voltar a trabalhar, porque foi o meu pensamento, eu já trabalhava e eu não queria depender de benefício, eu sabia do meu potencial, pensava: poxa, eu estudei tanto “pra” eu ficar recebendo benefício, é tão baixo o valor, eu sei do meu potencial, eu posso trabalhar “pra” ganhar mais, eu pensava assim, e a maioria das pessoas que estão lá, são pessoas que recebem benefício, então elas tem toda disponibilidade, ai eu não sei isso acaba que é, atrapalha elas em querer trabalhar no mercado de trabalho (ATENA, 2021)

Face as suas relações intercorporais, a entrevistada ATENA revela que não compreende a decisão de uma pessoa com deficiência em receber benefício público em detrimento de buscar colocação exercer suas potencialidades no mercado de trabalho, assim como ela própria busca fazer. Paradoxalmente, ATENA reconhece que as escolhas provocam consequências ao perceber que aquela outra pessoa com deficiência, que não exerce suas possibilidades laborais e opta por receber benefício, tem mais disponibilidade para participar dos treinos esportivos e das competições, ao passo que a entrevistada necessita dividir seu tempo na rotina entre a atividade laboral e a prática desportiva.

Nas palavras de Merleau-Ponty:

... o espetáculo percebido não é ser puro. Tomado exatamente tal como o vejo, ele é um momento de minha história individual e, como a sensação é uma reconstituição, ela supõe em mim os sedimentos de uma consciência prévia, eu sou, enquanto sujeito que sente, inteiramente pleno de poderes naturais dos quais sou o primeiro a me espantar (1945/2011, p. 290).

Assim, olhar para outro implica em olhar para si mesmo, o ser, enquanto se movimenta no mundo vivido, depara-se com aquele outro que age, que se comporta, que estabelece uma intencionalidade existencial semelhante, mas não igual, ao do próprio ser e quando se identifica essa diferença, como o exemplo do outro que se acomoda com o recebimento do benefício, faz ATENA olhar, perceber e dar sentido a sua própria potencialidade e se reconhecer capaz de se manter no mercado de trabalho enquanto parece

desaprovar a pessoa com deficiência, que em sua complexidade, inalcançável para o entendimento da entrevistada, não age da mesma forma. Portanto, a intercorporeidade está constantemente envolvida nessas contradições, dúvidas, incertezas e formulando novos significados dentro do campo perceptivo do ser, do outro e de ambos.

Na primeira olhada assim, quando era criança, me sentia normal, porque eu era que nem elas (crianças), ai eu percebi assim: “poxa, não tem só eu, de uma criança deficiente, tem outras pessoas, tem outras crianças deficientes que nem a mim!” (...) Todos os deficientes que eu conheço praticam esporte e eu recomendaria a prática de esporte para pessoas com deficiência que ainda não praticam, aliás, se eu “ver” (sic) na rua, eu convido, eu chamo, porque é um bem, um bem “pra” pessoa, “pro” bem estar dela, pra saúde dela, todas as pessoas com deficiência que eu convidei já foram visitar, e ficaram até hoje no esporte (...) “Pra” outras pessoas eu falo assim, “pras” outras pessoas que tem deficiência que nem eu, não deixar a cabeça ficar por baixo, pensar pensamentos positivo, buscar o que você almejar na sua vida, buscar, batalhar, correr atrás que você vai conseguir, não deixe uma pessoa dizer que você não é capaz, porque você é capaz e você não é deficiente, não se sinta que você não é deficientes, se sinta uma pessoa normal, não se sinta incapaz de fazer nada (HERA, 2021).

Ainda na infância, a entrevistada HERA percebeu e foi percebida, pelo seu corpo vidente-visível, a presença do outro com lesão permanente e tomou conhecimento que além de si mesma, outros manifestavam sua condição de serem pessoas com deficiência, portanto, não era um exemplo único no mundo vivido e isso lhe fez se sentir uma pessoa “normal”, isto é, é normal que em sua vivência existam outros em condições semelhantes.

Atualmente, HERA relata viver somente na e com a pre-sença de pessoas com deficiência que praticam esportes e manifesta seu desejo de que as recompensas que obtém possam ser usufruídas pelas demais pessoas com deficiência que não praticam esportes a ponto que não desperdiça as oportunidades que tem de convidar as pessoas com deficiência a praticar esportes. Agindo em sua motricidade paradesportista, HERA se percebe numa situação que lhe confere o sentimento de ser capaz, de ter a possibilidade de exercer seu potencial e a isso ela chama de se sentir “normal”, como se ser normal fosse a única possibilidade de se fazer alguma coisa, ou seja, habituada ao seu corpo atual, HERA atribui o sentido de normalidade a possibilidade de executar suas atividades.

Se lidar com a pessoa sem deficiência significa buscar tratamento igualitário e se lidar com o outro com deficiência, mas que não é paradesportista significa que esse outro não explora suas possibilidades existenciais, então o que significa, para os paratletas entrevistados, a intercorporeidade com outro paratleta, no mesmo time? A percepção acerca da convivência com os colegas de time foi um dos temas emergentes nas entrevistas.

O ser percebe o outro através da realização de movimentos que o outro faz e que afetam o seu “ser-no-mundo”, com comportamento que fazem referência a um âmbito cultural sem perder sua própria individualidade, tornando o ser comprometido a dar respostas, tendo em vista que se entende o ser enquanto existência anônima e pré-pessoal e como sujeito da percepção torna viável a comunicação e a inter-relação com o outro. Os indivíduos podem se comunicar sem fabricarem a individualidade do outro e sem perderem sua individualidade, pois, acredita-se que o outro não é algo constituído pelo ser, e que não há possibilidade de anulação ou redução do outro nas relações de intersubjetividade.

(...) você tem que se adaptar a um novo mundo, às vezes uma coisa que você consegue fazer, a outra pessoa não consegue fazer, aí você tem que se colocar no lugar de uma outra pessoa que tem uma deficiência mais severa que a minha... que a minha por exemplo, eu consigo mexer os braços, falar, outros não tem o braço, essas coisas assim (...) ajuda muito isso e ter a compreensão de que aquele parceiro que está lá do meu lado, que tem um problema mais severo que o meu, que às vezes é problema de coluna e não consegue movimentar tanto o braço, eu tenho que me importar com ele porque eu não posso fazer do jeito que eu faria com outro, tem que ter esse rodízio da mente e, olha, eu tenho que fazer uma passe alto para um, eu tenho que fazer um passe mais baixo para o outro ou sem velocidade (...) (ARES, 2021).

O paratleta somente reconhece a sua individualidade frente à individualidade do outro. Nas palavras do entrevistado ARES, adaptar-se a uma nova realidade significa apreender as próprias limitações face às limitações do outro. O ser age em intencionalidade com o outros, a partir de sua experiência perceptiva, procurando compreender até que ponto o outro é capaz, até que se estabeleça uma relação onde o ser é, até o ponto em que o outro é também, e para cada relação, estabelece-se um sentido próprio, inequívoco, a que ARES chamou de “rodízio da mente”, isto é, reconhecer o outro em sua individualidade, singularidade, particularidade própria a partir da experiência perceptiva de si mesmo. Para cada percepção de si mesmo, com o outro e com o mundo é dado um sentido que não é estático, não é determinado, não está submetido as relação de causa e efeito, mas é aberto, transforma-se e transcende à medida que o ser se movimenta e compreende sua corporeidade como mais que um corpo que é o conjunto ou ausência de membros.

O “outro” não é um objeto para o ser, o outro não é um ser puramente em-si também não é algo absoluto e prévio, mas o ser o descobre a partir da sua existência, afinal, são igualmente o “outro” e o ser dois sujeitos que se referem a um mesmo mundo, no qual permanentemente se faz presente a coexistência. Através do corpo do ser, expressa um halo existencial do mesmo modo que o “outro” em virtude de seu corpo fenomênico se abre e se insinua um “algo” portador de uma existência que entro em relação com o ser.

(...) que nem um “cara” chega lá, o que aquele cara faz sozinho, porque eu não faço, que ali a diferença de lesão de uma “pra” outra é pouquíssima, todo mundo lá mexe os braços, senão não “tava” ali, porque não tem como jogar basquete, então, é uma coisa diferente, a lesão pode ter coisa de lesão diferente, por exemplo, pode ter “cara” lá que não tem a mesma mobilidade que eu, como tem vários, tem “nego” é que só tem o COLEGA PARATLETA, como “cara” que fica em pé, dele que eu não sei o que é, parece que é poliomielite, outro que é poliomielite, não... fica em pé, mas a agilidade dele é diferente, ele pode andar, vai embora, outro lá também é poliomielite, tem outros que não é a lesão medular que nem a minha, tá na cadeira por causa de um tiro, mais alguma coisa, então é diferente, então “cara” olhar se igualar por lesão (APOLO, 2021).

Em sua narrativa, APOLO destaca que, para participar mesmo time de uma determinada modalidade esportiva, é exigido do paratleta o atendimento de alguns critérios motrizes para tornar a sua participação possível e neste viés, aponta que os paratletas se agrupam em times de acordo com a semelhança de mobilidade reduzida que apresentam, aproximando um dos outros suas características corporais. Frente à semelhança de dificuldade de mobilidade dos colegas de time, APOLO aponta que a origem da lesão permanente é diversa em cada um dos paratletas, os quais relatam trajetórias percorridas por diferentes itinerários existenciais estabelecendo sua própria historicidade no tempo e no espaço até se tornarem paradesportistas, contudo, uma vez no mesmo time, todos buscam igualar suas pequenas diferenças de mobilidade.

Outra questão colocada é como pode existir um outro que não seja o próprio ser se esse outro está oculto no mundo do impessoal, isto é, como o ser assume no mundo cultural a forma do impessoal. Para que o ser aceite o outro é preciso que o ser alguma maneira compreenda o outro, pois, de acordo com Merleau-Ponty, a presença do outro é um fato para o ser. Nunca podemos admitir uma autêntica percepção do outro se permanecemos na antinomia do em-si (objeto) e do para-si (sujeito). “Torna-se compreensível à percepção do outro se se supõe que a psicogênese começa por um estado no qual a criança ignora a si mesma e o outro enquanto diferentes” (Merleau-Ponty, 1984a, p. 37, 38).

Felizmente a gente trabalha com equipe “né”, então eu preciso tá conectada com o meu colega, preciso saber a tática dele, preciso saber colocar uma bola na mão dele para ele poder fazer um ataque legal, tudo isso é questão de treino (ATENA, 2021).

Parece-nos que “estar conectada” para ATENA tem o mesmo sentido de “adaptar-se ao outro” para ARES. Vejamos: ambos relatam que para efetuar jogadas eficazes, sentem a necessidade de compreender a motricidade do outro frente a sua própria motricidade, logo, “adaptar-se” e “estar conectado” é a relação do corpo do ser com o corpo do outro em

intencionalidade, e que o conjunto desses sentidos forma um time que vai muito além da simples reunião de jogadores, mas o time é sim um conjunto vivo de paratletas, que constantemente relacionam-se entre si e consigo mesmo formando uma unidade própria de time, que ao longo dos treinamentos vai se estabelecendo em um novo campo perceptivo aberto e em constante transformação, ressignificação e transcendência.

Para Sartre, o autor de *O ser e o nada*, o corpo do outro é objetivado e petrificado ao cair sobre os olhos do outro, o qual o coisifica, convertendo-o em objeto de manipulação e Merleau-Ponty (1945, p. 484) diverge dessa posição quando afirma:

Na realidade, o olhar de outrem só me transforma em objeto, e meu olhar só me transforma em objeto se nós dois nos retiramos para o fundo de nossa natureza presente, se nós dois olharmos de modo inumano, se cada um sente suas ações, não retomadas e compreendidas, mas observadas como as ações de um inseto.

O time passa a existir como um ser próprio, com sua própria corporeidade em sua espacialidade e sua temporalidade. O sentido do time é muito maior que a mera reunião do sentido de corporeidade de cada um de seus componentes e enquanto ser, uma entidade viva, existente, vidente-visível, o time inspira o cuidar, o se importar, o cuidar do outro para cuidar de mim e o cuidar de mim para cuidar do outro, como se uma coisa só fosse:

(...) me importando com o ser humano, coisa que no dia-a-dia é cada um por si e o fato do basquete me trouxe essa coisa de time mesmo, não é só eu, ou seja, nós somos lá 18 (paradesportistas de basquetebol na cadeira de rodas), cada um tem a sua história... a minha história, até mais branda que a maioria, justamente pelo convivo que eu tive! (ARES, 2021).

Para Merleau-Ponty o olhar não coisifica nem distancia na comunicação, pois, a relação com o outro não se define em termos de comércio entre objetos. Dessa maneira, dá-se uma diferença básica de posições com Sartre:

Se lido com um desconhecido que ainda não disse uma só palavra, posso acreditar que ele vive em um outro mundo no qual minhas ações e meus pensamentos não são dignos de figurar. Mas que ele diga uma palavra ou apenas faça um gesto de impaciência, e ele já deixa de me transcender: então é esta a sua voz, são estes os seus pensamentos, eis portanto o domínio que eu acreditava inacessível. (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 484)

Cuidar de si, cuidar do outro, nas palavras do entrevistado ARES: “moldar”. Ainda imerso nas concepções modernas do dualismo corpo e mente, como duas instancias estanques, separadas e independentes, o entrevistado ARES acredita que é possível moldar o outro, isto

significa fazer o outro se comportar de forma prevista, controlada, conforme preconizada o determinismo. Diante da complexidade do ser humano que estabelecem as concepções pós-modernas que influenciam a mudança de paradigma científica, temos que o “moldar”, em síntese, significa estabelecer uma relação com outro em que ambos se influenciam, transformam-se e transcendem.

(...) porque essa semana mesmo, um colega nosso, a mãe dele “tá” com câncer, (nome do paradesportista), um dia que tu for dá uma volta lá “pra” ver um treino da gente, tu vai conhecer, não precisa nem dizer quem é, tu vai saber quem é o (nome do paradesportista), porque é o que mais aparece lá, gritando, berrando, brigando, chamando nome que é uma coisa que a gente tem que tá moldando ele, mas é difícil, ele não tem estudo, acho que ainda usa droga ainda, que o que me afastou do baquete foi justamente isso. Tem uns chegando agora, ontem mesmo levaram um rapaz e não tinha cadeira para ele, ele tá com problema só no pé, foi com a mãe dele e tudo nem parecia a mãe dele, parecia a irmã, e ele ficou doido, só se aquietou quando sentou numa cadeira, aí esse a gente vai tentar moldar ele porque como ele nunca sentou numa cadeira (de rodas), é mais difícil (ARES, 2021).

O paratleta ARES não será mais o mesmo, mas, por estar em constante movimento, também em está em constante mudança, assim como aquele paradesportista novato que se aproxima do time, também não será mais o mesmo e o lidar constante com os demais colegas de time o levará a ser o que a relação significar que seja. Portanto, “moldar”, nas palavras de ARES é o movimento da intercorporeidade que modifica a si mesmo, o outro e o time, todos se influenciando mutuamente e seguindo em direção as suas possibilidades existenciais que nunca se encerram.

O olhar se manifesta na comunicação dos sujeitos e só pode ser encontrado por outro olhar. A comunicação acontece antes de sua realização efetiva na língua e não se pode expressar numa única definição o que se entende pelo olhar, rebelde a toda captação objetiva.

Então, isso também te envolve muito quando você vai lá pro basquete, porque lá, tem “nego” lá com a vida financeira pior do que a gente, tinha um que é novato lá agora, morava no Puraquequara (Comunidade localizada na zona leste de Manaus), o “cara” pegava três ônibus para chegar lá, três ônibus, mas ele “tava” lá, era o segundo a chegar, fazia sol e chuva e o “cara” “tava” lá, tinha um que vinha na braçada lá que era o COLEGA PARATLETA... vinha lá do São Francisco (bairro localizado na zona cento-sul de Manaus), no braço, na cadeira de roda, mas “tava” lá, então isso, isso incentiva as pessoas, então ele dá um incentivo “pra” ele, que ele pode ser capaz de vir de ônibus sozinho, pegar um “uber” sozinho, então isso ajuda muito as pessoas, principalmente as que tão recente (APOLO, 2021).

O movimento de percepção do outro (para si) em ação no mundo vivido, culmina para o ser a possibilidade de compreensão desse halo existencial que atribui intencionalidade ao fazer do paratleta. O entrevistado APOLO enfatiza como a *práxis* do outro o motiva, fazendo-

o continuar, principalmente em face da percepção de que esse outro enfrenta dificuldades mais graves. Se o outro, em condições mais desfavoráveis, apresenta-se capaz de agir no mundo vivido, na direção da execução de seus desejos, sonhos, vontades, não seria simples para APOLO manter-se inerte e o conhecimento, a apreensão de realidade do outro somente se dá na possibilidade da intercorporeidade, caso contrário, isolado, jamais APOLO se depararia com outra realidade e forma de viver de pessoas com deficiência. Advém daí o sentido que atribuí à convivência com demais pessoas que gravitam em torno da prática de esporte paraolímpico.

Diante do ser o outro seria um em-si (objeto) com suas próprias leis. E dessa maneira se colocaria a contradição: para ser percebido pelo ser, o outro teria que diferenciado do ser e pensado como consciência, e do ponto de vista objetivo isso seria impossível, pois a consciência é entendida como consciência constituinte que reduz o outro a algo impessoal e arbitrário, domesticável por uma outra consciência.

Nós somos normal (sic), a gente se trata de uma maneira normal, a gente brinca com a nossa deficiência, enfim, nós estamos ali no mesmo nível, e é muito mais tranquilo assim, a gente brinca, a gente briga, em quadra a gente chama atenção uma da outra, mas é uma relação muito legal assim, a gente criou um vínculo de amizade mesmo, aquela amizade que você leva “pra” tua casa, chama “pra” sair, enfim, é muito saudável nosso relacionamento. Esse relacionamento com elas, é como te falei, é como se eu tivesse me reconectado comigo, me reconhecido novamente, reconhecido como eu sou de fato, aceitado, de me aceitar, eu acho (ATENA, 2021).

Reconectar-se consigo mesma novamente é o sentido apresentado pela participante ATENA face às interações intersubjetivas com a demais colega de time. Para elas, as paratletas, de acordo com a experiência perceptiva da entrevistada, o corpo da pessoa com deficiência é esse lugar comum, “normal”, que guarda diferenças com demais corpos, mas que não deixa de viver por causa disso. As relações intercorporais levam as paratletas ao reconhecimento que não há abertura para se compreender inferior ou superior às demais colegas, logo o sentido da relação segue para o reconhecimento de ATENA de que é um convívio saudável pautado pela amizade que transborda as quatro linhas da quadra esportiva.

A percepção da interioridade do outro na sua expressividade corpórea é uma totalidade viva, expressiva em que se percebe de imediato o olhar, não somente os olhos, mas a vergonha, não somente o rubor da face e um esquema interno do outro que o ser teria que imaginar. Isto posto, temos que a comunicação e a compreensão de um gesto são realizadas com o estabelecimento de uma reciprocidade entre a intenção do outro e a intenção do próprio ser, por exemplo, o gesto não me faz pensar na raiva, ele já é a própria raiva, ou seja, o ser é



capaz de percebermos a raiva ou a ameaça como um fato psíquico oculto no gesto do outro. Neste aspecto, Merleau-Ponty assevera claramente que:

... pela reflexão fenomenológica encontro a visão não como 'pensamento de ver', segundo a expressão de Descartes, mas como o olhar em posse de um mundo visível e é por isso que aqui pode haver para mim um olhar de outrem, esse instrumento expressivo que chamamos de rosto, pode trazer uma existência assim como minha existência é trazida pelo aparelho cognoscente que é meu corpo (1945/2011, p. 474).

Primeiramente todo objeto é um objeto natural, feito de cores, odores, sabores, de qualidades táteis e sonoras e por meio da percepção ele entra em minha vida. “Assim como a natureza penetra até o centro de minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 465).

Já acolhi uma colega novata no time, normal, eu tento ajudar no máximo, tento conversar com ela no máximo, porque lá todo mundo é igual a ela, tento acolher ela, dar uma força positiva pra ela, isso mexe com certeza. Eu me sinto triste quando alguma colega quer desistir, porque quando eu conheci o esporte, assim, nenhum momento assim... eu me apaixonei nos dois esportes que eu gostei mais, que foi o basquete e o vôlei, e quando eu vejo uma pessoa deficiente que quer desistir do esporte, que vai fazer bem pra ela, eu fico triste (HERA, 2021).

A mesma percepção de relação saudável entre as paratletas é alcançada pela entrevistada HERA, a ponto que lhe desanima a possibilidade de que o outro, a colega, venha a desistir da prática esportiva de alto rendimento, justamente porque, há por parte da participante, que a convivência intercorporal entre as paratletas confere benefícios e saúde mental que a colega não mais terá ao se afastar do time. Na prática paradesportiva, a paratleta HERA tem a experiência perceptiva de todas são iguais, isso lhe confere a segurança para ajudar o outro, e fazendo isso, a paratleta sente que ajuda a si mesma. Frente às inúmeras dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam para tornarem-se paratletas, as participantes apreenderam que, através da intercorporeidade de paradesportistas, conseguem animar, incentivar umas as outras, num movimento vivo do time em que quando uma atleta está desmotivada, conta com o auxílio da outra e assim, a motricidade de uma equipe concerne a possibilidade que ele se estenda existencialmente para além do sentido da competição esportiva.

Na intercorporeidade entre os paratletas, importa conhecer o tipo de lesão que cada um acompanha e na vivência da cotidianidade de cada um, todos terminam por conhecer, em certo grau, a historicidade dos colegas. Em busca de apreender o que é a essência do sentido

de corporeidade para o paratleta lesionado em acidente de trânsito, não basta que a vivência do ser seja contextualizada no mundo vivido, mas que seus gestos sejam compreendidos e a ser-no-mundo de cada paratleta é a ação que seu corpo executa na sua temporalidade.

Conforme apontou Merleau-Ponty (1945/2011, p. 251), “o sentido dos gestos não é dado, mas compreendido”, e também afirma que, para buscar compreender o sentido primeiro do vivido como pressuposto básico do sentido de existência, não basta contextualizar na vivência do ser no mundo a especificidade da ação do sujeito e do objeto.

A maioria foi por conta de doença, câncer, tumor, outros foi... eu tenho um colega que ele “tava” na piscina, foi sair da piscina, bateu o joelho, e criou “água no joelho” e passou muito tempo, teve que amputar, é mais essas questões assim, deficiência congênita, de nascença, aí teve um amigo que teve meningite quando era criança, acabou que perdeu os movimentos das pernas, é difícil encontrar pessoas no meu mesmo, pelo mesmo motivo que o meu, por conta de acidente, que estejam no esporte. Geralmente, pelo que eu vi, a maioria é por conta de doença (ATENA, 2021).

Diante das entrevistadas efetuadas, percebemos que o fenômeno de lesionar-se permanentemente em acidente de trânsito e se tornar paratleta é um acontecimento incomum, para não dizer raro, conforme a própria paratleta ATENA experiência em sua vivência esportiva. Mesmo com várias características apontadas pelos entrevistados, não é possível responder a razão desse fato, no entanto, os relatos dos entrevistados nos faz ter uma compreensão do quão é árdua a trajetória que a pessoa com deferência atravessa para se tornar paratleta, superar-se e transcender o próprio sentido de corporeidade.

Também podemos perscrutar que, em virtude da informação da paratleta ATENA de que a maioria de seus colegas tem lesões oriundas de doenças, ainda estamos por demais envolvidos nas tradicionais concepções de promoção de saúde em que a prática de esportes é apontada como saudável, decorrendo daí o maior número de convalescentes procurando modalidades esportivas para praticar.

Os gestos não são uma operação redutível à explicação da dimensão intelectual, por isso se torna uma dimensão privilegiada de reconhecimento do outro uma vez que “ser é sinônimo de ser situado” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 339). Dessa forma, o processo de compreensão implica contextualizar de modo descritivo a experiência primordial por meio dos gestos (sorriso, carícia, olhar, etc.) ou em uma diversidade de ações na vivência do ser no mundo, logo “é preciso reconhecer como irredutível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido” (p. 252).

As lesões, a maioria tem perna amputada, que é o meu caso, tem ... e as outras tem, é, como é mesmo, algumas nasceram sem o membro da perna, e algumas nasceram com aquela doença da tal da poliomielite (HERA, 2021).

O ser percebe um mundo comum ao dos outros por ser corporalizado, e em sua experiência a qual se relaciona e se comunica com os demais sujeitos no plano mais profundo e invisível, familiar, cultural não somente ao nível da fala, portanto o ser não constitui um mundo particular, pessoal e independente dos outros que gravitam sobre a consciência do ser e o que eles pensam, sentem e percebem não pode ser desconsiderado, pois o mundo é cultural. Dessa maneira, a noção de subjetividade amplia-se para a noção de subjetividade intersubjetiva.

Além dos próprios colegas de times, os paratletas convivem e se relacionam com seus técnicos, os quais, pela própria narrativa do entrevistado ARES, parecem ocupar uma posição significativa da existência dos paradesportistas:

(...) aí em 2009 veio o TÉCNICO, que o TÉCNICO tem a personalidade de mostrar que você é capaz, ele tem esse dom, até eu falo para ele: “só tu que viu alguma coisa em mim!”, aí ele fala: “tu que não tinha visto nada em ti!”, só que aquela personalidade forte dele né, se for para passar a mão na cabeça, o TÉCNICO não é esse, o TÉCNICO ele faz, até quando “tá” trabalhando com criança, ele não vê diferença nenhuma, que é o correto né, o nosso limite tá quando a gente desiste, se você não desiste, você continua, ele mesmo muitas vezes fez eu falava “pra” ele da dor que eu “tava” sentindo: “frescura, vai lá que passa!”... algumas vezes passou realmente, e ele é um profissional, ele sabe das coisas que passam, mas quando ele vê (...) Ele exige muito, mas se ele passasse a mão na cabeça a gente não seria nada hoje em dia, a maioria tem... “ah, já começou o chororô!”, ele TÉCNICO dizia assim: “eu não vou ter pena de vocês não, quando eu for ”pra” uma competição, não vem com essa história de que eu vou perder não, vocês não vão perder!”... e começa por aí, ele acredita no nosso potencial até mais do que a gente, foi aquilo que falei “pra” ti, ele extrai coisas que a gente nem sabe, ele viu em mim não aquele cara que chega lá e faz cesta direto, é agressivo, tal, vai ”pra” cima, ele não viu isso, ele viu um cara que tem visão, vai fazer o que ele pedir, o que ele pede, porque são vários tipos de defesas que a gente faz, que a zona pressão, zona três, zona quadra toda, zona de linha dos três, é a um 1-2-2 (jogada combinada), 2-1-2 (jogada combinada), qualquer que ele pedir eu “tô” lá, então não vou sair do que ele manda, é isso que ele quer, ele não vai mandar ficar 1-2-2 (jogada combinada) num canto e vou sair de lá e deixar a área aberta, eu não saio, o que ele reclama muito que ele quer que eu pegue rebote, ele quer que eu pegue sempre: “professor, nem tudo dá”(sic), ele: “DÁ!, ESTICA O BRAÇO, VAI ”PRA” CIMA!” Sempre exigindo até mais, se não a gente se conforma... o incentivo dele é quando a gente “tá” correndo aí ele: “bora, mais rápido!”... aí acaba com a gente, mas é um incentivo que ele dá: “passa o final de semana lá tocando tuas músicas lá, tu não é DJ, depois “tá” cansando aqui!”... ele acompanha nossa vida todinha, ele pensa que ele “tá” ali: “vocês pensam que “tô” em casa assistindo o Flamengo ganhar, eu “tô” vendo é a vida de vocês!”... Suicídio, aí ele cobra da gente “suicídio” (expressão que significa treino intenso), “vocês não queriam? Não estavam comendo churrasquinho e bebendo final de semana? Alguns né, agora tu vai morrer aqui na quadra!”. (...) ai ele faz isso com a gente, consegue motivar o tempo todo (ARES, 2021).

Uma vez que a consciência está ligada à corporeidade e que o corpo não é a sede de processos da constituição carnal do outro, mas o veículo da atitude intencional, isto é, do próprio “ser-no-mundo”, a subjetividade não é puro “em-si”, nem puro “para-si”, tampouco a disposição dos dois, conforme mostrou as análises precedentes Merleau-Ponty (1945/2011).

No sentido da intercorporeidade entre os paratletas tornou-se recorrente na percepção de que o encontro com o outro que o esporte proporciona, possibilita o encontro do paratleta consigo mesmo. Para Merleau-Ponty o corpo do outro como portador de um comportamento é o primeiro dos objetos culturais. A questão está em saber como um objeto no espaço pode tornar-se o “rastro falante de uma existência” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 467).

O corpo dos outros é parte essencial deste circuito. Merleau-Ponty (1994) anota: “A articulação do seu corpo sobre o mundo é vivido por mim naquela do meu corpo sobre o mundo onde eu os vejo” (p. 281). Essa intercorporeidade é descrita em termos de relação entre esquemas corporais. Mais do que isso, ela é descrita em termos de identificação, de projeção e de introjeção.

(...) me reconectei comigo e me aceitei como eu sou, essa relação com elas me fez proporcionar isso, eu acredito que elas também porque a gente começou junto “né”, no time, a gente foi se conhecendo, uma foi chegando e a outra, então a gente criou um vínculo muito forte entre nós, é isso (ATENA, 2021).

A transcendência acerca da própria corporeidade alcançada pela paratleta ATENA foi proporcionada, segundo ela, pela qualidade do vínculo que se estabeleceu mediante a intercorporeidade das colegas de time. Interessante também destacar como a paratleta obtém a percepção, através da própria aceitação, de que as demais paratletas também se movimentam existencialmente no mesmo sentido, o sentido da superação e da aceitação a partir da reconexão com sua própria corporeidade e da identificação, projeção e introjeção dos seus respectivos esquemas corporais.

Bem, com certeza, porque eu conheci outras pessoas com deficiência, que me fizeram mudar meus pensamentos, o meu modo de pensar, minha autoestima. Ah, uma coisa muito boa, mil vezes muito boa, me senti uma outra pessoa assim, que eu posso correr atrás das minhas coisas, do que eu quero, que eu não posso me deixar por baixo só por causa que eu perdi uma perna, tudo que a pessoa quiser, ela consegue com certeza, sendo uma pessoa deficiente ou não. (...) A convivência com as outras paratletas me trouxe conhecimento sim, meu conhecimento em diálogo com as pessoas, porque eu era muito fechada, melhorou meu convívio social de conviver com as pessoas (HERA, 2021).

O desejo foi então tratado por Merleau-Ponty (2000) como a “estrutura comum de meu mundo como carnal e do mundo de outrem” (p. 287). A paratleta HERA destacou como a relação diacrítica com as demais colegas de time transformou a percepção que tinha acerca do seu próprio esquema corporal, a ponto de relatar que se sentiu outra pessoa. A transcendência conferida pela motricidade que é o movimento da existência é intensificada pela intercorporeidade dos esquemas corporais em que os sentidos se entrelaçam e tecem um novo tecido significativo de aceitação e superações das próprias corporeidades. Isso quer dizer que, na confluência das estruturas diacríticas, desejanças, do eu e de outrem, abre-se um mundo de generalidade, um mundo como totalidade de horizontes possíveis oferecidos não apenas ao meu comportamento, mas também àquele do outro, que vivencio por identificação. Destarte, o filósofo Merleau-Ponty coloca em evidência, então, o desejo como princípio de animação do esquema corporal.

Cada comportamento do ser individual é tirado de uma dimensão privada e é inserido numa estrutura totalizante que o reveste de um sentido novo ou o desvia daquele primitivamente intencionado pelo sujeito, originalmente, o social não existe na terceira pessoa, mas é experimentado numa subjetividade que o assume por conta própria e o reelabora a partir da especificidade da sua situação.

(...) não foi mais por causa de mim, foi mais olhando ao redor, o que eu tinha ao meu redor, porque eu tinha uma filha na época, que ela ia fazer três anos de idade, então busquei força... “né”...(…), e aí, mas... no decorrer de alguns anos começou a acontecer coisas que fizeram eu reerguer, reerguer novamente, viver a minha vida novamente, uma delas foi a força da minha filha, claro, entrou a questão da minha família também, que sempre estive do meu lado (APOLO, 2021).

É essa intercorporeidade que faz extrapolar a dimensão privada do ser em face de sua situação atual e o sentir que o outro espera que o ser seja que faz com que o paratleta se comporte, movimente-se na estrutura totalizante, conferindo novo sentido, devido ao afeto que nutre na relação. Portanto, o problema da intersubjetividade coloca-se no fato que cada gesto se manifesta na exterioridade e passa a fazer parte de um patrimônio comum em que a presença do outro se oferece sob um véu de anonimato. Concomitantemente, o movimento da intencionalidade subjetividade constitui um mundo cultural à medida que vai impregnando de significados antropológicos o mundo natural. “Enquanto percebo, e mesmo sem nenhum conhecimento das condições orgânicas de minha percepção, tenho consciência de integrar consciências sonhadoras e dispersas” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 465).

(...) o que mais me fortaleceu e me fez não chegar ao ponto de entrar em depressão e me sentir inútil, porque a primeira coisa que a gente imagina quando a gente não vive a realidade de uma pessoa com deficiência, hoje em dia eu vejo que as pessoas com deficiência, não sei porque eu estou no meio, mas elas estão aparecendo mais, eu vejo mais visibilidade hoje, mas há oito anos atrás, não, então, os meus amigos e a família foi muito importante assim, foi a base para que eu me reconectasse novamente comigo. (...) eu tinha muita dificuldade em relacionamento com a minha mãe antes do acidente, a gente não batia muito bem, depois do acidente eu não sei se foi o medo de me perder, eu, sei lá, perder a oportunidade de me dar amor e carinho, enfim, a gente se aproximou muito, então a minha relação com a minha mãe é bem mais tranquila, com a minha família também (ATENA, 2021).

Os vínculos das relações compõem a força motriz para, na intercorporeidade, o paratleta perceber suas capacidades em face de todo o descrédito que inicialmente toma conta dos seus pensamentos. O relato da paratleta ATENA indicou como a facticidade, sua nova dimensão privada, foi responsável pela mudança de comportamento da própria mãe, frente ao reconhecimento da possibilidade de finitude. Os relacionamentos intercorporais, o conviver com o outro, o formar vínculos proporcionar o contínuo processo de ressignificação das relações, sua atualização, de acordo com que o esquema corporal do ser se atualiza.

Essa cadeia de relações forma a sociedade que influencia a própria forma das pessoas se relacionarem, produzindo a cultura. Para ATENA, atualmente, sua experiência perceptiva é de que a pessoa com deficiência recebe visibilidade num mesmo movimento duplo em que a culturalmente a pessoa com deficiência sofre menos preconceito e a própria entrevista, revestida de sua nova condição privada, passou a prestar mais atenção como socialmente as pessoas com deficiência são representadas.

Nem pura consciência, nem pura existência, mas consciência na existência; uma realização ambígua característica do ser no mundo, que é também expressão de intersubjetividade, de pensamento em ação. Revela-se em ato e ao mesmo tempo possibilita o reconhecimento da especificidade. É redutível ao fenômeno, mas em uma trajetória de abertura, que interroga. Uma redução às essências na existência. Assim, o sentido de essência do mundo significa alcançar o que de fato o mundo é enquanto efetiva-se como mundo, e esse é um movimento que, conforme Merleau-Ponty, só pode ser reconhecido em um procedimento anterior a qualquer reflexão.

Minha mãe me incentiva até hoje, “né”, a mamãe sempre me incentivou assim, nunca me deixou pra baixo, sempre... muito pelo contrário, ela vai minha filha, se tu gostou vai, se tu quer alguma coisa, correr atrás, não deixa ninguém te dizer que tu não pode, que tu pode, ela sempre fala isso pra mim, minha mãe sempre me incentivou nas minhas coisas assim, do que eu quero fazer, inclusive no esporte “né”. Tenho três irmãos, eles são mais velhos. Quando eu tive meu acidente foi estranho (para os irmãos). Mas depois eles foram me tratando bem, foram me aceitando, e até hoje eles cuidam de mim, me apoiam, me incentivam, são homens. Meu pai, ele foi o principal,

“né”, porque foi acidente de carro, na primeira notícia foi um pouco tenso “pra” ele, foi um pouco assustador, na verdade, porque ele que viu, ele que estava comigo, mas meu pai ele sempre me incentivou, ele faleceu, “né”, quando eu tinha 18 anos ele faleceu, mas meu pai sempre me incentivava, sempre conversava comigo também, até hoje eu tenho uma enorme saudade dele, sinto muita falta dele, ele foi uma pessoas assim que me ajudou bastante também, e no processo de recuperação. Mais marcante da ajuda que ele me deu foram as conversas dele, porque ele conversava bastante comigo, ainda mais na primeira vez que eu tive que entrar na escola, que eu tive que estudar de qualquer jeito, ele conversava muito comigo assim, sobre as pessoas que iam falar, pra eu não ficar triste, quando meus amigos da escola falassem, foi um processo muito importante, minha mãe, meu pai, nesse processo foi muito importante para mim mesmo. (...) Na fase quando eu era criança já me senti “pra” baixo. Primeira assim, foi até uma coleguinha, uma vizinha, que a gente sempre ficava sentada lá na frente de casa e ela era uma criança normal, na verdade ela foi muito importante no processo de aceitação, “né”, de deficiente, ela sempre me observava eu ficava sentada lá na frente, eu ficava pensando: poxa, minha vida toda vai mudar, não vai ser como antes, não vou poder ir brincar com meus amigos, com meus colegas, fazer amizades, porque todo mundo vai me olhar de outro olhar, com pena, que eu não consigo fazer isso, não vou conseguir fazer aquilo, e ela foi muito importante no meu processo de recuperação, aí ela começou a mexer comigo, queria fazer amizade comigo, dançar comigo, na verdade foi ela até que me deu força “pra” eu voltar “pra” escola, ela e a família dela, aí foi um processo muito difícil pra mim, ela me ajudou bastante, nas conversas, no diálogo, e foi até ela que me botou na escola, que a família dela me ajudou a colocar na escola particular, me ajudou bastante, até hoje eu tenho contato com ela. Na verdade, ela foi um anjo que me ajudou assim bastante, ela tem a mesma idade que eu, ela brincava comigo, na verdade ela foi minha primeira amizade que eu fiz depois que eu perdi a minha perna no acidente de carro, aí depois dela eu conheci outras pessoas, outros amigos, aí fui crescendo, fui crescendo, foi evoluindo, foi evoluindo meus pensamentos, meu modo de pensar com as pessoas, e foi melhorando (HERA, 2021).

Os familiares e os amigos, personagens circundantes do mundo vivido dos paratletas que configuram uma constelação de apoio, incentivo, confiança e cuidado, forjam vínculos relacionais importantes, marcantes, transformadores que encorajam as pessoas com deficiência a se aceitarem, a se superarem, a transcenderem. É pelo afeto das pessoas mais próximas que os paratletas, como, no caso da entrevistada HERA, recebem seus primeiros movimentos de conselho, de sabedoria, e em simplicidade a dizer que acreditam na capacidade dos paratletas, quando eles mesmos encontram-se incrédulos em relação a sua própria corporeidade. É o encontro do corpo do ser, com seus pensamentos, sua linguagem, seus comportamentos, seus gestos com o corpo de outro, em seus pensamentos, seus desejos, seus afetos que mobiliza do ser em sua motricidade existencial, a essência da corporeidade do paratleta é o sentido da intercorporeidade com o corpo do outro em suas relações, em seus vínculos, em seus desejos e afetos. Enfim, Merleau-Ponty arrematou: a intersubjetividade é intercorporeidade.

### 6.3.7 Considerações finais

A convivência com o outro, em mais variados níveis, representou aos entrevistados a maneira pela qual se sentiram influenciados e o modo como influenciam os outros ao seu redor ao mesmo tempo em que apontaram a importância desses relacionamentos, tornando-se um dos temas que mais recorrentes dos discursos.

O corpo do outro apresenta seu próprio sentido de corporeidade à medida que se relaciona com o ser. Desse relacionamento surge o terceiro sentido, único, singular que somente se dá na particularidade da relação intersubjetiva. O ser tem sua cotidianidade sendo afetada de forma significativa continuamente em face da corporeidade do outro. Dessa forma, os entrevistados relataram o quanto, nos momentos de reabilitação física e psicológica, suas historicidades foram tecidas e acontecidas numa teia de temporalidade marcada pela presença do outro.

O corpo, que é lugar dos domínios sensoriais e perceptivos, está em constante relação com o outro, consigo mesmo e com o mundo. Daí temos experiências perceptivas, acessamos e somos acessados pelo psiquismo do outro pelo olhar, pelo tocar, pelos gestos e comportamentos, conforme bem destacou Merleau-Ponty. Esse outro é capaz de estabelecer intencionalidade numa relação produtora de sentido porque também é portador de um psiquismo semelhante ao nosso, assim, podemos compreendê-lo ao perceber o outro em seus movimentos e ações no mundo.

Enquanto se movimenta no mundo vivido, o ser se depara com aquele outro que age, que se comporta, que estabelece uma intencionalidade existencial semelhante, mas não igual. Logo, o olhar para outro implica em olhar para si mesmo quando se identifica essa diferença.

Inicialmente, os entrevistados desvelaram as percepções do outro a partir das relações de subjetividade intersubjetiva com seu próprio ser. De acordo com os participantes da pesquisa, sentem-se impelidos a, diariamente, enfrentar as barreiras urbanísticas e atitudinais, até mesmo por parte de seus conhecidos, principalmente ao terem escolhido praticar esporte de alto rendimento. Suas percepções indicam que o fato de presenciarem rotineiramente uma pessoa com deficiência física, superando suas limitações de mobilidade, pode tornar o outro insensível, indiferente e até mesmo alheio. Por outro lado, o vínculo que se forma a partir da relação com o outro pode ser percebido como um benefício para sua saúde mental, pois o outro tem o potencial de encorajar a pessoa com deficiência a enfrentar suas barreiras cotidianas e seguir sendo paratleta, ao mesmo tempo em que também encoraja o outro a vivenciar seu corpo fenomenal no mundo vivido. Na relação de intencionalidade operante, isto é, em motricidade, o participante vivencia sua corporeidade como oportunidade de conviver com o outro e pode perceber que outro sempre está disposto a ajudá-lo.



O ser constituiu um esquema corporal durante toda a sua vida, isto é, um conjunto de significações encarnadas no seu próprio corpo estas mesmas significações serão reconstruídas a partir da sua condição corporal atual e suas atuais possibilidades de agir no mundo. O acidente de trânsito que causou a lesão permanente causou a mudança repentina em seu esquema corporal, portanto, a pessoa com uma deficiência passa a se relacionar com as outras pessoas, vive suas experiências com os instrumentos/utensílios e numa condição corporal diferente da sua condição anterior.

No segundo momento, as narrativas dos entrevistados desvelaram suas vivências com o outro a partir dos atendimentos a que foram submetidos. A prática científica moderna busca determinar o outro como objeto, coisificando-o para dissecá-lo, para “moldá-lo”. A concepção cartesiana ainda encontra-se enraizada na formação das ciências do cuidado do outro e permanece adestrando seus profissionais para tornarem-se imparciais, indiferentes e inumanos num modelo que ficou conhecido como modelo biomédico.

Esse modelo dualista, capacitista desperdiça capacidade produtiva das pessoas com deficiência em nome do preconceito e da discriminação, das barreiras atitudinais impostas pelo sistema segregador, cartesiano, determinista e impessoal.

No entanto, os paratletas reconheceram-se como seres capazes de se erguerem e, mais do que se levantarem, capazes de se reerguerem, portanto, exigem que sejam olhados pelo outro da mesma forma como eles próprios procuram se olhar no momento em que estão lidando com aquele outro que deveria lhe dirigir o olhar do cuidar.

Em seguida, os paratletas discorreram acerca de suas percepções das outras pessoas com deficiência e, conseqüentemente, dos seus colegas de time. Para os entrevistados, deparar-se com seu próprio corpo atual e se habituar a essa situação fez ruir o sentido do tabu do corpo inviolável, indizível à medida que se relacionaram com pessoas com deficiência.

Os entrevistados, na posição de paratletas mais experientes, projetam-se nas relações com a chancela de conselheiro dos paradesportistas novatos que se aproximam com histórico de lesão mais recente até que este compreenda sua própria corporeidade em relação à corporeidade do outro e se “molde” ao novo esquema corporal, sendo este um esquema lateral, aberto, constantemente fadado a ser atualizado por ser lançado num mundo vivido em relação com o outro, circundados pelo mesmo mundo vivido. Para tanto, os mais experientes buscam adotar uma postura de cuidado redobrado ao lidar com a pessoa lesionada recentemente, pois, calcados em suas próprias experiências perceptivas, presumem que ao tornar-se pessoa com deficiência, o ser enfrentou sua historicidade permeada por tristezas,

frustrações e decepções, vergonhas e preconceitos e não é desejável imputar ainda mais sofrimento as pessoas nessas condições.

Nas relações com os outros colegas de time, os entrevistados percebem que o outro enfrenta mais dificuldades e barreiras do que ele próprio ao estabelecer uma relação comparativa da sua mobilidade reduzida à deficiência do outro e que não há mais possibilidades de subterfúgios para com suas próprias capacidades motrizes ao mesmo tempo em que não compreende mais o outro quando este aparenta limitar sua motricidade, mesmo após anos de convivência com a condição de pessoa com deficiência.

Um dos temas emergentes nas entrevistas foi a percepção acerca da convivência com os colegas de time. O paratleta somente reconhece a sua individualidade frente à individualidade do outro e adaptar-se a uma nova realidade significa apreender as próprias limitações face às limitações do outro. A partir de sua experiência perceptiva procurando compreender até que ponto o outro é capaz, o ser age em intencionalidade com o outro até que se estabeleça uma relação onde o ser é, até o ponto em que o outro é também, e para cada relação, estabelece-se um sentido próprio, inequívoco, sentido que não é estático, não é determinado, não está submetido à relação de causa e efeito, mas é aberto, transforma-se e transcende à medida que o ser se movimenta e compreende sua corporeidade como mais que um corpo que é o conjunto ou ausência de membros.

Alguns critérios motrizes são exigidos para tornar possível a participação do paratleta em uma determinada modalidade esportiva, uma vez no mesmo time, os paradesportistas todos buscam igualar suas pequenas diferenças de mobilidade, levando-se em consideração que a origem da lesão permanente é diversa em cada um dos paratletas, os quais relatam trajetórias percorridas de diferentes maneiras estabelecendo sua própria historicidade no tempo e no espaço até se tornarem paradesportistas.

Os paratletas relataram que para efetuar jogadas eficazes, sentem a necessidade de compreender a motricidade do outro frente a sua própria motricidade, logo, “adaptar-se” e “estar conectado” é a relação do corpo do ser com o corpo do outro em intencionalidade. O conjunto desses sentidos forma um time que vai muito além da simples reunião de jogadores, mas o time é sim um conjunto vivo de paratletas, que constantemente relacionam-se entre si e consigo mesmo formando uma unidade própria de time, que ao longo dos treinamentos vai se estabelecendo em um novo campo perceptivo aberto e em constante transformação, ressignificação e transcendência.

O time, para o entrevistados, inspira o cuidar, o se importar, o cuidar do outro para cuidar de mim e o cuidar de mim para cuidar do outro, como se uma coisa só fosse.

Os paratletas enfatizam como a *práxis* do outro o motiva, fazendo-os continuar, principalmente em face da percepção de que esse outro enfrenta realidades mais desfavoráveis. A apreensão de realidade do outro somente se dá na possibilidade da intercorporeidade em que o outro se apresenta capaz de agir no mundo vivido, na direção da execução de seus desejos, sonhos, vontades. O movimento de percepção do outro (para si) em ação no mundo vivido, culmina para o ser a possibilidade de compreensão desse halo existencial que atribui intencionalidade ao fazer do paratleta e o sentido que se atribui à convivência com demais pessoas que gravitam em torno da prática de esporte paraolímpico.

As relações intercorporais levam os paratletas ao reconhecimento que não há abertura para se compreender inferior ou superior aos demais colegas de acordo com a experiência perceptiva dos entrevistados, pois, para eles, o corpo da pessoa com deficiência é esse lugar comum, “normal”, que guarda diferenças com demais corpos, mas que não deixam de viver por causa disso.

Há por parte dos participantes a percepção de que a convivência intercorporal entre as paratletas confere benefícios e saúde mental dado que os paratletas tem a experiência perceptiva de que todos os jogadores são iguais, isso lhes confere a segurança para ajudar o outro, e fazendo isso, os paratletas percebem que ajuda a si próprios.

Os participantes apreenderam que, através da intercorporeidade de paradesportistas, conseguem animar, incentivar uns aos outros, num movimento vivo do time, pois, quando um atleta está desmotivado, conta com o auxílio do outro e assim. A motricidade de uma equipe concerne a possibilidade que ele se estenda existencialmente para além do sentido da competição esportiva, mesmo em razão das inúmeras dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam para tornaram-se paratletas.

Não basta que a vivência do ser seja contextualizada no mundo vivido, mas que seus gestos sejam compreendidos e a ser-no-mundo de cada paratleta é a ação que seu corpo executa na sua temporalidade para se apreender o que é a essência do sentido de corporeidade para o paratleta lesionado em acidente de trânsito.

A qualidade do vínculo que se estabeleceu mediante a intercorporeidade das colegas de time proporcionou a transcendência acerca da própria corporeidade alcançada pelos paratletas. Assim, importa conhecer o tipo de lesão que cada um apresenta e na vivência da cotidianidade de cada um, todos terminam por conhecer, em certo grau, a historicidade dos colegas em decorrência da intercorporeidade entre os paratletas.

É através da própria aceitação que os paratletas obtiveram a percepção de que os demais paratletas também se movimentam existencialmente no mesmo sentido, o sentido da

superação e da aceitação a partir da reconexão com sua própria corporeidade e da identificação, projeção e introjeção dos seus respectivos esquemas corporais. E, devido ao afeto que nutre na relação, o ser se comporta, movimenta-se na estrutura totalizante, conferindo novo sentido nessa intercorporeidade que faz extrapolar a dimensão privada do ser em face de sua situação atual do seu próprio corpo.

Cada gesto se manifesta na exterioridade e passa a fazer parte de um patrimônio comum em que a presença do outro se oferece sob um véu de anonimato, e assim se coloca o problema da intersubjetividade. À medida que vai impregnando de significados antropológicos o mundo natural, o movimento da intencionalidade subjetividade constitui um mundo cultural.

Na intercorporeidade, os vínculos das relações compõem a força motriz para o paratleta perceber suas capacidades em face de todo o descrédito que inicialmente toma conta dos seus pensamentos. Os relacionamentos intercorporais, o conviver com o outro, o formar vínculos proporcionar o contínuo processo de ressignificação das relações, sua atualização, à medida que o esquema corporal do ser se atualiza.

Os vínculos relacionais importantes foram forjados pelos familiares e os amigos, personagens circundantes do mundo vivido dos paratletas que configuram uma constelação de apoio, incentivo, confiança e cuidado, transformadores que encorajam as pessoas com deficiência a se aceitarem, a se superarem, a transcenderem.

É pelo afeto das pessoas mais próximas que os paratletas recebem seus primeiros movimentos de conselho, de sabedoria, e em simplicidade a dizer que acreditam na capacidade deles, quando eles mesmos encontram-se incrédulos em relação a sua própria corporeidade. É o encontro do corpo do ser, com seus pensamentos, sua linguagem, seus comportamentos, seus gestos com o corpo de outro, em seus pensamentos, seus desejos, seus afetos que mobiliza do ser em sua motricidade existencial, a essência da corporeidade do paratleta é o sentido da intercorporeidade com o corpo do outro em sua relações, em seus vínculos, em seu desejos e afetos.

#### Referências

**ALCOFORADO, J.M.S. Características Sociodemográficas da População e Identificação do Perfil Epidemiológico das Vítimas de Acidentes de Transporte Terrestre no Brasil e Pernambuco e partir de Microdados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Economia da Saúde da

Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do Título de Mestre em Gestão e Economia da Saúde. Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Bezerra Nogueira, Recife, 2016.

APEL, K.-O. **Estudos Avançados**. USP, vol.6, n.º14, São Paulo, 1992.

ARANDA, R.A.; PEREIRA, A.M.; PALMA, J.A. e PALMA, Â.P.T.V. **A Concepção de Corpo dos Estudantes de Graduação em Educação Física**. Motriz, Rio Claro, v.18 n.4, p.735-747, out./dez. 2012.

BENTO, J. O. **Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006(a). pp. 155-182.

BENTO, J. O. **Da conjuntura corporal e do ambiente obesogénico, relaxado e indolente**. Rev. Port. Cien. Desp., Jan. 2007(b), vol.7, no.1, p. 3-5.

BENTO, J. O. **Da falácia da ‘actividade física’**. Rev. Port. Cien. Desp., Out 2006(b), vol. 6, no.3, p. 259-261.

BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte, v. 02, 2013.

BERTHO, A.C.S. e AIDAR, T. **Mobilidade Cotidiana e as Taxas de Vitimização por Acidentes de Trânsito: O Que é Possível Enxergar a Partir dos Dados Censitários?** R. Bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 32, n.2, p. 257-276, maio/ago. 2015.

BLONDEL, M. **L'Action – essai d'une critique de la vie et d'une Science de la pratique**. PUF, Paris, 1973.

BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa Em Educação: Uma Introdução À Teoria E Aos Métodos**. PORTO EDITORA, PORTO: PORTUGAL, 1997.

BORBA, M.P. e HENNIGEN, I. **Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade**. Psicologia & Sociedade, 27(2), 246-255, 2015.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010.** Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

BUENO, M.; FILHO, N.A.S. **Análise Epistemológica da Teoria da Motricidade Humana no Contexto da Educação Física.** Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Educação Física, 2018.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia grega: história de deuses e heróis.** São Paulo: Ediouro, 2000.

CAETANO, P.L. **Pistas Somáticas para um Estudo da Corporeidade: uma Aprendizagem das Sensações.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 2, p. 168-176, maio.-ago. 2017.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia.** São Paulo: Editora Alínea, 2004.

CARDINALLI, I.E. **Heidegger: O Estudo dos Fenômenos Humanos Baseados na Existência Humana como Ser-Aí (Dasein).** Psicologia USP, 2015 I volume 26 I número 2 I 249-258.

CARVALHO, A.S. **Metodologia da Entrevista: uma abordagem fenomenológica.** 2.ed. – Rio de Janeiro:Agir, 1991.

CASTELO, J. **O Exercício de Treino Desportivo,** FMH, Cruz Quebrada, 2003.

CASTRO. E.H.B (Org). **Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica.** Curitiba; Appris, 2019.

DALMOLIN, B.M.; LOPES, S.M.B.; VASCONCELLOS, M.P.C. **A Construção Metodológica do Campo: Etnografia, Criatividade e Sensibilidade na Investigação.** Saúde e Sociedade 11(2): 19-34, 2002.

DESCARTES, R. **Discurso do método; meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DIAS, A. **Por uma Genealogia do Capacitismo: da Eugenia Estatal a Narrativa Capacitista Social**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2013. p. 1-14

DIAS, G. N. **Barreiras Atitudinais e o Processo de Socialização Organizacional das Pessoas com Deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.

DINIZ, D. **Modelo Social da Deficiência: A Crítica Feminista**. Série Anis, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

EMMEL, M.L.G.; GOMES, G.; BAUAB, J.P.. **Universidade com Acessibilidade: Eliminando Barreiras e Promovendo a Inclusão em uma Universidade Pública Brasileira**. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 7-20, 2010.

FERREIRA, R.M.; CARVALHO, M.D.B. **Sentimentos de Pais de Crianças Acidentadas em Automóveis Sem Uso de Assento de Segurança Infantil**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 abr/jun;15(2):400-6.

FREIRE, G.L.M.; GRANJA, C.T.L.; TORRES, V.M.F.; VASCONCELOS, G.C.de; MORAIS, M.P.de. **Percepção da Qualidade de Vida em Atletas de Atletismo e Natação Paraolímpica**. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 27, n. 2, p. 384-389, 2019.

FEITOSA, A.M. **Contribuições de Thomas Kuhn para uma Epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1993.

FREIRE, G.L.M.; TORRES V.M.F.; OLIVEIRA, D.V.; NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A. **Comparação da Qualidade de Vida entre Atletas e Paratletas Brasileiros de Alto Rendimento**. R. bras. Ci. e Mov 2019;27(3):52-58.

FEYERABEND. P. **Contra o Método**. Lisboa: Relógio D' Água, 1993.

GALLO, S. **Corpo ativo e filosofia**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 9-30.

GESSER, M.; NUERNBERG, A.H.; TONELI, M.J.F. **Constituindo-Se Sujeito na Intersecção Gênero e Deficiência: Relato De Pesquisa**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 3, p. 419-429, jul./set. 2013.

GIORGI, A. e SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Ed. Fim de Século; Lisboa, 2010.

GONÇALVES-SILVA, L.L.; SOUZA, M.C.R.F.; SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W. **Reflexões sobre Corporeidade no Contexto da Educação Integral**. *Educação em Revista|Belo Horizonte|v.32|n.01|p. 185-209 |Janeiro-Março 2016*

GUIMARÃES, S. S. M. **Corpo ativo e meio ambiente**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 221-234.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser E Tempo**. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. (Originalmente publicado em 1933).

HUSSERL, E. **Ideas Relativas A Una Fenomenologia Pura Y Una Filosofia Fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Originalmente publicado em 1913).

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 16. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1997.

LA METTRIE, J. O. **O homem máquina**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.



LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.

LUNA, S. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. In: FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

MACHADO, B.F.G. **Corporeidade E Existência Em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinres em Musicoterapia, Curitiba v.2, 2011, p.47-58.

MANDACARU, P.M.P.; et. al. **Qualifying Information On Deaths And Serious Injuries Caused By Road Traffic In Five Brazilian Capitals Using Record Linkage**. Accident Analysis and Prevention, 16 Jul 2017, 106:392-398.

MASSAUÍ, G.C. e ROSA, R.G. **Acidentes de Trânsito e Direito À Saúde: Prevenção de Vidas e Economia Pública**. R. Dir. sanit., São Paulo v.17 n.2, p. 30-47, jul./out. 2016.

MATTOS, R.S. **Sociologia do Corpo é Sociologia da Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 293-304, outubro/dezembro de 2010.

MELLO, A.G. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MENDONÇA, A.A.S. **Escola inclusiva: barreiras e desafios. Encontro de Pesquisa em Educação**. Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Originalmente publicado em francês, 1945)

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo; Cosac Naify, 2013 (Originalmente publicado em francês, 1960)

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível E O Invisível**. Brasil, Editora Perspectiva, 2003 (Originalmente publicado em francês, 1964)

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do comportamento**. São Paulo Editora: Martins Fontes - selo Martins, 2006 (Originalmente publicado em francês, 1967)

MERLEAU-PONTY, M. **As relações com o outro na criança**. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984a.

MERLEAU-PONTY, M. **Textos Selecionados**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **A Natureza – Cursos no Collège de France**, tradução Álvaro Cabral – São Paulo, Martins Fintesm, 2000.

MINAYO, M.C.S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio Do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa**. Em Saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S. **Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade**. Universidad del Zulia, Venezuela. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 22, núm. 79, 2017.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S; SIMÕES, R. **Motricidade, Corporeidade e Complexidade: diálogos a partir do hemisfério sul**. *Motricidades: Rev. SPQMH*, v. 3, n. 3, p. 167-176, set.-dez. 2019.

MOREIRA, W.W. **Contribuições do jogo e do esporte para a corporeidade de crianças e adolescentes**. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 192-202 jan/abr 2019.

MOREIRA, W. W. **Corpo presente num olhar panorâmico**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Corpo presente*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MOREIRA, W. W. *et al.* **Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 137-154

MOREIRA, W. W. **Formação profissional em ciência do esporte: homo sportivus e humanismo**. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W.W. *Homo sportivus: o homem no humano*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012. p. 112-180.

MOREIRA, W.W.; GONÇALVES, L.L.; CARBINATTO, M.V.; CHAVES, A.D.; SANTOS-NAVES, S.P.; MAGRIN, N.P. e SIMÕES, R. **Repensar O Corpo Para Alcançar O Homo Sportivus**. Revista Kinesis, Santa Maria, v.36, n.2, p. 11-21, maio-ago. 2018.

MOREIRA, W.W.; NISTA-PICCOLO, V.L; SOBREIRA, V. **Do Corpo À Corporeidade: Uma Possibilidade Educativa**. Cad. Pes., São Luís, v. 23, n. 3, set./dez. 2016.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. **Educação física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e pesquisa**. In: DE MARCO, A. (Org.). *Educação física: cultura e sociedade*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 71-85.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Horizontes Pedagógicos), 2004.

MORIN, E. **Reformar o pensamento: a cabeça bem feita**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2002.

MORIN, E. **Pour sortir du XXème siècle**. Ed. Essais, 1998.

NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. **Corpo ativo/ corporeidade no esporte**. In: NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. *Esporte para a saúde nos anos finais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012b. p. 46-52.

NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. **Corporeidade no esporte: a busca de autonomia**. In: NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. *Esporte para a vida no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2012c. p. 38-51.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no Ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012(b).

NÓBREGA, T. P. **Consciência corporal, corporeidade e educação física**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004a. p. 77-85.

NÓBREGA, TP. **Fenomenologia, educação e sensibilidade**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004b. p. 72-77.

NÓBREGA, TP. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

NOVAES, A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003

NÚÑEZ, R.P.; HÍJAR, M.; CELIS, A. e SOLÓRZANO, E.H. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

OLIVEIRA, N.L.B. e SOUSA, R.M.C. **Fatores Associados Ao Óbito De Motociclistas Nas Ocorrências De Tránsito**. *Rev Esc Enferm USP*, 2012; 46(6):1379-86.

PEREIRA, A.M. **A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas.** Filosofia e Educação (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 2, Número 2, Outubro de 2010 – Março de 2011

PÉREZ-NÚÑEZ, R.; HÍJAR, M.; CELIS, A.; HIDALGO-SOLÓRZANO, E. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

PIRES, D.A.; OLIVEIRA, J.G.deB.; SILVA, A.A.C.e. **Predisposição Ao Fluxo: Percepção Dos Praticantes Do Basquete Em Cadeira De Rodas.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 3, jul./set. 2018.

POPPER, K.R. **Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico.** Coimbra: Editor Livraria Almedina, 2003.

PRIETO, M. H. U. **Dicionário de Literatura Grega.** Lisboa: Verbo, 2001.

PRISTA, R.M. **Manuel Sergio: um homem em movimento.** Rio de Janeiro, AMOHURJ, 2017.

RESENDE, C.M.; MACERATA, I.M., BARBOSA, L.C., PIMENTEL, M.B., MORAES, M.B.; MACEDO, C. **Corposições Entre O Ver, O Dizer E O Agir.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 2, p. 135-142, maio-ago. 2017.

REZENDE, A. M. de. **Por uma concepção fenomenológica de educação.** São Paulo: Cortez Editora e Editores Associados, 1990.

RIBEIRO, R. J. **Novas fronteiras entre natureza e cultura.** In: NOVAES, A. (Org.). O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-36.

ROUANET, S. P. **O homem-máquina hoje.** In: NOVAES, A. (Org.). O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 37-64.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projecto de pesquisa científica**. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 14. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SARTRE, J-P. (1999). **O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. de Paulo Perdigão. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. (Originalmente publicado em 1943).

SCAGLIA, A.J. & REVERDITO, R.S. **Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI**, in: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.) Educação física e esportes no século XXI, Campinas: Papyrus, 2016, p. 43-72.

SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2003.

SÉRGIO, M. **A racionalidade epistêmica na educação física do século XX**. IN: SERGIO, M (Org.), 1999.

SÉRGIO, M. **As lições do professor Manuel Sérgio: motricidade humana e futebol**. Lisboa: Prime Books, 2013.

SÉRGIO, M. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

SÉRGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana, 1996.

SÉRGIO, M. **Filosofia do futebol**. 4. ed. Lisboa: Prime Books, 2012

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**, Compendium, Lisboa, 1987.

SÉRGIO, M. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente.** Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1994a.

SÉRGIO, M. **Motricidade Humana – uma nova ciência do homem.** Lisboa:Portugal, Edição MEC/DGD, 1986.

SÉRGIO, M.; LEMOS, F.R.M. **Futebol: necessárias rupturas.** Motricidades: Rev. SPQMH, v. 3, n. 1, p. 69-76, jan.-abr. 2019.

SÉRGIO, M. **O desporto e a motricidade humana.** Caderno de Educação Física (ISSN 1676-2533 | e-ISSN 1983-8883) Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 111-122, 1. sem., 2010.

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem.** 2. ed. Lisboa: Compendium, 1994b.

SÉRGIO, M. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SFEZ, L. **A Saúde Perfeita – Crítica de uma utopia.** Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M.A. **Todos Passam Pela Via Crucis: A Corporeidade Em Clarice Lispector.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 623-632, jul./set. 2010.

SILVA, A.F.L. **Corporeidade E Representações Sociais: Agir E Pensar A Docência.** *Psicologia & Sociedade*; 23 (3): 616-624, 2011

SILVA, L.M. **A deficiência como expressão da diferença.** *Educação em Revista.* Belo Horizonte, v. 44, p. 111-133, 2006.

SILVEIRA, A.L.; CAMBRUZZI, R.C.S.; COSTA, M.P.R.; HERTIWIG, R.S.V. **Corporeidade e Existência: Notas de uma Perspectiva Fenomenológica sobre a Condição**

**da Pessoa com Deficiência Física.** Revista da Abordagem Gestáltica – XVIII(1): 30-36, jan-jun, 2012.

SOBREIRA, V.; LENÍ NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W.W. **A Ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física.** Olhares & Trilhas, v. 22, n. 2, p. 326-345, 25 ago. 2020

SOUSA K.M., OLIVEIRA W.I.F., ALVES E.A., GAMA Z.A.S. **Fatores associados ao acesso à reabilitação física para vítimas de acidentes de trânsito.** Rev Saude Publica. 2017;51:54.

SOUZA, C. V.; PALMA, A. P. T. V. **A Motricidade Humana e os princípios para o ensino da Educação Física.** FIEP BULLETIN - Volume 82 - Special Edition - ARTICLE I – 2012.

TOJAL, J.B. **Da Educação Física à Motricidade Humana: A preparação do profissional.** Lisboa/Portugal: Editora Instituto Piaget, 2004.

TOJAL, J. **Manuelsergio's Human Kinetics Perspectives For Its Implementation In Brazil.** Fiep Bulletin, 2010.

TOJAL, J.B. & GOMES, A. **Motricidade Humana – o paradigma emergente.** Campinas/SP: Brasil, Ed. Unicamp, 1994.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. **A motricidade humana e a educação.** In: SERGIO, M. (Org.). O sentido e a acção. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. p. 31-60.

WEBER, F. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.



#### **6.4 A percepção de corporeidade do paratleta lesionado em acidente de trânsito sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty**

**Mauro Batista Negreiros**

##### **RESUMO**

Ao tratar a consciência por meio da percepção, Merleau-Ponty (1945/2011) conferiu um novo estatuto à compreensão da relação homem-mundo e homem-outro, bem como, afirmou que a experiência de uma realidade vivida é anterior a qualquer conhecimento ao entender o homem como um ser-no-mundo. O Objetivo deste artigo é apresentar as experiências perceptivas vivenciadas pelos paratletas entrevistados acerca de si mesmos, dos outros, dos próprios corpos, até a aceitação, superação e transcendência, bem como, seus sentidos próprios de corporeidade a partir da análise pela redução fenomenológica-psicológica vinculadas aos principais conceitos **da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty**. A compreensão do sentido da percepção do paratelta acerca dos outros foi possível pela descrição suas experiência acerca da forma como ele representa o outro, suas relações com as concepções do paradesporto e de seus próprios domínios sensoriais. Por conseguinte, a percepção acerca de si mesmo, os paratletas experenciam sensações no plano do sensível em que da situação se confundem em sujeito-objeto ou consciência-mundo. Além da percepção acerca dos seus próprios esquemas corporais, o parateltas entrevistados relataram a forma como percebem sua motricidade em termos de acessibilidade e mobilidade enquanto seres situados no mundo como são, enfrentando a depressão, o sedentarismo, a vergonha, a vaidade e o medo em busca da auto-estima e buscando o sentido da motricidade humana que lhes proporciona aceitação, superação e transcendência, significativamente sintetizada no conceito de corpo-capaz.

**Palavras-chaves: Percepção, corporeidade, motricidade.**

## ABSTRACT

When dealing with consciousness through perception, Merleau-Ponty (1945/2011) gave a new status to the understanding of the man-world and man-other relationship, as well as affirmed that the experience of a lived reality is prior to any knowledge of the understand man as a being-in-the-world. The purpose of this article is to present the perceptive experiences lived by the parathletes interviewed about themselves, others, their own bodies, up to acceptance, overcoming and transcendence, as well as their own senses of corporeality from the analysis by the phenomenological-psychological reduction linked to the main concepts of Merleau-Ponty's phenomenology of perception. The understanding of the sense of perception of parasports about others was possible by describing their experiences about the way they represent the other, their relations with the conceptions of parasports and their own sensorial domains. Therefore, the perception about themselves, the parathletes experience sensations in the sensible plane in which the situation is confused in subject-object or consciousness-world. In addition to the perception of their own body schemes, the parateltas interviewed reported how they perceive their motricity in terms of accessibility and mobility as beings situated in the world as they are, facing depression, sedentary lifestyle, shame, vanity and fear in the search for self-esteem and the search for the sense of human motricity that provides them with acceptance, overcoming and transcendence, significantly synthesized in the concept of the capable body.

**Keywords:** Perception, corporeity, motricity.

#### 6.4.1 Introdução

Ao tratar a consciência por meio da percepção, Merleau-Ponty (1945/2011) conferiu um novo estatuto à compreensão da relação homem-mundo e homem-outro, bem como, afirmou que a experiência de uma realidade vivida é anterior a qualquer conhecimento ao entender o homem como um ser-no-mundo. Merleau-Ponty desvelou o reencontro entre o fato e o sentido, entre a facticidade e a essência, entre o signo e a significação, entre o sensível e o inteligível, o que chamou de unidade originária, pois “com as formas simbólicas, aparece uma conduta que exprime o estímulo por ele mesmo, que se abre à verdade e ao valor próprio das coisas, que tende à adequação do significante e do significado, da intenção e do que ela visa” (MERLEAU-PONTY, 1967/2006, p. 133).

#### 6.4.2 Material e método

Tendo em vista o objetivo de compreender o significado presente nos discursos dos Paratletas que se tornaram portadores de lesões permanentes após sofrerem acidente de trânsito, levando em consideração a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho qualitativo que conforme pressupõe Minayo (2014) significa mergulhar na experiência de tal modo que o pesquisador consiga perceber, nos discursos dos colaboradores da pesquisa, sentimentos, emoções e o olhar específico acerca da temática em pesquisa.

Para tanto, acreditamos ser o método fenomenológico o mais adequado instrumento que nos possibilitará investigar a vivência das pessoas nas diferentes situações e assim chegar à compreensão dessa pessoa. Ademais, precisamos entender como os pressupostos que regem a Fenomenologia influenciam a Psicologia. Privilegia-se, dentro desta metodologia, a *Alethéia* (verdade relativa), ao invés da *Veritas* (verdade absoluta); essa proposição se dá pela perspectiva de que a vida adquire os seus sentidos por meio da experimentação subjetiva e particular, sendo amparada pelas perspectivas culturais e situacionais presentes nos seus contextos (CASTRO, 2019).

Dessa maneira, o método fenomenológico de investigação em Psicologia segue o conceito epistemológico da consciência intencional, que acontece, de forma sucinta, quando o investigador inicia seu estudo, obtendo descrições de experiências de outros sujeitos no método aplicado a Psicologia. Num segundo momento, o investigador adota uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo enquanto desenvolve a redução fenomenológica-

psicológica. Num terceiro momento, o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto de estudo através da variação livre imaginativa a partir da perspectiva psicológica do investigador ao enquadrar a análise eidética para definir sínteses de significados psicológicos sobre o tema.

Foram considerados aptos a participarem desta pesquisa, paradesportistas com mais de 18 (dezoito) anos de idade que se tornaram paratletas após sofrerem qualquer tipo de lesão permanente em decorrência de acidente de trânsito e integram a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, independentemente a gênero, raça, credo e que praticam paradesporto há pelo menos três (03) meses e ao menos uma vez já competiu ou está se preparando para competir em eventos esportivos em qualquer modalidade.

Entre recusas, abstenções e aceites, obtivemos a quantidade de quatro entrevistas. Este número de entrevistas representa o pouco número de pessoas com deficiência em decorrência de acidente de trânsito que aderem à prática de esportes de alto rendimento, por vários motivos que teremos a possibilidade de discutir no decorrer deste trabalho, e desses poucos adeptos, um número menor ainda dos que se demonstraram dispostos a participar da pesquisa científica, mesmo lhes tendo sido informado acerca de seus direitos, tais como, sigilo de sua identidade e não terem despesas.

Inicialmente, foi solicitada a anuência da instituição, no caso a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, instalada na Arena Amadeu Teixeira. Em seguida, obtivemos junto a presidência da referida instituição os números de contatos de telefones e e-mails dos paratletas federados que correspondem ao perfil de sujeitos aptos a participarem da presente pesquisa. De posse dessas informações, contatamos via mensagem de texto por aplicativo de mensagens cada um dos candidatos a participantes, ocasião em que o pesquisador se apresentou formalmente e esclareceu o motivo do contato. Ademais, o pesquisador encaminhou para o pretendido participante o link para acessar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de forma *on line*.

Foi utilizada a Entrevista Fenomenológica gravada em aplicativo eletrônico de *smartphone*, obedecendo-se os preceitos legais previstos na Resolução CNS nº 466 de 2012, sendo que a cuja duração mínima é de sessenta (60) minutos, efetivada a partir de uma questão inicial que sofreu desdobramentos, permitindo ao pesquisador colocar-se na condição de ouvinte, intervindo quando foi necessário e oportuno com o objetivo de esclarecer, informar ou facilitar as expressões oriundas dos participantes da pesquisa.

Após a realização das entrevistas e seguindo as instruções do pesquisador, os participantes assinaram o TCLE, o qual também foi assinado pelo pesquisador e uma das vias foi concedida aos entrevistados.

Durante o processo investigativo, também utilizaremos o Diário de Campo/Notas de Campo como recurso metodológico para o registro minucioso das impressões e reflexões do pesquisador no campo de pesquisa e para detalhar os comportamentos dos participantes do estudo.

Utilizou-se as orientações de Giorgi & Sousa (2010) propostas em quatro momentos, a saber, estabelecimento do Sentido Geral, a determinação das Unidades de Significado e sua transformação em Expressões de Caráter Psicológico e por fim, a determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos.

A pesquisa buscou respeitar as diretrizes contidas nas Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e foi encaminhada para avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

A obtenção dos dados teve início após a aprovação do protocolo e do projeto de pesquisa elaborado de acordo com o preconizado pelas diretrizes do CNS, pelo Comitê de Ética em Pesquisa que elaborou o Parecer Consubstanciado n 4.788.980.

#### 6.4.3 Resultados e discussões

Com o intuito de compreender o sentido de Corporeidade do paratleta lesionado permanentemente em acidente de trânsito, percorremos, neste artigo, as experiências perceptivas pela motricidade do corpo-capaz a partir das narrativas dos entrevistados.

Conduzidos pelos conceitos pontyanos de domínios sensoriais e esquema corporal, analisamos as percepções dos paratleta acerca do outro, de si mesmo, da própria mobilidade, do paradesporto, até a compreensão do sentido da motricidade humana para o paratleta.

#### 6.4.4 A experiência perceptiva do paratleta acerca do outro

Como um modo de ser do corpo/consciência em nível pré-reflexivo, a percepção é o ato originário, sendo necessário, por isso, descrever a percepção, a representação ou a motricidade de acordo como se relacionam com o mundo se quisermos conhecê-las. Para que a compreensão ocorra é necessário que a reflexão incida sobre o irrefletido. O fundamento

ontológico da percepção como consciência originária da relação com o mundo somente é possível no decorrer da existência enquanto corpo coextensivo ao mundo.

As pessoas se recusam, tem medo, vergonha, tem um exemplo lá no basquete que tem um rapaz que tem o pé “pra” trás e ele tem vergonha, prefere usar a cadeira de roda do que andar e a mulher do nosso ala (posição no time), tem o pé “pra” trás, mas ela não tem essa vergonha, ou seja, tudo é mente, eu já conversei com ele: “Ah, mas eu não sou tu!” (reproduzindo fala de terceiros) e tem aquela coisa de comunicação, ele vive no basquete também, ele vive no VIVER MELHOR (Conjunto Residencial popular localizado na periferia da Cidade de Manaus), mas não sei se falta até um profissional “pra” conversar com ele “pra” dar essa liberdade “pra” ele tá optando por viver numa cadeira de roda (ARES, 2021).

Para conhecer a fundo, para compreender o que é o sentido do entrevistado ARES é necessário busca descrever sua percepção acerca do outro e a forma como ele o representa. Ao perceber o comportamento do outro como vergonha, ARES reflete sobre a relação que estabelece com o mundo próprio enquanto cenário do seu corpo coextensivo e compreende o comportamento do outro sem entender porque se comporta de tal forma e não de outra, que de acordo com sua leitura da realidade existencial, seria mais adequada. O entrevistado busca intervir na naquilo que entende como fraqueza, inadequação, inautenticidade, assim, tudo simplificasse apenas numa questão mental, corroborando as tradicionais concepções cartesianas. Dessa forma, ARES atribuiu o sentido do corpo-outro a dificuldades mentais e vai além, acreditando que ajuda profissional “moldaria” a mente desse paratleta que tem vergonha do seu esquema corporal, tendo em vista que seu próprio diálogo não “moldou” o colega. Surpreendentemente, o próprio entrevistado coloca a resposta do colega no sentido que expor que cada ser, singular, próprio, estabelecerá seu próprio sentido corpo/consciência em relação a essência de sua unidade originária.

Por meio da experiência perceptiva, Merleau-Ponty (1945/2011) recolocou o olhar fenomenológico no mundo vivido, no qual a vivência da corporeidade é dimensão implícita no sentido da vivência do ser no mundo, logo, “(...) a preocupação do filósofo, não é estabelecer diferenciação entre as noções de corpo como sujeito ou de corpo como objeto, mas, ao contrário, fixar a noção de corpo “vidente-visível” (p.49)

Isso não significa que o conhecimento deva ser reduzido ao ato de conhecer, todavia o conhecimento deve se basear em suas expressões no mundo vivido, na experiência no âmbito do “que se percebe em mim e não que eu percebo” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 290, grifo do autor). Portanto, a experiência perceptiva se estabelece quando se tem acesso ao mundo vivido e como modo de pensamento realizado no desenrolar do vivido, pois, o ser se faz presente sempre em existência. De acordo com Merleau-Ponty “tudo aquilo que sei do

mundo mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 3)

Tem um rapaz que treina lá com a gente, ele tem 20 anos de idade, e ele não ia lá no basquete até um tempo desse, se não fosse com alguém, nesse período agora, de um mês “pra” cá, ele “tá” indo sozinho, pega seu “uber”, de “uber” ou de ônibus já pega até ônibus sozinho, então você viu, você vai “pra” lá você vê, porque você vai “pra” lá, você lá, como eu digo, tem vários aspectos que vão te fazer bem, o físico, “né”, o modo de te ver da tua “compatividade” (competitividade) você “tá” ali na naquela gana de, ali no coisa, arejar, sair, ver pessoas, vai pegar um “uber”, vai pegar um “busão” (expressão para ônibus, coletivo), “pra” ver aquele monte de pessoas, você começar a vê (...) (APOLO, 2021).

O paratleta APOLO percebe o outro, principalmente aquela pessoa com deficiência, como aquele que melhora a saúde mental e física ao se engajar na prática esportiva de alto rendimento, no entanto, tomado pela concepção dualista que segue preconizando as ideias acerca de promoção de saúde ao aspecto físico isolado e no relacionamento intercorporal, identifica-se, projeta-se e introjeta os próprios aspectos de corporeidade do colega. Para o entrevistado, o outro não se beneficia do tempo se não está inserido nas mesmas atividades, é uma pessoa com deficiência que apenas vive, não existe, afinal para APOLO estar vivo no mundo vivido é traçar as relações de intercorporidade a que habituou seu corpo atual e que a emoções da competição é o que lhe concerne o sentido de continuar, superar-se, no entanto, o olhar fenomenológico no mundo vivido compreende que há necessidade de se refletir sobre o irrefletido e são as expressões lançada no mundo que servem de base para o conhecimento, logo, encontramos-nos no dever de refletir: tornar-se paratleta é o trajeto mais adequado para todas as pessoas com deficiência? Se a resposta for não, aquela pessoa que não compreende sua historicidade como possibilidade de existir termina refletindo uma vivência inautêntica?

Merleau-Ponty (1945/2011A) responde que a experiência motora de nosso corpo nos fornece uma maneira de ter acesso ao mundo e ao objeto que deve ser reconhecida como original e talvez como originária e não é um caso particular de conhecimento. “Meu corpo possui seu mundo ou compreende seu mundo sem ter que passar por “representações”, sem se subordinar a uma “função simbólica” ou “objetivante”” (, p. 164).

#### 6.4.5 A experiência perceptiva do paratleta acerca de si mesmo

Por conseguinte, a experiência tátil do ser de tocar e o ser tocado, bem como a experiência visível do ser de ver e ser visto, saem de um mesmo tipo de ser, logo é no plano

do sensível que estará a possibilidade de percepção do outro, o qual habita um mesmo campo sensível, embora não habite a mesma consciência, levando-se em consideração que a experiência sensível, tátil ou visível, é uma espécie de entendimento anterior à qualquer clivagem sujeito-objeto ou consciência-mundo. Nosso corpo, afirma Merleau-Ponty (1953/2011), “é menos *objeto* de percepção do que meio de ação”.

Neste estágio, os entrevistados discursam acerca da percepção de si mesmo. Imersos em seus próprios corpos, do corpo que sente é sentido, que vê e é visto, os paratletas experenciam sensações no plano do sensível em que da situação se confundem em sujeito-objeto ou consciência-mundo, afinal somos o ser que tocamos ou somos tocados? Somos o ser que vê ou é visto? Somos o ser que percebe ou é percebido? A relação intencional, sob o olhar refletido fenomenológico, nos mostra que o sentido da corporeidade percorre o próprio esquema corporal do paratelta se estabelece a partir do seu corpo fenomenal e direção ao outro, ao mundo vivido e configura-se como e ser íntegro, que sente e é sentido, que vê é visto, que percebe e é percebido, tudo ao mesmo tempo, tornando-se ser/objeto as mesmas coisas.

(...) eu sou um cara que contou a história e dá um livro de tristeza: “tu tem poliomielite e isso não te abalou, tu pegou um tumor no peito e depois foi descoberto que era glândula mamária, tem um sangramento desde os 12 anos pelo ânus”, já fiz diversos exames, até aquele do colo que coloca a câmera dentro (colonoscopia) e nunca descobriram o que era... já fiz exame antecipados de várias próstatas exatamente por isso, não dá nada, nunca descobri, aí eu mesmo brinco comigo: “é o meu lado feminino que está aflorando”, porque até glândula mamária tem, aí cara diz: “tu brinca com isso?” reprodução de fala de terceiros, poderia ser um tumor, um tumor maligno no caso tumor do olho, o tumor quando foi feita a retirada para fazer a biopsia, eu tive que ir “pra” Bahia, meu médico aqui conseguiu contato porque ele iria “pra” lá e o que que aconteceu, o Governo não queria me dar a passagem, em nenhum momento me ajudou em nada, foi uma luta, tive que fazer campanha, mas campanha o pessoal não ajuda muito não, como um DJ me falou: “o pessoal só quer saber de beber, não querem ajudar não!”... tem gente que aproveitava a festa que eu ia, pessoal me conhecia, então praticamente não teve ajuda, parentes nessa hora ninguém tem dinheiro, aí você lembra que você tem mãe, e alguns amigos, a minha ajuda foi essa, aí consegui ir “pra” Bahia, um amigo da minha mãe pagou a ida e volta, minha e da minha irmã que eu tinha que ir com acompanhante (ARES, 2021).

Um livro de tristeza bem que poderia ser o título da biografia do paratleta ARES. Paradoxalmente, em termo da própria complexidade com que o ser humano compreende a si próprio, narra sua trajetória de enfrentamento de doenças e sequelas com bom humor, transitando entre a tragédia e a sátira com a naturalidade de quem se movimenta no mundo, buscando olhar para si mesmo, refletindo o irrefletido, como essa existência que encara as dualidades que a cotidianidade lhe impõe.



Um ser de percepção pode ser reconhecido no outro que partilha com o ser os mesmos sensíveis. Deste modo, perceber implica, intrinsecamente, perceber-se como ser percebido. O conceito de “corpo vivente” ou “corpo vivido” equivaleria a uma forma de se estar no mundo em relação com os outros e com as coisas.

Quando eu soube a situação dita pelo médico de que não ia mais poder andar, aparentemente foi um choque, “né”, porque você se vê ali dependente, no momento, porque você não conhece aquela situação de ficar numa cadeira de rodas, e é uma situação meio complicada, porque você fica meio que sem rumo, que no começo é como se fosse uma criança, você vai ter que aprender a viver uma nova vida, “né”, agora em cima duma cadeira de rodas, e no começo, como no meu caso, eu totalmente dependente dos outros, dependente mesmo (APOLO, 2021).

Como se fosse uma criança aprendendo é a percepção que APOLO encontrou em sua corporeidade ao lidar com a facticidade da lesão permanente. Ao reconhecer seu corpo vivente, ao se perceber como ser percebido, como aquele de dependeria dos outros, passamos a conhecer na trajetória do entrevistado o sentido do seu corpo-vivido, como ele agiu no mundo vivido como um ser de percepção para superar a dependência e buscar autonomia, uma forma de reviver o corpo vivido.

Ainda em Merleau-Ponty (1945/2011), pode-se apontar outras contribuições ao se focalizar a visão da organização do campo perspectivo efetuada pelo corpo-sujeito em situação. Como colocado pelo próprio autor: “o sentir assume a qualidade de um valor vital, apreende-o primeiramente em sua significação para nós, para esta massa pesada que é nosso corpo, e daí se segue que ele sempre comporta uma referência ao corpo...o sentir é esta comunicação vital com o mundo que no-lo torna presente como lugar familiar de nossa vida” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 79). O sentir é então esta comunicação com o mundo: “ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 27). Logo, o sentir sempre comportará uma referência ao corpo.

Bom, foi difícil, “né”, acidente que eu sofri eu tinha 25 anos já, então (...) foi um baque muito grande, foi “pra” mim parecia que eu “tava” tendo um pesadelo, a princípio foi bem difícil assim, a questão da aceitação. (ATENA, 2021)

A partir da visão da organização do próprio campo perspectivo, a entrevistada ATENA atribuiu o sentimento de estar vivendo um pesadelo ao lidar com seu corpo vivente após a lesão permanente, afinal, o corpo é a referência, mas, sua motricidade a direcionou para o que ela considerou aceitação, aceitação de si mesma, aceitação de corpo vivente, conforme ela mesma teve a percepção.

#### 6.4.6 A experiência perceptiva do paratleta acerca da mobilidade

Além da percepção acerca dos seus próprios esquemas corporais, o paratletas entrevistados relataram a forma como percebem sua motricidade em termos de acessibilidade e mobilidade enquanto seres situados no mundo como são. Sentidos que não são estáticos, determinados, fixos e imutáveis, mas que estão em constante transformação à medida que os paratletas executam sua motricidade ao colocar sentido no movimento de suas ações, criando sua própria história, tornando sua própria existência significativa.

Os sentidos que caracterizam a própria experiência vivida são a incompletude e a interrogação, pois a experiência vivida está sempre aberta a novos sentidos e ao mesmo tempo interroga sobre os significados desses sentidos devido a experiência de “ser situado” em seu próprio movimento de existência que contextualiza o sentido do vivido

(...) porque o preconceito existe, mas muitas vezes o preconceito está em nós mesmos, nós mesmo cadeirantes, a vezes dentro da sua própria casa tá o preconceito, então se eu não botar na minha cabeça que eu posso, que eu vou conseguir, a gente não consegue, não consegue, não consegue, porque eu passei por isso, durante esses quatro anos, foram quatro anos assim que entrei em depressão, eu achava que nada era coisa, eu achava que tudo era dificultoso, não gostava que as pessoas ficavam me carregando, não gostava que as pessoas ficavam me ajudando, não gostava que as pessoas... eu me sentia coitadinho, isso me deixava cada vez mais ruim, mas eu tive a sorte de prosseguir, e hoje eu posso te dizer que eu consegui “né”, mas não é fácil, é cada dia uma dificuldade, que a gente enfrenta aí nesse mundo lá fora (APOLO, 2021).

O paratleta Apolo destaca como seu inconformismo para com a dependência do outro lhe movimentou em busca de autonomia e considera que teve sorte ao prosseguir, ao insistir, porque hoje tem a percepção de que com seu corpo atual consegue executar suas possibilidades motoras, consegue se mover em motricidade, no sentido de realizar suas vontades, de forma autônoma quando antes tudo era difícil e reconhece que no processo de seu corpo fenomenal, parte das dificuldades encontrava-se no preconceito de ser incrédulo com suas próprias capacidades de ação.

Merleau-Ponty alertou ainda para o fato de que o próprio sentido que gerou a explicação não seja destituído pela própria explicação sobre as coisas e estabeleceu que a compreensão do mundo vivido deve distanciar-se de formas explicativas que desconsideram o desenrolar da experiência vivida. Situa o sentido do acontecimento como constante provocação, não enquanto “um objeto diante de nós, distante de nós, fora de nosso alcance, é também suscitação de nós como sujeito” (2006b, p. 31).

(...) por exemplo, você vai pegar um ônibus, às vezes chega lá a rampa tá quebrada, o cara só faz fazer assim, (sinal de negativo com a mão) e vai embora, muitos deles, você pega motoristas super legal, o cara desce e te carrega “pra” mas, mas isso já um pouco de constrangimento, tem aquela rampa lá, só que não existe fiscalização, aí fica por isso mesmo, as pessoas lá ficam te olhando com o rabo de olho, porque tudo isso passa na pessoas, as maioria das pessoas pensa nisso, tá atrasando a viagem, “ah, tá vendo só!”, isso vai deixando a gente... então, é complicado. (...) às vezes, até no aplicativo, às vezes... eu por coisa minha mesmo, eu quando pego um carro eu já mando a mensagem: “tem algum problema ser cadeirante?”... tem deles: “não, tem problema nenhum não!”, mas tem deles: “não, não dá “pra” levar tua cadeira, não!”, não que não seio que, tu tem que um “confort” (categoria de veículo de aplicativo)... “meu a amigo, eu não sou rico!”... eu peço “uber” por dificuldades, não é porque eu estou esbanjando dinheiro, eu vou, então, é um monte de dificuldade (APOLO, 2021).

Na percepção que o paratleta APOLO sente do olhar do outro, percebe o olhar do outro como um olhar que busca lhe objetificar, um olhar que quer lhe atribuir o sentido de estorvo daquele que vai atrasar a viagem dos demais, ao mesmo tempo em que, ao ser auxiliado, quando o outro compreende que sua corporeidade apresenta limitações de mobilidade, APOLO se sente constrangido ao ser ajudado. Muito em face da sua percepção de que o equipamento encontrava-se no veículo, no caso a rampa no ônibus, mas sem funcionar, não adianta de nada e APOLO reclama a falta de fiscalização. O sentido da sua motricidade tem o objetivo de ser paratleta, então APOLO enfrenta as dificuldades para praticar o paradesporto. Merleau-Ponty (1953/2011) apontou: “o corpo me *diz* porque as coisas lhe *dizem* – sua intencionalidade e minha residência nele são sinônimos” (p. 152, grifos do autor).

Esse movimento da corporeidade que se torna significativo para a compressão da experiência do ser no mundo implica o distanciamento das explicações reducionistas, uma vez que a filosofia merleau-pontyana tem fundamentos no modo pelo qual o ser de forma sensível efetiva-se no mundo, embora não seja também redutível a dados do sensível separado do sentido do sensível vivido.

(...) porque você nasce cadeirante, como é a poliomielite, por exemplo, é diferente, que ele já nasce ali, criança, “né”, ele já vai quando ele tiver aí ele já sabe, começando a vida, diferente do meu caso, depois de vinte e poucos anos, do nada fica numa cadeira de rodas, durante esses dez anos eu tive que readequar minha vida, a uma nova realidade, “né”, que minhas pernas é minha cadeira, então tem situações que eu não posso fazer, eu vou ter que pedir ajuda, se queimou uma lâmpada aqui, eu não vou poder subir aqui e trocar essa lâmpada, infelizmente eu vou ter que pedir ajuda “pra” alguém, mas as dificuldades, todos nós temos, de uma pessoa que anda, é diferente, mas existe, essa é minha situação (APOLO, 2021).

Para APOLO, nascer sendo pessoa com deficiência e se tornar pessoa com deficiência são acontecimentos existenciais diferentes, fazendo com que, na concepção do paratleta, as

peças com deficiência desenvolvam sentidos específicos para as suas próprias deficiências, a forma de lidar com o corpo habitual é diferente, sendo uma ideia que corrobora o pensamento do próprio Merleau-Ponty que reconhece a diferença entre os fenômenos. Mesmo atuando, agindo no mundo percebendo seu próprio esquema corporal, APOLO compreende que seu corpo sujeito encontra um número de limitações maior do que de uma pessoa normal, como por exemplo, trocar uma lâmpada, para uma pessoa normal uma atividade corriqueira, para uma pessoa com determinada deficiência, uma tarefa praticamente impossível, mesmo assim, ao ter a percepção do outro enquanto relacionamento intercorporal, APOLO compreende que mesmo a pessoa tida como normal tem suas limitações, dificuldades, frustrações, tristezas e superações.

O processo de compreensão do vivido implica numa forma de descrição do fenômeno em sua existência e esse movimento resgata um sentido do irrefletido e que na experiência da corporeidade se torna extremamente significativa.

(...) (hoje pratico) vôlei sentado, é uma modalidade, é um vôlei adaptado, a gente joga o vôlei sentada, então tem algumas regras, poucas regras são diferentes, a regra principal é que ao atacar, ao ter o domínio da bola a gente não pode levantar o quadril, a gente sempre precisa “tá” sentado, e as movimentações também tem que ser sentada, a gente não pode levantar e correr e ir atrás da bola e pegar, entendeu, mas assim, é um esporte que precisa de muita concentração, a gente precisa “tá” conectada com o colega, a gente precisa ter muita agilidade, ele exige muito do nosso físico, físico e psicológico, “né”, questão de tática, enfim... (ATENA, 2021).

A percepção do corpo-próprio da entrevistada ATENA é de estar conectada ao corpo-outro para conseguir jogar o voleibol sentado, isso lhe exige concentração e agilidade. ATENA percebe que praticar o vôlei sentado obriga que seu esquema corporal como um todo esteja envolvido, mas a paratleta ainda faz a diferenciação cartesiana do corpo segregado, (físico – agilidade) e (psicológico – concentração). A sua forma, ATENA aponta que toda sua corporeidade atua para executar a prática esportiva, ali ela se encontra por inteira, reconectar-se ao outro para se reconectar a si mesma. O interesse de Merleau-Ponty em descrever o comportamento estava interligado às possibilidades que o comportamento como dimensão da corporeidade oferece uma compreensão do mundo humano sem estar preso a reduções mecanicistas e psíquicas e desvela a unidade fundamental do mundo como mundo sensível.

Não tem outra modalidade que me chama atenção, somente o vôlei, o vôlei me preenche, mês traz uma felicidade assim, uma bem estar, assim, poxa, aqui que eu me sinto” bem, aqui que eu... (...) “Taria”(sic) faltando alguma coisa na minha vida se não tivesse o esporte, com certeza o esporte virou algo fundamental, com certeza, virou algo muito” importante pra mim na minha

vida, mudou muitas coisas, coisas... se hoje eu pensasse num coisa, ia botar na minha cabeça que eu não ia conseguir, o esporte me fez mudar “totalmente a minha forma de pensar, minha forma de falar (HERA , 2021).

A paratleta Hera relata como envolver-se no esporte de alto rendimento modificou sua percepção acerca de suas próprias potencialidade, a ponto que, a ausência da pratica esportiva poderia significar a ausência de algo muito importante na sua vida. HERA expõe como a modalidade esportiva preenche sua existência, promove sentido, bem estar e felicidade.

#### 6.4.7 A experiência perceptiva do paratleta acerca do desporto

Ao se movimentar, o ser interage com as coisas e com outros, terminando por tomar conhecimento do seu próprio corpo, por isso, a vivência do corpo próprio constitui a especificidade do corpo de cada um, mas em uma totalidade aberta em sentido de corpo inerentemente simbólico.

Nossos entrevistados percorreram trajetórias diferentes até se tornarem paratletas, no entanto, guardam entre si a semelhança de terem percebido a escolha pela prática de esporte de alto rendimento como uma escolha que lhes beneficiou integralmente.

A cadeira de roda para mim mais o esporte modificou até essa estrutura, hoje em dia eu consigo brincar com alguns, ter um diálogo em relação ao esporte (...) o esporte me trouxe tudo isso, como te falei, um renascimento e as doenças que eu fui pegando, questão de aproximação mais com Deus, eu sempre fui católico, mas nunca frequentei, até hoje eu frequento, eu tenho a minha história, eu gosto de conversar com ele sem ninguém me atrapalhar, e dificilmente eu peço, eu só agradeço, até quando eu fiquei doente que foi uma pancada atrás da outra, eu dizia “pra” ele: “Doutor... Doutor não... Deus, o Senhor só manda “pra” quem aguenta é? Já chega, me descansa um pouquinho, porque foi um atropelamento, foi os tumores (ARES, 2021).

O participante ARES percebe que o esporte modificou até sua estrutura, mas de que estrutura é esta que o entrevistado está falando? Neste ponto, para ter mais clareza dos sentidos de ARES a sua corporeidade, precisamos recordar que ARES, pouco tempo após se tornar pessoa lesionada permanentemente por acidente de trânsito e executando suas primeiras ações para se tornar paratleta, relatava que se incomodava com o fato de observar o outro, a pessoa com deficiência brincando com outro paratleta, como se fosse um desrespeito a condição do esquema corporal da pessoa com deficiência. Portanto, ARES fala desse esquema corporal rígido, fechado, taciturno, que enxergava-se a o outra pessoa com deficiência como corpos-trágicos, mas o relacionamento com outros paratletas no esporta de alto rendimento,

mudou essa estrutural, agora é o corpo que brinca, o corpo de dialoga, o corpo-renascido. Uma transformação de sua própria atitude frente a lesão permanente que influenciou sua própria espiritualidade, estabelecendo uma relação de forma leve, direta e bem humorada, mais grata que suplicante.

Portanto, o elemento de tensão do esquema corporal é justamente o movimento do corpo, ou, mais precisamente, a sua orientação para as tarefas. Daí a afirmação de que o esquema corporal é a “unidade de uma ação sobre o mundo, de uma práxis” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 140). Segundo Merleau-Ponty (1953/2011), é através do movimento que se opera “a junção do mundo sensível e do mundo da expressão” (p. 149).

Eu ficava imaginando a vergonha, eu ficava imaginando que aquilo ali era uma coisa sem futuro, que eu não gostava de sair de casa, não me sentia seguro, eu sentia medo, eu começar lá, “vixe!”, era uma coisa que eu nem sei fazer isso, aí vai lá ficar batendo a bola, as pessoas vão ficar te julgando, passava um monte de coisa na minha cabeça, por isso que eu me fechava, por isso que eu dizia: “ah, eu não quero ir, não!”... não sei o que... se passava muito pela minha cabeça isso, principalmente a questão do julgamento, a questão de uma coisa eu não conhecer, “ah isso não, isso aí vai dar errado, complica mais a minha situação! (...) Quando eu comecei a me envolver, eu vi que era diferente, “né”, poderia ser uma coisa que futuramente poderia me ajudar em muita coisa, como me ajudou, mas foi resistência, no começo, foi meio que eu fiquei resistente, e por várias coisas que passou na minha cabeça, como eu falei. (...) aí entrou o esporte “né”, na minha vida, aí foi uma coisa que me ajudou muito também, na convivência, das pessoas, saía de casa, passei a andar de ônibus, que eu não fazia isso, saía de casa, se eu saía de casa saía acompanhado, tinha que sair com alguém, com meu pai, ou com a minha mãe, ou com uma pessoa, “pra” entrar no carro na época, eu tinha que ser carregado, tirar e colocar, aí isso tudo a gente vai aprendendo (APOLO, 2021).

O paratleta Apolo destaca o corpo-vergonha, o corpo que limita sua motricidade ao se considerar incapaz de agir no mundo vivido. Como poderia ser possível para a pessoa com deficiência praticar esporte em alto rendimento? Apolo nutria um sentimento de constrangimento, e diante dos convites para ingressar nos times de paradesporto, esquivava-se, escondia-se, como ele mesmo narrou anteriormente, muito do preconceito estava dentro de si mesmo. APOLO temia se sentir julgado pelo outro, que esse outro tivesse para com ele o mesmo olhar que ele tinha para com sua própria condição, mas APOLO percebeu que era uma questão de conhecer, superar o pré-conceito acerca do paradesporto e principalmente, da sua dificuldade de mobilidade. Ao praticar o paradesporto pela primeira vez, a percepção de APOLO foi de que aquilo poderia lhe ajudar muito futuramente, mas principalmente, pela capacidade que o esporte apresenta de possibilitar o convívio com outras pessoas com deficiência e os treinos tornam-se um incentivo para APOLO sair de sua casa, sair do seu corpo habitual e reconhecer seu corpo atual, sair de seus próprios conceitos preestabelecidos,

e conhecer novas possibilidades, novas perspectivas, um novo esquema corporal, o corpo-capaz em constante aprendizado.

O filósofo esclareceu esta relação ao tratar do movimento a partir da lógica diacrítica da percepção, de modo a afirmar que “o movimento se metamorfoseia em expressão” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 164). Trata-se, pois, para o filósofo, de abordar, a partir do esquema corporal, do movimento que o anima e da percepção, “formas pré-linguísticas de expressão” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 165). Vimos anteriormente que o signo perceptivo, em uma concepção diacrítica, emerge de “diferenças sem termos, de variações em relação a um nível que, ele mesmo, não é *objeto*” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 203, grifo do autor).

(...) o esporte nunca foi um forte meu, o esporte hoje é um forte, algo que me chama atenção, mas nunca foi assim, o único esporte que eu praticava era corrida mesmo, que eu fazia com os meus amigos, enfim, duas vezes na semana, a noite, depois do trabalho, a gente fazia caminhada, ia até a Ponta Negra (balneário localizado na zona Oeste de Manaus), e voltava, mas era de forma amadora, e a academia também que eu praticava antes. Só, de esportes nada de competição e nem de alto rendimento. (...) “né”, mas assim, o esporte é como se ele fosse uma ponte para que eu me reconectasse muito mais com quem eu sou hoje, com quem eu sou fisicamente hoje e como pessoa também, amadurecer muito essa questão, conheci muitas pessoas com deficiência e por vários outros motivos, então assim, o esporte me proporcionou uma reconexão comigo, e o reconhecimento comigo e com o que eu sou e o que eu posso proporcionar “pra” mim e a questão da minha capacidade, não é por conta da minha (ATENA, 2021).

O esporte representa para a entrevistada ATENA a reconexão com sua própria corporeidade, é o corpo-reconectado. Em que momento ocorreu essa desconexão? A partir da lesão permanente de acidente de trânsito, ATENA se desconectou de seu corpo habitual. Seu esquema corporal, gestáltico, agora reclamava a ausência de um membro, e a dor do membro fantasma lhe atingia de forma intensa, recordando-lhe do esquema corporal anterior que lhe abruptamente retirada. O esporte parece ter sido essa trilha até a reconexão, uma reconexão que se reinicia diariamente e que não tem fim, estará permanentemente se reconectando, uma trajetória em que a paratleta se desconhece para poder se conhecer, um reconhecimento, acerca do que é sua essência e das capacidades que pode exercer, amadurecer, e hoje a prática do esporte de alto rendimento, ou paradesporto, é um aspecto de fortalecimento para a entrevistada.

O esquema corporal não é objeto de percepção, mas é o fundo sustenta o processo de variação em movimento. A partir da interrogação da relação entre a práxis, a gnose e a fala, Merleau-Ponty (1953/2011) discutiu a função expressiva do esquema corporal. A dissociação

da práxis e do esquema corporal altera justamente a “presença prática do mundo a nós” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 144), afirmou o filósofo. Malgrado a definição intelectual da tarefa a ser executada, não se desperta uma “organização práxica” (MERLEAU-PONTY 1953/2011, p. 144) que a realize.

Depois da minha lesão permanente que me fez gostar, que me fez conhecer o esporte. Depois quando eu perdi a minha perna, quando eu fiquei deficiente assim, eu pensava que tinha acabado assim, mas depois eu fui conhecendo, fui conhecer o esporte, aí fui gostando, fui gostando mais, porque é uma atividade física, “né”, depois quando eu comecei a praticar, eu não quis mais parar, era uma coisa assim que eu fiquei fascinada, apaixonada por fazer, e até hoje. (...) mas quando eu conheci o esporte, eu pensei outras coisas, mil vezes eu pensei outras coisas, assim, poxa, eu posso, tudo que eu conseguir na minha vida eu vou correr atrás, eu vou conseguir, as pessoas que me olham vão perceber outra menina, e foi assim. (...) mas a partir do momentos que eu conheci o esporte, me veio outra visão “né”, de viver outra alegria, outra chance de viver novos ares, de conhecer outras pessoas, igual a mim, assim (HERA, 2021).

O esporte significa para HERA outra chance de viver. Sua percepção acerca da prática esportiva de alto rendimento é a sensação da paixão, da capacidade, do fascínio, e a percepção de possibilidade de conquistar o que quiser no mundo vivido, no palco-vida e a sensação de que ela mesma, menina acidentada, se perceberia e seria percebida diferentemente por si mesma e pelo outro, após superar a concepção que devido à lesão permanente, tudo tinha se acabado.

#### 6.4.8 A experiência perceptiva do paratleta acerca dos domínios sensoriais

Não por acaso, o filósofo fala da relação entre esquema corporal e linguagem, entre *phrasie* e *praxie*. Merleau-Ponty mencionou, por exemplo, a perda da articulação interna do esquema corporal durante o sono. Para ele, enquanto dormimos a linguagem é desarticulada juntamente com o apagamento dos membros do corpo. Logo, “esquema corporal é abertura a um *mundo* por motricidade. Mas também relação com outrem, linguagem, pensamento. Portanto ao menos esboçar esta dialética movimento – gesto – linguagem, onde movimento torna-se expressão” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 158, grifo do autor).

(...) teve a questão da ida ao SARAH KUBTCHEK (Hospital Sarah Kubitschek) que é um hospital que é referência nessa questão de tratar pessoas com deficiência, eu fui “pra” lá em 2015, quando eu voltei de lá, eu voltei um novo APOLO, porque lá eles te encorajam para viver a vida, eles te botam “pra” tua aprender a viver a vida, claro que existe diferenças de lesões, que tem gente que é totalmente dependente de uma pessoa, pessoas que tem lesão que só mexem o pescoço, meu caso não, então, lá o “SARAH” te faz ver os problemas nosso na realidade que são muito “pra” nós cadeirante, mas lá eles te proporcionam uma liberdade, mostrar “pra” ti que você é capaz, aí quando eu



volto de lá, eu volto com outro pensamento, entendeu, e isso me ajudou bastante (APOLO, 2021).

A experiência perceptiva da corporeidade engloba a complexidade relacional em que o paratleta está inserido. Todos os aspectos se influenciam e são influenciados mutuamente, continuamente, produzindo sentido que se transformam ao decorrer da temporalidade de cada ser-no-mundo. A percepção tem o corpo com o instrumento dos domínios sensoriais, quer sejam, visíveis, táteis ou motores. O corpo realiza sua motricidade, isto é, seu movimento de intencionalidade no mundo vivido e gera sentido próprio. Logo, para o paradesportista ARES, o conhecimento, a informação e a formação produziram um sentido de que ele se tornou outra pessoa após o atendimento especializado para pessoas com deficiência em unidade hospitalar de referência. Conhecer a própria corporeidade lesionada, suas limitações, dificuldades e possibilidades, também lhe proporciona liberdade, afinal, ao lidar com seu corpo atual, ao conhecer as singularidades do seu corpo próprio, pode escolher se movimentar em sua existencialidade na direção que desejar, encorajado e encorajando-se a viver a vida, em plenitude, efetivando uma capacidade que transforma sua forma de pensar e lhe faz transcender o corpo sujeito.

(...) assim que eu comecei a trabalhar, foi quando eu entrei no esporte, assim, eu retornei ao mercado de trabalho e na sequência assim eu já entrei no esporte, então, assim, foi um bum, foi aí que a vida me empurrou: vai, te vira agora, foi assim, e hoje eu “tô” aqui, e hoje eu me reconheço com quem eu sou, fisicamente, eu acredito também que o esporte tem... eu descobri que eu ainda tenho traumas... traumas do acidente. (...) e aquela sensação de sentir o ônibus vindo “pra” me bater, “né”, “pra” me atingir, porque foi muito rápido, aquela sensação ficou, então o trauma que eu tenho hoje não é de subir numa moto, ou de andar no trânsito, é sempre quando passa... quando eu sinto que algum carro ou algum ônibus vem se aproximando um pouco de mim, aí eu tenho aquele receio de que... a mesma sensação que eu tenho, pelo esporte, assim, eu, eu, eu detectei que isso acaba me afetando um pouco no esporte, porque eu percebi que eu fico muito nervosa quando eu “tô” em campo e eu estou sob pressão, é como se aquele ônibus estivesse me pressionando e eu fico um pouco assim, ... é visível, meus colegas falavam que é visível que eu fico ... é como se eu ficasse um pouco paralisada, aí eu fico tentando me reconectar, e acordar, mas realmente o acidente me deixou esse trauma, é um ponto que eu descobri no esporte, porque enquanto eu “tô” no trânsito ali, eu “tô” parada, aquela sensação é só minha, “né”, e quando eu estou em equipe, a minha equipe sente isso, então eu preciso trabalhar essa questão, então, o esporte me proporcionou reconhecer e enxergar esse trauma que eu tenho, que acaba me afetando no esporte e talvez no meu cotidiano e no meu trabalho, eu não sinto isso ainda, mas eu acredito que pode de alguma maneira interferir em alguma coisa, tomadas de decisões, enfim (ATENA, 2021).

A paratleta ATENA ainda compreende a sua corporeidade como um ser fraturado, dividido, a parte física da parte psicológica, sendo a parte física considerada reabilitada, e a parte psicológica a ser reabilitada do trauma. A paratleta ATENA vivencia a sensação de ser

empurrada pela vida, como a sensação de ser lançada no mundo vivido para existir em sua potencialidade, em suas possibilidades mais autênticas, reconhecendo sua competência, e retornar ao mercado de trabalho é um passo, uma escolha, a prática de esporte é outro passo, outra decisão, com tudo acontecendo de uma vez, e nas suas próprias palavras, é um “bum”, uma explosão de possibilidades bem diante dos seus olhos, o ar que se desloca e movimenta seu corpo inteiro, cria pressão que faz a paratleta, em entrevista, recordar-se do trauma que é reviver a reaproximação contínua do ônibus que a acidentou em algumas ocasiões que se sente pressionada no dia-a-dia de sua cotidianidade. Seus domínios sensoriais interoceptivos extrapolam e chegam dos exteroceptivos, num movimento de um único bloco que é o corpo e aquilo que a mente sente, é sentido pelo corpo inteiro, afinal, são uma única e mesma coisa e a sensação paralisa a paratleta, até mesmo quando esta treinando, afetando a si mesma e aos outros, já que a entrevistada, como ela mesma diz, está conectada, a si, aos outros, ao mundo.

Hoje eu entendo que já estou reabilitada (HERA, 2021).

Em sua simplicidade, a entrevistada HERA considera, em seu domínio sensorial tátil, visível e motor da sua experiência perceptiva que está reabilitada.

#### 6.4.9 A experiência perceptiva do paratleta acerca do esquema corporal

A consciência do ser sobre o corpo não é a de um bloco isolado, mas de um sistema que comporta relações com o espaço onde os diferentes aspectos interoceptivos e exteroceptivos se exprimem reciprocamente, é a consciência de um esquema postural em que se tem a percepção da posição do corpo em relação à vertical, à horizontal e a inter-relação que se coordena no meio em que se está inserido.

(...) “pra” completar tinha com 6 anos feito uma cirurgia... dizem que o pé pára de crescer com 16 anos e tive que esperar para fazer essa cirurgia, com essa cirurgia minha vida mudou, porque, eu já conseguia andar muito melhor, minha mãe diz que eu sou um milagre de Deus, porque quando tive a “pólio” a médica disse que eu não iria andar mais, eu voltei a andar, aí começou a afinar a perna, mas andava, ia “pra” tudo que era lugar, estudei em escolas normais, nada adaptada, por sorte só pegava escola com escada, a vida toda. (...) Meu período crucial foram dois anos depois do acidente, tudo para mim era estranho, por mais que eu tivesse uma limitação eu não via ela...com a cadeira e as mudanças que foram feitas, eu era bem magrinho, o sedentarismo veio e aí já veio junto com a herança do meu pai que é careca aí isso tudo foi mexendo comigo porque, veio as dores, porque eu não sentia dores nenhuma, e o aumento do peso, conseqüentemente vem a dores, na costa, a questão da platina que é aqui ó, que é um L, se eu apertar aqui eu sinto os parafusos, eu não tenho mais (o movimento de esticar a perna) o joelho tinha ficado torto e com o atropelamento,

eles mexeram, fizeram a cirurgia que tinha, por isso que agora quando eu piso, meu pé incha, aí não tem condição, e eu tenho aquela coisa de se você passa algum tempo em pé, é tipo um falecimento das pernas que eu desabo sem sentir porque eu caí, por isso o médico indicou a cadeira de rodas, porque a gente já tem o osso fino (ARES, 2021).

A partir da lesão permanente em decorrência do acidente de trânsito, a pessoa com deficiência transita sua percepção acerca de sua própria corporeidade do corpo habitual para o corpo atual. Encontrar-se e se reconhecer situado no espaço é ter a percepção da multidimensionalidade do meio em que está inserido, movimentando-se para todos os lados e estabelecendo um significativo esquema corporal que tem o sentido da sua limitação própria. Ao relacionar-se com esse corpo atual, o paratleta percebe a transformação do seu corpo habitual, reconhecendo e compreendendo as mudanças e gerando novos sentidos à medida que se movimenta e age no meio, no espaço.

Dessa forma diferentes domínios sensoriais (visuais, táteis, cinestésicos, outros) apresentam-se interligados uns aos outros constituindo um sistema e não aparecem como regiões distintas uma das outras quando despertam o interesse para a percepção do corpo do ser, logo o objeto que se percebe não são um conjunto de sensações e memórias, mas é o todo que já se projeta com um significado próprio. “A identidade da coisa através da experiência perceptiva é apenas um outro aspecto da identidade do corpo próprio no decorrer dos movimentos de exploração” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 252).

(...) e aquilo mexeu muito comigo, porque eu era um cara muito ativo, então, eu sofri um bocado, “pra” poder conhecer meu corpo, conhecer minhas limitações, saber lidar com aquela situação, e fazer uma escolha, é... ou eu buscaria forças da onde eu não tinha no momento, ou me entregar, duas opções, “né”, aí eu optei “pra” opção de tentar viver (APOLO, 2021).

No entanto, nas próprias palavras do entrevistado APOLO, a mudança, a transformação, o novo reconhecer-se pessoa com deficiência não é fácil, mas sim um cenário repleto de dor, de dúvidas, de desconhecidos ao lidar com o corpo atual, esquema corporal com novos aspectos de limitações a serem conhecidos, entretanto, mesmo frente as dificuldades, a existencialidade lança suas possibilidades e a vida apresenta suas alternativas, reavivando o entrevistado em seu trajeto cujos caminhos dependem de suas próprias escolhas.

Parte-se do objetivo de estudar o problema da percepção do corpo próprio em Merleau-Ponty articulando-o ao tratamento que o filósofo dispensa à noção de esquema corporal. Merleau-Ponty (1945/2011, p. 131) aponta que “a união entre alma e corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência”.

As questões que me incomodavam, como eu te falei, a questão de ter descoberto que eu tenho sequelas do acidente, a única sequela que eu tenho foi a questão mesmo de me sentir um pouco insegura em questão de pressão, se eu estou sendo pressionada parece que aquele ônibus tá me pressionando ali, querendo me bater, eu acho que é isso que eu preciso trabalhar ainda, questões físicas e falar sobre o acidente “pra” mim é muito tranquilo, eu tive acompanhamento muito legal, tanto psicológico, eu acredito que preciso trabalhar um pouco mais isso, mas a questão física, a questão da aceitação, é bem tranquilo hoje “pra” mim, falar sobre isso, sobre mim, sobre o esporte, sobre a minha vida profissional, sobre meus amigos e minha família, inclusive parece que a minha família se aproximou mais, “né” (ATENA, 2021).

O esquema corporal, lugar de comunhão entre o corpo e alma, num contrato existencial inalienável, inseparável, indivisível, também é o domínio sensorial do trauma, da mácula na alma advinda da experiência perceptiva do corpo, corpo inteiro, uno, integral, unificado, objeto da lesão permanente e da dor. O temor da dor percorre o corpo todo e a possibilidade de reviver a facticidade extrapola a racionalidade da entrevistada ATENA que sente a pressão da cotidianidade como se fosse aquele ônibus que se aproximou com velocidade, com agressividade e lhe acidentou de forma implacável. O espaço e o tempo entre aquele veículo que se aproximava velozmente do corpo da entrevistada causa do deslocamento do ar que pressiona, até o choque, a dor e a lesão, são reduzidos e o sentido próprio dos domínios sensoriais que produz um novo esquema postural aspectos interoceptivos e exteroceptivos em relação com espaço. Para a paratleta ATENA, é um aspecto da reabilitação a ser observado, um aspecto incompleto, que lhe causa temor, insegurança, perda de controle a ausência do sentido de verticalidade e horizontalidade, e relacionar-se com essa nova postura corporal é lidar com a pressão cotidiana.

O corpo enquanto esquema corporal, ou seja, “como sujeito do movimento e sujeito da percepção” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 270), revela uma implicação direta com as coisas e com outrem. O corpo está implicado neles e eles implicados no corpo. O filósofo fala da “penetração à distância dos sensíveis por meu corpo” (p. 281). Isso na medida em que as coisas aparecem “como aquilo que falta ao meu corpo para fechar seu circuito” (p. 281).

Bom, assim você fala como me relaciono com meu corpo após a lesão em todos os sentidos, rapaz... isso foi uma coisa que me deixou mais “pra” baixo, porque na época da minha lesão eu não sentia daqui “pra” baixo, do peito “pra” baixo, então aquilo ficou meio que, meio que me preocupava, meio que me deixou depressivo(...) (APOLO, 2021).

A perda do corpo habitual revela um aspecto de luto pela perda da mobilidade, a mudança do sentido da motricidade que se efetivava no esquema corporal anterior produz um

sentimento de tristeza, desânimo, cuja experiência perceptiva do entrevistado APOLO é a depressão.

Na medida em que o ser experimenta uma relação entre o que está posto aí no mundo e aquilo que visa pela ação, constituía-se um esquema corporal. Assim, faz sentido dizer que temos um hábito ou hábitos que “está adquirido quando ele se deixou penetrar por uma significação nova, quando assimilou a si um novo núcleo significativo” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 203).

[...] o corpo, como esquema corporal, o corpo estesiológico, a carne já nos deram a *Einführung*<sup>3</sup> do corpo com o ser percebido e com os outros corpos. Quer dizer que o corpo como poder de *Einführung* já é desejo, *libido*, projeção – introjeção, identificação – a estrutura estesiológica do corpo humano é, pois, uma estrutura libidinal, a percepção um modo de desejo, uma relação de ser e não de conhecimento. [...] Qual é o Eu do desejo? É evidentemente o corpo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 272, grifo do autor).

Para o entrevistado APOLO, tudo é uma questão de ir se acostumando é seu deixar-se habitar pela nova significação do corpo atual, é o habituar-se com o atual esquema corporal com um novo núcleo significativo. O atleta entrevistado movimenta-se da dependência de suas necessidades para a autonomia de suas atividades num processo que percorre o reconhecer o corpo próprio com suas singularidades.

(...) porque “pra” tomar banho tem que vir outro me dar banho, minha necessidades, então aquilo ali “pra” mim eu não aceitava, porque ter alguém “pra” te ajudar a fazer as necessidades, ai “pra” urinar tinha que tá colocando o negocio, e isso foi incomodando, isso incomodava muito, porque eu não conhecia o meu corpo, eu não sabia das orientações, ai quando você tem...depois de alguns anos que eu fui ter a possibilidade de poder tá através de profissionais me ensinando, o que eu poderia fazer, disso, daquilo, como é que era, ai as coisas foram melhorando. Hoje eu tenho sensibilidade até a cintura, hoje eu não uso frauda, eu não uso nada disso, porque hoje eu se tiver que fazer minhas necessidades... a gente não pode ter aquele controle, “né”, deu a vontade tem que correr para o banheiro, mas hoje em dia eu sei, hoje posso sair de casa tranquilamente, então, com o tempo você vai conhecendo o seu corpo, “né”, você tá com vontade de ir no banheiro, ah, começar a doer a barriga, dar umas pontadas, isso, aquilo, porque lá no SARAH (Hospital Sarah Kubitschek) ensinam tudo isso aí, opa, tem alguma coisa estranha, então tu já vai se embora lá para o banheiro, então tudo é questão de tu ir se acostumando com essas coisas, lendo isso aqui, tu faz no teu ritmo, sabendo o teu intestino, também o jeito que tu vai... (APOLO, 2021).

O circuito que se forma entre o corpo, outrem e as coisas liga-se ao tema da condição diacrítica da posição do corpo no mundo. Ela liga-se também ao princípio da reversibilidade,

à “metamorfose do vidente e do visível, que é a definição da nossa carne”, segundo Merleau-Ponty (1960/2013).

Até então, antes do acidente de trânsito que foi na (Avenida) Djalma Batista eu não praticava esporte nenhum, só trabalhava mesmo e naquele momento do acidente “pra” lá, o esporte me trouxe uma nova vida, por sair do sedentarismo... essas coisas assim... eu já tinha “pólio” (Poliomielite - paralisia infantil, a qual é uma doença contagiosa aguda causada por vírus que pode infectar crianças e adultos e em casos graves pode acarretar paralisia nos membros inferiores), mas não usava cadeira nenhuma, um ano e nove meses (de idade) contrai através de uma injeção (ARES, 2021).

A experiência perceptiva da própria corporeidade ligada ao mundo concede ao paratleta ARES o sentido da motricidade ao retirar-se do sedentarismo face ao envolvimento com o esporte e, mesmo já se reconhecendo como pessoa com deficiência antes do acidente de trânsito, o sentido de sua existência era uma motricidade laboral, somente, cujo sentido foi modificado com a lesão permanente e a realidade da cadeira de rodas, limitando ainda mais as ações genuínas do entrevistado.

Merleau-Ponty (1945/2011, p. 196) expõe o conceito de esquema corporal como “uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais”, ou a qualquer outro movimento.

(...) quando eu sofri o acidente, eu fiquei em casa, não saía, tinha vergonha de tudo, já tinha minha dificuldade (Poliomielite), mesmo assim conseguia me locomover para todo lugar, sem necessitar de ninguém, aí depois veio a cadeira, aí passei dois anos, sempre gostei de festa, não ia mais a lugar nenhum, já tinha me formado mesmo, né, não saía, até para ir no INSS era difícil (ARES, 2021).

Vergonha do próprio corpo no mundo era a experiência perceptiva do corpo sujeito do entrevistado ARES somando-se as dificuldades de mobilidade, de se locomover, o resultado era o isolamento dentro da própria casa. A cadeira de rodas configura-se como esse objeto social que ao mesmo tempo é limitante e libertadora, de acordo com o sentido estabelecido enquanto corpo habitual.

O esquema corporal é norma no sentido diacrítico do termo, “como zero de variação” (Merleau-Ponty, 1953/2011, p. 131), assim, ele é o fundo, o nível em relação ao qual os objetos de ação se definem, e, nesta medida, ele não pode ser caracterizado nem como algo que ocuparia um lugar objetivo no espaço, nem tampouco como uma ideia normativa. A análise merleau-pontyana (1953/2011) acerca das implicações desta concepção traz consigo a afirmação do caráter pré-objetivo do esquema corporal. Para Merleau-Ponty, (1953/2011),

esta análise destaca o propósito do esquema corporal em que a unidade do esquema corporal “é aquela de uma práxis” (Merleau-Ponty, 1953/2011, p. 138), de uma potência motora.

(...) porque até essa liberdade a cadeira me deu, porque eu andava pouco por causa da “pólio”, aí eu consegui ir para tudo que era canto, no braço, fui perdendo peso ates de fazer uma cirurgia de um suposto nódulo no peito... eu tive que perder peso, estava com 105 (kg) hoje eu mantenho entre 90 e 92, por causa do basquete e teve aquela coisa da parada na pandemia (COVID-19)... a gente passou muito tempo, ficar em casa sentado, teu cérebro vi minando e você engorda novamente, aí, eu “tava” torcendo que voltasse, então, graças à Deus... (ARES, 2021).

O esquema corpora de ARES é a percepção do movimento entre o sedentarismo e a vergonha, num processo de influencia mútua onde a vergonha o deixa imóvel na casa e a imobilidade o torna sedentário, fazendo subir seu peso, causando-lhe mais vergonha e o levando a mais isolamento. Não bastasse isso, lidar com a pandemia de infecção do covid-19 o manteve em casa, desejando logo voltar aos treinos do esporte de alto rendimento para praticar sua motricidade em sentido pleno.

O filósofo fez o seguinte comentário: “Portanto o esquema corporal não é percebido – Ele é norma ou posição privilegiada em oposição à qual se define o corpo percebido. Ele é anterior à percepção explícita – Ele exige reforma da nossa noção de consciência” (Merleau-Ponty, 1953/2011, p. 143). O esquema corporal é uma iminência, de modo que a consciência que temos dele é, com efeito, a de uma “variação em relação às normas” (1953/2011, p. 139).

(...) é bem difícil principalmente para mulheres, no meu caso, eu “tava” com 25 anos, no auge, a questão da vaidade, então tudo isso mexeu muito, muito comigo (...) porque de fato, abala muito o psicológico, como aquela questão da vaidade, foi muito difícil “pra” mim, entendeu, eu era muito vaidosa, usava muito salto alto, e aí a partir do momento...Eu não gostava nem de me olhar no espelho, eu não gostava de me olhar... me faltava um pedaço, “né”, a questão da vaidade era muito grande assim... eu chorei muito quando eu tive que dar os meus saltos altos porque eu não podia usar mais. Hoje tem pezinhos que dá “pra” regular, enfim, então logo no começo foi muito difícil, eu esquecia que eu não tinha prótese, eu caía, eu ia dar um passo, as vezes eu levantava da cama, dava um passo e caía, então assim, eu me sentia... eu não me reconhecia. sentia que a perna ainda estava lá, tentava me apoiar e não “tava”, aí foi difícil esse processo de entender que eu não tinha mais o membro e a questão de não querer me olhar no espelho, porque eu não queria me ver daquele jeito, aí foi quando fui fazer a fisioterapia, aquela que coloca um espelho que a gente vê a outra perna e o teu cérebro vai entender, enfim (ATENA, 2021).

A entrevistada ATENA destaca a experiência perceptiva da perda do membro enquanto frustração da sua vaidade, compreendendo que por ser mulher, o aspecto da vaidade tem um peso maior frente a facticidade da lesão permanente. A perda do corpo habitual significando para si a parte de si mesma, o reconhecimento de que no auge de sua vivencia

enfrentou a dura realidade de se desfazer de seus desejos femininos, seus objetos de vaidade e encontrar-se lançada no corpo atual, um esquema corporal que insiste em apresentar como presente o membro que não está mais lá. O olhar para si mesma é o olhar em reconhecimento da própria corporeidade enquanto pessoa com deficiência. O não querer olhar, o saber que falta de um pedaço de si é buscar não atualizar esse sentido do corpo fenomenal, em relação com suas próprias questões. O reconhecimento da própria entrevistada enquanto dificuldade psicológica de lidar com a perda do membro e o movimento de olhar-se pelo espelho e se questionar quem é essa outra que agora surge refletida no espelho, incompleta, cujo circuito neuronal ainda insiste em se manter pre-sente no membro fantasma, exigindo da reabilitação um período de adaptação, de compreender-se a si mesma nesse novo esquema corporal, portador de novos sentidos e agindo no mundo vivido.

Não se trata, portanto, de afirmar que a percepção que temos do nosso corpo é confusa, mas de tratá-lo como “o mediador de uma relação aqui-lá”, aponta Merleau-Ponty (1953/2011, p. 142). Dizer que a unidade do esquema corporal é lateral significa, pois, que ela é aberta, que ela é a unidade de uma coexistência com as coisas e com outrem.

De acordo com Merleau-Ponty (1953/2011), uma compreensão total do esquema corporal não diz respeito apenas à relação do sujeito consigo mesmo, mas à sua relação com outrem. Comenta o fato de que patologias do esquema corporal frequentemente se manifestam em dissociações da relação eu-outrem.

A compreensão integral da corporeidade do paratleta perpassa o aspecto do cuidar do corpo habitual. Se a relação simbólica com o próprio esquema corporal se modifica frente ao corpo atual, as formas de cuidar necessariamente também mudarão. A nova configuração do corpo fenomenal exigirá da pessoa com deficiência uma nova forma de olhar para si mesma e para o outro no que concerne a relação de cuidado prático com o corpo.

(...) oh, a gente sofre muito com “escaria” (sic) (escaras), que é uma das coisa que é um terror para cadeirantes, que é a “escaria” (sic), e dor de barriga, que é uma coisa meio estranha, só que eu tive “escaria” (sic) feia, e ela mata, é igual um câncer, ela começa vermelho aí depois aí depois vai ficar roxa e aquilo vai comendo, comendo, comendo, a minha ficou enorme, logo no começo, e eu já conheço varias pessoas que morreram por causa disso, mas é tudo questão de você evitar, você não pode ficar , quando você “tá” dormindo, você não pode ficar muito tempo virado só de um lado, porque você não tem sensibilidade, então você tem que evitar ficar sem oxigênio, tem que se assear, passar óleo, essas coisas, tem muitas pessoas que não tem esse cuidado, então sofre muito com “escaria” (sic), e se você não cuidar, infelizmente você vai falecer, porque se ela chegar a ir para o osso, não tem jeito, infeccionou o osso, aí infelizmente, oh, nos “perdimos” (sic) dois colegas nosso do basquete ano passado, por “escaria” (sic), ele começou com uma “escaria” (sic) bem pequenininha, aí ele ia lá “pro” basquete, quem tem “escaria” (sic), o professor (TREINADOR) não deixa treinar, porque as cadeiras lá do basquete elas são mais assim, pressiona mais, então é



pior, ai ele ia “pra” lá, eu fala assim: “cara, por que tu tá aqui, cara? O professor não deixa tu treinar, vai lá “pra” a tua casa, toma banho, fica lá de bunda “pra” cima lá, passa um remédio e tudo, e tu fica encostado até sarar!”. Mas o cara passava o dia sentado na cadeira, ai quando ele foi levado para o hospital, não tinha mais jeito, infecção generalizada, faleceu, todos os dois foi por causa de “escaria” (sic), eu sou muito cabreiro com isso, toda vez que eu tomo banho, eu olho no espelho, vejo se não te nada de... por causa de um cortezinho, pode se transformar numa coisa, porque tu não sente, cortou ali, bateu ali, ralou ali, não tem sensibilidade aqui, toma banho e se veste se tu não ficar olhando, tu não “tá” vendo, não “tá” sentindo, quando tu pensa que não, tá o buraco, lá dentro, ai é complicado, burocracia para sarar, aí é difícil (APOLO, 2021).

Dos entrevistados, APOLO é o único totalmente dependente da cadeira de rodas, condição que lhe faz vivenciar os cuidados para não desenvolver escaras. Nesse aspecto, APOLO atua nas duas frentes de domínios sensoriais, o cuidado consigo mesmo e o cuidado com o outro, tendo em vista que o próprio entrevistado relata que já enfrentou o tratamento de escaras e já acompanhou a parda de colegas que não reverteram o estado da morbidade.

Aponta, também, a acentuação afetiva do esquema corporal que se expressa, por exemplo, na predominância de certas regiões do corpo, como a zona bucal, na imagem do nosso corpo. Segundo o filósofo, trata-se da “instalação em mim de uma relação com outrem” (MERLEAU-PONTY, 1953/2011, p. 159).

(...) o basquete, no caso, que é o esporte que eu faço, me dá essa autoestima de poder fazer um esporte ou até mesmo ter um raciocínio rápido (...) pelo menos eu danço, saio, me divirto mesmo, só agradeço por “tá” vivo né, a limitação “pra” mim é se eu impor “pra” mim, aquela frase: “não sabendo que era impossível vou lá e faço!”, aí muita gente vê isso aqui e quer considerar como um exemplo, eu já digo o contrário, você que não “tá” vivendo, eu “tô” vivendo, vou “pra” uma festa e quero me divertir, é alegria e ai o pessoal se solidariza, pede para tirar foto, filmam, porque eu danço mesmo, “não “tô” nem vendo” (expressão regional que significa: não estou me incomodando). (...) isso aí já levo “pra” vida também, eu mesmo brinco, chega alguém lá, brinco de papagaio, brinco de Playstation, minha idade mental não condiz a minha física, tenho filhos que eu chego “pra” eles e converso de qualquer jeito, no modo deles, a minha mente não envelhece, o que envelhece é o corpo, infelizmente eu “tô” sempre me adaptando, hoje em dia até de DJ eu toco, para alguns, e não faço feio (ARES, 2021).

Dessa forma, enquanto se movimenta nas diversas ações, mostrando-se em visão, em fala, em audição, em gestos diversos, em atitude corporal, o corpo próprio é criador de novos significados. Sobre isso, Merleau-Ponty destaca que:

nosso corpo, enquanto se move a si mesmo, quer dizer, enquanto é inseparável de uma visão do mundo e é esta mesma visão realizada, a condição de possibilidade, não apenas da síntese geométrica, mas ainda de todas as operações expressivas de todas as aquisições que constitui o mundo cultural (1945/2011, p. 519).

Colocar-se em movimento, exercer a própria motricidade, retirar-se da inércia, evitar a acomodação, agir de forma significativa no mundo vivido, que é o fundo da existência, parece proporcionar ao paratleta autoestima, parece ser o desporto o veículo que proporciona ao paratleta a possibilidade de agir no mundo, de produzir significado, em intercorporeidade interagir com o outro e obter sentido nas relações. O paratleta passa a se reconhecer como um ser singular, um ser próprio, dotado de sentido em existir e explorando suas possibilidades através do seu esquema postural fortalecido pela percepção de que esse estágio da compreensão depende das próprias escolhas.

(...) eu tenho noção, eu tenho conhecimento de que eu tenho limitações físicas, mas isso não me impede de chegar aonde qualquer pessoa pode chegar, o esporte me proporcionou isso, conheci varias outras pessoas, pensamentos diferentes, muitas pessoas tem a mente ainda um pouco fechada em relação a isso, não procuram estudar, enfim, não sei se é por conta de falta de incentivo, ou mesmo porque se acomodam mesmo, mas eu nunca quis me acomodar, eu nunca quis, eu sempre quis, eu sempre acreditei no meu potencial, enquanto eu “tava” (sic) ali reclusa, eu vivia como se fosse um bebezinho querendo sair, andar e os pais segurando, entendeu, então o esporte foi um divisor de águas pra mim hoje, hoje já me reconheço como a (ATENA) de hoje em dia, como pessoa com deficiência, a minha capacidade, enfim, é isso (ATENA, 2021).

De acordo com a entrevistada ATENA, autoestima é reconhecer que há limitações, há dificuldades, mesmo assim, ir além dela, romper a bolha do comodismo e perceber que todo ser é, de algum modo, limitado e que por isso, não há diferenças significativas que lhe impeça de buscar explorar suas potencialidades. Na pessoa com deficiência, que escolhe tornar-se paratleta, há um sentido que lhe impulsiona ao movimento, a motricidade humana é o ato significativo agindo no mundo vivido, gerando sentidos. Mesmo diante de todas as contradições, as dúvidas, o corpo se movimenta, o corpo rompe barreiras, o corpo não se acomoda porque é somente no agir que o corpo fenomenal obtém sentido para a existência. E esse corpo fenomenal é um corpo uno, integral, uma corporeidade plena de corpo e alma (mente).

A partir da proposta de um novo paradigma integralizado que concebe a corporeidade como uma dimensão complexa e produtora de sentidos surge a necessidade de se romper com as dicotomias existentes no discurso da ciência (mente-corpo, eu-outro, eu-mundo) como ainda ocorre em várias culturas como resquícios da tradição cartesiana como um domínio que segrega o corpo físico e a mente (ou a “alma”).

Sim, me tornei outra pessoa, com certeza, mas eu não fico triste não, muito pelo contrário, eu me sinto perfeita, não vejo nenhuma dificuldade, não vejo nenhuma dificuldade não de andar, de ... se eu quiser sair eu saio, é assim. (...) Minha

autoestima de agora “tá” bem, graças à Deus, “tá” muito bem, “tá” em alta “né”, como se diz as pessoas (HERA, 2021).

Para a entrevistada HERA, a prática do esporte de alto rendimento a tornou outra pessoa, sendo a mesma pessoa e basta um desejo que a entrevistada se sente capaz de realizar, em sua palavras, é perfeita, isto é, em suas potencialidades, poder executar sua motricidade para buscar seus sonhos, e isso lhe tira da tristeza e lhe devolve a autoestima.

#### 6.4.10 O sentido da motricidade humana do corpo-capaz do paratleta

Faz-se, então, necessário estudar o corpo como um agente ativo e em transformação constantemente, levando-se em consideração a cultura e a evolução dos costumes, hábitos e práticas discursivas que dominam a comunidade de origem e não apenas o corpo como um receptáculo passivo de influências sociais e culturais.

Sob um novo olhar, o corpo passa a ser descrito como o *locus* de uma reflexividade. “A relação com o mundo está incluída na relação do corpo com ele mesmo”, afirma o filósofo Merleau-Ponty, M. (2000, p. 287).

(...) antes, o meu pensamento era: eu não, eu não... a minha deficiência é algo que não vai voltar, eu preciso aprender a conviver, eu pensava dessa maneira antes. Hoje eu digo que eu me aceito, porque não é somente aprender a conviver com aquilo, se você aprender a conviver você não está aceitando, você está aprendendo a engolir todo dia que é aquilo, “né”, e hoje não (ATENA, 2021).

O movimento de aceitação, segundo a paratleta ATENA, percorre o caminho até a transcendência do próprio sentido de corporeidade, tendo em vista que, em suas próprias palavras, aceitar é um gesto existencial mais profundo do que aprender a lidar com o fato irreversível. A aceitação, o sentimento de amar o corpo atual é a própria compreensão do corpo ativo, o corpo fenomênico submetido à reflexão e passível de ser descrito em sua complexidade gestáltica.

Merleau-Ponty pretendeu recuperar a dimensão do vivido no mundo em seu sentido primeiro a partir da ênfase na experiência primordial. Nesse movimento, é significativa a vivência do corpo numa dimensão de corporeidade enquanto sentido de corpo irreduzível a esferas isoladas e ao mesmo tempo em movimento de inter-relação no mundo, afinal, o corpo que se move é o corpo que “se volta para o mundo para significá-lo” (Merleau-Ponty, 1953/2011, p. 64), a significação desce no mundo.

Com certeza, tive um processo de reabilitação física, um processo de me aceitar, que eu perdi minha perna, que eu não podia mais andar. Na primeira olhada assim eu fiquei pensando: “poxa, eu não vou mais sair de casa, eu não vou mais brincar com meus amigos, não vou fazer mais amigos, que nem eu!”. Mas foi tudo o contrário, assim, foi tudo diferente, eu fui me adaptando mais, “pra” mim voltar “pra” escola também foi muito difícil, mas eu voltei, conheci novos amigos, fiz novos amigos. (...) Por ser criança foi mais fácil, porque eu acho que se fosse na fase adulta não sei o que ia ser de mim, na fase criança foi mais fácil, eu aceitei na hora, assim, o médico falou “pra” mim... (...) Não, nunca tive, desde o começo quando eu perdia minha perna que o médico falou que eu tinha perdido a minha perna, eu falei “pra” mamãe, eu falei “pro” médico que eu não queria botar outra perna, e até hoje eu penso assim, eu me sinto bem assim, se Deus quiser eu vou continuar assim (HERA, 2021).

A própria entrevistada HERA apontou como foi significativa a facticidade de, ainda na infância, ter sofrido a lesão permanente e projetada que se tal fato tivesse se dado noutra circunstância, na idade adulta talvez, a sua forma de compreender o fenômeno seria outra. Nesse aspecto, é inevitável traçar um paralelo comparativo a historicidade da paratleta ATENA e apreender que o sentido de aceitação da corporeidade para ambas é reconhecidamente diferente, a ponto que ATENA buscou a utilização da prótese, mas HERA não.

Devido à lesão permanente ter ocorrido ainda na infância da HERA, seu corpo se desenvolveu e estabeleceu um esquema corporal com suas configurações neurais já marcadas pela ausência do membro lesionado, mesmo ela tendo enfrentando o fenômeno do membro fantasma, não relatou a mesma intensidade de dores que a paratleta ATENA, dessa forma, não podemos descartar a característica de plasticidade dos circuitos neuronais do sistema nervoso central e periférico, ou seja, HERA cresceu e se desenvolveu reconhecendo-se como pessoa com deficiência, o que auxilia na compreensão da diferenciação de representação dos corpos videntes-visíveis das paratletas.

Na visão de Merleau-Ponty, a experiência do ser no mundo é reconhecida no corpo de forma sensível, mas não se reduz aos dados sensíveis, pois o corpo próprio retoma o sentido de existência em abertura em um constante mostrar-se de novos significados ao se alargar no mundo por meio do corpo habitual, contudo a concepção de um sentido de totalidade do corpo não negligencia as especificidades do sentido do corpo, pois, “a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade” (1945/2011, p. 269).

(...) que foi isso que aconteceu comigo, hoje em dia se você chegar comigo e não me conhecesse, chato esse cara aí, meio boçal, eu não tenho que me menosprezar por alguém que tem isso ou aquilo, porque, digamos assim, a minha inveja, não “pro” cara

se quebrar não, eu quero chegar mesmo ao que ele faz, e isso tem muita gente que vê o contrário: não, mas tu já treina a tanto tempo, ser humano é sempre constituído na evolução, você pega tuas falhas e tenta corrigir, é diferente, a vida é assim mesmo, se eu disser: “ah, isso eu não consigo, eu não vou fazer!”... tem uma palestra... uma palestra não, uma declaração do melhor do mundo “né”, sem ser o Messi... Cristiano Ronaldo que ele diz que a cabeça dele diz que ele é o melhor, se ele achar que ele não é o melhor ele não vai ser ninguém (...) Eu normalmente sou bem esclarecido, eu busco isso aí até para passar em casa, para os meus filhos, sempre foi assim, por exemplo, agora o meu filho conseguiu a bolsa dele, ele conseguiu 50% já comecei a luta aí que além do meu benefício eu desenvolvi o hábito de trabalhar com TI (Tecnologia da Informação), eu fiz gestão, mas eu não completei, a gestão é você gerenciar, não era trabalhar diretamente, aí foi a forma que eu consigo um dinheiro a mais, senão cobra que não anda engole sapo, e você tem que fazer por si, não espero cair do céu, mesmo assim as pessoas ainda dizem que sou acomodado (ARES, 2021).

O sentido de corpo-capaz é o movimento de aceitação do paratleta ARES. Em sua compreensão de motricidade, do corpo do ser que não cessa sua evolução, o paratleta apreende que é somente na evolução, no constante modificar e se transforma que seu corpo se reconhece enquanto ser-no-mundo e que, portanto, aceitação não é acomodação, mas sim a busca ativa pela evolução, pela transcendência, mesmo que isso ocorra pela metáfora da programação neolinguística.

Indagar sobre o corpo torna-se um indagar sobre a existência, quando se considera que o corpo é o veículo do ser no mundo. A *ontologia do sensível* que falou Merleau-Ponty implica que o mundo e corpo são simultaneamente sujeito e objeto, ou seja, o corpo pertence à ordem das coisas assim como as coisas também pertencem à ordem do corpo.

(...) e essas questões aí fizeram eu perceber que era possível, que as dificuldades elas sempre existem, mas eu tenho que fazer uma escolha, ou eu penso nas dificuldades e não saio do lugar ou eu boto essas dificuldades em baixo do braço e vou à luta, graças à Deus a gente “tá” aí, vivendo, as dificuldades continuam, “né”, mas não é mais difícil do que era lá em 2010, e a gente “tamo” (sic) aí na luta. (...) Acrescentar assim que a nossa vida de cadeira de rodas, ela pode ser uma coisa de dificuldade, mas a gente tem que ter uma luta dentro de si muito grande, para gente ter em mente que a gente pode, que a gente é capaz, e eu falava muito para certas pessoas que eu vejo, depois que eu já passei no começo, eu falo mesmo, minha vivência, o que aconteceu comigo, e eu resolvi dar cara a tapa e ir “pra” luta, em vez de ficar numa cama, reclamando, e sendo dependente das pessoas, mas a caminhada não é fácil, é longa, mas não é fácil, mas a gente sobrevive, com a ajuda de Deus, ajuda das pessoas, a gente vai na luta (APOLO, 2021).

Ao tomar a via da superação, a motricidade, o movimento intencional do entrevistado APOLO é a compreensão de que seu corpo é sujeito, e não objeto, lançado num mundo vivido permeado de obstáculos, não somente para aquelas pessoas com deficiência, mas para todos. Em sua linguagem figurada, tomar a dificuldade, colocá-la debaixo do braço e ir à luta, APOLO procura demonstrar que, em sua compreensão, ser-no-mundo é reconhecer-se mundo circundante repleto de possibilidades pelas quais o ser necessita fazer escolhas e conviver com

as consequências que cada uma das suas decisões lhe traz. Ao tomar a responsabilidade do seu existir, em face da liberdade que se encontra diante de suas possibilidades, o ser busca sua autenticidade que torna o sentido de estar vivo para APOLO somente no movimento de estar lutando e isso lhe impulsiona a falar, comunicar, ensinar aos demais que a via da superação é uma escolha.

A preocupação do filósofo Merleau-Ponty não foi constituir a diferença entre as noções de corpo como sujeito ou de corpo como objeto, mas sim a de ter a noção de corpo “vidente-visível”, isto é, corpo que se movimenta, que sofre, o “corpo vivido” ou do “corpo animado”, o corpo que revela suas diversas configurações e ao mesmo tempo situa diversos significados, tanto que a percepção das coisas como a experiência perceptiva do outro são sempre de cunho carnal, e foi a partir desse sentido de carnalidade que se desenvolveu a noção de corporeidade. De acordo com o filósofo, “engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos” (Merleau-Ponty, 1945/2011, p. 252).

(...) então, assim, eu sempre vejo, procuro ver o lado bom de tudo que acontece na nossa vida, na minha vida no caso “né”, e quando acontece alguma coisa ruim, eu sempre penso que vai chegar o fim, “né”, nada é eterno, nem o momento de felicidade nem o momento de dor, então é isso, a minha lição que eu tirei de tudo isso é essa, nenhum sofrimento é eterno e nem o momento de felicidade também é, “né”, a gente sempre que tá... tá sempre oscilando ali... entre estar bem e não estar bem, a gente só precisa se reconhecer e trabalhar, sempre de uma forma positiva. Eu sempre penso isso. (...) Então hoje eu sempre penso assim, quando eu passo por um momento difícil, “né”, complicado, às vezes é um problema, eu penso: não, esse dia vai acabar e esse problema ou a gente vai resolver hoje ou de alguma maneira gente vai ter que resolver, mas vai acabar, nada é eterno “né”, eu sempre penso assim, nada é eterno, vai acabar, e esse é o lema que eu levo “pra” minha vida, sempre, quando eu “tô” nervosa demais eu penso assim: Meu Deus, vai acabar, vai acabar isso aqui, vai passar, vai passar... mas foi bem interessante a minha experiência de vida. Hoje eu contando sou bem tranquila em relação a isso, falar sobre isso (ATENA, 2021).

A temporalidade empurra a vida colocando-a em movimento incessante em que nada dura para sempre, movimento este que é percebido pela parateta ATENA, em seu corpo animado, que sofre, que se diferencia do objeto, mas que se supera ao assumir suas escolhas, ao escolher o lado bom da vida, o pensamento positivo, a resiliência de acreditar na chegada de um novo dia e que a temporalidade apresentará novas alternativas que renova suas esperanças ao ter paciência que o momento difícil vai passar e aceitação que o momentos fáceis também não vão durar, conferindo a sabedoria de conviver com seu corpo vidente-visível, muito mais que mero objeto fruto de uma cultura pré-existente, é um retrato vivo do corpo-capaz, o corpo de qualquer forma pode existir, em sua completude e autenticidade.

Ao andar em ruas, entre os carros, abrir portas, entrar em casas, tocar nas coisas a carnalidade na espacialidade impregna as coisas, as paisagens, a temporalidade num movimento em que o nosso corpo mantém um contato direto e relacionando-se com as coisas e com o outro, o corpo vai interagindo com as coisas e ampliando sentidos que faz reconhecer as coisas em suas interações de sentidos.

“Eu nunca pensei em desistir, e por mim eu não saia do vôlei tão cedo, pretendo ficar no vôlei até...” (HERA, 2021)

Em sua simplicidade, a entrevistada HERA reconhece que ser paratleta é consequência única e exclusiva de suas escolhas e que o sentimento do seu corpo atual, vidente-visível, é que ele permaneceria na prática do paradesporto por muito tempo, ao mesmo tempo em que a compreensão de corporeidade não está atrelada somente ao tempo, mas a profundidade que esse sentido encontra em sua especialidade das interações cotidianas de sua existência, a ponto da paratleta ter a percepção de nunca pensar em desistir de tanto que se encontra conectada a sua corporeidade atual.

O corpo fenomenal, corporalizado, refere-se ao conceito de corpo, tema prioritário na obra de Merleau-Ponty, onde o corpo deixa de ser visto como o receptáculo passivo de um mundo de coisas que o rodeiam, o corpo exerce, pelo sensível, “essa comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida” (1945/2011, p. 84).

Conforme questiona Merleau-Ponty (1945/2011, p. 477), “se o Eu que percebe é verdadeiramente um Eu, ele não pode perceber um outro Eu”.

A noção de corpo não é um conjunto de órgãos nem remete ao fisiologismo, pois o corpo vivido transcende o corpo fisiológico, mas corpo que se localiza neste seu encontro com o mundo, *corpo vivido* ou *corpo sensível* que nos fala Merleau-Ponty, fazendo com que as relações e os limites entre o sujeito e objeto se tornem deslocáveis e ambíguas.

Merleau-Ponty (1945/2011) idealizou o corpo como algo que percebe e é concomitantemente percebido, o corpo é palco de suas próprias experiências, é algo ativo e não apenas um receptáculo passivo das forças individuais ou coletivas, devendo ser compreendido não apenas como objeto da percepção.

Quando minha mão direita toca a esquerda, sinto-a como uma coisa física, mas no mesmo instante, se eu quiser, um acontecimento extraordinário se produz: eis que minha mão esquerda também se põe a sentir a mão direita. Nele (meu corpo) e por ele não há somente um relacionamento em sentido único daquele que sente com aquilo que ele sente: ocorre uma reviravolta na relação, a mão tocada torna-se tocante,

obrigando-me a dizer que o tato está espalhado por todo o corpo, que o corpo é ‘coisa sensitiva’, sujeito e objeto. (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 195)

O corpo passou a se compreendido como uma entidade intencional, um invólucro de tensões, assimetrias, desejos, culpas e imagens seminais de amor e ódio, e, de acordo com o conceito de “corpo vivente” de Merleau-Ponty, para quem o compor sempre se dirigia rumo ao mundo, assim o corpo não deve ser compreendido como um mero mecanismo causal, uma mera massa de órgãos e tendões.

É esse corpo fenomenal que possibilita a experiência imediata, que melhor explicita o acontecimento da corporeidade, que integra num só âmbito o interior e o exterior, a alma e o corpo, o eu, o outro e as coisas, é um corpo sujeito com capacidade de qualificar criações e expressões e se comunicar com o corpo objetivo, portanto, nesse aspecto, pode-se afirmar que o corpo canta, dança, pinta, e a referência ao acontecimento corpóreo, na devida consideração de que “tornando-se passado o acontecimento não deixa de ser” (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p. 563).

A experiência do corpo revela uma existência ambígua, não é causalista como no biologismo ou naturalismo, pois as funções corporais são retomadas no drama único da existência. Assim, o corpo não é objeto, nem poderia ser. Pela mesma razão, a consciência não é pensamento. O que se apresenta é sempre outra coisa além do que é, sem fechamento. Mas exatamente, segundo afirma Merleau-Ponty (1945/2011, p. 474):

Sinto meu corpo como potência de algumas condutas e de certo mundo, sou dado a mim mesmo com um certo poder sobre o mundo; ora, é justamente meu corpo que percebe o corpo de outro, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima, da qual o meu corpo é a cada momento o rastro, habita esses dois corpos ao mesmo tempo

Merleau-Ponty recupera um pensamento que examina o contato constante e inter-relacional das coisas, da vida, da cultura, que expressa e suscita sentidos diversos, testemunhando e interrogando de forma recíproca a corporeidade. Tomar por esse viés o sentido da corporeidade é também considerar a própria situação humana em seus modos de expressividade, de tal forma que ela possa trazer o sentido do vivido do próprio homem em seus contextos de existência. A experiência do homem no mundo é, nesse viés, também uma experiência de corporeidade.



Na concepção de corporeidade de Merleau-Ponty, a percepção de outra pessoa se dá no envolvimento da coexistência e apreensão de determinada intenção dela e não da mesma maneira que se dá a percepção de objetos físicos.

#### 6.4.11 Considerações finais

Diante do que foi anteriormente apresentado, analisado e discutido é possível responder positivamente que foi alcançada a compreensão do significado de corporeidade para atletas lesionados em acidentes de trânsito sob a ótica da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty? Modestamente, podemos afirmar que sim. Ao optar pelo método de pesquisa em Psicologia fenomenológica para dar vida a este trabalho, percebemo-nos cientes que o resultado final do método de análise do processo iria refletir os significados das essências da experiência dos participantes a partir da síntese de suas próprias descrições (GIORGI & SOUZA, 2010).

A compreensão se tornou possível principalmente pelo rigor com que os pesquisadores levaram a adiante o uso da *epoché*, que é a suspensão da atitude natural frente ao fenômeno investigado, conceito o qual Husserl denominou redução fenomenológica-psicológica.

Os fatos narrados pelos entrevistados partir de uma atitude natural de senso comum, em que os participantes forneceram as suas descrições da experiência humana do mundo da vida sem que precisassem ter nenhum tipo de conhecimento sobre o método de investigação acerca de suas vivências. Ademais, para determinar a essência do fenômeno que carrega a síntese de significado psicológico que é o centro do objeto de estudo da pesquisa, ficou a cargo dos investigadores a busca rigorosa a síntese do sentido da experiência vivida pelos vários sujeitos que participaram na investigação através da variação livre imaginativa do uso da análise eidética que abrange apenas os objetivos que surgem à consciência dos entrevistados.

De forma prática, isso ocorre pelo número de vezes que o fenômeno, isto é, o objeto de estudo da pesquisa se repetiu ao longo dos protocolos da investigação e permitiu emergir a síntese final de significado da essência de caráter psicológico a partir de uma generalização da análise eidética dos resultados finais da investigação.

Afinal, de que síntese significativa é esta que foi alcançada estamos tratando? A compreensão sobre o corpo que balizou nossa análise foi proposta pelos estudos fenomenológicos de Merleau-Ponty (2011), para o qual o corpo não pode ser entendido como a soma das partes e a alma como algo que comanda esse conjunto, mas o corpo humano

somente pode ser compreendido em sua integralidade por meio de sua vivência e de sua experiência.

O conceito de corporeidade, para Moreira et al. (2006) , implica em vida, em existência e na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo os paratletas tiveram seus momentos em pensar o mundo, o outro e a si mesmo. Refletir acerca da própria Corporeidade, exigiu do entrevistado o abandono do entendimento do corpo como um objeto, crítica há muito tempo feita por Merleau-Ponty à psicologia clássica (2011, p. 136)

Ao desvelar suas descrições acerca de suas vivências humanas, os participantes expuseram seus aspectos existenciais mais vulneráveis, refletiram acerca de suas essências a partir de suas fragilidades, daquilo que lhes co-move. “Nessa precariedade espaço-temporal, o mais vulnerável é o corpo, a vida [...]. O ser do corpo, o ser corpóreo está irremediavelmente atrelado ao ser espacial, ao ser temporal, ao sermos humanos” (ARROYO, 2012, p. 40).

Não nos cabe mais a concepção do corpo não mais como objeto, mas como meio de nossa comunicação com o mundo presente, antes de todo pensamento determinante, como horizonte latente de nossa experiência e não mais como soma de objetos determinados. Para Nóbrega (2010, p. 92), “o sentido da corporeidade revela-se na estesia do corpo, configurando uma linguagem sensível, marcada por gestos, silêncios, sentimentos, pensamentos e falas”.

Com os trabalhos de Merleau-Ponty (2011), as reflexões sobre os termos corporeidade e movimento ganharam uma dimensão mais significativa, especialmente a partir do momento em que o autor associa consciência, corpo, mundo e vivência:

Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” e “[...] todo movimento é indissolúvelmente movimento e consciência de movimento”. Corporeidade, mais que um conceito, é uma atitude perante a vida, no conhecimento de si mesmo, dos outros seres humanos e do mundo ou das coisas (p. 159).

Almeida (2004, p. 27) descreve ser o corpo como “[...] o lugar de representação da própria “alma” [...]. Ele é o suporte para formas de vestir, de tratar e domesticar o corpo [...]”. Merleau-Ponty (2011, p. 174) afirmou que corporeidade a não é serva da consciência “[...] não se pode referir certos movimentos à mecânica corporal e outros à consciência, o corpo e a consciência não se limitam um ao outro, eles só podem ser paralelos”.

Portanto, ao explicitar sua argumentação sobre corporeidade e motricidade, Merleau-Ponty defende a unicidade mundo e corpo de forma recorrente (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA (2016). Nista-Piccolo e Moreira (2012a, p. 50) afirmam que “a

corporeidade pode ser entendida como corpo em movimento que busca a vida num determinado tempo histórico e cultural [...]”.

Em face da facticidade do acidente de trânsito que lesionou o sujeito de forma permanente, a pessoa com deficiência encara em sua cotidianidade a incredulidade da brusca transformação do seu esquema corporal, do corpo habitual para o corpo atual. A partir de então, redimensiona suas relações com o outro no sentido de intercorporeidade em que os novos significados forçam o ser a olhar para si mesmo e se reconhecer a partir do olhar do outro, no corpo vidente-visível, com afetividade. Em seguida, o ser depara-se com objetos culturais presentes no mundo aí já existentes que lhe apresenta obstáculos e barreiras, principalmente as atitudinais, que dificultam a realização de seus gestos e ações (figuras) no palco do mundo vivo (fundo) para garantir o acesso aos seus direitos fundamentais. Diante de todo esse cenário, o desporto se apresenta como possibilidade de ressignificação do sentido de corporeidade para a pessoa com deficiência a partir do momento em que compreende a motricidade como caminho para alcançar a transcendência até o sentido do corpo capaz, isto é, o sentido do corpo que é capaz de fazer suas escolhas existenciais, arcar com as consequências enquanto autenticidade e se perceber enquanto ser-no-mundo com infinitas possibilidades, um ser em constante abertura, influenciado e sendo influenciado continuamente pelas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Um estilo de vida ativo pressupõe um conceito de corporeidade que exige uma atitude ética para consigo mesmo, para com os outros e para com o mundo. E ter condições de gerir sua própria vida, de fazê-la ser melhor a cada dia, propicia também um mundo melhor para se viver (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012d, p. 41).

Na relação consigo mesmo o ser do corpo-capaz compreende-se como um ser uno, indivisível, particular em que corpo e alma são partes de um todo que é bem maior que soma do que seriam suas partes, ou seja, um único circuito gestáltico. Essa relação com seu próprio corpo encontra-se em constante movimento pelos inúmeros significados que as experiências perceptivas proporcionam aos domínios sensoriais do corpo fenomenal, isto é, o corpo que se afasta da atitude natural e se aproxima da atitude reflexiva fenomenológica. Corporeidade é a presença concreta da vida e não um conceito, é um estilo de vida na busca da superação, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e pela cultura (MOREIRA & SIMÕES, 2016).

Ao se perceber enquanto pessoa com deficiência, a trajetória do corpo habitual para o corpo atual ocorre de forma abrupta, pela facticidade brutal do acidente de trânsito, em que, aos

poucos, seguindo a temporalidade de cada ser, acalma-se, olha para si mesmo e ressignifica o próprio corpo vivido.

Na relação com outro, o ser se depara com o ser animado, que gesticula e emite ações que indicam para o ser que ali no outro há uma consciência intencional, semelhante a si próprio e que produz sentido que transforma e se transforma incessantemente. O olhar do outro reflete o seu próprio olhar, a imprevisibilidade do comportamento do outro indica para o ser o seu próprio comportamento, imprevisível, indeterminado, em que o ser se reconhece como sendo constantemente influenciado e influenciando o outro, surgindo dessas relações os objetos culturais de produção histórica, política, social e existencial. A “corporeidade é sinal de presentidade no mundo. [...] É a presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e por essa cultura.” (MOREIRA, 2013, p. 149).

A pessoa com deficiência, na relação com outro, percebe-se como ser capaz de incentivar e ser incentivada e que os significados das relações são perpassados de forma marcada pela afetividade, que concerne sabores especiais às relações e impulsionam o ser a transcender a partir da sua motricidade a partir da compreensão de que o ser é impulsionado a se mover por valores quando se apaixona por eles, integrando-os na carne e no sangue de seus desejos (BENTO, 2013).

Na relação com o mundo, o ser se depara com o mundo já aí posto, existente, prenhe de significados preestabelecidos mesmo antes do ser existir. Em seu sentido de motricidade no movimento de transcendência no mundo, o ser percebe-se como sujeito capaz de transformar e ser transformado pelo mundo, alterando os rumos históricos, políticos e sociais da sua própria realidade. “Na motricidade humana, a primeira evidência é o corpo. Mas um corpo que excede o corpo físico objectivo, pois que o corpo manifesta um excesso de viver encarnado, o que requer pensá-lo, não do exterior, mas desde dentro. Vejamos: o corpo é uma construção social, cultural e política” (SÉRGIO, 1999, p.27). Assim como vai percebendo a própria transformação do sentido de corporeidade enquanto caminha pela vida no mundo vivido.

Nas andanças da pessoa com deficiência, proveniente de lesão permanente em decorrência de acidente de trânsito, percebe a possibilidade que se engajar ao paradesporto, o fenômeno da motricidade humana capaz de possibilitar a transcendência do sentido de existir, dado que a prática esportiva é muito mais que a simples execução de movimentos técnicos, como se fossem máquinas, mecanizados, mas é a busca pela melhor versão de si, pelas escolhas éticas e cooperativas que transformam o mundo no mundo melhor ao mesmo tempo

em que o ser se transforma num humano melhor a partir da complexidade da sua própria corporeidade.

Essencialmente, o paratleta é uma pessoa com deficiência que mais do que adversários esportivos, enfrenta, contidamente, uma concepção de mundo, de sociedade e de ser humano que tenta constantemente lhe rebaixar a uma condição de ser humano inferior. A partir da prática do paradesporto, a pessoa com deficiência vivencia a experiência perceptiva de que em cooperação com demais colegas de times, reconhecendo as características, mobilidades, qualidades e limitações dos demais e de si mesmo, reconhece-se capaz de enfrentar todos os obstáculos, inclusive atitudinais, que se colocam a sua frente. Os paratletas lesionados em acidente trânsito superam as concepções capacitistas que eles próprios traziam dentro de si, juntamente com a concepção dualista de corpo segregado que o modelo biomédico lhes inculuiu culturalmente através do modelo de ciência tradicional.

Enquanto pessoas com deficiência que optaram pelo esporte de alto rendimento e de forma competitiva, os paratletas não desejam e não esperam que sejam reconhecidos pelos outros como heróis, mas tão simplesmente como pessoas capazes de levar suas vidas a partir de suas próprias escolhas, nem superior e nem inferior, apenas diferente, com dignidade e cidadania e com respeito aos seus direitos fundamentais, como pessoas capazes de escolher quem elas optarem em ser. Este é o sentido do corpo-capaz.

#### Referências

ALCOFORADO, J.M.S. **Características Sociodemográficas da População e Identificação do Perfil Epidemiológico das Vítimas de Acidentes de Transporte Terrestre no Brasil e Pernambuco e partir de Microdados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Economia da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do Título de Mestre em Gestão e Economia da Saúde. Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Bezerra Nogueira, Recife, 2016.

APEL, K.-O. **Estudos Avançados**. USP, vol.6, n.º14, São Paulo, 1992.

ARANDA, R.A.; PEREIRA, A.M.; PALMA, J.A. e PALMA, Â.P.T.V. **A Concepção de Corpo dos Estudantes de Graduação em Educação Física**. Motriz, Rio Claro, v.18 n.4, p.735-747, out./dez. 2012.

BENTO, J. O. **Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006(a). pp. 155-182.

BENTO, J. O. **Da conjuntura corporal e do ambiente obesogénico, relaxado e indolente**. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Jan. 2007(b), vol.7, no.1, p. 3-5.

BENTO, J. O. **Da falácia da ‘actividade física’**. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Out 2006(b), vol. 6, no.3, p. 259-261.

BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte, v. 02, 2013.

BENTO, J. O. **Dos mitos e ideais gregos – e da sua importância para o presente crepuscular**. *Esporte e mito*, de Katia Rubio (org.), São Paulo, Laços, 2017, 260 pp. *Revista USP • São Paulo • n. 119 • p. 151-160 • outubro/novembro/dezembro 2018*.

BERTHO, A.C.S. e AIDAR, T. **Mobilidade Cotidiana e as Taxas de Vitimização por Acidentes de Trânsito: O Que é Possível Enxergar a Partir dos Dados Censitários?** *R. Bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 32, n.2, p. 257-276, maio/ago. 2015.

BLONDEL, M. **L'Action – essai d'une critique de la vie et d'une Science de la pratique**. PUF, Paris, 1973.

BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa Em Educação: Uma Introdução À Teoria E Aos Métodos**. PORTO EDITORA, PORTO: PORTUGAL, 1997.

BORBA, M.P. e HENNIGEN, I. **Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade**. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 246-255, 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

BUENO, M.; FILHO, N.A.S. **Análise Epistemológica da Teoria da Motricidade Humana no Contexto da Educação Física**. Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Educação Física, 2018.

CAETANO, P.L. **Pistas Somáticas para um Estudo da Corporeidade: uma Aprendizagem das Sensações**. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 168-176, maio.-ago. 2017.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Editora Alínea, 2004.

CARDINALLI, I.E. **Heidegger: O Estudo dos Fenômenos Humanos Baseados na Existência Humana como Ser-Aí (Dasein)**. *Psicologia USP*, 2015 I volume 26 I número 2 I 249-258.

CARVALHO, A.S. **Metodologia da Entrevista: uma abordagem fenomenológica**. 2.ed. – Rio de Janeiro:Agir, 1991.

CASTELO, J. **O Exercício de Treino Desportivo**, FMH, Cruz Quebrada, 2003.

CASTRO. E.H.B (Org). **Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica**. Curitiba; Appris, 2019.

DALMOLIN, B.M.; LOPES, S.M.B.; VASCONCELLOS, M.P.C. **A Construção Metodológica do Campo: Etnografia, Criatividade e Sensibilidade na Investigação**. *Saúde e Sociedade* 11(2): 19-34, 2002.

DESCARTES, R. **Discurso do método; meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DIAS, A. **Por uma Genealogia do Capacitismo: da Eugenia Estatal a Narrativa Capacitista Social**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2013. p. 1-14

DIAS, G. N. **Barreiras Atitudinais e o Processo de Socialização Organizacional das Pessoas com Deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.

DINIZ, D. **Modelo Social da Deficiência: A Crítica Feminista**. Série Anis, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

EMMEL, M.L.G.; GOMES, G.; BAUAB, J.P.. **Universidade com Acessibilidade: Eliminando Barreiras e Promovendo a Inclusão em uma Universidade Pública Brasileira**. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 7-20, 2010.

FERREIRA, R.M.; CARVALHO, M.D.B. **Sentimentos de Pais de Crianças Acidentadas em Automóveis Sem Uso de Assento de Segurança Infantil**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 abr/jun;15(2):400-6.

FREIRE, G.L.M.; GRANJA, C.T.L.; TORRES, V.M.F.; VASCONCELOS, G.C.de; MORAIS, M.P.de. **Percepção da Qualidade de Vida em Atletas de Atletismo e Natação Paraolímpica**. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 27, n. 2, p. 384-389, 2019.

FEITOSA, A.M. **Contribuições de Thomas Kuhn para uma Epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1993.

FREIRE, G.L.M.; TORRES V.M.F.; OLIVEIRA, D.V.; NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A. **Comparação da Qualidade de Vida entre Atletas e Paratletas Brasileiros de Alto Rendimento**. R. bras. Ci. e Mov 2019;27(3):52-58.

GALLO, S. **Corpo ativo e filosofia**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 9-30.

GESSER, M.; NUERNBERG, A.H.; TONELLI, M.J.F. **Constituindo-Se Sujeito na Intersecção Gênero e Deficiência: Relato De Pesquisa**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, n. 3, p. 419-429, jul./set. 2013.



GIORGI, A. e SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Ed. Fim de Século; Lisboa, 2010.

GONÇALVES-SILVA, L.L.; SOUZA, M.C.R.F.; SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W. **Reflexões sobre Corporeidade no Contexto da Educação Integral**. Educação em Revista|Belo Horizonte|v.32|n.01|p. 185-209 |Janeiro-Março 2016.

GUIMARÃES, S. S. M. **Corpo ativo e meio ambiente**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 221-234.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser E Tempo**. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. (Originalmente publicado em 1933).

HUSSERL, E. **Ideas Relativas A Una Fenomenologia Pura Y Una Filosofia Fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Originalmente publicado em 1913).

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 16. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1997.

LA METTRIE, J. O. **O homem máquina**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.

LUNA, S. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. In: FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

MACHADO, B.F.G. **Corporeidade E Existência Em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinres em Musicoterapia, Curitiba v.2, 2011, p.47-58.

MATTOS, R.S. **Sociologia do Corpo é Sociologia da Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 293-304, outubro/dezembro de 2010.

MELLO, A.G. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MENDONÇA, A.A.S. **Escola inclusiva: barreiras e desafios**. Encontro de Pesquisa em Educação, Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Originalmente publicado em francês, 1945)

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo; Cosac Naify, 2013 (Originalmente publicado em francês, 1960)

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível E O Invisível**. Brasil, Editora Perspectiva, 2003 (Originalmente publicado em francês, 1964).

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do comportamento**. São Paulo Editora: Martins Fontes - selo Martins, 2006 (Originalmente publicado em francês, 1967)

MERLEAU-PONTY, M. **As relações com o outro na criança**. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984a.

MERLEAU-PONTY, M. **Textos Selecionados**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **A Natureza – Cursos no Collège de France**. Tradução Álvaro Cabral – São Paulo, Martins Fintesm, 2000.

MINAYO, M.C.S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio Do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa**. Em Saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S. **Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade**. Universidad del Zulia, Venezuela. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 22, núm. 79, 2017.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S; SIMÕES, R. **Motricidade, Corporeidade e Complexidade: diálogos a partir do hemisfério sul**. *Motricidades*. *Rev. SPQMH*, v. 3, n. 3, p. 167-176, set.-dez. 2019.

MOREIRA, W.W. **Contribuições do jogo e do esporte para a corporeidade de crianças e adolescentes**. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 192-202 jan/abr 2019.

MOREIRA, W. W. **Corpo presente num olhar panorâmico**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Corpo presente*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MOREIRA, W. W. *et al.* **Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 137-154

MOREIRA, W. W. **Formação profissional em ciência do esporte: homo sportivus e humanismo**. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W.W. *Homo sportivus: o homem no humano*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012. p. 112-180.

MOREIRA, W.W.; GONÇALVES, L.L.; CARBINATTO, M.V.; CHAVES, A.D.; SANTOS-NAVES, S.P.; MAGRIN, N.P. e SIMÕES, R. **Repensar O Corpo Para Alcançar O Homo Sportivus**. Revista Kinesis, Santa Maria, v.36, n.2, p. 11-21, maio-ago. 2018.

MOREIRA, W.W.; NISTA-PICCOLO, V.L; SOBREIRA, V. **Do Corpo À Corporeidade: Uma Possibilidade Educativa**. Cad. Pes., São Luís, v. 23, n. 3, set./dez. 2016.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. **Educação física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e pesquisa**. In: DE MARCO, A. (Org.). *Educação física: cultura e sociedade*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 71-85.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Horizontes Pedagógicos), 2004.

MORIN, E. **Reformar o pensamento: a cabeça bem feita**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2002.

MORIN, E. **Pour sortir du XXème siècle**. Ed. Essais, 1998.

NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W. **Corpo ativo/ corporeidade no esporte**. In: NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W.. *Esporte para a saúde nos anos finais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012b. p. 46-52.

NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W. **Corporeidade no esporte: a busca de autonomia**. In: NISTA-PICCOLO; V. L; MOREIRA, W. W. *Esporte para a vida no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2012c. p. 38-51.

NISTA-PICCOLO, V. L; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no Ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012(b).

NÓBREGA, T. P. **Consciência corporal, corporeidade e educação física.** In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito.* 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004a. p. 77-85.

NÓBREGA, TP. **Fenomenologia, educação e sensibilidade.** In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito.* 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004b. p. 72-77.

NÓBREGA, TP. **Uma fenomenologia do corpo.** São Paulo: Livraria da Física, 2010.

NOVAES, A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Cia das Letras, 2003

NÚÑEZ, R.P.; HÍJAR, M.; CELIS, A. e SOLÓRZANO, E.H. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

OLIVEIRA, N.L.B. e SOUSA, R.M.C. **Fatores Associados Ao Óbito De Motociclistas Nas Ocorrências De Tránsito.** Rev Esc Enferm USP, 2012; 46(6):1379-86.

PEREIRA, A.M. **A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas.** Filosofia e Educação (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 2, Número 2, Outubro de 2010 – Março de 2011

PÉREZ-NÚÑEZ, R.; HÍJAR, M.; CELIS, A.; HIDALGO-SOLÓRZANO, E. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

PIRES, D.A.; OLIVEIRA, J.G.deB.; SILVA, A.A.C.e. **Predisposição Ao Fluxo: Percepção Dos Praticantes Do Basquete Em Cadeira De Rodas.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 3, jul./set. 2018.

POPPER, K.R. **Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico**. Coimbra: Editor Livraria Almedina, 2003.

PRISTA, R.M. **Manuel Sergio: um homem em movimento**. Rio de Janeiro, AMOHURJ, 2017.

RESENDE, C.M.; MACERATA, I.M., BARBOSA, L.C., PIMENTEL, M.B., MORAES, M.B.; MACEDO, C. **Corposições Entre O Ver, O Dizer E O Agir**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 2, p. 135-142, maio-ago. 2017.

REZENDE, A. M. de. **Por uma concepção fenomenológica de educação**. São Paulo: Cortez Editora e Editores Associados, 1990.

RIBEIRO, R. J. **Novas fronteiras entre natureza e cultura**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-36.

ROUANET, S. P. **O homem-máquina hoje**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 37-64.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projecto de pesquisa científica**. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 14. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SARTRE, J-P. (1999). **O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. de Paulo Perdiggão. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. (Originalmente publicado em 1943).

SCAGLIA, A.J. & REVERDITO, R.S. **Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI**, in: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.) **Educação física e esportes no século XXI**, Campinas: Papirus, 2016, p. 43-72.

SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2003.

SÉRGIO, M. **A racionalidade epistêmica na educação física do século XX**. IN: SERGIO, M (Org.), 1999.

SÉRGIO, M. **As lições do professor Manuel Sérgio: motricidade humana e futebol**. Lisboa: Prime Books, 2013.

**SÉRGIO, M. Educação física ou ciência da motricidade humana? 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991**

SÉRGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana, 1996.

SÉRGIO, M. **Filosofia do futebol**. 4. ed. Lisboa: Prime Books, 2012

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**, Compendium, Lisboa, 1987.

SÉRGIO, M. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1994a.

SÉRGIO, M. **Motricidade Humana – uma nova ciência do homem**. Lisboa:Portugal, Edição MEC/DGD, 1986.

SÉRGIO, M.; LEMOS, F.R.M. **Futebol: necessárias rupturas**. Motricidades: Rev. SPQMH, v. 3, n. 1, p. 69-76, jan.-abr. 2019.

SÉRGIO, M. **O desporto e a motricidade humana**. **Caderno de Educação Física** (ISSN 1676-2533 | e-ISSN 1983-8883) Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 111-122, 1. sem., 2010.

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem**. 2. ed. Lisboa: Compendium, 1994b.

SÉRGIO, M. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SFEZ, L. **A Saúde Perfeita – Crítica de uma utopia**. Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M.A. **Todos Passam Pela Via Crucis: A Corporeidade Em Clarice Lispector**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 623-632, jul./set. 2010

SILVA, A.F.L. **Corporeidade E Representações Sociais: Agir E Pensar A Docência**. *Psicologia & Sociedade*; 23 (3): 616-624, 2011

SILVA, L.M. **A deficiência como expressão da diferença**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 44, p. 111-133, 2006.

SILVEIRA, A.L.; CAMBRUZZI, R.C.S.; COSTA, M.P.R.; HERTIWIG, R.S.V. **Corporeidade e Existência: Notas de uma Perspectiva Fenomenológica sobre a Condição da Pessoa com Deficiência Física**. *Revista da Abordagem Gestáltica – XVIII(1)*: 30-36, jan-jun, 2012.

SOBREIRA, V.; LENÍ NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W.W. **A Ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física**. *Olhares & Trilhas*, v. 22, n. 2, p. 326-345, 25 ago. 2020

SOUSA K.M., OLIVEIRA W.I.F., ALVES E.A., GAMA Z.A.S. **Fatores associados ao acesso à reabilitação física para vítimas de acidentes de trânsito**. *Rev Saude Publica*. 2017;51:54.

SOUZA, C. V.; PALMA, A. P. T. V. **A Motricidade Humana e os princípios para o ensino da Educação Física**. *FIEP BULLETIN - Volume 82 - Special Edition - ARTICLE I – 2012*.



TOJAL, J.B. **Da Educação Física à Motricidade Humana: A preparação do profissional.** Lisboa/Portugal: Editora Instituto Piaget, 2004.

TOJAL, J. **Manuelsergio's Human Kinetics Perspectives For Its Implementation In Brazil.** Fiep Bulletin, 2010.

TOJAL, J.B. & GOMES, A. **Motricidade Humana – o paradigma emergente.** Campinas/SP: Brasil, Ed. Unicamp, 1994.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. **A motricidade humana e a educação.** In: SERGIO, M. (Org.). **O sentido e a acção.** Lisboa: Instituto Piaget, 2008. p. 31-60.

WEBER, F. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, são pelas vias rodoviárias urbanas e rurais que ocorre a maioria dos deslocamentos das pessoas e dos produtos. Esse intenso volume de tráfego de veículos transformou os acidentes de trânsito num significativo problema de saúde pública nas duas últimas décadas (MANDACARU *et al.*, 2017).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS, os acidentes de trânsito contribuem para o aumento na prevalência de incapacidades de 20 a 50 milhões de pessoas lesionadas no mundo inteiro (SOUSA *et al.*, 2017).

Na última década, o Brasil passou a ocupar a quarta posição entre 101 nações com maiores taxas de mortalidade por acidentes de trânsito, ou seja, são 23 óbitos para cada 100 mil habitantes, cujas vítimas são, principalmente, homens, trabalhadores jovens, idosos, motociclistas e pedestres (BACCHIERI & BARROS, 2011; GAWRYSZEWSKI *et al.*, 2005; SOUSA *et al.*, 2017).

Ademais, os acidentes de trânsito geram grandes impactos econômicos e sociais que incluem o resgate das vítimas e o tratamento de ferimentos, geralmente graves, os custos com a invalidez temporária e permanente das vítimas, assim como os custos relativos à perda de rendimentos futuros, danos materiais (das vítimas e do patrimônio público) e morais, custos médico-hospitalares, custas judiciais, custos de congestionamentos e de pessoal nas operações de atendimento às vítimas (MASSAÚ & ROSA, 2016), bem como, as sequelas psicológicas e transtorno de estresse pós-traumático relacionados em termos de dor e sofrimento das vidas humanas

Infelizmente, foi possível constatar que os acidentes de trânsito causados por imprudência dos motoristas, tais como, excesso de velocidade, as ultrapassagens forçadas, dirigir sob efeito de álcool, falta de atenção, corresponderam a mais de 69% das causas nas rodovias federais no ano de 2014, segundo dados do IPEA (2015) demonstrando que os acidentes de trânsito apresentam um importante indicativo de previsibilidade de que poderão ocorrer. (MASSAÚ & ROSA, 2016).

Adultos jovens, de 15 a 29 anos, do sexo masculino, solteiros, motociclistas, economicamente ativos, de baixa renda (até dois salários mínimos) e baixa escolaridade (até o ensino médio) são o principal perfil das vítimas de Acidente de Trânsito no cenário nacional brasileiro e quase todos os acidentados dependiam exclusivamente do sistema público de saúde. O alto número de sobreviventes, principalmente os adultos jovens, que apresentaram importantes sequelas físicas e psicológicas, doenças psicossomáticas e isolamento social,

pois, de acordo com Andrade & Jorge (2016), em média, uma em cada vinte vítimas de acidente de transporte terrestre será incapacitada permanentemente.

Contudo, a maioria das vítimas de acidentes de trânsito se depara com a omissão do Estado e a ineficiência dos sistemas de saúde em assegurar seu direito à saúde, inclusive de serviços de Reabilitação Física (RF), logo, se faz necessário a adoção de medidas de prevenção de acidentes de trânsito com o máximo de urgência, a curto, médio e longo prazo.

A prevenção de acidentes de trânsito tem como primeira medida conhecer o perfil epidemiológico dos acidentados e das características das vítimas relacionadas à mortalidade como medida de formulação de estratégias de enfrentamento desse problema de saúde pública

A segunda possibilidade de prevenção está relacionada aos sistemas de informação que devem ser integrados a ponto de fornecer informações confiáveis às instituições nacionais envolvidas nas apurações dos acidentes de trânsito a fim de servirem como referência para futuras decisões políticas (VILCA *et al.*, 2010).

Portanto, é esperado um grande investimento por parte do Estado, que, enquanto administrador público, elege os setores e as necessidades prioritárias da saúde que devem receber tais recursos (MASSAÚ & ROSA, 2016).

Também figuram com importante estratégia de enfrentamento das ocorrências de trânsito as campanhas de educação para o trânsito, afinal educar-se é o trajeto maneira pelo qual nos tornamos cognitivamente aptos para viver socialmente, a um só tempo, a educação, torna-se humana e humanizante (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016) em que ser humano passa a dar mais sentido à vida. “O princípio de que a educação é muito mais um fenômeno humano, uma experiência profundamente humana do que um ato pedagógico na transmissão de um determinado conteúdo programático [...]” (MOREIRA, 1995, p. 28).

Educar é por o sujeito em relação com o mundo e com a representação simbólica deste, sem separar o sujeito do objeto de conhecimento, em que o educando se apropria do conhecimento de maneira ativa, ele próprio produzindo o conhecimento vislumbrando a possibilidade de produzir uma nova realidade a partir do reconhecimento dos condicionantes históricos, tendo em vista que o homem cria e recria o mundo como produtor da cultura (NÓBREGA, 2004b).

Logo, a existência humana é base para a educação e para o aprendizado, por isso, os seres humanos não podem ser educados de forma fragmentada (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012b).

Os gestores responsáveis pela produção de educação para o trânsito - e aqui ousou ampliar o sentido de trânsito para o sentido de mobilidade (termo que abrange o fenômeno do

deslocamento humano de forma mais ampla) – necessitam compreender que o corpo do ser humano se move por interesses, ao mesmo tempo em que é moldado pelo mundo humano, ou seja, “o corpo é matéria-prima moldada pela cultura, mas a educação de forma tênue pode modificá-lo” (MOREIRA, NISTA-PICCOLO & SOBREIRA, 2016, p.72).

O ser se concebe, mostra-se, relaciona-se, educa-se, aprende e incorpora as coisas do mundo nessa existencialidade a partir da concepção da sua corporeidade, portanto, “o movimento da educação à corporeidade transcende o saber, pois é da dimensão do viver” (IDEM).

A dimensão de uma educação, via corporeidade, para a existência humana, requer ver-se a si próprio para melhor ver fora de si, o que não ocorre no pensamento mutilado/mutilador, cartesiano, em que o “eu” é, ao mesmo tempo, expulso (da reflexão) e arrogante (heliocêntrico) e é onde se encontra a linha de ruptura possível entre o pensamento mutilado/ mutilador, que ainda é o paradigma que influencia a produção de conhecimento para a educação de mobilidade, e o pensamento complexo, que é a concepção desejável para estabelece uma educação existencial do ser humano que abranja todos os aspectos da sua corporeidade. O conhecimento complexo exige que nos conheçamos aos conhecermos, nos situemos na situação, nos compreendamos na compreensão. A corporeidade aprendente, nos dizeres de Moreira *et al.* (2006, p. 140) “[...] requer considerar a educação como uma experiência profundamente humana”, por esse motivo ser uma aprendizagem da cultura.

Ainda enquanto o fenômeno da aprendizagem, lembramos que “assim como o homem não é só animal nem só razão, ele não é, tampouco, nem só individual nem só social” (REZENDE, 1990, p. 48-49), por isso, o ser humano aprende com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação e não somente com sua inteligência, isso logo significa caminhar na busca de uma educação que realce a Corporeidade. Sendo o corpo condição existencial, afetiva, histórica, epistemológica, [...] precisamos admitir que o corpo já está na educação” (NÓBREGA, 2010, p. 114).

A Corporeidade destina-se a compreender o fenômeno humano, pois suas atenções estão voltadas ao sentido da existência, à história e à sua cultura dos seres humanos. “Há que se utilizar uma dialética polissêmica, polimorfa e simbólica, pois não é possível aprendizagem ao se reduzir a estrutura do fenômeno humano a seus elementos. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura” (MOREIRA, 2012, p. 135).

Resumidamente, nossa proposta de educação para a mobilidade humana enseja possibilitar que o sujeito, em todos seus momentos existenciais - quer seja como transeunte ou condutor, pessoa com mobilidade reduzida ou não – perceba-se como produtor do próprio

conhecimento acerca da motricidade a partir de sua própria concepção de corporeidade como um ser-no-mundo, ser-com-outro e o ser-consigo-mesmo a ponto de ser reconhecer responsável por escolhas e decisões éticas a partir do entendimento integral que é um ser que influencia e é influenciado pela história, pela cultura, pela sociedade, pela economia, pela política, aspectos os quais o ser pode transcender e transformar.

Em face de tudo que foi explanado ao longo deste trabalho, levando-se em consideração que a educação existencial é essencial para uma mudança paradigmática na forma de compreender o fenômeno dos acidentes de trânsito e passando a conhecer o significado de corporeidade de pessoas com deficiência que se tornaram paratletas, cujo sentido percorreu o sentido da aceitação, superação e transcendência até se reconhecerem no mundo vivido como seres de corpos-capazes, passamos a defender a prática do desporto como importante ferramenta da educação humana. “O exercício de treino deve ser entendido como um meio que promove a educação, a melhoria da saúde dos praticantes e a sua preparação para a vida, sendo de importância fundamental, tanto na etapa de formação, como nas etapas subsequentes até ao alto rendimento”. (CASTELO, 2003, p.93).

Enquanto instrumento pedagógico, o fenômeno desportivo é uma possibilidade desenvolvimento de valores morais e éticos e de aprendizagem, logo, apresenta-se como o instrumento apropriado para o cultivo da humanidade (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020). O Desporto pode favorecer o crescimento moral do indivíduo e da coletividade, a autonomia, a assunção da responsabilidade, a autodeterminação. Segundo (BENTO, 2006c), o Desporto é:

[...] um construto que se alicerça num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas. O ato desportivo tem implícito tudo isso, sem o esgotar. Assim o ‘desporto’ encerra um sentido abrangente e maior, e não redutor e menor, como aquele que está contido na expressão ‘educação física’ ou na do ‘movimento’ ou noutras quejandas e afins (p. 03).

Conforme é defendido por Bento (2013), o esporte pode influenciar novas atitudes no momento em que o aluno aprende a colocar paixão naquilo que se faz mobilizando esforços para atingir objetivos propostos, a exercitar a disciplina para administrar o tempo de cada dia, a agir no cumprimento de regras do jogo, respeitando os adversários, a desenvolver as capacidades de resistir e persistir frente a alguns insucessos, a assumir responsabilidades e aceitar críticas, a cultivar a imaginação e a criatividade para a solução de problemas.

Em se tratando de pedagogia do esporte, valores imprescindíveis a uma vida ética são encontrados no jogo e no esporte, tanto no sentido individual quanto no sentido coletivo (MOREIRA, 2019).

Em sua gênese, o esporte nunca deixa de ser um jogo, um fenômeno sistêmico e complexo e seu ambiente determina valores ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, ou seja, é de suma importância para a produção de propostas pedagógicas para o esporte que ele seja entendido como jogo (SCAGLIA & REVERDITO, 2016), afinal, o Desporto é um fenômeno que se mostra complexo, amplo e plural.

O Desporto deve ser pensado mais do que simplesmente a prática pela prática pura e simples ou treinamento de fundamentos técnicos (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020). Enquanto contribuição para a humanização dos homens, no desporto não pode haver predomínio da dimensão física mas do modelo de jogo onde se realiza a relação todo-partes. Na palavras de (MORIN, 1998, p. 93), “Eu considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo, sem conhecer particularmente as partes”.

O desporto é “um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”, segundo o sentido que dá Bento (2006a, p.155), no entanto, para o este autor (2013) a concepção de Desporto, nos últimos anos, deixa de ser apresentada como uma prática educativa de grande importância pedagógica para o aprendizado de valores e passa a ser interpretado a partir das intrigas e das conveniências da economia que o cercam, evidenciando uma influência da mídia, resultando na perda de sentido do Desporto, pois, o ser humano se submeteu a pobreza de experiências e vivências que têm descartados os valores morais e éticos atualmente na sociedade, levando a humanidade caminhado num sentido oposto aos de uma escola de virtudes.

No imaginário social atual, as únicas resoluções dos diversos problemas relacionados à saúde das pessoas são as atividades físicas, com isso, perde-se a essência que o Desporto traz em seu âmago, como explica Bento (2007b, p.05): “[...] os atos desportivos somente são físicos na aparência; na sua essência são sempre decisões e exercícios da vontade. Ademais nele não se faz o que se quer, mas quer-se o que se faz.”

Bento (2006b) crítica o simplismo que a terminologia prática de atividades físicas trouxe à verdadeira identidade do Desporto:

[...] ‘Actividade física’ é accionismo natural; desporto é acto cultural. Ela é imanência da nossa condição; ele é prótese criada pela civilização. Ela é ditada pelo peso da excrescência; ele provém da noção de insuficiência. Desporto é algo mais e além; ela é algo menos e aquém. Nele moram a consciência da falta de forças e capacidades e a vontade da sua criação e exaltação; ela cinge à conformação, limitação e resignação. Ele aponta a lonjura e o cume da elevação; ela contenta-se com um umbigo e um olhar o chão. Nele enfrenta-se o vento e as marés; nela gasta-se o tempo e os pés. Ele quer fazer do corpo uma encarnação do espírito e inteligência; ela satisfaz-se em queimar gordura e aligeirar a indolência. Ele é marco civilizacional; ela é moda ocasional (BENTO, 2006b, p. 261).

O Desporto, (re)significado e trabalhado na escola é propício para o enaltecimento de valores éticos, porque o bom Desporto estará a “serviço da vida, da integridade biológica, psíquica e espiritual dos que o configuram” (BENTO, 2013, p.270). Reverter e (re)significar o Desporto significa entendê-lo como “um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”. (BENTO, 2006a, p.155).

Por excelência, O Desporto é o espaço onde os praticantes se veem *sócios* uns dos outros e dialogam competindo, é o espaço da intercorporeidade. O Desporto são homens (e mulheres, logicamente) no *movimento da transcendência*, não se confunda com *físicos*. “No movimento da transcendência, o que pretende dizer com tal expressão? Que no Desporto, como na dança e na ergonomia e na reabilitação, os praticantes tomam consciência de que não são *objetos* da história (ou da sua própria história), mas sujeitos, que não são apenas *reflexos* do mundo existente, mas *projectos* de um mundo possível” (TOJAL, 2010, p.32).

Nesta concepção, a competição torna-se base e pressuposto para a cooperação ao (re)significar o Desporto. A cooperação e a competição propiciarão a vivência destas ações entre pessoas, entre instituições e mesmo entre cidades e países para a prática do Desporto em que a ética do jogo é fator imprescindível (SOBREIRA, NISTA-PICCOLO & MOREIRA, 2020).

A competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição, susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor. (BENTO, 2013, p.96)

Para um praticante de esporte ou um atleta de uma determinada modalidade esportiva, não basta que seja mais perfeito em seus gestos motores, que jogue melhor, é necessário incorporar a consciência ética, aperfeiçoar sua humanidade. Ser mais humano não é apenas se aperfeiçoar técnica, tática e motoramente por meio de pressupostos científicos, (NISTA-

PICCOLO; MOREIRA, 2012b). A humanidade é aperfeiçoada pela vivência esportiva, aí está o valor social do Desporto.

## REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, J.M.S. **Características Sociodemográficas da População e Identificação do Perfil Epidemiológico das Vítimas de Acidentes de Transporte Terrestre no Brasil e Pernambuco e partir de Microdados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Economia da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do Título de Mestre em Gestão e Economia da Saúde. Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Bezerra Nogueira, Recife, 2016.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Sobre crocodilos e avestruzes**. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). *Diferenças e preconceitos na escola*. São Paulo: Sumus, p. 11-30, 1998

ANDRADE, S.S.C.A. e JORGE, M.H.P.M. **Estimativa de Sequelas Físicas em Vítimas de Acidentes de Transporte Terrestre Internadas em Hospitais Do Sistema Único De Saúde**. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. Jan-Mar; 2016; 19(1): 100-111.

APEL, K.-O. **Estudos Avançados**. USP, vol.6, n.º14, S.Paulo, 1992.

ARANDA, R.A.; PEREIRA, A.M.; PALMA, J.A. e PALMA, Â.P.T.V. **A Concepção de Corpo dos Estudantes de Graduação em Educação Física**. *Motriz, Rio Claro*, v.18 n.4, p.735-747, out./dez. 2012.

BENTO, J. O. **Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papirus, 2006(a). pp. 155-182.

BENTO, J. O. **Da conjuntura corporal e do ambiente obesogénico, relaxado e indolente**. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Jan. 2007(b), vol.7, no.1, p. 3-5.

BENTO, J. O. **Da falácia da ‘actividade física’**. *Rev. Port. Cien. Desp.*, Out 2006(b), vol. 6, no.3, p. 259-261.



BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013.

BENTO, J. O. **Dos mitos e ideais gregos – e da sua importância para o presente crepuscular**. Esporte e mito, de Katia Rubio (org.), São Paulo, Laços, 2017, 260 pp. Revista USP • São Paulo • n. 119 • p. 151-160 • outubro/novembro/dezembro 2018.

BERTHO, A.C.S. e AIDAR, T. **Mobilidade Cotidiana e as Taxas de Vitimização por Acidentes de Trânsito: O Que é Possível Enxergar a Partir dos Dados Censitários?** R. Bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 32, n.2, p. 257-276, maio/ago. 2015.

BLONDEL, M. **L'Action – essai d'une critique de la vie et d'une Science de la pratique**. PUF, Paris, 1973.

BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa Em Educação: Uma Introdução À Teoria E Aos Métodos**. PORTO EDITORA, PORTO: PORTUGAL, 1997.

BORBA, M.P. e HENNIGEN, I. **Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade**. Psicologia & Sociedade, 27(2), 246-255, 2015.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

BUENO, M.; FILHO, N.A.S. **Análise Epistemológica da Teoria da Motricidade Humana no Contexto da Educação Física**. Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Educação Física, 2018.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia grega: história de deuses e heróis**. São Paulo: Ediouro, 2000

CAETANO, P.L. **Pistas Somáticas para um Estudo da Corporeidade: uma Aprendizagem das Sensações**. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 168-176, maio.-ago. 2017.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Editora Alínea, 2004.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CARDINALLI, I.E. **Heidegger: O Estudo dos Fenômenos Humanos Baseados na Existência Humana como Ser-Aí (Dasein)**. *Psicologia USP*, 2015 I volume 26 I número 2 I 249-258.

CARVALHO, A.S. **Metodologia da Entrevista: uma abordagem fenomenológica**. 2.ed. – Rio de Janeiro:Agir, 1991.

CASTELO, J. **O Exercício de Treino Desportivo**, FMH, Cruz Quebrada, 2003.

CASTRO. E.H.B (Org). **Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica**. Curitiba; Appris, 2019.

DALMOLIN, B.M.; LOPES, S.M.B.; VASCONCELLOS, M.P.C. **A Construção Metodológica do Campo: Etnografia, Criatividade e Sensibilidade na Investigação**. *Saúde e Sociedade* 11(2): 19-34, 2002.

DESCARTES, R. **Discurso do método; meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DIAS, A. **Por uma Genealogia do Capacitismo: da Eugenia Estatal a Narrativa Capacitista Social**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA, 1., 2013, São Paulo. Anais [...] São Paulo: USP, 2013. p. 1-14

DIAS, G. N. **Barreiras Atitudinais e o Processo de Socialização Organizacional das Pessoas com Deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.

DINIZ, D. **Modelo Social da Deficiência: A Crítica Feminista**. Série Anis, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

EMMEL, M.L.G.; GOMES, G.; BAUAB, J.P.. **Universidade com Acessibilidade: Eliminando Barreiras e Promovendo a Inclusão em uma Universidade Pública Brasileira**. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 7-20, 2010.

FERREIRA, R.M.; CARVALHO, M.D.B. **Sentimentos de Pais de Crianças Acidentadas em Automóveis Sem Uso de Assento de Segurança Infantil**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 abr/jun;15(2):400-6.

FREIRE, G.L.M.; GRANJA, C.T.L.; TORRES, V.M.F.; VASCONCELOS, G.C.de; MORAIS, M.P.de. **Percepção da Qualidade de Vida em Atletas de Atletismo e Natação Paraolímpica**. Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 27, n. 2, p. 384-389, 2019.

FEITOSA, A.M. **Contribuições de Thomas Kuhn para uma Epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1993.

FREIRE, G.L.M.; TORRES V.M.F.; OLIVEIRA, D.V.; NASCIMENTO JUNIOR, J.R.A. **Comparação da Qualidade de Vida entre Atletas e Paratletas Brasileiros de Alto Rendimento**. R. bras. Ci. e Mov 2019;27(3):52-58.

FEYERABEND. P. **Contra o Método**. Lisboa: Relógio D' Água, 1993.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 38. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2010.

FUNARI, P. P. A. **Grécia e Roma**. Campinas: Contexto, 2001.

GALLO, S. **Corpo ativo e filosofia**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 9-30.

GESSER, M.; NUERNBERG, A.H.; TONELI, M.J.F. **Constituindo-Se Sujeito na Intersecção Gênero e Deficiência: Relato De Pesquisa**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 3, p. 419-429, jul./set. 2013.

GIORGI, A. e SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Ed. Fim de Século; Lisboa, 2010.

GONÇALVES-SILVA, L.L.; SOUZA, M.C.R.F.; SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W. **Reflexões sobre Corporeidade no Contexto da Educação Integral**. *Educação em Revista|Belo Horizonte|v.32|n.01|p. 185-209 |Janeiro-Março 2016*

GUIMARÃES, S. S. M. **Corpo ativo e meio ambiente**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 221-234.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser E Tempo**. Parte I. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. (Originalmente publicado em 1933).

HUSSERL, E. **Ideas Relativas A Una Fenomenologia Pura Y Una Filosofia Fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. (Originalmente publicado em 1913).

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 16. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1997.

LA METTRIE, J. O. **O homem máquina**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.

LUNA, S. **O falso conflito entre tendências metodológicas**. In: FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

MACHADO, B.F.G. **Corporeidade E Existência Em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba v.2, 2011, p.47-58.

MANDACARU, et. al. **Qualifying Information On Deaths And Serious Injuries Caused By Road Traffic In Five Brazilian Capitals Using Record Linkage**. Accident Analysis and Prevention, 16 Jul 2017, 106:392-398.

MASSAUÍ, G.C. e ROSA, R.G. **Acidentes de Trânsito e Direito À Saúde: Prevenção de Vidas e Economia Pública**. R. Dir. sanit., São Paulo v.17 n.2, p. 30-47, jul./out. 2016.

MATTOS, R.S. **Sociologia do Corpo é Sociologia da Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 293-304, outubro/dezembro de 2010.

MELLO, A.G. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MENDONÇA, A.A.S. **Escola inclusiva: barreiras e desafios**. Encontro de Pesquisa em Educação, Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2011 (Originalmente publicado em francês, 1945)

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo; Cosac Naify, 2013 (Originalmente publicado em francês, 1960)

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível E O Invisível**, Brasil, Editora Perspectiva, 2003 (Originalmente publicado em francês, 1964)

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do comportamento**. São Paulo Editora: Martins Fontes - selo Martins, 2006 (Originalmente publicado em francês, 1967)

MERLEAU-PONTY, M. **As relações com o outro na criança**. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984a.

MERLEAU-PONTY, M. **Textos Selecionados**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **A Natureza – Cursos no Collège de France**. Tradução Álvaro Cabral – São Paulo, Martins Fintesm, 2000.

MINAYO, M.C.S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio Do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa**. Em Saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S. **Necessidades do Corpo Criança na Escola: Possíveis Contribuições da Corporeidade, da Motricidade e da Complexidade**. Universidad del Zulia, Venezuela. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 22, núm. 79, 2017.

MOREIRA, W.W.; CAMPOS, M.V.S; SIMÕES, R. **Motricidade, Corporeidade e Complexidade: diálogos a partir do hemisfério sul**. *Motricidades: Rev. SPQMH*, v. 3, n. 3, p. 167-176, set.-dez. 2019.

MOREIRA, W.W. **Contribuições do jogo e do esporte para a corporeidade de crianças e adolescentes**. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, p. 192-202 jan/abr 2019.

MOREIRA, W. W. **Corpo presente num olhar panorâmico**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Corpo presente*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MOREIRA, W. W. *et al.* **Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver**. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 137-154

MOREIRA, W. W. **Formação profissional em ciência do esporte: homo sportivus e humanismo**. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W.W. *Homo sportivus: o homem no humano*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012. p. 112-180.

MOREIRA, W.W.; GONÇALVES, L.L.; CARBINATTO, M.V.; CHAVES, A.D.; SANTOS-NAVES, S.P.; MAGRIN, N.P. e SIMÕES, R. **Repensar O Corpo Para Alcançar O Homo Sportivus**. Revista Kinesis, Santa Maria, v.36, n.2, p. 11-21, maio-ago. 2018.

MOREIRA, W.W.; NISTA-PICCOLO, V.L; SOBREIRA, V. **Do Corpo À Corporeidade: Uma Possibilidade Educativa**. Cad. Pes., São Luís, v. 23, n. 3, set./dez. 2016.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. **Educação física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e pesquisa**. In: DE MARCO, A. (Org.). *Educação física: cultura e sociedade*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 71-85.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. **Educar para a era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Horizontes Pedagógicos), 2004.

MORIN, E. **Reformar o pensamento: a cabeça bem feita**. Lisboa: Instituto Piaget, (Coleção Epistemologia e Sociedade), 2002.

MORIN, E. **Pour sortir du XXème siècle**. Ed. Essais, 1998.

NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. **Corpo ativo/ corporeidade no esporte**. In: NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W.. *Esporte para a saúde nos anos finais do ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012b. p. 46-52.

NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. **Corporeidade no esporte: a busca de autonomia**. In: NISTA-PICCOLO; V. L.; MOREIRA, W. W. *Esporte para a vida no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2012c. p. 38-51.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no Ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012(b).

NÓBREGA, T. P. **Consciência corporal, corporeidade e educação física**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004a. p. 77-85.

NÓBREGA, TP. **Fenomenologia, educação e sensibilidade**. In: NÓBREGA, T. P. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo-sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2004b. p. 72-77.

NÓBREGA, TP. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

NOVAES, A. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

NÚÑEZ, R.P.; HÍJAR, M.; CELIS, A. e SOLÓRZANO, E.H. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

OLIVEIRA, N.L.B. e SOUSA, R.M.C. **Fatores Associados Ao Óbito De Motociclistas Nas Ocorrências De Tránsito**. *Rev Esc Enferm USP*, 2012; 46(6):1379-86.



PEREIRA, A.M. **A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas.** Filosofia e Educação (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia Volume 2, Número 2, Outubro de 2010 – Março de 2011

PÉREZ-NÚÑEZ, R.; HÍJAR, M.; CELIS, A.; HIDALGO-SOLÓRZANO, E. **El Estado De Las Lesiones Causadas Por El Tránsito En México: Evidencias Para Fortalecer La Estrategia Mexicana De Seguridad Vial.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(5):911-925, mai, 2014

PIRES, D.A.; OLIVEIRA, J.G.deB.; SILVA, A.A.C.e. **Predisposição Ao Fluxo: Percepção Dos Praticantes Do Basquete Em Cadeira De Rodas.** Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 3, jul./set. 2018.

POPPER, K.R. **Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico.** Coimbra: Editor Livraria Almedina, 2003.

PRIETO, M. H. U. **Dicionário de Literatura Grega.** Lisboa: Verbo, 2001.

PRISTA, R.M. **Manuel Sergio: um homem em movimento.** Rio de Janeiro, AMOHURJ, 2017.

RESENDE, C.M.; MACERATA, I.M., BARBOSA, L.C., PIMENTEL, M.B., MORAES, M.B.; MACEDO, C. **Corposições Entre O Ver, O Dizer E O Agir.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 2, p. 135-142, maio-ago. 2017.

REZENDE, A. M. de. **Por uma concepção fenomenológica de educação.** São Paulo: Cortez Editora e Editores Associados, 1990.

RIBEIRO, R. J. **Novas fronteiras entre natureza e cultura.** In: NOVAES, A. (Org.). O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 15-36.

ROUANET, S. P. **O homem-máquina hoje.** In: NOVAES, A. (Org.). O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 37-64.

RUDIO, F.V. Introdução ao projecto de pesquisa científica. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 14. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SARTRE, J-P. (1999). **O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. de Paulo Perdigão. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. (Originalmente publicado em 1943)

SCAGLIA, A.J. & REVERDITO, R.S. **Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI**, in: MOREIRA, Wagner Wey; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni (Orgs.) **Educação física e esportes no século XXI**, Campinas: Papyrus, 2016, p. 43-72.

SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, (Colecção Epistemologia e Sociedade), 2003.

SÉRGIO, M. **A racionalidade epistêmica na educação física do século XX**. IN: SERGIO, M (Org.), 1999.

SÉRGIO, M. **As lições do professor Manuel Sérgio: motricidade humana e futebol**. Lisboa: Prime Books, 2013.

SÉRGIO, M. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991

SÉRGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições Faculdade de Motricidade Humana, 1996.

SÉRGIO, M. **Filosofia do futebol**. 4. ed. Lisboa: Prime Books, 2012

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana**, Compendium, Lisboa, 1987.

SÉRGIO, M. **Motricidade humana: contribuições para um paradigma emergente.** Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), 1994a.

SÉRGIO, M. **Motricidade Humana – uma nova ciência do homem,** Lisboa:Portugal, Edição MEC/DGD, 1986.

SÉRGIO, M.; LEMOS, F.R.M. **Futebol: necessárias rupturas.** Motricidades: Rev. SPQMH, v. 3, n. 1, p. 69-76, jan.-abr. 2019.

SÉRGIO, M. **O desporto e a motricidade humana.** Caderno de Educação Física (ISSN 1676-2533 | e-ISSN 1983-8883) Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 16, p. 111-122, 1. sem., 2010.

SÉRGIO, M. **Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem.** 2. ed. Lisboa: Compendium, 1994b.

SÉRGIO, M. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SFEZ, L. **A Saúde Perfeita – Crítica de uma utopia.** Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M.A. **Todos Passam Pela Via Crucis: A Corporeidade Em Clarice Lispector.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 3, p. 623-632, jul./set. 2010

SILVA, A.F.L. **Corporeidade E Representações Sociais: Agir E Pensar A Docência.** Psicologia & Sociedade; 23 (3): 616-624, 2011

SILVA, L.M. **A deficiência como expressão da diferença.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 44, p. 111-133, 2006.

SILVEIRA, A.L.; CAMBRUZZI, R.C.S.; COSTA, M.P.R.; HERTIWIG, R.S.V. **Corporeidade e Existência: Notas de uma Perspectiva Fenomenológica sobre a Condição**

**da Pessoa com Deficiência Física.** Revista da Abordagem Gestáltica – XVIII(1): 30-36, jan-jun, 2012.

SOBREIRA, V.; LENÍ NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W.W. **A Ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física.** Olhares & Trilhas, v. 22, n. 2, p. 326-345, 25 ago. 2020

SOUSA K.M., OLIVEIRA W.I.F., ALVES E.A., GAMA Z.A.S. **Fatores associados ao acesso à reabilitação física para vítimas de acidentes de trânsito.** Rev Saude Publica. 2017;51:54.

SOUZA, C. V.; PALMA, A. P. T. V. **A Motricidade Humana e os princípios para o ensino da Educação Física.** FIEP BULLETIN - Volume 82 - Special Edition - ARTICLE I – 2012.

TOJAL, J.B. **Da Educação Física à Motricidade Humana: A preparação do profissional.** Lisboa/Portugal: Editora Instituto Piaget, 2004.

TOJAL, J. **Manuelsergio's Human Kinetics Perspectives For Its Implementation In Brazil.** Fiep Bulletin, 2010.

TOJAL, J.B. & GOMES, A. **Motricidade Humana – o paradigma emergente.** Campinas/SP: Brasil, Ed. Unicamp, 1994.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. **A motricidade humana e a educação.** In: SERGIO, M. (Org.). O sentido e a acção. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. p. 31-60.

VILCA, V.C.; GARCÍA, F.C.; CARHUAY, J.C.; VALLADOLID, W.M. **Perfil Epidemiológico De Los Accidentes De Tránsito En El Perú, 2005-2009.** Rev Peru Med Exp Salud Publica. 2010; 27(2): 162-69.

WEBER, F. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.



## ANEXOS

ANEXO I – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DE INSTITUIÇÃO PARA A  
PESQUISA



**FEDERAÇÃO DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS  
DO ESTADO DO AMAZONAS**

**CNPJ.: 07.705.672/0001-41**

UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL LEI N.º 1155 de 31 de outubro de 2007  
UTILIDADE PÚBLICA ESTADUAL LEI N.º 3142 de 28 de junho de 2007

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DE INSTITUIÇÃO PARA A  
PESQUISA**

Eu, GETÚLIO DE SOUZA OLIVEIRA FILHO, RG 085803-6, CPF 347.675.172-49, abaixo assinado, na função de Presidente da Instituição FEDERAÇÃO DE ESPORTES PARAOLÍMPICOS DO ESTADO DO AMAZONAS, declaro estar de acordo com a realização do projeto de pesquisa "Paratletas lesionados em acidentes de trânsito e corporeidade: significados da vivência sob a ótica de Merleau-Ponty", que será desenvolvida pelo Psicólogo Mauro Batista Negreiros, sob orientação da Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro, da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), aceitando que seja informado os contatos dos associados desta Instituição a fim de buscar as informações necessárias à identificação de eventuais voluntários para participar da pesquisa.

Autorizo também que os pesquisadores responsáveis pelo projeto entrem em contato com os paratletas federados para lhes propor o trabalho e, aos que consentirem realizar a pesquisa em espaço da instituição de forma individual. Diante do exposto, assino o presente termo, enquanto representante da Instituição, declarando o consentimento livre e esclarecido para esta pesquisa e a anuência.

*Getulio de Souza Oliveira Filho*  
Getulio de Souza Oliveira Filho  
Presidente - FEPAM

GETULIO DE SOUZA OLIVEIRA FILHO  
PRESIDENTE - FEPAM

Manaus, 07 de Maio de 2021.

**END.: RUA LORIS CORDOVI S/N - SALA 28 CEP: 69.058 - 805  
BAIRRO- FLORES (ARENA POLIESPORTIVO AMADEU TEIXEIRA)  
MANAUS - AMAZONAS  
CEL.: (92) 98433-4696  
EMAIL: fepam\_amazonas@yahoo.com.br**

## ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



Continuação do Parecer: 4.825.757

**Critério de Inclusão:** Os participantes aptos a participar desta pesquisa deverão: a) idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos de idade no dia da entrevista, independentemente a gênero, raça, credo; b) se considerar paratletas após ter sofrido qualquer tipo de lesão física permanente em decorrência de acidente de trânsito; c) integrar a Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas; d) praticar atividade física de alto rendimento há pelo menos três (03) meses e ao menos uma vez já competiu ou está se preparando para competir em eventos esportivos em qualquer modalidade.

**Critério de Exclusão:** Consideram-se critérios de Exclusão: a) os sujeitos que apresentarem qualquer tipo de impedimento cognitivo que os impossibilite de conceder entrevista; b) os que estiverem sob uso de substâncias lícitas e ilícitas que comprometam a compreensão do objetivo da pesquisa.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:** Compreender o significado de corporeidade para Paratletas lesionados em acidentes de trânsito sob a ótica da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty

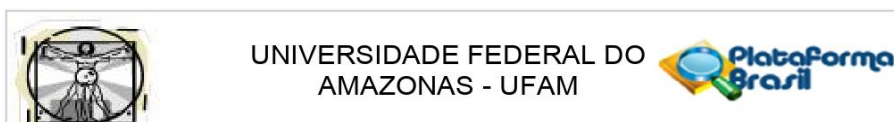
**Objetivo Secundário:** Compreender a pluridimensionalidade do existir cotidiano considerando as interferências produzidas em suas vidas após o acidente de trânsito; Conhecer a trajetória de cada um dos participantes até o momento em que se tornam Paratletas; Propor estratégias de acompanhamento a esse tipo de público, que perpassem políticas públicas de educação relacionadas à reeducação para o trânsito.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:** Importa esclarecer de acordo com a Resolução CNS 466-2012, item V, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em gradações variadas, bem como, o item II.22 da mesma resolução, define que tais riscos correspondem a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano. Na tentativa de reduzir esses riscos, ao participante é assegurado seu direito de sigilo e anonimato para sempre, tendo em vista que os sujeitos serão entrevistados por um profissional psicólogo em uma única entrevista audiogravada a qual, será acessada e utilizada tão somente pelo pesquisador e posteriormente será transcrita, interpretada, analisada e apresentada à comunidade científica e publicada pelo pesquisador em periódicos científicos oficiais, salvaguardando em todas estas etapas o direito ao sigilo das identidades dos sujeitos que não serão divulgadas. Ao registrar os

<b>Endereço:</b> Rua Teresina, 495	<b>CEP:</b> 69.057-070
<b>Bairro:</b> Adrianópolis	
<b>UF:</b> AM	<b>Município:</b> MANAUS
<b>Telefone:</b> (92)3305-1181	<b>E-mail:</b> cep.ufam@gmail.com





### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Paratletas lesionados em acidentes de trânsito e corporeidade: significados da vivência sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty.

**Pesquisador:** MAURO NEGREIROS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 47378921.6.0000.5020

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Amazonas - UFAM

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.825.757

#### Apresentação do Projeto:

A contemporaneidade tem sido marcada por uma plêiade de acontecimentos que, quase sempre desnorream, provocam uma série de situações que, grosso modo, dada sua abrupticidade, ferem, marcam, lesionam, incapacitam. Os acidentes de trânsito provocam todos esses aspectos. Contudo, pessoas há que, mesmo diante de sua condição fisiológica, buscam superar o revés ocorrido participando de atividades físicas, são os Paratletas. A produção científica tem sido reduzida nesse contexto, desse modo, os questionamentos vêm no sentido de apropriarmos-nos do olhar que essas pessoas lançam para sua vivência cotidiana. O objetivo deste projeto será compreender os significados de corporeidade para Paratletas lesionados em acidentes de trânsito sob a ótica da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. Neste intento, propomos entrevistar 10 participantes da Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas, instalada na Arena Amadeu Teixeira. A pesquisa será no viés qualitativo e o método a ser utilizado será o método fenomenológico-psicológico de pesquisa em psicologia, uma vez que, buscar-se-á compreender o discurso desse outro. Para tanto, recorreremos à entrevista fenomenológica, áudio gravada e que partirá de uma questão norteadora e que possivelmente apresentará desdobramentos. As entrevistas serão transcritas na íntegra, identificadas as Unidades de Significado e elaboração das Categorias Temáticas. A análise das entrevistas será realizada a partir do aporte teórico da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Espera-se, ao final compreender a pluridimensionalidade da experiência e a concepção de corporeidade de Paratletas.

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

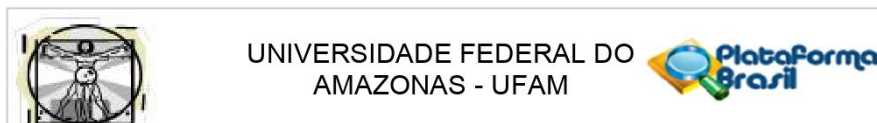
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.825.757

sons da voz dos participantes, estará assegurada a confidencialidade e a privacidade, a proteção da mídia (a qual será destruída após cinco (05) anos da publicação científica) e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. Ao aceitarem participar da pesquisa, os participantes estarão contribuindo para o progresso do conhecimento científico acerca do sentido de corporeidade de paratletas lesionados em acidente de trânsito, assim como, poderão refletir acerca da trajetória de sua própria vivência sendo, para tanto, assistido por um entrevistador profissional psicólogo, o qual, após apresentar a dissertação para a comunidade científica, apresentará aos participantes interessados os resultados da pesquisa.

**Benefícios:** Após analisar compreensivamente os significados de corporeidade para paratletas lesionados em acidentes de trânsito sob a ótica da Psicologia Fenomenológica de Merleau-Ponty esperamos alcançar através da escuta da fala daqueles que vivenciaram o fenômeno, apreender o significado dessas experiências, através de seus sentimentos e pensamentos em busca da síntese existencial do entrevistado, a elaboração da sua própria facticidade e o processo de superação do ocorrido a partir dessas vivências até tornarem-se paratletas. Após esta apreensão de sentido e significado, acreditamos ser possível gerar conhecimento que possa subsidiar uma clínica psicológica fenomenológica voltada para esse público, assim como, Produzir conhecimentos científicos para a temática de paratletas

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa de mestrado do PPGPSI, de MAURO BATISTA NEGREIROS, junto com o orientador Prof. Dr. EWERTON HELDER BENTES DE CASTRO

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Projeto completo: PROJETO.pdf 21/05/2021 21:59:39 – De acordo

Folha de rosto: folha\_de\_rosto.pdf 21/05/2021 21:49:54 – De acordo

Riscos e benefícios: Parcialmente de acordo (Riscos)

Critérios de inclusão e exclusão: De acordo

Instrumento de pesquisa: De acordo

Cronograma: De acordo

Anuência: Não apensou anuência para o serviço de minimização de riscos.

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

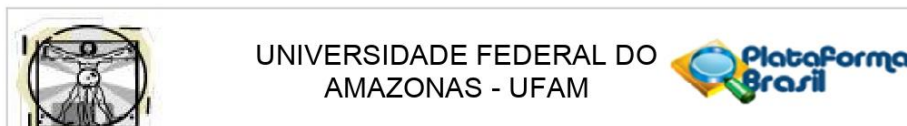
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.825.757

TCLE/Termo de assentimento: Parcialmente adequado.

Termos adequados e atualizados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

1. Como forma de sanar e adequar as pendências indicadas no PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – CAAE 47378921.6.0000.5020, redigimos a presente carta, seguindo as recomendações indicando ponto-a-ponto o que foi solicitado no parecer, seguindo as recomendações indicadas no item 1.
2. Em adequação ao item 2., anexamos a DECLARAÇÃO ao Processo SEI nº 23105.018109/2021-63 do Centro de Serviço de Psicologia Aplicada – FAPSI.
3. Em adequação ao item 3., o referido TCLE está disponível no site eletrônico podendo ser acessado pelo link <https://drive.google.com/file/d/1-3xndKYwi3ptBtXRxc-LsWT1VWpOhSs6/view?usp=drivesdk> presente no Projeto de Pesquisa, na página 51.
4. Em relação ao item 4., informamos que o contato do pesquisador principal, com endereço institucional, telefone fixo e e-mail, indicando que o pesquisador principal pode ser procurado para qualquer informação adicional a qualquer tempo foi inserido no próprio TCLE, o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.
5. Em relação ao item 5., o TCLE foi adequado e paginado corretamente, o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.
6. Em relação ao item 6., foi descrito no TCLE a garantia de ressarcimento e o MODO como deverá ser realizado o ressarcimento das despesas do participante da pesquisa E DE SEU ACOMPANHANTE, quando necessário, e no caso de eventuais despesas ainda que não prevista inicialmente, o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.
7. Em relação ao item 7., foi mencionado no TCLE que estão assegurados o direito a pedir indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa, o qual foi novamente anexado ao processo

<b>Endereço:</b> Rua Teresina, 495	<b>CEP:</b> 69.057-070
<b>Bairro:</b> Adrianópolis	
<b>UF:</b> AM	<b>Município:</b> MANAUS
<b>Telefone:</b> (92)3305-1181	<b>E-mail:</b> cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.825.757

CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.

8. Em relação ao item 8., seguimos a sugestão e refizemos o TCLE utilizando o modelo de TCLE disponível no link abaixo e na página do CEP/UFAM:

[https://drive.google.com/file/d/1CkU0TSys\\_PkUTKCxSOVfau1vOgF5TS6/view](https://drive.google.com/file/d/1CkU0TSys_PkUTKCxSOVfau1vOgF5TS6/view), o qual foi novamente anexado ao processo CAAE

47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.

9. Em relação ao item 9., detalhamos de forma suficiente a abordagem aos participantes no modo virtual (método de recrutamento): critério de seleção, momento, condições e contexto, conforme pode ser verificado no item 6.3 PROCEDIMENTOS nas páginas 51 e 52 do Projeto de Pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1760451.pdf	25/06/2021 12:32:49		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_READEQUADO.pdf	25/06/2021 12:32:20	MAURO NEGREIROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	MODELO_TCLE.pdf	25/06/2021 12:30:45	MAURO NEGREIROS	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA_CSPA_UFAM.pdf	25/06/2021 12:28:14	MAURO NEGREIROS	Aceito
Outros	CARTA_PEDIDO_DE_ANUENCIA_PARA_CSPA.pdf	25/06/2021 12:25:04	MAURO NEGREIROS	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_CEP.pdf	25/06/2021 12:21:36	MAURO NEGREIROS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	21/05/2021 21:59:39	MAURO NEGREIROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	OFICIO.pdf	21/05/2021 21:58:36	MAURO NEGREIROS	Aceito

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

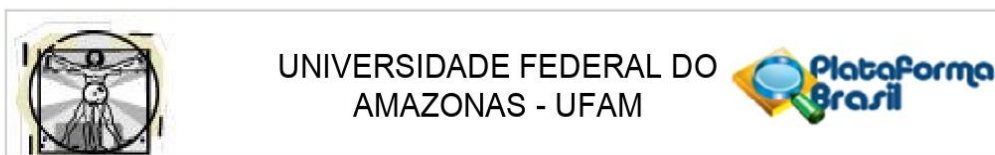
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.825.757

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	DECLARACAO.pdf	21/05/2021 21:57:58	MAURO NEGREIROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	21/05/2021 21:54:24	MAURO NEGREIROS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	21/05/2021 21:49:54	MAURO NEGREIROS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 04 de Julho de 2021

---

**Assinado por:**  
**Eliana Maria Pereira da Fonseca**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com

ANEXO III – TERMO DE ANUÊNCIA DO CENTRO DE SERVIÇO DE PSICOLOGIA  
APLICADA



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - FAPSI

**DECLARAÇÃO**

**Interessados:**

Prof.Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro  
Mestrando Mauro Batista Negreiros

Em resposta ao Processo **SEI nº 23105.018109/2021-63**, declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com o atendimento psicológico, caso necessário, aos participantes da pesquisa intitulada **Paratletas lesionados em acidentes de trânsito e corporeidade: significados da vivência sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty** sob a orientação do Prof.Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro, da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Atenciosamente,

Manaus, 11 de junho de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 11/06/2021, às 09:27, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0568365** e o código CRC **554CEB67**.

Av. General Rodrigo Otávio, 6200 - Bairro Coroado I Campus Universitário,  
Setor Sul, Bloco X - Telefone: (92) (92) 3305-1181 / Ramal 2583  
CEP 69080-900 Manaus/AM - [cspa.fapsi@ufam.edu.br](mailto:cspa.fapsi@ufam.edu.br) □

---

Referência: Processo nº 23105.018109/2021-63

SEI nº 0568365

## ANEXO IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**LABFEN – Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o(a) Sr(a). para participar da Pesquisa intitulada “**Paratletas lesionados em acidentes de trânsito e corporeidade: significados da vivência sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty**”, que será realizada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pelo pesquisador Psicólogo mestrando MAURO BATISTA NEGREIROS, o qual poderá ser contatado a qualquer momento pelo telefone (92) 992183460 e ou e-mail [m.b.negreiros@hotmail.com](mailto:m.b.negreiros@hotmail.com) e com o orientador Prof. Dr. EWERTON HELDER BENTES DE CASTRO através do e-mail [ewertonhelder@gmail.com](mailto:ewertonhelder@gmail.com) e pretende analisar compreensivamente os significados de corporeidade para Paratletas lesionados em acidentes de trânsito, buscando apreender com as suas experiências, seus sentimentos e seus pensamentos.

Para tanto, o pesquisador e o orientador pedem sua autorização para entrevistá-lo **de modo remoto via aplicativos de mensagem e/ou contato telefônico (entrevistas por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs)** por aproximadamente sessenta (60) minutos e gravar a entrevista em formato de áudio, tendo em vista que o (a) Sr.(a) foi escolhido(a) por ter mais de 18 anos de idade e se tornou Paratletas após Acidente de Trânsito, bem como, pratica atividade física de alto rendimento há pelo menos três (03) meses e ao menos uma vez já competiu em eventos esportivos em qualquer modalidade.

Ao aceitar participar da pesquisa, o(a) Sr.(a) estará contribuindo para o progresso do conhecimento científico acerca do sentido de corporeidade de Paratletas lesionados em acidente de trânsito, assim como, poderá refletir acerca da trajetória de sua própria vivência sendo, para tanto, assistido por um entrevistador profissional psicólogo, o qual, após apresentar a dissertação para a comunidade científica, apresentará aos participantes interessados os resultados da pesquisa.

Sua participação na pesquisa será limitada a uma única entrevista audiogravada, a qual, será acessada e utilizada somente pelo pesquisador e posteriormente será transcrita, interpretada, analisada e apresentada a comunidade científica e publicada pelo pesquisador em periódicos científicos oficiais, salvaguardando em todas estas etapas o direito ao sigilo de sua que não será divulgada, sendo guardada em segredo para sempre, portanto, solicitamos sua autorização para registrar de som da sua voz, assegurada a confidencialidade e a privacidade, a proteção da mídia (a qual será destruída após cinco (05) anos da publicação científica) e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.



Se mesmo após autorizar a entrevista, o Sr(a) não quiser mais participar da pesquisa, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independentemente do motivo e sem prejuízo ou quaisquer outros ônus, ressaltando que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, tais como, riscos de prejuízo em termos de autoestima, de prestígio e, caso isto ocorra, o pesquisador proporcionará doze (12) sessões de atendimento psicoterápico, a razão de um atendimento semanal, **de modo remoto via aplicativos de mensagem e/ou contato telefônico (entrevistas por meio de Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs)** e vinculado ao Centro de Serviço de Psicologia Aplicada da Faculdade de Psicologia da UFAM, localizado na Av. Rodrigo Otávio, 6.200, Coroado, Manaus, AM – 69.077-000, e em caso de não melhoria do quadro, o pesquisador providenciará os encaminhamentos para unidades de saúde afins, de acordo com o seu direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

O(A) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não ganhará nenhuma remuneração por participar da pesquisa, está assegurado seu direito a pedir indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa em face a instituição responsável UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS.

Informo ainda que a presente proposta de pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFAM (CEP/UFAM), o qual é responsável por avaliar e aprovar projetos de pesquisas que envolvam seres humanos. Para mais informações, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFAM (CEP/UFAM) localizado na Rua Teresina – Adrianópolis ou pelo telefone fixo 3305-1181, ramal 2004 e email cep.ufam@gmail.com.

Li e concordo em participar do projeto.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Manaus, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Data



\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

Manaus, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Data

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar

## ANEXO V – ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA - FENOMENOLÓGICA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**

**LABFEN – Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA - FENOMENOLÓGICA**

- *"Gostaria que o Sr/Sra descrevesse para mim o que foi que sentiu e/ou pensou após ter sido comunicado(a) que ocorrera lesão permanente após acidente de trânsito? Diante disso, o que o (a) levou a ser paratleta? "*

## ANEXO VI – DIÁRIO DE CAMPO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**LABFEN – Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial**

**DIÁRIO DE CAMPO da pesquisa Paratletas lesionados em acidentes de trânsito e corporeidade: significados da vivência sob a ótica da Fenomenologia de Merleau-Ponty.**

**MAURO BATISTA NEGREIROS**

**Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia/UFAM para o Exame de Qualificação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.**

**Orientador: Ewerton Helder Bentes de Castro, Prof. Dr.**

**MANAUS – AM**

**Outubro/ 2020**

## DIÁRIO DE CAMPO

### 29 de outubro de 2020

Após receber a aprovação Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade Federal do Amazonas, curso de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) como requisito para a qualificação sob orientação do Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro da BANCA EXAMINADORA, procedemos ao pedido de anuência de pesquisa junto a SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTO.

### 15 de fevereiro de 2021

Nesse dia consultei e constatei a inercia do processo de pedido de anuência de pesquisa junto a SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTO a partir do espelho da tramitação do processo, inerte desde 01.12.2020. contatei a Profa. Gisele e relatei que conversando com o Prof. Ewerton na semana anterior acerca dessa demanda e concluímos que, nesse período de pandemia da COVID-19, nós deveríamos modificar a metodologia para tornar as entrevistas na modalidade *on line*, assim acreditávamos que teríamos mais segurança da anuência da instituição para efetivar a pesquisa.

Portanto, após modificar a metodologia, nós faríamos um novo pedido junto a SEDUC elencando essa mudança, além do mais, eu procuraria alguém responsável na SEDUC com possibilidade de agilizar o tramite do pedido. Questionei a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselle Cristina Resende acerca dessa opinião e solicitei sua sugestão. Profa. Gisele respondeu que concordava pois acreditava que essa alternativa de entrevista *online* seria mais viável. Face ao exposto pela Profa., refiz essa parte da metodologia e, conseqüentemente teríamos que refazer o ofício para protocolar novamente junto a SEDUC, enfatizando, daquela vez, que as entrevistas serão *on line*. Profa. Gisele concordou em refazer o ofício e sugeriu que se eu conhecesse alguém que fosse responsável pelo setor esportivo, seria melhor falar diretamente com essa pessoa.

É desagradável constatar que para acelerar ou pelo menos para fazer tramitar procedimentos juntos a instituições públicas fosse necessário conhecer alguém da administração interna para garantir que o processo seguiria seu curso e teria um parecer, ou seja, se não conhecesse alguém, o procedimento estaria prejudicado a demanda de pedidos junto aquele órgão. Felizmente, havia sim alguém que poderia contatar. A profa. Gisele enfatizou que o importante para o comitê de ética seria que alguém assinasse o Termo de

Anuência e lembrou as características burocráticas que marcam essas instituições públicas. Nessa mesma data, a Profa. Gisele me encaminhou o novo ofício, o qual novamente protocolei junto a SEDUC.

### **16 de fevereiro de 2021**

Nessa data obtive informação de colega servidor da SEDUC que devido ao decreto de Calamidade estabelecida pelo Governo Estadual em enfrentamento a pandemia do novo corona vírus todas as atividades daquela secretaria foram suspensas e somente os requerimentos de urgência estavam sendo atendidos. O Estado do Amazonas está atravessando a chamada segunda onda de pandemia, com características mais drásticas do que a primeira onda, apresentando inclusive o fim do estoque de oxigênio nas unidades hospitalares. Passei a me preocupar que a pandemia poderia representar ainda mais obstáculos para a execução da pesquisa, ainda mais pelo fato de as pessoas com deficiência, que são nossos sujeitos de pesquisa, representarem um grupo de risco. Cada vez mais me dava conta como o processo de pesquisa é perpassado por circunstâncias alheias a qualquer previsibilidade que se possa tentar estabelecer e demanda do pesquisador habilidades extracurriculares para superar as dificuldades que se apresentam.

Logo informei a situação à Profa. Gisele, destacando que eu considerava interessante termos acesso a essa informação para saber como proceder nas situações dos demais colegas que estão pendentes com termos de anuência e dependem de aprovações do poder público. Profa. Gisele sinalizou que acreditava que talvez essa autorização fosse demorar e que precisávamos dar entrada no Comitê de Ética e eles não aceitam sem assinatura deste termo.

### **12 de abril de 2021**

Após aguardar algumas semanas, recebi a resposta da SEDUC que infelizmente indeferia o pedido. Contatei a profa. Gisele para relatar que depois de muita insistência recebi a resposta da SEDUC acerca da minha solicitação e foi negada. O setor jurídico da SEDUC alega que o pedido deve ser direcionado para a própria FUNDAÇÃO DE ALTO RENDIMENTO DO AMAZONAS – FAAR e a profa. Gisele sugeriu que a solução seja ir na FAAR, para tanto, eu necessitaria de outro ofício. Ainda destaquei para a profa. Gisele que após a extinção da SEJEL - SECRETARIA DE ESPORTE, JUVENTUDE E LAZER, a SEDUC herdou a parte do DESPORTO, mas a FAAR se tornou uma fundação independente.

**20 de abril de 2021**

Recebi o ofício refeito da profa. Gisele e já tinha conhecimento que na FAAR já estão atendendo de forma presencial, então acompanharei mais de perto até a autorização. A profa. Gisele sugeriu que ao protocolar eu conseguisse conversar com o diretor ou secretário da FAAR para pedir agilidade e se possível que emitissem a autorização no mesmo dia, pois precisa colocar para o Comitê de Ética. Respondi que fiz uma carta resumo da pesquisa com todos os nossos contatos, caso houvesse dúvidas por parte dos gestores. Torci para que a direção da FAAR esteja habituada a esse tipo de pedido de pesquisa dos graduandos de educação física e a Profa. Gisele sugeriu levar um modelo de autorização. Admite para a profa. Gisele que estava começando a ficar preocupado, pois precisava dar entrada no comitê pelo menos antes do final do semestre. Lidar com a burocracia começava a aumentar meu nível de estresse ao mesmo tempo que compreendia a necessidade de respeitar a legislação vigente para levar a cabo a pesquisa. A profa. Gisele pensou noutra alternativa, mesmo não sabendo se seria a mais adequada e consistia em fazer convite aos paratletas e marcar a entrevista na residência deles, excluindo a instituição FAAR, embora acreditasse que o CEP iria cobrar alguma anuência. Corrobrei a opinião da prof. Gisele até mesmo porque eu já havia pensado nessa possibilidade como plano B entrevistar paratleas lesionados em acidente de trânsito pelo aplicativo *meet*, tendo em vista que há muitos mais fenômenos de paratletas lesionados em acidente de transito no Brasil inteiro. Dessa forma, a orientação da profa. Gisele foi consultar o Prof. Dr. Ronaldo Gomes Souza para ver se é adequado ao Comitê de Ética.

Na tarde do mesmo dia 20.04.2021, contatei o professor Ronaldo e após me apresentar, relatei meu dialogo com a Profa. Gisele e explanei as dificuldades que estamos encontrando para conseguir o TERMO DE ANUÊNCIA para juntar ao projeto de pesquisa e submeter ao CEP, ocasião em que surgiu uma duvida que acreditamos que o Sr. pode sanar, tendo em vista que minha intenção é entrevistar paratletas da FUNDAÇÃO AMAZONAS DE ALTO RENDIMENTO. Inicialmente, relatei que em dezembro de 2020, encaminhei o ofício a SEDUC, que segundo minhas pesquisas, seria a secretaria responsável pela fundação, no entanto, até fevereiro de 2021, não emitiram nenhuma resposta. Na mesma época, protocolei novo ofício na mesma SEDUC e através de um contato direto dentro da secretaria, agora em abril de 2021 obtive a resposta que meu pedido de anuência deve ser feito diretamente na FUNDAÇÃO. Na quinta feira protocolarei o novo ofício diretamente na fundação, mas temo

que o tempo para submeter o projeto ao CEP fique muito apertado, tendo em vista que já estamos em final de abril.

Dessa forma, como plano B, face a esses empecilhos, a profa. Gisele e eu pensamos em contatar os paratletas diretamente, inclusive de outros estados do país, por meio virtual em entrevista pelo aplicativo *google meet*. Eis as dúvidas: isto é possível? Isto é ético? Faz com que não necessitamos de termo de anuência?

Ainda no mesmo dia, Prof. Ronaldo respondeu as indagações em dois direcionamentos, sendo a primeira a nível de sugestão de contatar alguém responsável pela instituição a fim de obter a anuência, tendo em vista que a morosidade cultural da administração pública brasileira impele o pesquisador a buscar alternativas paralelas para agilizar o processo, sob o risco de se perder prazos e utilizar esse argumento para obter a documentação necessária. O segundo direcionamento de forma a responder os questionamentos sobre a possibilidade de um plano B, professor Ronaldo primeiramente destacou que não seria possível contatar os paratleta sem anuência aprovada pelo CEP, mas que uma possibilidade que poderia ser tentada era redigir um processo metodológico em que se apontasse a possibilidade de contatar paratletas federados e não federados que pudessem ser entrevistados e apontassem conhecidos que também pudessem ser contatos na metodologia de *snowball* (bola de neve).

### **21 de abril de 2021**

Eu compreendi perfeitamente todas as orientações que o Prof. Ronaldo repassou, confirmando que amanhã de manhã protocolarei o ofício na FAAR e aproveitarei para dialogar com alguém responsável. A professora Gisele me repassou um modelo que eles podem utilizar para o TERMO DE ANUÊNCIA, vou anexar esse modelo no ofício e levar outro em mãos, para buscar agilizar essa assinatura o mais rápido possível. O Prof. Ronaldo alertou para a necessidade de incluir a logo da instituição e assim já deixar o documento pronto para o gestor da pasta assinar, enfatizando que nesse papel timbrado (com a logo) deve conter o endereço e telefone da instituição. Ressaltei para o Prof. Ronaldo que eu acredito que deve haver muitos pedidos de pesquisa dos graduandos de educação física, fazendo que a pasta esteja habituada a receber esse tipo de demanda acadêmica, mesmo assim, tenho a ideia de levar o modelo no pen drive também, dado que o gestor pode querer colocar o termo no timbre da instituição. Ademais, comprometer-me-ei em estar lá toda semana até que o gestor

produza uma resposta, afinal, não poderei permitir que essa anuência ultrapasse o mês de maio, tendo em vista que já estou bem preocupado com esses prazos.

### **22 de abril de 2021**

Finalmente efetivo o Protocolo do pedido de anuência da pesquisa junto a FAAR e informo a ação aos professores Gisele e Ronaldo. Após o ato, solicitei informalmente da recepcionista para conversar com a secretária do gestor e fui atendido, ocasião em que brevemente explanei os principais pontos da pesquisa e que como eles estavam ordenados numa carta anexada ao ofício que eu acabara de protocolar. A secretária adiantou, diante das informações que o assunto seria repassado para o setor jurídico e compreendeu a necessidade de estabelecer a celeridade para o trâmite, a ponto de garantir que em uma semana poderíamos ter uma resposta ao nosso pleito acadêmico junto aquela instituição.

### **03 de maio de 2021**

Após algumas semanas finalmente obtive a resposta de indeferimento junto a FAAR. Isso ocorreu logo após uma reunião que eu solicitei informalmente junto a assessoria jurídica da FAAR, ocasião em que conversei com dois advogados e após explicar os aspectos mais fundamentais da proposta de pesquisas, ambos alegaram que a FAAR não era responsável pela coordenação dos paratletas e que por isso não poderiam emitir esta anuência para a pesquisa, entretanto, os paratletas encontram-se reunidos numa federação e esta sim poderia atuar juntos aos pleitos envolvendo seus membros, inclusive, os advogados forneceram todos os contatos necessários para nos aproximar do presidente de federação. Deixei as dependências da FAAR com a resposta de indeferimento, comuniquei o fato aos professores Gisele e Ronaldo, e este me recordou que o trajeto para a realização de uma pesquisa qualitativa não é fácil e que há propostas de pesquisas que enfrentam muito mais dificuldades e morosidades devido as características de públicos e instituições.

Para a professora Gisele repassei os dados do responsável pela Fundação para novamente refazer o ofício a Federação de esportes paraolímpicos do estado do Amazonas cujo Presidente se chama Getúlio de Souza Oliveira Filho.

### **06 de maio de 2021**



Após seis meses, finalmente me reuni com o Sr. Getúlio Filho, Presidente da Federação de Esportes Paraolímpicos do Estado do Amazonas. A sede da Federação funciona na sala 28 da Arena Poliesportiva Amadeu Teixeira, localizada na esquina entre a Avenida Constantino Nery e a Rua Loris Cordovil, no Bairro Chapada em Manaus, capital do Estado do Amazonas.

Após agendar a reunião, encontrei o Sr. Getúlio às 11h30 na sede da federação. Foi interessante constatar que o Getúlio era um senhor cujas características físicas correspondiam ao que eu fantasiava antes de conhecê-lo pessoalmente. No primeiro contato visual, Getúlio não aparentava ser pessoa com deficiência, mas ao vê-lo caminhar em minha direção, pude notar que ele claudicava. Ele vinha acompanhado de outro rapaz, o qual vestia roupas esportivas e este sim tinha uma perna mecânica no membro inferior esquerdo.

O Sr. Getúlio me cumprimentou e eu o agradei pela disponibilidade em me receber. Ele abriu a porta da sala e nós entramos. A sede da federação era uma sala simples, quase desprovida de móveis, a não ser por um sofá ao canto direito e uma mesa de escritório com um computador ao canto direito, uma sala sem janelas, já que ela parecia ser aproveitada da estrutura da arquibancada da arena Amadeu Teixeira. Getúlio logo foi se desculhando pelo mal funcionamento do condicionador de ar da sala da recepção e essas evidências me indicaram que a federação parecia não contar com recursos adequados para um funcionamento pleno, mas tratei de tranquilizá-lo, afinal o assunto a tratar ali não tomaria muito do nosso tempo e ele, indicando um gesto com a mão, conduziu-me a outra sala menor que aparentava ser o seu escritório. Uma mesa grande de escritório estava colocada no centro dessa sala menor, à esquerda da sala da recepção, como que a dividindo ao meio. Aquela disposição do móvel, remeteu-me a lembrança da disposição dos móveis da minha própria sala de trabalho, a qual também é pequena e tem uma mesa em que as pessoas se aproximam, sentam-se nas cadeiras e tomam seus respectivos lugares, parecendo para mim um local com qual já estava familiarizado, além do mais, poderia dizer que aquela disposição da mobília em que quem tem relativo poder se senta ao lado da mesa e quem está ali para solicitar alguma coisa, senta-se ao outro lado já configura uma disposição tradicional de mobílias e geralmente representa um local onde reuniões acontecem, argumentos são expostos e decisões são tomadas, resumindo, um paradigma de gabinete. Rapidamente envolto naqueles pensamentos, dei-me conta de que um posicionamento positivo por parte da Federação e para obter a concordância em realizar a pesquisa dependeria do meu desempenho em apresentar as justificativas da nossa proposta.

Enquanto me dirigia a cadeira indicada a me sentar, pelo lado da mesa em que geralmente as pessoas estão para requerer alguma coisa, refleti como essas etapas burocráticas estão relacionadas a realidade da pesquisa científica, afinal cumprir a legislação exige do pesquisador determinação e defender com clareza os objetivos que se anseia alcançar com a investigação científica. Para tanto, é necessário ter segurança e conhecimento da proposta que se apresenta, conhecer seus detalhes e nuances para ser capaz de sintetizar e traduzir numa linguagem acessível as características principais da proposta.

Após me sentar, retirei de dentro de um envelope a documentação que iria protocolar pessoalmente e antes que iniciasse a apresentação dos motivos, cometi a gafe de chamar GETULIO de ROGERIO, ao que fui imediatamente corrigido e me desculpei, constrangido, justificando que eu não conhecia o motivo pelo qual trazia aquele nome na cabeça. Certamente, aquele não foi um dos melhores inícios de exposição das justificativas da pesquisa.

Novamente, reiterei a Getúlio que minha explanação seria breve e assim foi. Iniciei minha explanação apresentando o título da proposta de pesquisa e salientei que os paratletas que apresentavam lesões permanentes em decorrência de acidentes de trânsito representavam um público bastante restrito, mas que por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa, nós não necessitávamos de uma amostra de muitos sujeitos.

Enfatizei, em seguida, que a pesquisa se constituiria de apenas uma entrevista individual que demoraria em torno de uma hora e se desencadeava após uma única pergunta: como é ser paratleta após lesão permanente em acidente de trânsito. Getúlio escutava-me atentamente e aproveitei sua atenção para argumentar que o público de paratletas era uma categoria muito pouco investigada cientificamente e que esta pesquisa significaria mais um passo na contribuição do conhecimento científico para esse público. Getúlio assentiu com a cabeça e aproveitou a pausa na minha fala para questionar se a proposta era da Faculdade de Educação Física da UFAM, ao que respondi que não, mas sim vinculada a faculdade de psicologia e percebi que os movimentos contraídos das sobranças do Getúlio indicaram surpresa acompanhados por um leve sorriso evidenciava que era uma grata surpresa para ele que outra faculdade diversa a da Educação Física estivesse interessada em pesquisas sujeitos do desporto e supus que isso se deve ao fato de não ser comum outras áreas de conhecimento se interessarem pelo estudo do esporte, senão a educação física.

Tratei de informar Getúlio que, apesar de ser uma proposta de pesquisa oriunda do Programa de Pós Graduação em Psicologia, um dos avaliadores da qualificação da proposta de pesquisa era o professor Dr. João Otacílio Libardoni, coordenador da Faculdade de

Educação Física da UFAM, numa clara tentativa de vincular alguém conhecido para Getúlio e obter alguma credibilidade, ao que Getúlio questionou se o professor Libardoni ainda era o coordenador do curso de Educação Física da UFAM e eu respondi que sim. Esse questionamento demonstrou que Getúlio de alguma forma conhecia o professor Libardoni, entretanto, a ausência de qualquer comentário posterior, negativo ou positivo, colocou-me em dúvida se foi uma boa estratégia focar no nome do professor para Getúlio.

Rapidamente prossegui a explanação da proposta elencando que outra avaliadora do projeto era a professora Dra. Gisele, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, a qual, durante avaliação da qualificação, enfatizou o caráter de pioneirismo da pesquisa ao trazer para o programa a interseção com a Psicologia do Esporte.

Ademais, mostrei para Getúlio que anexado ao ofício de requerimento estava uma carta resumo baseada no termo de consentimento livre e esclarecido que cada participante iria assinar individualmente após a pesquisa ser aprovada no Conselho de Ética em Pesquisa. Apontei para Getúlio que o resumo continha os principais pontos que resguardavam os direitos dos sujeitos que viessem a participar da pesquisa, conforme a resolução CNS nº. 466 de 2012, sendo um dos principais o direito ao sigilo das identidades e que após cinco anos da publicação da pesquisa o material áudio gravado seria destruído, mas a de certa ação e os artigos provenientes dela seguiriam para sempre.

Outros direitos dos participantes que fiz questão de enfatizar para Getúlio foram que o sujeito pode desistir da pesquisa em qualquer fase da pesquisa, mesmo após já ter assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e para tanto não precisava apresentar nenhuma justificativa e que o sujeito terá o direito a ser assistido por um acompanhamento psicológico no Centro de Serviço de Psicologia Aplicada da UFAM se assim sentir necessidade.

O Getúlio me revelou que aquele pedido não era novidade para ele, pois uma situação semelhante foi solicitada por um aluno residente no país de Portugal, o qual estaria aguardando autorização para retornar a Manaus e realizar a pesquisa com os paratletas da mesma Federação e essa informação me deu um sinal de esperança de que Getúlio concordaria em assinar anuência e para facilitar as tratativas, apresentei a ele um modelo de termo de anuência preparado que bastava ele assinar, no entanto, Getúlio entendeu que seria mais adequado a própria Federação preparar um termo com timbre oficial e eu concordei.

Face ao que foi exposto, Getúlio disse que iria consultar os demais membros e paradesportistas da Federação, o que me causou uma certa apreensão, afinal seria Getúlio capaz de expor aos paratletas a nossa proposta a ponto que eles aceitassem participar da pesquisa?

Então, despedir-me de Getúlio afirmando que me sentia esperançoso de que a resposta seria positiva e ele me perguntou enquanto tempo eu precisava da resposta e fui franco ao responder que necessitava de um posicionamento o mais breve possível, tendo em vista que eu já tinha perdido seis meses até receber a indicação de que era a Federação a responsável pela anuência e como a proposta ainda iria ser encaminhada para o Conselho de Ética, eu temia extrapolar o prazo legal do programa de pós-graduação.

### **11 de maio de 2021**

Recebi a mensagem do presidente da federação avisando que já poderei ir buscar a declaração às 8:30 horas do dia seguinte confirmei queria e não quero nem se a resposta será negativa ou positiva

### **12 de maio de 2021**

Cedo Fiz contato com Getúlio avisando o que estava caminho da federação Ele respondeu que já estava no local me aguardando.

O trânsito carregado da Avenida Torquato Tapajós me fez atrasar 10 minutos e ao chegar no ginásio Amadeu Teixeira seguir direto para sala da Federação onde foi atendido pela secretária ela telefonou para Getúlio informou que já estava lá mas ele não estava na federação. A secretária se levantou da cadeira e se e solicitou que eu acompanhasse e me levou até outra sala onde Getúlio estava reunido com cerca de 8 paratletas. Ao centro da sala havia uma máquina de supino e o Getúlio me apresentou como psicólogo e professor da UFAM e que pretendia realizar uma pesquisa com eles. Em seguida Getúlio me entregou a declaração a qual guarda e no envelope que eu portava.

Getúlio Novamente me apresentou como psicólogo e expliquei para Getúlio que o próximo passo seria encaminhar o projeto para o conselho de ética em pesquisa e aguardar autorização para executar a pesquisa. Getúlio a sentiu que sim demonstrando que compreende o trâmite e as ao contrário da nossa última reunião ele parecia estar mais relaxado descontraído e que ali havia três para atletas com lesões definitivas em decorrência de acidente de trânsito confirmei minha intenção de realizar a pesquisa

No momento em que me apresentei para os atletas reunidos ali e expliquei que após a profissão aprovação do comitê de ética eu contrataria cada um deles pessoalmente para fazer uma entrevista de aproximadamente uma hora e quis explicar ia com mais detalhes cada

aspecto da pesquisa a qual por mais simples que fosse representava o desenvolvimento do conhecimento científico acerca do público que eles fazem parte

Neste momento um dos para atletas presentes questionou Getúlio porque ele enfatiza pela terceira vez que eu era psicólogo ao que eu tomei a palavra, mas Getúlio me interrompeu dizendo que ele mesmo responderia mas eu repiquei dizendo que não tinha problema eu responder e disse que Getúlio foi enfático porque não era comum psicólogo querer estudar esse público aqui no Amazonas e que a área de psicologia do esporte era muito nova na nossa cidade. O mesmo para atleta questionou novamente desta vez para perguntar por que a pesquisa contemplaria somente lesionados em acidente de trânsito e respondi que isso corresponda a característica da pesquisa qualitativa que não poderia ser muito ampla e não demandava uma mostra grande mas eu estaria à disposição para acompanhar os paratletas interessados na orientação psicológica, em contrapartida da autorização da Federação e que isso era um aspecto previsto pela pesquisa mas o paratleta me interrompeu alegando que eles estavam em meio a um treinamento e não despedir-me deles desejando bom treino e cumprimentei Getúlio e fui embora muito esperançoso que daquele encontro brotasse uma parceria profissional interessante.

Assim que sai da FEDERAÇÃO, contatei e comuniquei a profa. Gisele de que finalmente obtive o termo de anuência da Federação Paralímpica do Amazonas, ressaltando que foram bastante solícitos comigo e me entregaram a declaração hoje de manhã cedo. Profa. Gisele felicitou a etapa vencida e orientou que começasse a colocar na Plataforma Brasil, do Comitê de Ética. Na ocasião, relatei para a professora que o presidente da Federação estava reunidos com paradesportistas, já me apresentou alguns paratletas e eles se demonstraram muito animados com a pesquisa. Encontro-me preocupado com os prazos institucionais e questiono a professora, oficialmente, qual o prazo que tenho para defender a dissertação, tendo em vista a necessidade de refazer o cronograma do projeto para ficar mais ajustado. De acordo com a profa. Gisele, o prazo oficial é agosto/2021, mas não dará tempo e o discente tem direito a pedir mais 6 meses de prorrogação. Acredito que devido à pandemia, o prazo tinha dilatado, no entanto, a Profa. Gisele esclareceu que isso será conversado no PPGPSI.

Na mesma data, contatei o Professor Ronaldo para anunciar que finalmente obtivemos o Termo de Anuência da Federação Paralímpica do Amazonas, a forma como foram bastante solícitos comigo e me entregaram a declaração hoje de manhã cedo e na ocasião, o presidente estava reunidos com paradesportistas, já me apresentou alguns paratletas e eles se demonstraram receptivos com a pesquisa. Após as felicitações, o Professor Ronaldo indicou o envio do Projeto de Pesquisa ao CEP.

**21 de maio de 2021**

Nesta data, após preencher o formulário da Plataforma Brasil e obter algumas orientações e informações da Professora Gisele, finalmente submetemos o Projeto de Pesquisa a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Infelizmente, alguns dias depois percebi que foi esquecido a anexação do Termo de Anuência do CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA DA UFAM.

Senti-me frustrado com a situação porque a juntada deste documento no formulário da Plataforma Brasil foi amplamente discutida em algumas disciplinas do curso, logo, figurou como um equívoco básico que atrasaria ainda mais o processo de avaliação do projeto de pesquisa.

**2 de junho de 2021**

Nesta data, comuniquei o fato de ter esquecido a anexação do Termo de Anuência do CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA DA UFAM ao prof. Ronaldo no projeto submetido na plataforma Brasil e acreditava que aquilo atrapalharia a aprovação do projeto e professor Ronaldo confirmou que com certeza atrapalharia e que não havia uma forma de juntar esse documento enquanto o projeto estivesse sob análise que agora teria que esperar o parecer e futuramente juntar o referido documento.

**7 de junho de 2021**

Neste sentido, contatei a profa. Gisele para obter anuência do CSPA e ela me orientou que a anuência deverá ser pedida para o Coorientador do CSPA que é o prof. Sérgio Sócrates e que eu poderia fazer uma carta pedindo autorização para encaminhar os participantes da pesquisa que a professora enviaria pelo Sistema Eletrônico, bem como, poderia pedir via e-mail do CSPA. A carta deveria ser digitalizada após assinada pelo Orientador, Professor Ewerton.

**9 de junho de 2021**

Enviei a carta solicitada pela professora Gisele que sugeriu encaminhar diretamente para a Coordenação do CSPA, que é o Centro de atendimentos que seria melhor o prof. Ewerton fazer o processo no SEI e enviar, conforme o Prof. Sócrates orientou também.

### **23 de junho de 2021**

Recebemos o PARECER do CEP com pendências, por isso, contatei o prof. Ronaldo para dirimir algumas dúvidas acerca das solicitações do comitê, dentre eles, o primeiro item pedis os dados do pesquisador principal e que de acordo com o Professor Ronaldo seria eu mesmo. O item 9 indicava que NÃO FOI DETALHADA DE FORMA SUFICIENTE a abordagem aos participantes no modo virtual, o método de recrutamento, critério de seleção, momento, condições e contexto, tendo em vista que estas informações são essenciais para a análise da vulnerabilidade dos sujeitos durante a abordagem, que pode comprometer sua decisão em participar da pesquisa (Item IV.a. da Resolução 466/2013-CNS), dessa forma, solicitavam a adequação e o professor Ronaldo orientou a realizar essa adequação a partir da descrição nos passos metodológicos e no TCLE. Ademais, outro pedido do CEP foi de que o TCLE deve ter um link virtual para acesso, já que as entrevistas ocorrerão de forma virtual, e assim procedi a criação do link.

### **25 de junho de 2021**

Hoje elaborei e enviei, conforme solicitação do CEP a CARTA RESPOSTA ao PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – CAAE 47378921.6.0000.5020 como forma de sanar e adequar as pendências indicadas. Assim, em adequação ao item 2., anexamos a **DECLARAÇÃO** ao Processo **SEI nº 23105.018109/2021-63 do** Centro de Serviço de Psicologia Aplicada – FAPSI. Em adequação ao item 3., o referido TCLE está disponível no site eletrônico podendo ser acessado pelo link <https://drive.google.com/file/d/1-3xndKYwi3ptBtXRxc-LsWT1VWpOhSs6/view?usp=drivesdk> presente no Projeto de Pesquisa, na página 51. Em relação ao item 4., informamos que o contato do pesquisador principal, com endereço institucional, telefone fixo e e-mail, indicando que o pesquisador principal pode ser procurado para qualquer informação adicional a qualquer tempo foi inserido no próprio TCLE, o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.

Em relação ao item 5., o TCLE foi adequado e paginado corretamente, o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.

Em relação ao item 6., foi descrito no TCLE a garantia de ressarcimento e o MODO como deverá ser realizado o ressarcimento das despesas do participante da pesquisa E DE SEU ACOMPANHANTE, quando necessário, e no caso de eventuais despesas ainda que não prevista inicialmente, o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.

Em relação ao item 7., foi mencionado no TCLE que estão assegurados o direito a pedir indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa, o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.

Em relação ao item 8., seguimos a sugestão e refizemos o TCLE utilizando o modelo de TCLE disponível no link abaixo e na página do CEP/UFAM: [https://drive.google.com/file/d/1CkU0TSys\\_PkUTKcXSOVfau1vOg-F5TS6/view](https://drive.google.com/file/d/1CkU0TSys_PkUTKcXSOVfau1vOg-F5TS6/view), o qual foi novamente anexado ao processo CAAE 47378921.6.0000.5020 e pode ser encontrado nas páginas 67, 68 e 69 do Projeto de Pesquisa.

Em relação ao item 9., detalhamos de forma suficiente a abordagem aos participantes no modo virtual (método de recrutamento): critério de seleção, momento, condições e contexto, conforme pode ser verificado no item 6.3 PROCEDIMENTOS nas páginas 51 e 52 do Projeto de Pesquisa.

### **12 de julho de 2021**

Nesta data, recebemos o PARECER do CEP aprovando a realização da pesquisa, em seguida, comunico o fato ao prof. Ronaldo e profa. Gisele.

### **13 de julho de 2021**

Hoje, comunico Getúlio que recebemos a autorização do CEP e após parabenizar a conquista dessa etapa, Getúlio nos convida a comparecer a treino do time de basquete na cadeira de rodas no dia seguinte na Arena Amadeu Teixeira e conversaria com o Técnico para estabelecer o horário do treino e da visita, onde poderíamos ter mais contato com os paratletas. No entanto, nesta data, Getúlio não deu mais retorno.



**14 de julho de 2021**

Nesta data, contato novamente o Getúlio e este me repassa o contato do professor Rildo. Em seguida, contato o técnico do time de basquete de cadeira de rodas, o qual combinou de conversar com seus atletas para conhecer quem corresponderia aos critérios de público da pesquisa, porém, nesta data, não deu mais nenhum retorno.

**15 de julho de 2021**

Hoje o técnico do basquete de cadeira de rodas informou os contatos de dois atletas aptos serem convidados para participarem da pesquisa. Agradei o apoio do técnico e me coloquei a disposição para auxiliá-lo no que julgasse necessário.

**26 de julho de 2021**

Contatei hoje o Getúlio para obter mais contatos de paratletas aptos disponíveis para serem entrevistados.

**27 de julho de 2021**

Getúlio responde e informa o contato de três paratletas da equipe de halterofilismo aptos a participarem da pesquisa.

**6 de agosto de 2021**

Hoje fiz contato dos os paradesportistas federados. Ao todo foram cinco paratletas contatados, sendo que apenas três manifestaram o desejo de participar da pesquisa, um respondeu que não gostaria de participar e o último não respondeu às mensagens enviadas pelo aplicativo.

Os dois paratletas do time de basquetebol de cadeira de rodas definiram suas entrevistas para ocorrerem no dia 10/08/2021, sendo um pela parte da manhã e outro pela parte da tarde, em suas respectivas residências.

### **9 de agosto de 2021**

A terceira paratleta da equipe de halterofilismo não definiu data nem local para sua entrevista, pois limitou-se apenas a responder eu estaria livre a partir das 13:00 horas do dia 11 de agosto de 2021, mas não definiu qual seria o local mais cômodo para conceder a entrevista.

### **10 de agosto de 2021**

Nesta data, entrevistei o primeiro participante pela parte da manhã e o segundo participante pela parte da tarde.

As duas entrevistas ocorreram nas residências dos entrevistados, respectivamente. Foi respeitado um protocolo de biossegurança durante as entrevistas, com a utilização constante de máscara, higienização de mãos com álcool em gel fator 70%, distanciamento de mais de um metro e somente o entrevistador e o entrevistado no recinto. Somado a estes cuidados, levei ao conhecimento dos entrevistados que já me encontrava com o ciclo vacinal completo e com exames recentes que indicavam a imunização do vírus corona e fui informado pelos entrevistados que também já se encontravam imunizados pelo ciclo vacinal completo, a ponto que duas semanas antes já haviam retomado os treinamentos normalmente.

A primeira entrevista despertou minha atenção o fato de que ele vive numa casa de alvenaria, as margens de um igarapé com uma infraestrutura conhecida como “*rip-rap*”, no entanto, para chegar ao local, é necessário descer uma escadaria de setenta degraus desde a rua principal. Durante a entrevista, o primeiro participante fez alusão a dualidades de acessibilidade que ele enfrenta diariamente, principalmente nos dias de treinamento e como se torna inviável sair de casa quando está chovendo, vez que a escadaria se transforma numa cachoeira.

Por outro lado, a casa apresentava uma infraestrutura satisfatória, mobiliada e segura e o entrevistado apresentava disposição e entusiasmo para participar da pesquisa. Inicialmente, tomei o cuidado de apresentar os pontos do TCLE e em seguida, fiz o questionário de critérios ABEP. Partimos para a entrevista propriamente dita e o entrevistado teceu seus comentários livremente.

O primeiro entrevistado estava sentado numa cadeira de rodas, mas consegue ficar de pé e andar, com dificuldades, mas seus membros inferiores já apresentam atrofia, acredito que pela ausência de esforço com aqueles membros. Já do quadril para cima, ARES aparentava

um sobrepeso, e tal fato foi tema de seus discursos e como o esporte lhe auxilia a equilibrar a saúde e o bem estar fazendo-o perder medidas.

A segunda entrevistada foi pela parte da tarde. Morando em um bairro da periferia, o segundo entrevistado reside numa casa de alvenaria e mora sozinho. Cheguei ao local seguindo mapa virtual a partir da localização enviada via aplicativo pelo próprio entrevistado. Apesar de alugada, a casa apresentava adaptações de rampas de madeiras para facilitar o deslocamento do paratleta. O participante me recebeu numa cadeira de rodas, de onde não pode se levantar, pois teve uma lesão permanente na coluna vertebral que o deixou paraplégico.

Apolo parece ser um homem jovem e isso transpareceu na sua entrevista, bastante da sua vaidade foi percebido com o corte de barba e cabelo bem alinhados e o paratleta demonstrava estar bastante sereno com a participação na pesquisa. Foi-lhe explicado todo o conteúdo do TCLE e questionado acerca dos critérios ABEP, mesmo momento em que chegou a residência um técnico de televisão a cabo para configurar o equipamento do entrevistado, o que lhe desviou a atenção e aguardei o momento de partida do funcionário para retomar a entrevista.

A preocupação do entrevistado era acompanhar os jogos esportivos pela televisão, principalmente o futebol. A entrevista fluiu tranquilamente e o participante se expressou livre e serenamente, sem pressa, buscou detalhar diversos aspectos do que vivenciou e sentiu pela trajetória de ser paratleta.

### **11 de agosto de 2021**

Hoje contatei a paratleta da equipe de halterofilismo para confirmar a entrevista a partir das 13:00 horas, no entanto, a contatada não respondeu.

### **12 de agosto de 2021**

Contato novamente entrevistada neste dia e questiono se ainda está disposta a participar da pesquisa, ao que a paratleta respondeu que sim e indica que a entrevista ocorra sábado 14/12/2021 e que poderia ser na casa dela mesma. Dessa forma, solicito que a paratleta me envie a localização do seu endereço, mas ela não responde mais as mensagens. A partir de então, passo a considerar que a paratleta não está mais disponível para conceder entrevista.

Interessante notar que este paradesportista integra a equipe de halterofilismo, composta pelo paratleta que manifestou o desejo de participar da pesquisa e de outro paratleta que nem respondeu ao contato estabelecido. Também faz parte dessa equipe, o paradesportista que no dia 12/05/2021 questionou o fato da pesquisa englobar somente os paratletas lesionados em acidente trânsito quando visitei a equipe de halterofilismo na sede da federação. Importa comentar que naquela ocasião, o paradesportista teve uma postura agressiva durante seus questionamentos e me passou a impressão de enfrentamento do presidente da federação, e como foi este que me apresentou a equipe de halterofilismo, o paratleta parece ter transferido para mim a mesma resistência, tanto que ao tentar lhe responder os questionamentos, fui interrompido por ele de forma grosseira não me restando outra alternativa a não ser pedir licença e sair do local. Impossível para mim imaginar como este episódio ou a postura de liderança que esse paratletas demonstrou ter sobre a equipe de halterofilismo influenciou a não participação dos demais embora na equipe na pesquisa.

### **23 de agosto de 2021**

Hoje fiz contato via mensagens de texto com paradesportistas cujos contatos foram informados pelos entrevistados, os quais tinham conhecimento de que se tratavam de paratletas lesionados permanentemente em acidente de trânsito.

O primeiro contato confirmou ter sido paratleta, nas modalidades de voleibol sentado, arremesso de disco, lançamento de dados e arremesso de peso, no entanto, sua lesão não era oriunda de acidente de trânsito, o que não o enquadrava no perfil estabelecido como critério para se tornar participante da pesquisa.

O segundo contato jamais respondeu as mensagens enviadas via aplicativo de mensagens mesmo sendo possível contatar que as mensagens foram visualizadas, de acordo com configurações do aplicativo.

A terceira contatada confirmou ser paratleta, componente do time de vôlei sentado da ADEFA e aceitou ser entrevistada para a pesquisa.

### **25 de agosto de 2021**

Hoje, pela parte da tarde, foi efetivada a entrevista da participante número 3. A pedido dela, a entrevista ocorreu em local público, porém, com as condições necessárias para efetivar a entrevista e nenhum ruído prejudicou a captação dos sons de sua voz.

De acordo com a entrevistada, ela compõe o time de voleibol sentado e por questões de representatividade, o time encontra-se subordinado a ADEFA. A entrevistada usa uma prótese na perna direita, a qual teve amputada após acidente de trânsito, conforme ela contou em maiores detalhes na entrevista. Usava uma roupa que não ocultava a prótese e caminha claudicante, mesmo relatando já ter bastante experiência em utilizar a prótese.

A entrevistada apresentou um comportamento vaidoso que terminou por se confirmar nos temas que ela própria elencou na entrevista. Ao final da entrevista, a participante indicou o contato de uma colega de time que também havia se tornado pessoa com deficiência após acidente de trânsito.

A entrevistada relatou custos com transportes de aplicativo para deslocar-se até o local da entrevista, e foi prontamente ressarcida pelo entrevistador, conforme está destacado no TCLE.

### **25 de agosto de 2021**

Nesta data realizei contato com a pessoa com deficiência indicada pela terceira participante, a qual confirmou ser paratleta do time de vôlei sentado representando pela ADEFA. No mesmo dia, a contatada indicou um lugar público e a data para ocorrer a entrevista.

### **30 de agosto de 2021**

Na noite desta data, efetivou-se a entrevista da quarta participante, em local público, indicado por ela mesmo. A entrevistada relatou custos com transportes de aplicativo para deslocar-se até o local da entrevista, e foi prontamente ressarcida pelo entrevistador, conforme está destacado no TCLE.

Em que pese se tratar de local público, a captação do áudio da sua voz não foi prejudicado por nenhum tipo de ruído e a transcrição da entrevista pode ocorrer sem dificuldades.

A entrevistada chegou ao local usando muletas e vestia roupa que não impedia a visualização da sua perna amputada. De acordo com a entrevistada, nunca sentiu o desejo de usar prótese, pois se adaptou melhor as muletas.

Dentre os entrevistados, foi a mais breve, com um pouco mais de cinquenta minutos de entrevistas, assim como, foi a entrevistada que menos se expressou, ofertando respostas

curtos, objetivas que exigiu do entrevistador sensibilidade para manejar e proporcionar que a entrevistada falasse mais acerca de suas experiências, vivências, percepções.

A entrevistada não indicou nenhum outro contato de possível pessoa com deficiência que atendesse ao critério de participante da entrevista, fazendo o pesquisador concluir que havia chegado o momento de encerrar a fase de coleta de dados e partisse para as transcrições e análises das entrevistas.